

ANUÁRIO

NATAL 2007





SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE E URBANISMO
DEPARTAMENTO DE INFORMAÇÃO, PESQUISA E ESTATÍSTICA
SETOR DE PESQUISA E ESTATÍSTICA

ANUÁRIO

NATAL 2007

NATAL - 2008

IMAGENS DA CAPA/CONTRACAPA: Esdras Rebouças Nobre / Acervo SEMURB

Fotografias: Esdras Rebouças Nobre / Acervo SEMURB

**Catologação na fonte. Processos Técnicos do Setor de Documentação e
Disseminação de Informações.**

Prefeitura Municipal do Natal. Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

Anuário Natal 2007 / Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo - Natal (RN):
Departamento de Informação, Pesquisa e Estatística, 2008.

342 p. : il.

1. Natal (RN) - História. 2. Natal (RN) - Aspectos socioeconômicos. 3. Natal (RN) - Aspectos
urbanísticos. 4. Natal (RN) - Meio ambiente. 5. Natal (RN) - Aspectos turísticos e culturais.

I. Título.

CDD 981.3

PREFEITURA MUNICIPAL DO NATAL
CARLOS EDUARDO NUNES ALVES
PREFEITO

SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE E URBANISMO
ANA MÍRIAM MACHADO DA SILVA FREITAS
SECRETÁRIA

ROSANNE DE OLIVEIRA MARINHO
SECRETÁRIA ADJUNTA

CARLOS EDUARDO PEREIRA DA HORA
DEPARTAMENTO DE INFORMAÇÃO, PESQUISA E ESTATÍSTICA

FERNANDO ANTONIO CARNEIRO DE MEDEIROS
SETOR DE PESQUISA E ESTATÍSTICA

COLABORADOR

FRANCISCO CARLOS OLIVEIRA DE SOUSA
MANOEL PROCÓPIO DE MOURA JÚNIOR

EQUIPE TÉCNICA

COORDENADOR:
CARLOS EDUARDO PEREIRA DA HORA
EDNA MARIA FERREIRA
FERNANDO ANTONIO CARNEIRO DE MEDEIROS
JOÃO GALVÃO DO NASCIMENTO NETO
JOSÉ PETRONILO DA SILVA JÚNIOR
JÔSE TARGINO LOPES
LUCIANO FÁBIO DANTAS CAPISTRANO
RICARDO MARCELO DOS SANTOS
SANTELMO DIAS DAS MERCÊS

ESTAGIÁRIOS

ALEXSANDRO AMÉRICO RODRIGUES
DIANA SILVA DE MOURA
FERNANDO LUIZ LIMA DE SOUZA
JAEISON DANILO RODRIGUES DANTAS
JOSEARA LIMA DE PAULA
LORENE KASSIA BARBOSA
MARCONE BERNARDINO DA COSTA
NEUMA PATRÍCIA DA ROCHA ALVES
ROSANE FIGUEIREDO DA ROCHA
VICTOR HUGO DIAS DIÓGENES

UM INSTRUMENTO PRA SE PENSAR NATAL

Mais que uma nova concepção gráfica como obra seqüencial que é, o Anuário Natal 2007 ganha outros contornos, indo além da simples atualização de informações estatísticas, a começar pela diferente configuração dos mapas, agora orientados pelos parâmetros consignados no novo Plano Diretor de Natal e pela utilização da nova base cartográfica da Prefeitura de Natal, configurada a partir da aerofotogrametria.

O estudo que aqui se apresenta, elaborado minuciosamente pela equipe técnica da Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo, inova também em relação à edição anterior por fazer um resgate histórico da evolução urbana de nossa cidade, considerando tanto os planos de ordenamento como os planos diretores já postos em prática desde o início do século passado por sucessivas administrações, a partir das obras de Polidrelli e Palumbo até chegar ao novo PDN 2007, exaustiva e democraticamente debatido por todos os segmentos organizados de nossa sociedade.

Esta obra traz ainda uma ampliação da lista dos monumentos do circuito histórico, turístico e cultural da cidade e um novo item referente aos costumes, às danças e ao nosso rico acervo folclórico. Mais importante ainda, abre um capítulo especial para o Parque da Cidade Dom Nivaldo Monte, que nasceu do nosso ideal de garantir à cidade qualidade de vida com equilíbrio climático, proteção da flora e da fauna locais e, principalmente, preservação dos mananciais subterrâneos, pois no sítio de 64 hectares que elegemos para constituir o parque se encontra um dos nossos maiores aquíferos.

O parque, que tem a chancela do genial arquiteto Oscar Niemeyer, servirá para o lazer da população, mas sua função mais importante é educativa e formativa, já que ali serão instalados a primeira escola de educação ambiental do Rio Grande do Norte e o Memorial de Natal, moderno equipamento para preservar a rica história de nossa cidade. Seu desenvolvimento urbano, os ciclos econômicos, as mudanças em sua geografia e o desenvolvimento intelectual de seu povo. Enfim, toda a nossa memória.

Esta obra, portanto, embora não transmutada em sua essência, mas sumamente valorizada pelos acréscimos, configura-se como importante ferramenta de conhecimento para um planejamento mais seguro e assertivo das ações que possam interferir agora e no futuro nos destinos de nossa cidade. É uma obra aberta a toda a sociedade, um instrumento básico para se pensar Natal. Para se pensar numa cidade melhor de se viver.

Natal, maio de 2008

Carlos Eduardo Nunes Alves
Prefeito de Natal





APRESENTAÇÃO

No contexto em que vivemos, a produção de informações adquiriu extrema importância em meio às rápidas mudanças que ocorrem no desenvolvimento das cidades e nas intervenções no meio ambiente. É preciso atualizar, buscar novas informações e fazer uso de instrumentos como Sistemas de Informações Geográficas (SIG) - aliando um banco de dados a mapas georeferenciados. Desta forma teremos dados mais precisos e fiéis à realidade. É este o objetivo principal daqueles que lidam com a produção de pesquisas e disseminação de informações nas diferentes áreas do conhecimento. Trazer à população todas as informações necessárias ao conhecimento do espaço urbano e da questão ambiental, em seus aspectos físicos, biológicos, históricos, sócio-econômicos e políticos.

Ciente da magnitude desse desafio, a Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo - SEMURB, por meio do Setor de Pesquisa e Estatística, que é vinculado ao Departamento de Informação, Pesquisa e Estatística, desta Secretaria, traz neste volume - dentre outras novidades, os primeiros resultados das recentes conquistas da Prefeitura do Natal - como a aquisição da nova base cartográfica do município - além de inserir novos textos relativos ao urbanismo, meio ambiente, circuito histórico e cultura popular, dentre outros.


O Anuário Natal constitui uma verdadeira radiografia da cidade do Natal, o qual podemos comparar aos “olhos dos miradouros” do Mestre Cascudo na parte introdutória deste volume, uma vez que possibilita a todos uma visão analítica da cidade, tal como um mirante, um local de vista privilegiada. Estudar o município através da leitura da evolução urbana, da situação ambiental além dos seus números, mapas, imagens e aspectos sócio-culturais, certamente leva-nos a esta visão panorâmica e tão especial.

A publicação do Anuário Natal 2007 representa, a continuação de uma conquista iniciada em 2003, que tem possibilitado desde ao mais simples cidadão até aos estudantes e pesquisadores dos mais variados níveis da comunidade técnica e científica o acesso a valiosas informações, coletadas por uma equipe profissional multidisciplinar.

Consciente da importância deste trabalho - que a cada ano renova-se com as mais variadas e valiosas informações - apresentá-lo à sociedade é motivo de orgulho para todo nós. É a nossa maneira de proporcionar a cada pessoa, um lugar especial, um “miradouro” através do qual o cidadão, o estudante, o pesquisador, o profissional e o administrador público possam vislumbrar a cidade do Natal de uma maneira muito especial: através dos seus próprios olhos - os “olhos da cidade”.

Natal, maio de 2008

Ana Míriam Machado da Silva Freitas
Secretária Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo



LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 - Temperatura do ar em Natal - 2007	132
Gráfico 02 - Precipitação média anual em Natal - 1997/2007	133
Gráfico 03 - População residente por sexo em Natal - habitantes por bairro	172
Gráfico 04 - População residente por sexo na Região Norte	173
Gráfico 05 - População residente por sexo na Região Sul	173
Gráfico 06 - População residente por sexo na Região Leste	173
Gráfico 07 - População residente por sexo na Região Oeste	173
Gráfico 08 - Pirâmide etária de Natal	175
Gráfico 09 - População residente em Natal, por espécie de domicílios	177
Gráfico 10 - Média de moradores por domicílios particulares permanentes nos bairros de Natal	179
Gráfico 11 - Telefonia por tipo de uso	190
Gráfico 12 - Percentual de drenagem e pavimentação na Região Administrativa Norte	192
Gráfico 13 - Percentual de drenagem e pavimentação na Região Administrativa Sul	192
Gráfico 14 - Percentual de drenagem e pavimentação na Região Administrativa Leste	192
Gráfico 15 - Percentual de drenagem e pavimentação na Região Administrativa Oeste	192
Gráfico 16 - Rendimento médio mensal	198
Gráfico 17 - Moradores em domicílios de Natal por classe de rendimento	200
Gráfico 18 - Condição de ocupação dos domicílios de Natal	202
Gráfico 19 - Responsáveis pelos domicílios de Natal por grupos de anos de estudo	204
Gráfico 20 - Taxa de alfabetização da população residente, de 5 anos ou mais de idade, nos bairros de Natal	206
Gráfico 21 - Equipamentos turísticos em Natal	215
Gráfico 22 - Empregos gerados pelos equipamentos turísticos em Natal	216
Gráfico 23 - Fluxo Turístico na Grande Natal - 2001/2007	218
Gráfico 24 - Turistas brasileiros e estrangeiros na Grande Natal - 2002/2005	220
Gráfico 25 - Distribuição de frotas da cidade de Natal	238
Gráfico 26 - Frotas de veículos da cidade de Natal	239
Gráfico 27 - Total de imóveis de Natal (por bairros e Regiões Administrativas)	256
Gráfico 28 - Imóveis residenciais (por bairros e Regiões Administrativas)	257
Gráfico 29 - Imóveis não-residenciais (por bairros e Regiões Administrativas)	258
Gráfico 30 - Imóveis terrenos baldios (por bairros e Regiões Administrativas)	259
Gráfico 31 - Domicílios particulares permanentes dos municípios da Região Metropolitana de Natal	272
Gráfico 32 - População residente nos municípios da Região Metropolitana de Natal	273
Gráfico 33 - Densidade demográfica dos municípios da Região Metropolitana de Natal	273
Gráfico 34 - Taxa de crescimento anual da Região Metropolitana de Natal (1991/2000)	274
Gráfico 35 - PIB dos municípios da Região Metropolitana de Natal 2005	275
Gráfico 36 - PIB dos municípios das capitais brasileiras - 2005	281



LISTA DE MAPAS

Mapa 01 - Circuito histórico, turístico e cultural de Natal	78
Mapa 02 - Circuito histórico, turístico e cultural de Natal-Região Administrativa Leste	79
Mapa 03 - Circuito histórico, turístico e cultural - Cidade Alta e Ribeira	87
Mapa 04 - Localização das lagoas de recepção de drenagem Urbana de Natal	131
Mapa 05 - Zonas de Proteção Ambiental - ZPA's	142
Mapa 06 - Limites geográficos: Natal, bairros e Regiões Administrativas	159
Mapa 07 - Domicílios particulares permanentes por bairro	162
Mapa 08 - População residente por bairro	163
Mapa 09 - Densidade demográfica por bairro	164
Mapa 10 - Macrozoneamento	167
Mapa 11 - Produção diária de lixo domiciliar por bairro	184
Mapa 12 - Ligações de esgotos por bairro	186
Mapa 13 - Ligações de água por bairro	187
Mapa 14 - Rede elétrica - números de consumidores por bairro	189
Mapa 15 - Rendimento médio mensal por bairro	196
Mapa 16 - Atividade empresarial por bairro - total de empresas	212
Mapa 17 - Zonas Eleitorais da capital	226
Mapa 18 - Escolas e Creches por bairro	235
Mapa 19 - Unidades de saúde por bairro	237
Mapa 20 - Equipamentos de desporto por área geográfica	242
Mapa 21 - Entidades de segurança pública	244
Mapa 22 - Praças por área geográfica	246
Mapa 23 - Equipamentos Urbanos por área geográfica	247
Mapa 24 - Organizações comunitárias por bairro	252
Mapa 25 - Circunscrições imobiliárias do município de Natal	262
Mapa 26 - Assentamentos precários por área geográfica	264
Mapa 27 - Rio Grande do Norte - Região Metropolitana de Natal	269
Mapa 28 - Municípios da Região Metropolitana de Natal	270
Mapa 29 - Capitais brasileiras: localizações geográficas	279



LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Planta baixa da cidade	29
Figura 02 - Vista aérea da cidade	30
Figura 03 - Prolongamento da Rua Presidente Quaresma	33
Figura 04 - Vista parcial da cidade (início do século XX)	34
Figura 05 - Vista parcial da Praia do Meio	35
Figura 06 - Master-plan (1901-1904)	37
Figura 07 - Vista aérea da cidade. Apresenta a delimitação de Natal em 1599 e a expansão com o Plano Polidrelli	38
Figura 08 - Vista aérea do Bairro Petrópolis	40
Figura 09 - Vista aérea do Bairro Petrópolis	41
Figura 10 - Vista aérea da cidade	45
Figura 11 - Prédio do Antigo Batalhão Policial Militar	47
Figura 12 - Plano Geral de Obras - 1939	49
Figura 13 - Acampamento da campanha De pé no chão também se aprende a ler	50
Figura 14 - Equipamento da campanha De Pé no chão também se aprende a ler	51
Figura 15 - Expansão urbana de Natal: 1920-1990	53
Figura 16 - Plano Diretor Físico-Territorial do Natal – 1984	58
Figura 17 - Plano Diretor de Natal – Macrozoneamento - 1994	61
Figura 18 - Abertura da Conferência de Revisão do Plano Diretor Participativo da Cidade do Natal	63
Figura 19 - Vista aérea da cidade do Natal	65
Figura N01 - Parque das Dunas	80
Figura N02 - Farol de Mãe Luíza	80
Figura N03 - Antiga Ponte sobre o Rio Potengi	80
Figura N04 - Antigo Escritório da Estrada de Ferro	80
Figura N05 - Museu Câmara Cascudo	80
Figura N06 - Fortaleza dos Reis Magos	80
Figura N07 - Base Naval Almirante Ary Parreiras	81
Figura N08 - Mercado da Redinha	81
Figura N09 - Via Costeira	81
Figura N10 - Prédio da Delegacia Fiscal do Tesouro Nacional	81
Figura N11 - Centro de Turismo	81
Figura N12 - Museu do Mar Onofre Lopes	81
Figura N13 - Catedral de Nossa Senhora da Apresentação	82
Figura N14 - Igreja de Nossa Senhora dos Navegantes	82
Figura N15 - Campus da UFRN	82
Figura N16 - Araruna - Sociedade de Danças Antigas e Semi-desaparecidas	82
Figura N17 - Pórtico Monumental de Natal	82
Figura N18 - Teatro Municipal Sandoval Wanderley	82
Figura N19 - Estádio João Cláudio de Vasconcelos Machado	83



Figura N20 - Maternidade Januário Cícco	83
Figura N21 - Igreja São Pedro	83
Figura N22 - Palácio Djalma Maranhão	83
Figura N23 - Praça Cívica	83
Figura N24 - Ponte de todos - Newton Navarro	83
Figura N25 - Cemitério do Alecrim	84
Figura N26 - Redinha Clube	84
Figura N27 - Rio Potengi	84
Figura N28 - Morro do Careca	84
Figura N29 - Antigo Cinema Rio Grande	84
Figura N30 - Antigo Cemitério dos Ingleses	84
Figura N31 - Busto do Prof. João Tibúrcio	85
Figura N32 - Capelinha da Redinha	85
Figura N33 - Feira do Alecrim	85
Figura N34 - Antiga residência na Avenida Deodoro	85
Figura N35 - Baobá do Poeta	85
Figura N36 - Antiga Base de Hidroaviões	85
Figura P01 - Praia do Forte	86
Figura P02 - Praia da Redinha	86
Figura P03 - Praia do Meio	86
Figura P04 - Praia dos Artistas	86
Figura P05 - Praia de Areia Preta	86
Figura P06 - Praia de Ponta Negra	86
Figura C01 - Busto de Padre João Maria	88
Figura C02 - Coluna Capitolina	88
Figura C03 - Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos	88
Figura C04 - Casa de Câmara Cascudo	88
Figura C05 - Antigo prédio da Capitania dos Portos	88
Figura C06 - Solar Bela Vista	88
Figura C07 - Igreja Matriz de Nossa Senhora da Apresentação	89
Figura C08 - Memorial Câmara Cascudo	89
Figura C09 - Praça da Santa Cruz da Bica	89
Figura C10 - Praça das Mães (antiga Square Pedro Velho)	89
Figura C11 - Instituto Histórico e Geográfico do RN - IHGRN	89
Figura C12 - Palácio Felipe Camarão (sede do Governo Municipal)	89
Figura C13 - Prédio do Museu Café Filho (O Sobradinho)	90
Figura C14 - Antiga casa de Padre João Maria (atual sede do IPHAN-RN)	90
Figura C15 - Igreja de Santo Antônio (Igreja do Galo)	90



Figura C16 - Palácio da Cultura (antigo Palácio do Governo)	90
Figura C17 - Solar João Galvão de Medeiros	90
Figura C18 - Pedra do Rosário	90
Figura C19 - Prédio do antigo Congresso Estadual	91
Figura C20 - Casa do Estudante de Natal	91
Figura C21 - Prédio do antigo Liceu Industrial	91
Figura C22 - Praça André de Albuquerque	91
Figura C23 - Museu da Imprensa Oficial do RN	91
Figura C24 - Igreja Presbiteriana de Natal	91
Figura C25 - Rua da Conceição	92
Figura C26 - Monumento a Câmara Cascudo	92
Figura C27 - Beco da Lama	92
Figura C28 - Pelourinho	92
Figura C29 - Coluna dos Mártires	92
Figura C30 - Monumento da Independência	92
Figura C31 - Casa da Estudante	93
Figura C32 - Rua Santo Antonio	93
Figura C33 - Hospital Infantil Varela Santiago	93
Figura C34 - Escolares	93
Figura C35 - Antigo Relógio do SESC	93
Figura C36 - Antigo Paço Episcopal	93
Figura R01 - Praça Coronel José da Penha	94
Figura R02 - Praça Augusto Severo	94
Figura R03 - Árvore da Cidade	94
Figura R04 - Antigo Canto do Mangue	94
Figura R05 - Antigo Palácio do Governo	94
Figura R06 - Casa onde nasceu Café Filho (na atual Rua 15 de Novembro)	94
Figura R07 - Igreja do Bom Jesus das Dores	95
Figura R08 - Estação da Rede Ferroviária Federal (atual CBTU)	95
Figura R09 - Antiga Escola Doméstica de Natal	95
Figura R10 - Museu de cultura popular Djalma Maranhão	95
Figura R11 - Antiga casa do poeta Ferreira Itajubá	95
Figura R12 - Antiga sede do BANDERN – Banco do Estado do Rio Grande do Norte	95
Figura R13 - Antigo Grande Hotel	96
Figura R14 - Prédio do Colégio Salesiano São José	96
Figura R15 - Antigo prédio do Grupo Escolar Augusto Severo	96
Figura R16 - Prédio da Junta Comercial	96
Figura R17 - Antiga Residência na Av. Duque de Caixias	96
Figura R18 - Prédio da Receita Federal	96



Figura R19 - Espaço Cultural Casa da Ribeira	97
Figura R20 - Centro de Treinamento e Museu Ferroviário	97
Figura R21 - Prédio da Associação Comercial	97
Figura R22 - Rua Chile	97
Figura R23 - Teatro Alberto Maranhão	97
Figura R24 - Avenida Tavares de Lira	97
Figura R25 - Rua Frei Miguelinho	98
Figura R26 - Avenida Duque de Caxias	98
Figura R27 - Obelisco da Av. Tavares de Lira	98
Figura R28 - Rua Dr. Barata	98
Figura R29 - Antiga Residência de Januário Cicco	98
Figura R30 - Estátua Augusto Severo	98
Figura 20 - Figurino utilizado nas apresentações dos Congos de Calçola	99
Figura 21 - Apresentação parafolclórica dos caboclinhos	100
Figura 22 - Araruna Apresentação do grupo Araruna Sociedade de Danças Antigas e semi-desaparecidas	101
Figura 23 - Bambelô de São Gonçalo do Amarante	101
Figura 24 - Boi de Reis Mestre Manoel Marinheiro	102
Figura 25 - Pastoral. Apresentação do Grupo de São Miguel do Gostoso	103
Figura 26 - Chico Daniel. Um dos principais artistas do teatro de bonecos do Rio Grande do Norte, ao lado de seus mamulengos	104
Figura 27 - Mulheres rendeiras	105
Figura 28 - Artesanato Potiguar	105
Figura 29 - Alguns Itens da Culinária Local	107
Figura 30 - Vista parcial do Parque das Dunas	130
Figura 31 - Vista parcial do manguezal às margens do Rio Potengi	130
Figura 32 - Área do Parque da Cidade do Natal Dom Nivaldo Monte e bairros limítrofes	145
Figura 33 - Localização na Cidade do Natal	146
Figura 34 - Fotografia aérea da área do Parque da Cidade do Natal	147
Figura 35 - Abertura de Trilhas	148
Figura 36 - Suscetibilidade Dunar a Erosão	148
Figura 37 - Supressão Vegetal	149
Figura 38 - Descontinuidade Vegetal por Desmatamento	149
Figura 39 - Abrigo de Animais Silvestres	149
Figura 40 - Abrigo de Aracnídeos e Insetos	149
Figura 41 - Cupinzeiro	149
Figura 42 - Queimadas	150
Figura 43 - Trilhas para Estradas	150
Figura 44 - Deposição de Resíduos sólidos	150
Figura 45 - Pórtico de Entrada e Torre - Acesso Lado Leste	154
Figura 46 - Praça	154



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 01

25



02 ASPECTOS HISTÓRICOS DE NATAL

27

2.1 NATAL: EVOLUÇÃO URBANA 29

2.2 NOTAS SOBRE A CIDADE DE NATAL 66

2.3 ORIGEM DOS NOMES DOS BAIRROS DE NATAL 69



03 CIRCUITO HISTÓRICO, TURÍSTICO E CULTURAL DE NATAL

75

3.1 NATAL E O TURISMO HISTÓRICO E CULTURAL 77

3.2 NATAL 80

3.3 PRAIAS URBANAS 86

3.4 NATAL - CIDADE ALTA 88

3.5 NATAL - RIBEIRA 94

3.6 MANIFESTAÇÕES CULTURAIS 99

3.7 CALENDÁRIO HISTÓRICO-CULTURAL DE NATAL 108



04 ASPECTOS FÍSICOS E BIOLÓGICOS

121

4.1 PRECIPITAÇÃO - TOTAIS MENSAIS (mm) 134

4.2 MÉDIAS HISTÓRICAS - EVAPORAÇÃO 135

4.3 MÉDIAS HISTÓRICAS - INSOLAÇÃO 135

4.4 MÉDIAS HISTÓRICAS - UNIDADE RELATIVA DO AR 135

4.5 MÉDIAS HISTÓRICAS - PRESSÃO ATMOSFÉRICA 135

4.6 TEMPERATURA DO AR 136



05 ZONEAMENTO AMBIENTAL DE NATAL

137

5.1 DEFINIÇÃO DAS ZONAS DE PROTEÇÃO AMBIENTAL 139



06 UNIDADES DE CONSERVAÇÃO DA NATUREZA

143

6.1 O PARQUE DA CIDADE DOM NIVALDO MONTE 145



07 DADOS BÁSICOS DO MUNICÍPIO

155

7.1 REGIÕES ADMINISTRATIVAS 157

7.2 LIMITES 158

7.3 ÁREA, DOMICÍLIOS OCUPADOS, POPULAÇÃO
RESIDENTE E DENSIDADE DEMOGRÁFICA 160

7.4 EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO RESIDENTE E TAXA MÉDIA
GEOMÉTRICA DE CRESCIMENTO ANUAL (1991-2005) 161



08 MACROZONEAMENTO URBANO

165

8.1 MACROZONEAMENTO URBANO 167



DEMOGRAFIA 09

.....	169
9.1 POPULAÇÃO RESIDENTE POR SEXO	171
9.2 ESTRUTURA ETÁRIA DA POPULAÇÃO	174
9.2.1 Gráficos da Estrutura Etária da População do Município	175
9.3 POPULAÇÃO RESIDENTE POR ESPÉCIE DE DOMICÍLIOS	176
9.3.1 Gráficos da População Residente por Espécie de Domicílios no Município	177
4.4 MÉDIA DE MORADORES POR DOMICÍLIOS PARTICULARES PERMANENTES	178



INFRAESTRUTURA 10

.....	181
10.1 LIMPEZA PÚBLICA	183
10.1.1 Produção diária estimada de resíduos sólidos domiciliares coletados no Municípios de Natal por bairros e Regiões Administrativas	183
10.2 SANEAMENTO BÁSICO	185
10.2.1 Consumo e ligação de água e esgoto (m3)	185
10.3 REDE ELÉTRICA - CONSUMIDORES POR TIPO DE USO	188
10.4 TELEFONIA POR TIPO DE USO	190
10.5 DRENAGEM E PAVIMENTAÇÃO	191



11 ASPECTOS SOCIOECONÔMICOS

11.1 RENDIMENTO MENSAL	193
11.2 RENDIMENTO MÉDIO MENSAL MUNICIPAL, POR BAIRROS E REGIÕES ADMINISTRATIVAS	197
11.3 MORADORES EM DOMICÍLIOS POR CLASSE DE RENDIMENTO	199
11.3.1 Gráficos de moradores em domicílios por classe de rendimento do município	200
11.4 CONDIÇÃO DE OCUPAÇÃO DOMICILIAR	201
11.4.1 Gráficos da condição de ocupação dos domicílios do município	202
11.5 SITUAÇÃO EDUCACIONAL DA POPULAÇÃO	203
11.5.1 Responsáveis pelos domicílios por grupos de anos de estudo	203
11.5.1.1 Gráficos de responsáveis pelos domicílios por classe de rendimento do município	204
11.5.2 População residente alfabetizada, de 5 anos ou mais de idade	205
11.6 PRODUTO INTERNO BRUTO MUNICIPAL	207



12 ATIVIDADE EMPRESARIAL

12.1 ATIVIDADE EMPRESARIAL	209
	211



13 TURISMO

-----	213
13.1 EQUIPAMENTOS TURÍSTICOS EM NATAL -----	215
13.2 CAPACIDADE DOS MEIOS DE HOSPEDAGEM -----	217
13.3 EMPREGOS GERADOS PELOS EQUIPAMENTOS -----	217
TURÍSTICOS EM NATAL	
13.4 FLUXO TURÍSTICO NA GRANDE NATAL - 2001/2007 -	217
13.5 PRINCIPAIS EMISSORES DE TURISTAS NA HOTELARIA DA GRANDE NATAL - 2002/2006 -----	219
13.6 RECEITA TURÍSTICA TOTAL NA GRANDE NATAL - (VALORES EM DÓLAR) -----	220
13.7 MOVIMENTAÇÃO DE PASSAGEIROS NO AEROPORTO INTERNACIONAL AUGUSTO SEVERO -----	221
13.7.1 Passageiros embarcados por tipo de voo no Aeroporto Internacional Augusto Severo - 2001/2007 ----	221
13.7.2 Passageiros desembarcados por tipo de voo no Aeroporto Internacional Augusto Severo - 2001/2007 ----	222



14 REPRESENTAÇÃO POLÍTICA

-----	223
14.1 ELEITORES POR ZONAS ELEITORAIS -----	225
14.2 ZONAS ELEITORAIS POR BAIRRO -----	225



15 PODER LEGISLATIVO MUNICIPAL

227

15.1 CÂMARA MUNICIPAL - 2008

229



16 SERVIÇOS E EQUIPAMENTOS URBANOS

231

16.1 EDUCAÇÃO

233

16.1.1 Matrícula inicial

233

16.1.2 Escolas e creches - instância administrativa

234

16.2 SAÚDE

236

16.2.1 Unidades de saúde

236

16.3 TRANSPORTE

238

16.3.1 Transporte rodoviário

238

16.3.1.1 Distribuição da frota da cidade do Natal,

segundo categoria

238

16.3.1.2 Distribuição de frota para veículos

da cidade do Natal

239

16.3.2 Transporte ferroviário

248

16.3.2.1 Passageiros transportados nos últimos 6 anos

240

16.3.2.2 Passageiros transportados em 2006

240

16.4 DESPORTO

241

16.4.1 Tipos de equipamentos desportivos

241

16.5 SEGURANÇA PÚBLICA

243

16.5.1 Entidades de segurança pública

243

16.6 EQUIPAMENTOS URBANOS

245



17 ORGANIZAÇÕES COMUNITÁRIAS

249

17.1 ENTIDADES COMUNITÁRIAS 251



18 HABITAÇÃO E SITUAÇÃO FUNDIÁRIA

253

18.1 TIPOS DE IMÓVEIS 255

18.2 CONJUNTOS HABITACIONAIS E LOCALIDADES 260

18.3 LOTEAMENTOS 261

18.3.1 Situação legal 261

18.4 ASSENTAMENTOS PRECÁRIOS 263



19 NATAL E SUA REGIÃO METROPOLITANA

265

19.1 DADOS BÁSICOS 267

19.1.1 Limites 267

19.1.2 Localização geográfica, altitude dos municípios
e distância rodoviária da capital às sedes municipais 268

19.2 EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO (1991-2005) 271

19.3 MUNICÍPIOS INSTALADOS, POR LEI DE
CRIAÇÃO E DESMEMBRAMENTO 271

19.4 ÁREA, DOMICÍLIOS OCUPADOS, POPULAÇÃO
RESIDENTE E DENSIDADE DEMOGRÁFICA 272

19.5 PRODUTO INTERNO BRUTO 274



20 NATAL E AS CAPITAIS BRASILEIRAS: INDICADORES SOCIOECONÔMICOS

277

20.1 CARACTERIZAÇÃO DAS CAPITAIS BRASILEIRAS — 279

20.2 PIB DAS CAPITAIS - 2005 — 280



REFERÊNCIAS 282

ANEXOS 287



1 - INTRODUÇÃO

Olhos da cidade...

Uma cidade olha para os horizontes livres, para a paisagem bonita ao redor, com os olhos dos miradouros. São lugares abertos, mirantes com pérgolas, com alguns bancos, um recanto oferecido para a visão panorâmica dos arredores citadinos.

Quando uma cidade cresce, subindo e descendo as colinas, cobrindo com o casario as eminências e declives, é natural que o habitante pobre ou rico tenha o direito a uma impressão de beleza, tanto mais rara quanto maior a cidade se torna.

Os moradores ricos escolhem os pontos mais pitorescos e erguem as residências olhando o rio, o mar, a montanha, o infinito. E chamamos a esse elemento A VISTA, isto é, OLHOS. Dizemos:- a casa de fulano tem uma vista lindíssima.

Aqueles que não têm dinheiro ficam obrigados a dispensar a vista sobre os aspectos sugestivos da cidade.

Atualmente o direito humano vai alcançando essas prerrogativas que eram privilégios alheios. O morador mais pobre está pedindo também que a Cidade lhe dê uma Vista, um ponto bonito, uma alegria visual, interrompendo a melancolia do labor diário, do trágico-cotidiano, como dizia Maeterlinck.

A valorização dos terrenos ergue a vaidade humana pelas orelhas e a leva até perto das estrelas. Pelo gosto natural da burguesia não havia jardim público nem parque, nem alameda, nem miradouro. Tudo era terreno-para-construir. Interessa apenas o individual, o dependente da vontade personalíssima. Quem irá lembrar-se do direito de alguém ter diante dos olhos uma paisagem ridente ou um muro banal?

Essa possibilidade está se firmando como um direito natural, uma das prerrogativas de qualquer criatura humana.

As cidades começaram a oferecer aos seus moradores as perspectivas indefinidas da paisagem circunjacente. São os Miradouros.

Diga-se que o Miradouro não é um direito oferecido ao turista, ao viajante, ao estrangeiro, mas ao homem da cidade, ao morador, ao habitante, o elemento diário e comum.

Possa esse direito afirmar-se ao lado do patrimônio natural da cultura, como um facto visível e próprio da cidade moderna.

Luís da Câmara Cascudo

Diário de Natal, 5 de janeiro de 1947





2. ASPECTOS HISTÓRICOS DE NATAL





Figura 02 - Vista aérea da cidade. Delimitação inicial da cidade (adaptação Aslan). Base cartográfica 2006.
Fonte: Arquivo SEMURB.



Os primeiros anos da presença lusitana foram quase de abandono da capitania, situação relatada por vários cronistas que visitaram Natal entre os anos de 1599 a 1900. Relatos que falam de uma cidade inexistente, merecedora do título de Vila do Natal, talvez, mas não de Cidade do Natal. Era uma época caracterizada pelo retardamento do seu processo de desenvolvimento, onde o povoamento e o cultivo da terra aconteciam lentamente (MARIZ; SUASSUNA, 2000, p. 39).

Natal de poucas edificações, poucas ruas, pouca gente, esta foi a Natal encontrada pelo inglês Henry Koster, em novembro de 1810, citado por Câmara Cascudo:

As construções foram feitas numa elevação a pequena distância do rio, formando a cidade propriamente dita porque contém a igreja Matriz. Consiste n`uma praça cercada de residências tendo apenas o pavimento térreo, as igrejas que são três, o Palácio, a Câmara e a prisão. Três ruas desembocam nesta quadra mas elas não possuem senão algumas casas de cada lado. A cidade não é calçada em parte alguma e anda-se sobre uma areia solta, o que obrigou alguns habitantes a fazerem calçadas de tijolos ante suas moradas. Esse lugar conterà seiscentos ou setecentos habitantes (CASCUDO, 1999, p. 144).

Aos poucos o traçado urbano vai se delineando, a urbe caminha com seu passo lento, mas firme, banhada pelo Potengi e protegida pelas dunas. Uma Natal em transformação, que não aceita a frase dita pelo bispo de Olinda Dom Frei Luiz de Santa Tereza, em 1746: Da cidade de Natal não-há-tal .

A cidade, encontrada por Frei Luiz, não é mais a mesma. Abrem-se as portas do Palácio do Governo para as Conferências, momentos de reflexão sobre o futuro da cidade. Conferencistas eram convidados a apresentar a Natal do passado, presente e as perspectivas do futuro. A conferência inicial aconteceu no dia 20 de fevereiro de 1909, sendo Eloy de Souza o primeiro conferencista, que de forma brilhante falou dos costumes de uma Natal do passado:

Não é difícil imaginar o que seria Natal do começo do século XVIII, com a sua igreja, a cadeia, a forca, o pelourinho, a casa da câmara e as moradas esparsas pelo areal dos dois bairros, entapadas umas, outras, e eram o maior número, tecidas de ramos e cobertas com as folhas das diferentes palmeiras indígenas; todas afogadas no mata-pasto embastido e defendidas pelos viçosos urtigais (SOUZA, 1999, p. 11).

As conferências realizadas no Palácio do Governo, inauguradas por Eloy de Souza, exerceram importante papel na construção de um modelo de cidade representativo do ideal republicano, contribuindo, assim, para o fortalecimento no poder estadual da oligarquia Maranhão.



O jornalista, educador e político Manoel Dantas, homem das letras, realizou, em 21 de março de 1909, uma das mais famosas conferências ocorridas no salão nobre do Palácio do Governo. Segundo o pesquisador Fernandes (in DANTAS, 1996, p.3): uma conferência, muito de fantasia, humor e previsões sobre Natal daqui a cinqüenta anos .

A Natal daqui a cinqüenta anos, proferida por Manoel Dantas é uma leitura fundamental na compreensão da mentalidade da elite natalense do início do século XX. Para a professora Oliveira (2006, p.107) o tema central do discurso de Manoel Dantas, era:

[...] uma cidade que queria ser progressista, mas era ainda provinciana, cuja pequenez se revelava, nos mecanismos de controle de um espaço em que todos podiam se conhecer, onde as notícias se espalhavam boca a boca. O cenário da narrativa é o salão nobre do Palácio do Governo, onde toda a cidade que podia freqüentar aquele espaço poderia ter estado presente para assistir à conferência do intelectual renomado, detentor de saber e capaz de exercer seu poder através da linguagem, falar para aprisionar a emergência de condições que permitissem a execução do projeto de dominação. A paisagem da narrativa sobre a cidade parece dar sentido aos personagens e os lugares em que estão permanentemente se articulando à trajetória que se construía no tempo.

O discurso do Dr. Manoel Dantas, detinha a força de um manifesto futurista. Na verdade conclamava a sociedade natalense a pegar o bonde do progresso, encerrando no baú da história a cidade antiga, velha, monarquista. A cidade ideal era a cidade moderna, pois:

[...] a cidade caminhou a passos de gigantes. Natal, continuam a chamá-la oficialmente os forasteiros de toda parte que aqui vêm admirar a metrópole do oriente da América. Rainha das dunas, denominam-na os poetas que não precisam mais de *habeas-corpus* preventivo para contar a realeza, mesmo duma cidade, tão apagadas se acham já no coração do povo as vagas reminiscências dos tempos da monarquia (DANTAS, 1996, p.27).

Natal transforma-se lentamente, porém não na velocidade proposta por Manoel Dantas, procurando adequar seu traçado às demandas do tempo da Companhia Ferro Carril do Natal e seus bondes puxados a burros.

Ergue-se a cidade dos vivos e com ela surge a cidade dos mortos. Distante da Ribeira e da Cidade Alta, nasceu o cemitério (hoje Cemitério do Alecrim), lugar de descanso e fim do sofrimento daqueles que acompanhavam um cortejo fúnebre. Sobre os enterros e o início da ocupação do atual bairro do Alecrim, quem bem relata é Pedro de Mello, em conferência realizada na Academia Norte-rio-grandense de Letras, no dia 24/01/1962:

[...] Por mais numeroso que fosse o acompanhamento do cortejo fúnebre chegava ao cemitério só com a família e os carregadores. A ladeira afugentava os demais



- À altura da atual igreja de São Pedro havia à direita de quem sobe um projeto de rua meia dúzia de casebres. Seus moradores, gente humilde, mantinham no peitoril de suas janelas, latas, jarros de todos os feitios, todos cheios de alecrim o arbusto conhecido por todos nós. Muitos natalenses vêm nisso a razão do nome de Alecrim, - dado ao bairro surgido posteriormente naquelas bandas (MELLO, 2006, p. 04).

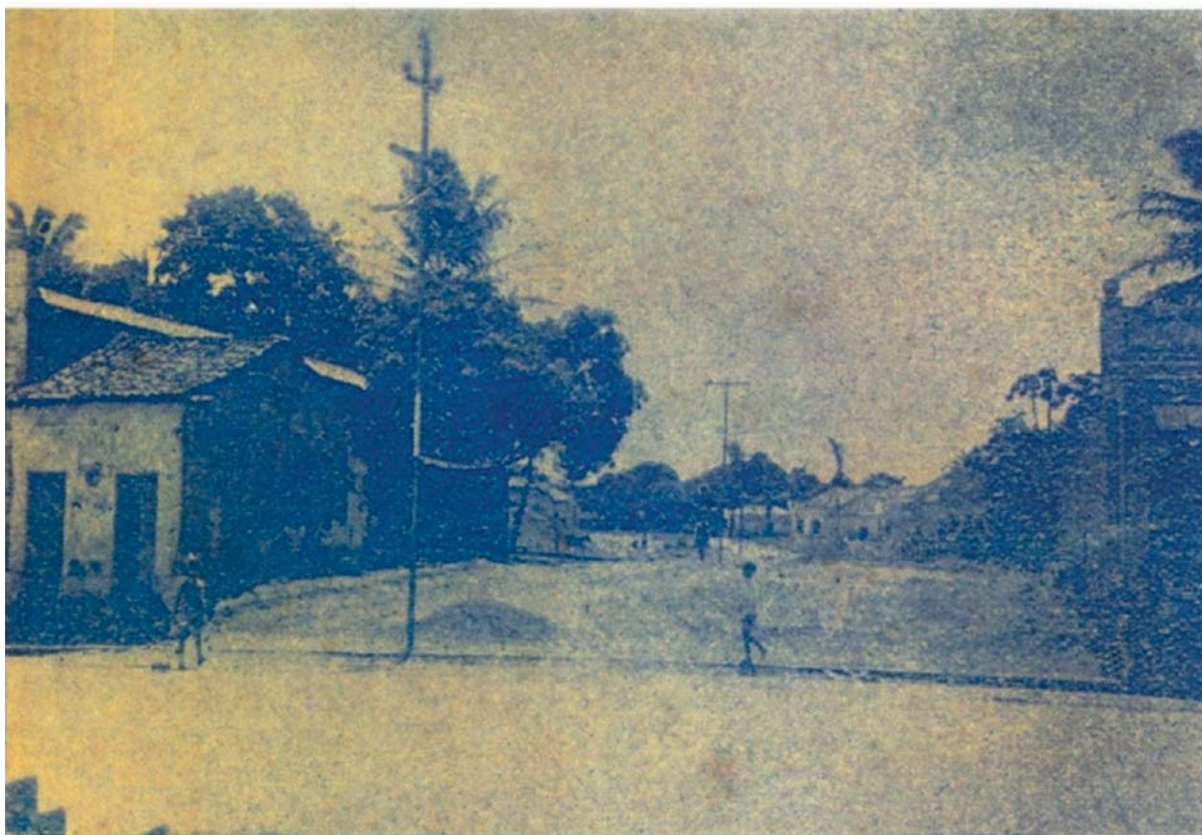


Figura 03 - Prolongamento da Rua Presidente Quaresma.
Fonte: Natal Não-Há-Tal SEMURB.

O tempo não pára, como disse o poeta, e novas demandas surgem para os natalenses. A cidade avançava para além da Cidade Alta e Ribeira, lugares de xarias e canguleiros. Uma tradição que por muito tempo esteve presente entre os moradores da Cidade Alta e da Ribeira. Segundo o folclorista Melo (1999, p.199), nenhuma tradição mais impressionante na cidade do Natal, no passado, do que a tremenda rivalidade entre os moradores dos bairros da Cidade Alta e da Ribeira. Os primeiros chamados de Xarias: comedores de xaréus e xareletes; os segundos, de Canguleiros: comedores de cangulos .



O poeta e folclorista Gurgel (2005, p. 133), em seu Romance da Cidade do Natal, refere-se deste modo aos xarias e canguleiros:

**Xarias e Canguleiros
repousam no chão da História,
depois de tantas batalhas
e tantas inúteis glórias.**



Figura 04 - Vista parcial da cidade (início do século XX).
Fonte: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.



A cidade chegava ao século XX, com seus traços urbanos, ainda, do século XVIII, era preciso transformá-la. A palavra-chave era modernidade. A Natal dos tempos modernos aspirava novos espaços, novos caminhos necessitavam ser abertos entre a Ribeira e a Cidade Alta e entre estes bairros e os sítios. A distância deveria ser encurtada.

Segundo Cascudo (1999), desde o governo de Pedro Velho (1892-1896), já existiam planos (esboços) de expansão da cidade com a criação de novos bairros. O Governador Pedro Velho, passeando de cavalo nas redondezas da Cidade Alta, atual bairro de Petrópolis, chamava aquela região de Cidade Nova, o que era alvo de gargalhadas dos natalenses. Ninguém acreditava que Natal cresceria até o fim do mundo . Vejamos o que diz nosso historiador maior:

Em fins do século XIX a Cidade Alta findava no sitio Cucuí, lado direito da rua Ulisses Caldas... Daí em diante era capoeira, mato ralo mas contínuo até os morros. Corriam picadas abertas, levando às moradas disseminadas numa área extensa e o caminho para o Morcego, hoje Praia do Meio. Areia Preta ficava no fim do mundo e os raros visitantes daquele recanto habitado por pescadores iam a cavalo, com os ares displicentes de quem viaja valentemente. Caçava-se por aí aos domingos (CASCUDO, 1999, p. 351).



Figura 05 - Vista parcial da Praia do Meio.
Foto: Manoel Dantas.
Fonte: Natal Ontem e Hoje SEMURB.



INTERVENÇÕES URBANAS

Os primeiros anos do século XX foram caracterizados pela consolidação do regime republicano e o fortalecimento das oligarquias nas províncias. Pedro Velho de Albuquerque Maranhão, passado o período inicial de instabilidade política, inaugurou uma das mais duradouras oligarquias que este estado conheceu. Por mais de 25 anos, a oligarquia Maranhão esteve à frente do Poder Político no Rio Grande do Norte. Apesar dos desencontros na implantação da República, o fim do Império provocou uma maior participação dos governos provinciais nas verbas públicas. Este fato contribuiu para a modernização das capitais e segundo Monteiro (2000, p.168):

No caso de Natal, essa modernização pôde contar ainda com outros recursos, como aqueles enviados pelo governo federal com o objetivo de combater os efeitos das secas. Foi o que ocorreu na seca de 1903 - 1904. Com a verba recebida e a utilização da mão-de-obra de milhares de retirantes que se concentravam na capital, adiantou-se a construção da Praça Augusto Severo, na Ribeira, foram calçadas várias ruas e abertas avenidas que iriam originar a então chamada Cidade Nova, os atuais bairros de Tirol e Petrópolis.

PLANO POLIDRELLI (1901-1904)

Foi a partir deste momento, como descreveu a historiadora Denise Mattos Monteiro, que Natal começou a ter seus limites pensados, apresentando, assim, indicativo de um planejamento urbano. É o que demonstra a criação do terceiro bairro - Cidade Nova¹ (atuais bairros de Petrópolis e Tirol). De certa maneira a demarcação e as novas vias, projetadas por Jeremias Pinheiro da Câmara, já anunciavam a importância de racionalizar a ocupação das áreas livres de Natal.

A criação do Bairro Cidade Nova não aconteceu sem que vozes discordantes fossem ecoadas, opositoristas chamavam o novo bairro de Cidade das Lágrimas (CASCUDO, 1999). Um dos opositores mais tenaz ao projeto era o jornalista Elias Souto. Incansável fundador de jornais. Souto terá destacada participação na oposição à oligarquia Maranhão (BUENO, 2002).

Uma oposição acirrada que, corretamente, denominou a Cidade Nova de Cidade das Lágrimas, denunciando as desocupações de centenas de habitações, provocando a favelização da Praia do Meio e do Passo da Pátria. Na verdade, a propalada idéia de cidade moderna, com a criação do terceiro bairro, escondia o desejo, por parte das elites, de construir o muro da exclusão. Conforme Ferreira e Dantas (2006, p.59):

¹Cascudo informa que o bairro (Cidade Nova), foi criado pela Resolução nº55 {de 30 de dezembro de 1901}, p.351.



[...] Em Natal, é sintomático que a primeira grande intervenção urbana a inaugurar o século XX seja o projeto de expansão da cidade através do novo bairro, chamado Cidade Nova, nova e radicalmente oposta à cidade colonial, com suas ruas largas em retícula, facilitando a penetração dos ventos dominantes, com exigências de recuos para insolação e ventilação das habitações. É também sintomático que para tanto tenha sido necessária a remoção e expulsão de mais de trezentas cabanas e choupanas para a abertura desse novo espaço de morar das elites, afastado da insalubridade da cidade antiga [...].

Com o apoio do governador Pedro Velho, o Presidente da Intendência de Natal, Joaquim Manuel Teixeira de Moura, seguiu em frente com o projeto da Cidade Nova, enfrentando as críticas dos opositores.

O nome do agrimensor Antônio Polidrelli apareceu associado ao projeto, do novo bairro, somente a partir de 1904, desde então ficou conhecido como Plano Polidrelli.



Figura 06 - Master-plan (1901-1904).
Fonte: SEMURB.





Figura 07 - Vista aérea da cidade. Apresenta a delimitação de Natal em 1599 e a expansão com o Plano Polidreli (adaptação Aslan). Base cartográfica 2006. Fonte: SEMURB.



Passo importante na organização da ocupação do solo, o *Master Plan* de Polidrelli foi o responsável pela implantação do padrão de avenidas largas para Natal (MIRANDA, 1999). As futuras intervenções urbanísticas espelharam-se, na intervenção de 1901-1904. Cascudo (1999, p.354), denominou de ave de arribação, o agrimensor Antônio Polidrelli:

Em 1904, o master-plan da Cidade Nova estava concluído, ampliando as medidas de Joaquim Manuel, em fins de 1901. O relatório do secretário do Governo, H. Castriciano, datado de 14 de junho de 1904, já fixa os dois bairros quase no aspecto dos nossos dias. Oito avenidas paralelas, com 30 metros de largura, comprimento entre 650 (Avenida Alberto Maranhão) a 5.261 (a Avenida Oitava) e quatorze ruas enxadrezando a Cidade Nova. A superfície aproximada ia a 1.648.510 metros quadrados, com sessenta quarteirões. O técnico era um agrimensor italiano, Antonio Polidrelli, ave de arribação que espalhou muita utilidade.

A cidade em transformação construía seu perfil urbano, lembremos que era início do século XX, em pleno alvorecer da República. A elite, antes monarquista agora republicana, buscava consolidar seu poder político e econômico adaptando-se a nova realidade brasileira. O modelo de cidade, desejado, era aquele que melhor expressasse os novos tempos. Segundo o professor Pedro de Lima, estudioso das intervenções urbanas ocorridas em Natal ao longo do tempo, a criação do terceiro bairro da cidade tem o viés da segregação social:

A Cidade Nova se constituiu em uma dupla solução para o desejo de auto-segregação das classes dominantes locais. Por um lado, o Plano Polidrelli superaria o antigo desenho irregular originário da cidade colonial, onde as classes conviviam, praticamente, no mesmo espaço ou guardando uma certa contigüidade. Por outro lado, serviria como refúgio, onde as classes dominantes poderiam se proteger do contato com as péssimas condições ambientais e das epidemias que, então, grassavam pela cidade (LIMA, 2001, p. 35).

Nesta época respirava-se progresso, Natal tinha de ser colocada no trilho da história, o que implicaria nas transformações decorrentes das intervenções urbanas. A vila colonial precisava passar por uma transformação ou reconstrução, de acordo com o tempo presente. Deveria ter um novo olhar sobre a cidade de Poty. O moderno, neste sentido, justificava qualquer ação urbana patrocinada pela elite local. A ascensão da República representou o novo, o moderno transformou-se em:

[...] mote dos discursos e das práticas que, de forma acerba e explícita com a ascensão da República, proporião a superação da imagem de atraso e da estrutura da velha e insignificante, como se afirmava, aldeia colonial e a construção da cidade moderna. Com efeito, esse seria o eixo central das normativas e das propostas de transformação do espaço urbano de Natal até o início da década de 1920 (DANTAS, 2006, p. 68).



É interessante observar que a preocupação do poder público não era o de fazer uma ordenação do espaço urbano. Na verdade, a finalidade era a de embelezar a cidade, acompanhando a tendência dos grandes centros como, por exemplo, São Paulo e Rio de Janeiro. Esta falta de um zoneamento numa perspectiva, digamos, funcional da cidade, não retira do Plano de Polidrelli o mérito de ter sido o pioneiro a se referir ao planejamento urbano, de acordo com Lima (2001, p.41):

[...] introduziu-se na Natal provinciana do início do século, e de forma inaugural, a idéia de se elaborar um plano para acompanhar a expansão da cidade ... (e, com isso, criou-se a base para o futuro desenvolvimento de um mercado de terras urbanas).

[...] o Plano Polidrelli estabeleceu um padrão espacial para a cidade situada à margem direita do rio Potengi, constituído por um conjunto de eixos viários paralelos e perpendiculares, definidos no sentido norte-sul e leste-oeste, respectivamente. E definiu, desde 1901, a forma predominante de estruturação da cidade de Natal.



Figura 08 - Vista aérea do Bairro Petrópolis.

Foto: Jaeci E. Galvão.

Fonte: Natal Ontem e Hoje SEMURB.





Figura 09 - Vista aérea do Bairro Petrópolis (Vendo-se, da esquerda para a direita, o Atheneu e a antiga sede do ABC F.C.).
Foto: Jaeci E. Galvão.

A Cidade Nova, que surgiu do Plano Polidrelli, é, então, o modelo seguido pelas futuras intervenções urbanas. Como já foi dito por Câmara Cascudo, uma ave de arriação passou por Natal e espalhou muita utilidade. Esta ave era o agrimensor Antônio Polidrelli.

PLANO GERAL DE SISTEMATIZAÇÃO DE NATAL 1929

A década de 1920 apresentou de forma urgente a problemática do abastecimento de água e do saneamento da cidade do Natal. O Dr. Januário Cicco, à época inspetor de saúde do Porto de Natal, alertava as autoridades municipais para a necessidade de pensarem a saúde do cidadão de forma ampla, realizando obras que dotassem a cidade de um plano de saneamento e abastecimento de água. Dizia, ainda, do perigo que a população vivia ao beber água das fontes existentes.

Como já tive ocasião de dizer a captação d'água dessas fontes é feita por bombas e levada a um grande reservatório circular, coberto de telha metálica e protegido por uma tela de grandes malhas. [...] O pó e as folhas seccas alli conduzidas pelo vento entreteem uma certa decomposição, mantida ainda pelo corpo de algum daquelles animaes que tem a desventura de se sepultar no liquido precioso (CICCO apud LIMA, 2003, p.31).



A Natal em expansão apresentava problemas decorrentes do aumento de população e, também, da insalubridade referida pelo médico da cidade do Natal Dr. Januário Cicco em seu clássico: Como se higienizaria Natal. Em consequência desta situação vivida por Natal, a segunda década do século XX se caracterizou:

Pela concretização sistemática das ações de higienização, de uma forma global, preventiva, e, sobretudo, técnica e científica. A engenharia ganhou espaço no campo das transformações promovidas na cidade (refletindo uma transferência de competência igualmente verificada em todo o país), a partir da execução dos primeiros estudos técnicos (análises geofísicas e topográficas e levantamento de fontes de abastecimento d'água), desenvolvidos, fundamentalmente, a partir da criação da Comissão de Saneamento de Natal, em 1924 (FERREIRA; DANTAS; EDUARDO, 2006, p. 174).

A Comissão de Saneamento de Natal foi a primeira iniciativa de intervenção planejada, na elaboração e execução de um projeto específico para o saneamento e abastecimento de Natal. À frente desta Comissão estava o engenheiro Henrique de Novaes, responsável pela elaboração do Plano Geral de Obras de Saneamento de Natal.

Este importante estudo, realizado por Henrique Novaes, destaca-se, entre outros aspectos, pela apresentação de alguns mananciais para abastecimento de água de Natal, como comprova o relatório publicado no jornal A República:

Tudo faz crer, Exm^o. Sr. Governador que achamos em Jiqui a fonte conveniente e suficiente para as necessidades hydricas de Natal. [...] Não me passou despercebida a lagoa de Extremoz, como um dos recursos extremos para o abastecimento d'água em questões. Com- quanto fartamente utilizado pela população ribeirinha [...] (COMISSÃO DE SANEAMENTO, 1924, p. 1).

Vale lembrar que Natal tinha, neste período, na Intendência (antiga denominação da Prefeitura) homens públicos da estatura de Manoel Dantas e Omar O'Grady. Este último assumiu a chefia da Intendência em junho de 1924. Genro de Manoel Dantas, O'Grady realizou uma administração inovadora, alinhando sua formação técnica, era engenheiro formado nos Estados Unidos, com uma visão humanística da cidade de Natal. Cumpria, assim, em parte, a profecia feita na memorável conferência performática, visionária de uma Natal 50 anos mais velha. Época de inovação celebrada pelos poetas da cidade.



O BONDE NOVO

O bonde que inauguraram

É amarelo e muito claro...

Sua campã bate alegre e diferente das outras...

E seus olhos vermelhos indicam Petrópolis...

Anda sempre cheio por que é novo...

Chega na balastrada espia o mar...

E os passageiros todos nem olham pro mar...

Só vêm o bonde novo...

Aquele bonde só devia sair aos domingos

Pois ele é a roupa domingueira

Da Repartição dos Serviços Urbanos...

(FERNANDES, 1970, p. 83).

O poeta Jorge Fernandes, neste poema de 1927, saúda o bonde novo, símbolo do progresso, expressando a alegria do natalense em poder utilizar este meio de transporte, assim, a cada inovação que surgia, Natal se distanciava do passado de vila colonial.

Para que tenhamos uma idéia dos avanços nos meios de transportes, Cascudo (1999, p.311) lembra que, a autorização para circulação de ônibus em Natal data de 24 de janeiro de 1929, como consta no Decreto nº. 415 . É nesse final da segunda década do século XX, quando a cidade conhece essas melhorias no transporte público, que o prefeito Omar O'Grady contrata o arquiteto Giácomo Palumbo para desenvolver um plano de urbanização.

A Natal planejada , redesenhada, uma cidade unida, ligada por avenidas largas, com logradouros públicos próprios para o lazer, com praças. Um esboço de definição para as diversas áreas. Este era o desafio proposto pelo executivo municipal ao arquiteto Palumbo:

O Master Plan que o Sr. Omar O'Grady entregou ao tecnico Palumbo é a utilização² da massa citadina num plano racional de correção. Correção na parte existente. Os elementos constitutivos num trabalho de urbanismo serão forçosamente aqueles que se relacionam e aperfeçoem o aspecto esthetico da cidade aproveitando seus recursos em paysagem e conjuncto, a facilidade de circulação e viação urbanas, os transportes e recreios (CASCUDO, 2005, p. 144).

²Grafia da época



Um plano que olhasse a Natal do futuro, esta era a idéia de Palumbo, quando apresentou o plano urbanístico ao chefe do executivo local. Este Plano Geral de Sistematização de Natal projetava uma cidade de cem mil habitantes, número alcançado apenas a partir de 1950. Esta visão de futuro deve ser destacada porque demonstra uma sensibilidade em fazer da cidade um lugar melhor de se viver. Diante deste fato percebemos como: É notável essa preocupação com o desenvolvimento futuro da cidade. Natal teria, então, cerca de 35 mil habitantes, e só alcançou o número proposto por O'Grady em 1950, quando a população chegou a 103 mil habitantes (LIMA, 2001, p. 52).

Natal chegava ao fim da década de 1920 com uma perspectiva de melhorias na organização do seu espaço urbano. Pulsava, na cidade, o desejo de trilhar o mesmo desenvolvimento das metrópoles. Nesta época vozes ecoavam, exigindo mudanças nos logradouros públicos e no modo de viver dos natalenses. Intervenções urbanas que implicassem, além das modificações no traçado da cidade, uma política de saúde pública preventiva. Como já foi referido anteriormente, uma dessas vozes era a do médico Januário Cicco, defensor de uma política de higienização, no sentido amplo da palavra. O médico de Natal, inspetor de saúde do porto, alertava as autoridades sobre:

[...] as medidas profiláticas, as vacinações e revacinações, as desinfecções, o esforço do médico no embate diário pela cura dos seus pacientes, pouco podiam frente à falta de educação, de uma cultura higiênica, de habitações salubres e de uma rede eficiente de abastecimento d'água e de objeto de esgotos (CICCO apud DANTAS, 2006, p. 79).





■ Natal 1599
 ■ Master-plan 1901/1904
 ■ Plano Geral de Systematização da Cidade de Natal

Figura 10 - Vista aérea da cidade (adaptação Aslan). Base cartográfica 2006. O Plano Geral de sistematização não foi implementado em sua totalidade.

Fonte: SEMURB.



A administração do Prefeito Omar O'Grady foi caracterizada por ações normativas e intervencionistas no espaço urbano. Além do Plano Geral de Sistematização, destacou-se a Lei nº. 04/1929. Entre outras medidas, essa Lei regulamentou as construções, o zoneamento da cidade e o arruamento, aparelhando, deste modo, o executivo municipal, de instrumentos legais de fiscalização da urbe.

Foi uma lei abrangente que ao propor um conjunto de normativas para o espaço público demonstrava a preocupação da gestão municipal com a ocupação ordenada da cidade. Opinião, neste sentido, tem Silva (não publicado), quando afirma ser esta lei um dos primeiros instrumentos de normatização do Poder Municipal a tratar das construções e reformas realizadas, mesmo por particulares, integrada a uma visão geral da cidade.

O artigo 1º da Lei nº. 04 de 2 de setembro de 1929 já apontava para a necessidade de um maior controle, por parte do executivo municipal, de tudo que era construído nos limites da Cidade do Natal. Segundo este artigo:

Art.1º. As construções, reconstruções, acréscimos e modificações de prédios no Município de Natal, ficam de ora em diante subordinadas às disposições da presente Lei e para sua conveniente aplicação é o Município dividido em quatro zonas: - primeira zona ou central; segunda zona ou urbana; terceira zona ou suburbana e a quarta zona ou rural³.

PLANO DE EXPANSÃO DE NATAL 1935

O ano de 1935 foi marcado pela ebulição política. De um lado, movimentos sociais e grupos de esquerda, como o Partido Comunista Brasileiro, organizavam-se na ANL (Aliança Nacional Libertadora), de outro lado, setores conservadores da sociedade participavam da AIB (Ação Integralista Brasileira). A sociedade brasileira dividia-se em conservadores e progressistas. Este confronto marcava o primeiro período da Era Vargas, momento de radicalização política, como informa Mariz e Suassuna (2000, p.300):

Esses dois extremos, ANL e AIB, assinalam a radicalização, a que chegara a luta política, agora com visível dimensão ideológica, responsáveis pelo processo político decorrente do período em questão. Os conflitos entre os membros de ambos os grupos tornaram-se cada vez mais constante e violentos, provocando reações do governo e polícia, expressas por perseguição aos aliancistas. Chegaram ao ponto do Ministro da Guerra (General Dutra) mandar aplicar punições a soldados, sargentos e oficiais.

³Lei nº. 4 de 02 de setembro de 1929



Neste período, governava o Rio Grande do Norte o interventor Mário Leopoldo da Câmara, político aliado ao Presidente Getúlio Vargas. Sua indicação tinha o objetivo de apaziguar os diversos grupos políticos da província, que eram liderados por José Augusto e Café Filho, conforme a afirmação de Mariz e Suassuna (2000, p.279):

Mário Câmara chegou para administrar o estado, num momento em que os grupos ainda estavam em conflitos pela movimentação da eleição que se realizara dois meses atrás, e se anunciava um novo pleito para o ano seguinte. Na sua indicação, o governo provisório via uma possibilidade de unificar a política local, configurando uma situação de apoio ao governo federal, ao mesmo tempo que tentaria impor uma nova liderança.

O clima político vivido na cidade, nesta primeira metade da década de 1930, era então, de conflito dos velhos caciques políticos ao mesmo tempo em que militantes comunistas preparavam um levante. Natal foi palco da revolta comunista de 1935, sendo governada pelos revolucionários por três dias.

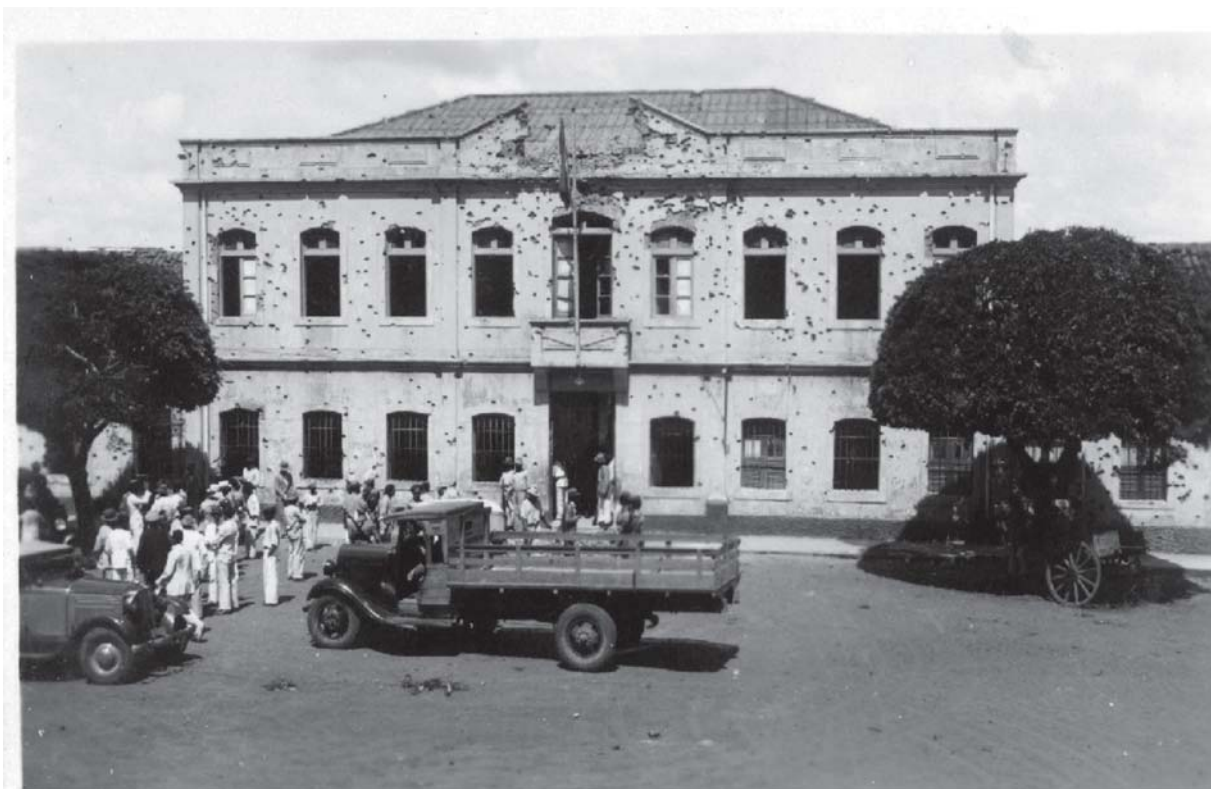


Figura 11 - Prédio do Antigo Batalhão Policial Militar (Atual Casa do Estudante) após o levante comunista de 1935.
Fonte: Natal Ontem e Hoje - SEMURB.



Bem, é neste contexto histórico que novas modificações ocorreram no aspecto urbano. Um novo plano urbanístico foi proposto para a província de Câmara Cascudo. Tratava-se de um Plano de Obras. Sua execução foi entregue ao Escritório Saturnino de Brito. Miranda (1999, p.72) informa que: O 'Plano Geral de Obras' compreendia um anteprojeto de melhoramentos urbanos, com edifícios para o governo, aeroporto, bairro residencial, avenida margeando o tabuleiro, hoje avenida de contorno .

Esta intervenção urbana foi denominada de Plano de Expansão de Natal. Ainda segundo Miranda (1999), estudioso da evolução urbana de Natal, esta ação apresentava preocupação com o abastecimento de água, que incluía as captações, reservatórios e distribuição e um projeto de esgotos sanitários. Neste sentido, apresentou uma grande inovação, pois apontava para melhorias na qualidade de vida dos cidadãos. Apesar de conter uma nova visão sobre o espaço urbano, não constituía, ainda, um planejamento urbanístico. O Plano Palumbo e o Plano de Expansão de Natal são intervenções urbanísticas e não ações que indiquem planejamento urbano. O que se verifica, desde Polidrelli, é uma evolução rumo a uma ação urbana planejada, ou seja, uma intervenção que projetasse a urbe para as futuras gerações. Sobre estas intervenções, Lima (2001, p.64) diz que:

Os desenhos do Plano de Expansão de Natal mostram uma proposta de intervenção para toda a cidade. Observa-se a articulação fluída entre as formas novas e antigas, através de vias sinuosas adaptadas à topografia, configurando um tipo de intervenção de caráter pitoresco. Estas vias articulam o grande parque urbano, que havia sido proposto por Palumbo, e praças, edifícios do governo, a estação ferroviária, o aeroporto e o bairro jardim.



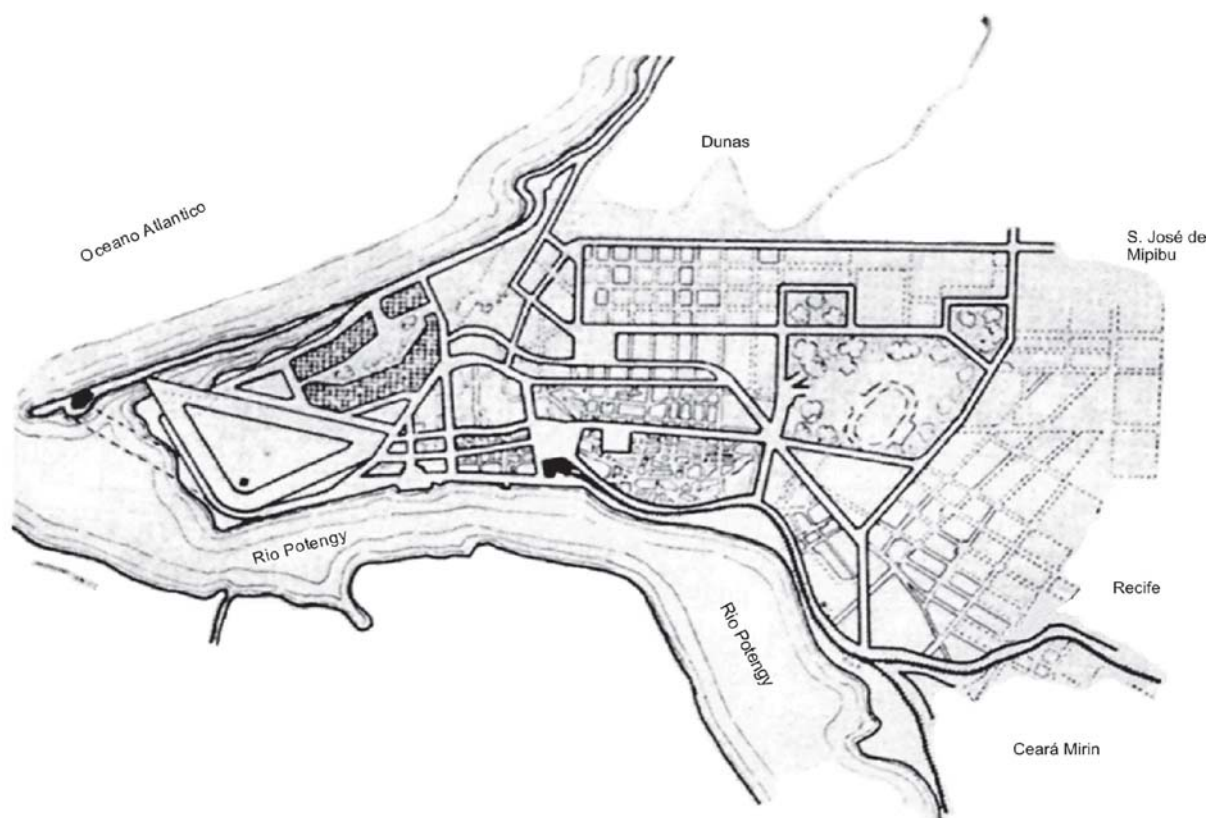


Figura 12 - Plano Geral de Obras 1939 (adaptação Thiago).
Fonte: Natal Não-Há-Tal SEMURB.

PLANO URBANÍSTICO E DE DESENVOLVIMENTO DE NATAL 1968

A década de 1960 caracterizou-se pela ruptura do processo democrático. Os militares, com a força das baionetas, assumiram o poder central a partir de 31 de março de 1964, derrubando o governo democrático do Presidente João Goulart. Iniciava-se, assim, um período obscuro de opressão política. Prisões, torturas, pessoas desaparecidas, eram a marca dominante que infringia a sociedade brasileira. Não havia espaço para a participação política, a sociedade estava amordaçada.





Figura 13 - Acampamento da campanha De pé no chão também se aprende a ler.
Fonte: Natal Ontem e Hoje SEMURB.

Natal não ficou imune à situação política que o Brasil vivenciava. Aqui foram presos e torturados líderes sindicais, líderes estudantis e funcionários públicos. Entre os perseguidos estava o prefeito Djalma Maranhão, símbolo da luta pela defesa da educação e da cultura, idealizador de vários projetos, destacando-se a campanha De pé no chão também se aprende a ler .

Galvão (1994, p.01), que na época do golpe militar participava da administração municipal à frente da Diretoria de Documentação e Cultura da Secretaria de Educação, Cultura e Saúde, lembra que:

Logo nas primeiras horas da manhã do primeiro de abril, a tragédia da ditadura brasileira foi invadindo a vida dos habitantes da cidade de Natal. A cidade, com aproximadamente duzentos mil, assistiu, indefesa, à ocupação militar por tropas do exército, à perseguição, prisão, tortura, exílio e morte dos filhos que amavam.





Figura 14 - Equipamento da campanha De Pé no chão também se aprende a ler.
Fonte: Natal Ontem e Hoje - SEMURB

É nessa atmosfera política que um novo plano urbanístico foi apresentado à comunidade natalense. Este plano, segundo o prof. Pedro de Lima, trazia um novo olhar na forma de intervenção na urbe, pois, além de um planejamento global, contemplava projetos especiais e de imagem e operações integradas e inovava ao adotar um esquema de zoneamento por predominância de função (LIMA, 2001).

Este plano foi entregue à cidade na administração do prefeito Agnelo Alves, em 1968, e é apontado por muitos estudiosos do urbanismo como o primeiro Plano Diretor de Natal. Esta classificação é decorrente do caráter de planejamento na sua concepção. Esta opinião é defendida, apenas para citar dois estudiosos da evolução urbana, por Pedro de Lima e João Mauricio, este último, justificando esta idéia de pioneirismo, afirmou que o plano propunha o urbanismo como uma estratégia desenvolvimentista (MIRANDA, 1999).



O Plano Urbanístico e de Desenvolvimento de Natal, foi elaborado por Wilhelm Arquitetos Associados/Escritório Serete S. A. Engenharia. Apesar de não ter sido implementado na sua totalidade, o grande diferencial deste Plano foi a formação de um corpo técnico especializado em planejamento urbano, o que possibilitou a criação de órgãos específicos na execução de ações urbanas. Dois instrumentos utilizados na elaboração do Plano Serete destacam-se: a pesquisa de campo e a coleta de dados em diversos órgãos da municipalidade. Estes instrumentos contribuíram para a formação de um arquivo com informações sobre o município.

O arquiteto e urbanista Jorge Wilhelm, um dos responsáveis pela elaboração do Plano Urbanístico e de Desenvolvimento, afirmou o pioneirismo desta intervenção realizada na administração do Prefeito Agnelo Alves. Para Wilhelm (1969, p.202):

[...] trata-se do primeiro plano brasileiro a propor claramente o urbanismo como uma estratégia desenvolvimentista. A própria proposta de serviço feita à prefeitura, fugia da itemização costumeira enfatizando programas de ação de potencialidade geradora. Natal, foi, assim nossa primeira experiência em um urbanismo conscientemente estratégico.

Como podemos constatar, o Plano Urbanístico e de Desenvolvimento de Natal representou avanços significativos na constituição de uma mentalidade de valorização do planejamento urbano. É bem verdade, que o planejamento era, inclusive, uma política de governo na época do Regime Militar, mas, e até por este motivo, as ações desenvolvidas passavam ao largo da participação popular. Como lembra Lima (2001, p.96):

De modo semelhante aos anteriores não houve participação da população. Dadas às condições históricas da época ditadura militar, governos de estados e municípios indicados pelos generais, censura, repressão política, etc. , pode-se considerar um grande avanço o fato de sua elaboração ter sido acompanhada, localmente, por um grupo interdisciplinar de profissionais.



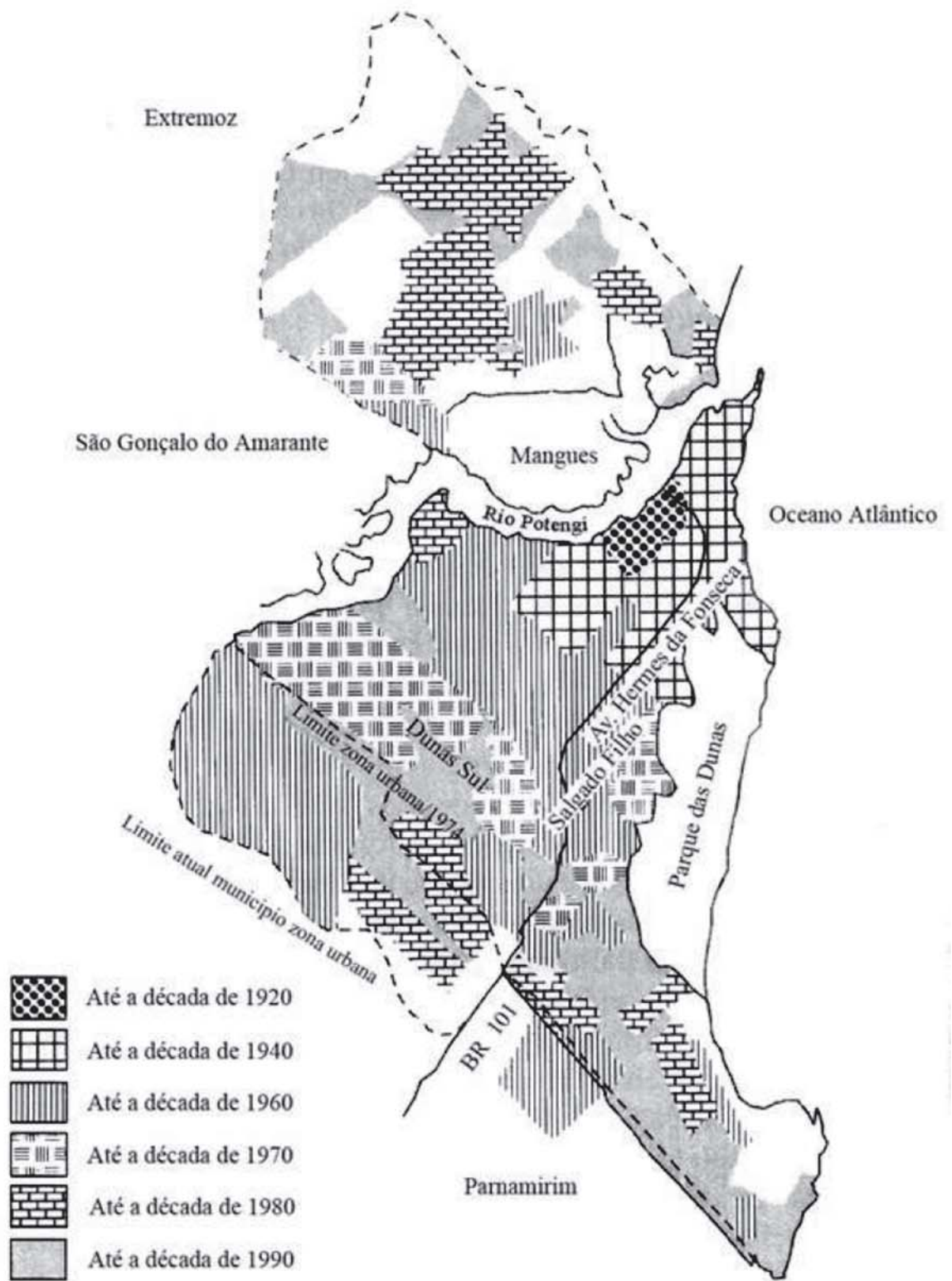


Figura 15 - Expansão urbana de Natal: 1920-1990.
 Fonte: Pedro de Lima, 2006.



PLANO DIRETOR DO MUNICÍPIO DE NATAL 1974

Natal conheceu seu primeiro Plano Diretor no início dos anos setenta: documento elaborado a partir do Plano Urbanístico e de Desenvolvimento de Natal de 1968. A coordenação do trabalho esteve a cargo do arquiteto Moacir Gomes, com a colaboração de uma equipe de funcionários da prefeitura. Concluído em setembro de 1973, foi transformado, em junho de 1974, pela Câmara dos Vereadores na Lei 2.217/74 Plano Diretor do Município do Natal (LIMA, 2001, p. 109).

O Plano Diretor de 1974 foi saudado com alegria e esperança, por Luís da Câmara Cascudo, como demonstra a apresentação da Lei feita pelo historiador oficial da Cidade do Natal:

[...] Sou um sobrevivente dos Xarias e Canguleiros, do presidente da Intendência, da feira do Paço da Pátria, iluminação a carborêto, bonde de burros, do primeiro automóvel, primeiro cinematógrafo, primeira bola de futebol. Posso emocionarme na promulgação da lei municipal que situa a capital no clima da atualização progressiva, libertando-a do vandalismo individual, garantindo-lhe a fiscalização vigilante à higiene, equilíbrio, estética do conjunto, regularidade da circulação, impondo o encanto harmônico permitindo a cada cidade racional a fisionomia inconfundível, característica, afastando a maldição padronizadora, mecânica, a monotonia geométrica dos retângulos e cubos, onde vive sem morar o automatismo dos seres. Esta Lei, PLANO DIRETOR DO MUNICÍPIO, utiliza o solo embelezando-o com o esforço consciente dos homens. Saúdo-a, saudando os que participaram de sua existência⁴.

O prefeito de Natal Jorge Ivan Cascudo Rodrigues, na promulgação da Lei 2.211/74, conclama a execução do Plano Diretor. Essa posição do chefe do executivo municipal é explicitada no autógrafo reproduzido abaixo:

⁴NATAL. Prefeitura Municipal. Plano Diretor da Cidade do Natal/1974, p.4.



Natalense,
 Eis o Plano Diretor
 de sua Cidade. Ele foi
 feito para ser executa-
 do, e cumprido. Seja o
 Defensor e o guardião
 do Plano, que é seu,
 e que lhe entrego,
 agora.
 Sua Cidade é Você.
 10.07.74 *João Ivan Falcão Rodrigues*
 Prefeito do Natal⁵

O segundo parágrafo da Lei 2.211/74 define a implantação do Plano Diretor em duas etapas: a primeira, de aplicação imediata, definida por esta Lei; a outra, compreendendo projetos e detalhes de implementação, elaborados pela Secretaria Municipal de Planejamento e Coordenação Geral (SEMPGA), em fases sucessivas, estudada e aprovada pelo Conselho de Planejamento Urbano do Município do Natal (COMPLAN) e ratificada por ato do Poder Executivo.

⁵NATAL. Prefeitura Municipal. Plano Diretor da Cidade do Natal/1974, p.3.



Dentre as várias ações propostas pelo Plano Diretor 1974, pode-se destacar a institucionalização do planejamento urbano, inclusive a partir de dois órgãos: a SEMPLA e o COMPLAN. O município passava a contar com uma estrutura que tinha como atribuição propor formas de intervenções na urbe, neste sentido:

O Plano Diretor 74, elaborado, como se viu, a partir do documento Wilhelm Serete, conservou os elementos essenciais daquele plano de 1968. E, ao preservar o esquema de zoneamento por predominância de usos localizados ao longo dos principais eixos viários, ratificou a estrutura existente, consolidando o padrão de expansão de Natal, à margem direita do rio Potengi, estabelecido no início do século pelo plano da Cidade Nova, e consolidado a partir de 1942. O Plano Diretor 74 embora tenha preservado, em sua essência, a forma de apropriação urbana, e a segregação sócio-espacial vigente, definiu, no entanto, entre outras áreas, as dunas situadas ao sul do município (dunas-sul) como área de preservação que, não obstante, continuaram sendo ocupadas (LIMA, 2001, p. 114).

Apesar de o Prefeito Jorge Ivan Cascudo ter convocado os natalenses para serem os defensores e guardiões do Plano Diretor-1974, este Plano não foi efetivamente executado e, como já nos referimos anteriormente, não existiu nenhum espaço que possibilitasse a participação popular. O Plano Diretor-1974, não expressou uma mudança significativa na estrutura da cidade. Na verdade, percebemos que ocorreu uma preocupação em justificar do ponto de vista legal a expansão da cidade, seguindo o desenho da Cidade Nova, deixado, como disse Cascudo, pela ave de arribação Antonio Polidrelli. O Plano Diretor-1974, entretanto, representou um marco na transição do urbanismo para o planejamento urbano.

PLANO DIRETOR DE ORGANIZAÇÃO FÍSICO-TERRITORIAL DO MUNICÍPIO DE NATAL 1984

Meu Brasil
 que sonha com a volta do irmão do Henfil,
 com tanta gente que partiu
 num rabo de foguete.
 Chora a nossa pátria mãe gentil,
 choram marias e clarisses
 no solo do Brasil.
 Mas sei,
 que uma dor assim pungente
 não há de ser inutilmente...⁶

⁶A música O Bêbado e a Equilibrista, de João Bosco e Aldir Blanc, gravada em 1978, transformou-se no hino da campanha pela Anistia Geral e Irrestrita.



A década de 1980 chegou trazendo ventos de democracia, homens e mulheres voltavam a respirar liberdade. O autoritarismo político imposto pelos militares, por pressão dos movimentos sociais, ia aos poucos cedendo espaço ao diálogo, à participação popular. Com a promulgação da Lei da Anistia em 1979, cidadãos que viviam exilados do Brasil, como, Miguel Arrais, Leonel Brizola e Herbert de Souza, voltavam à cena política. As ruas e praças transformavam-se em palcos de comícios por mais liberdades democráticas.

O regime militar inaugurado em 1964 desmanchava-se no ar. Os algozes de centenas de defensores das liberdades, não tinham como deter o grito que eclodia das ruas exigindo Diretas Já, substituído, logo depois, por Tancredo Já. Com a eleição de Tancredo Neves encerrava-se o ciclo de generais no poder⁷.

O Plano Diretor de Organização Físico-Territorial-1984 surgiu nesta época de transição política, fechavam-se as portas do modelo autoritário construído pelos militares e abria-se um novo horizonte com as cores da democracia. O Plano Diretor, o segundo de Natal, foi aprovado pela Câmara Municipal e sancionado pelo Prefeito Marcos Formiga, nascendo, assim, em forma da Lei 3.175/84. Uma das novidades desta Lei foi a criação de uma estrutura administrativa, voltada especificamente para o planejamento urbano, pois:

A Lei 3.175/84, além de submeter as propostas orçamentárias anuais e plurianuais às suas diretrizes e objetivos (artigo 245), determinava também que sua implantação ficaria à cargo da Secretaria Municipal de Planejamento, com apoio técnico de um órgão competente a ela diretamente vinculado (artigo 246). Este órgão proposto inicialmente como uma Comissão Permanente do Plano Diretor, foi criado depois com a denominação de Instituto de Planejamento Urbano de Natal (Iplanat). Suas principais atribuições eram: fixar diretrizes de implantação do plano diretor e de seu acompanhamento e propor projetos de alteração, atualização, detalhamento, e solução de casos omissos (LIMA, 2001, p. 115).

O arquiteto Moacir Gomes, que já tinha coordenado o grupo de trabalho responsável pela elaboração do Plano Diretor-1974, esteve à frente deste novo Plano. Diante do novo contexto político, o grupo de trabalho responsável pela elaboração do Plano Diretor de Organização Físico-Territorial-1984, mesmo guardando uma herança tecnocrática, abriu alguns canais de participação da população na elaboração da proposta deste plano. Vivíamos no início da década de 1980, momentos de reconstrução da democracia, os movimentos sociais, organizações partidárias e sindicais, davam o tom dos novos tempos. Consolidava-se na sociedade brasileira um forte sentimento de transformação. Deste modo:

⁷Em 15 de janeiro de 1985, Tancredo Neves e José Sarney, foram eleitos presidente e vice-presidente, naquela que foi a última eleição indireta.



PLANO DIRETOR DO MUNICÍPIO DE NATAL 1994

Art. 182. A política de desenvolvimento urbano, executada pelo Poder Público Municipal, conforme diretrizes gerais fixadas em lei, tem por objetivo ordenar o pleno desenvolvimento das funções sociais da cidade e garantir o bem-estar de seus habitantes.

1º O plano diretor, aprovado pela Câmara Municipal, é obrigatório para cidades com mais de vinte mil habitantes, é o instrumento básico da política de desenvolvimento e de expansão urbana.⁸

A constituição de 1988, a Constituição Cidadã, proclamada pelo Senhor Diretas Ulisses Guimarães, representou um marco importante nas garantias dos Direitos Humanos nos seus diversos segmentos. Na temática, aqui tratada, vale destacar o artigo 182, nele o constituinte disponibilizou aos cidadãos um instrumento legal que garantiu sua participação efetiva na elaboração de leis que visassem à ordenação e organização do espaço urbano. O primeiro parágrafo, do artigo supracitado, obrigava as cidades com mais de vinte mil habitantes a ter um plano diretor aprovado pela Câmara Municipal. Deste modo, preocupava-se com a melhoria da qualidade de vida dos moradores da urbe, e, ao mesmo tempo, criou canais de participação popular.

Estas conquistas democráticas expressavam os anseios da sociedade civil organizada, traduzidos em vários movimentos que eclodiram no Brasil no início dos anos oitenta. O Movimento pela Reforma Urbana (MRU), surgido neste período, foi um dos grupos que procuraram pautar a Assembléia Constituinte, com questões voltadas para a problemática urbana. Como verificamos na redação final da nossa lei maior, a pressão popular foi fundamental para que existissem formas de inibir ou até acabar com as intervenções urbanas concebidas longe do povo. O Plano Diretor, então, foi uma ação lúcida dos constituintes de 1988.

Por força legal, o Plano Diretor passou a ser parte da legislação de diversos municípios, o que se por um lado representou um sinal de avanço da cidadania, por outro não podemos perder de vista que o plano diretor é um instrumento importante no pensar a cidade, mas não é a redenção final para os problemas urbanos. Verificamos, então, que:

[...] o plano diretor não é solução nem panacéia; é instrumento de luta. Não é instrumento de controle, mas instrumento de reforma urbana. Não é modelo de racionalização, mas conquista da cidadania.

De acordo com a Carta de Angra⁹, o plano diretor, ..., deve explicitar uma forma de produção e apropriação da cidade que priorize a gestão democrática, a redistribuição da riqueza e a proliferação dos centros de decisão e de poder (LIMA, 2001, p. 133).

⁸Constituição Federal de 1988

⁹Documento final do III Fórum Nacional de Reforma Urbana, realizado em agosto de 1990 na cidade de Angra dos Reis.



A cidade do Natal, através das forças vivas da sociedade, insere-se neste novo contexto sócio-político da pós-constituente. Técnicos do Instituto de Planejamento Urbano de Natal (Iplanat), coordenados pela arquiteta Josenita Dantas, elaboraram o Plano Diretor-1994. Dez anos depois do Plano Diretor de Organização Físico-Territorial-1984, a cidade de Câmara Cascudo conheceu o seu terceiro instrumento de ordenamento urbano. Aprovado pela Câmara Municipal e sancionado pelo Prefeito Aldo Tinôco nascia a Lei Complementar nº 07, ganhava caráter legal o Plano Diretor.

Refletindo esse novo momento histórico, o Plano Diretor-1994 tem na sua construção uma participação significativa da sociedade natalense. Foram realizados vários encontros/debates em Associações Comunitárias, Entidades Estudantis, Sindicatos, Escolas. Enfim, buscou-se ir ao encontro daqueles, que em última instância, seriam afetados pelas modificações propostas na legislação urbana. Outro fórum importante no processo de reflexão do plano diretor foi a Câmara Municipal, que abriu suas portas para audiências públicas. Estas audiências tinham como objetivo envolver diversos segmentos sociais no debate em torno da Lei Complementar nº07.

Desde o início de sua concepção, o Plano Diretor-1994 foi alvo de várias críticas, sendo o centro de discussões acaloradas. Grupos sociais distintos se posicionavam a favor e contra as diretrizes anunciadas. A favor do esboço inicial do projeto, entre outras organizações, encontrava-se o Instituto dos Arquitetos do Brasil – Seção do Rio Grande do Norte (IAB-RN), e do outro lado, destacava-se por suas críticas contrárias, o Conselho Regional de Corretores Imobiliários do Rio Grande do Norte (CRECI-RN). Deste confronto, de concepções antagônicas sobre modelos de urbanização, surgiu um plano diretor que foi além do planejamento.

Este confronto de visões sobre o modelo de cidade, de certa maneira possibilitou a elaboração de uma lei que rompeu com o ideal de uma urbanização harmônica. Na verdade, o que se buscou foi um instrumento normativo que servisse de fundamentação legal na ordenação do espaço municipal. Deste modo:

Esse plano diretor abandona o ideal de construção da cidade harmônica preconizada pelo urbanismo racionalista, adotado nos planos de 1968, de 1974 e de 1984, e se dirige à cidade real – lugar de conflitos, contradições e interesses antagônicos, mas também lugar de interesses convergentes, da participação social e da solidariedade. Por isso anuncia, em seu artigo primeiro, que quer ser apenas o instrumento básico da política de desenvolvimento urbano do município, bem como de orientação do desempenho dos agentes políticos e privados que atuam na produção e gestão do espaço urbano. Ou seja, quer ser apenas um árbitro desse processo, no qual atuam forças com interesses e capacidade de pressão diferentes (LIMA, 2001, p. 136).



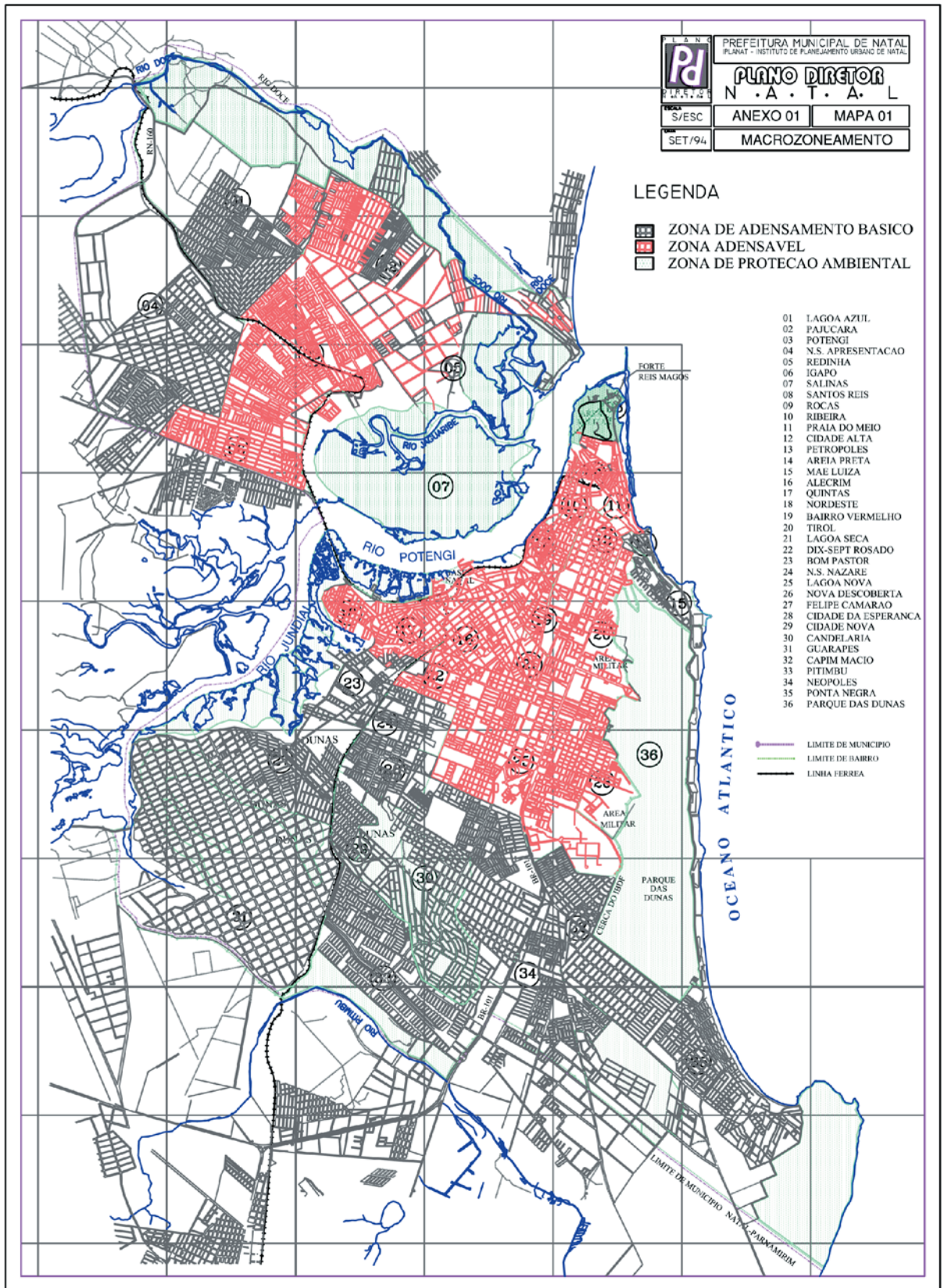


Figura 17 - Plano Diretor de Natal Macrozoneamento 1994.
Fonte: SEMURB.



Podemos concluir que a Lei Complementar nº. 07 de agosto de 1994, que dispõe sobre o Plano Diretor de Natal, representou de certo modo os ideais de intervenções urbanas preconizadas pelo MRU. Na sua essência, está a idéia de que a cidade ideal é a cidade socialmente justa, como exemplifica em seu:

Art. 2º O Plano Diretor tem como objetivo o pleno desenvolvimento das funções sociais da cidade e da propriedade, garantindo um uso socialmente justo e economicamente equilibrado do seu território de forma a assegurar a todos os seus habitantes condições de bem estar e segurança..¹⁰

Um plano debatido com a sociedade. Esta é, com certeza, a característica maior do Plano Diretor-1994. Porém, a estrutura segregacional, presente no Plano Polidreli, continuou, apesar de olhares diferentes serem lançados à margem esquerda do Rio Potengi.

PLANO DIRETOR DO MUNICÍPIO DE NATAL 2007

Art.2º. A política urbana tem por objetivo ordenar o pleno desenvolvimento das funções sociais da cidade e da propriedade urbana, mediante as seguintes diretrizes gerais:

- I garantia do direito a cidades sustentáveis;
- II gestão democrática;
- (...)

Art. 39º. A propriedade urbana cumpre sua função social quando atende às exigências fundamentais de ordenação da cidade expressas no plano diretor, assegurando o atendimento das necessidades dos cidadãos quanto à qualidade de vida, à justiça social e ao desenvolvimento das atividades econômicas, respeitadas as diretrizes previstas no art. 2º desta lei.¹¹

Estes artigos do Estatuto da Cidade são bem ilustrativos dos instrumentos legais em que se fundamentou a proposta de revisão do Plano Diretor-1994. Fruto da mobilização popular, o Estatuto da Cidade tem, na sua essência, a democracia participativa. Os municípios, através do Poder Executivo, são por força desta Lei obrigados a criar mecanismos de ouvir os seus habitantes na formulação de políticas públicas referentes ao ordenamento da urbe. Governantes e gestores tinham, à disposição, ferramentas que legitimavam a ordenação do espaço urbano:

¹⁰Lei Complementar nº. 07/1994. (Publicado no Diário Oficial do Estado, em 07 de setembro de 1994 - caderno especial).

¹¹Lei nº. 10.257/2001 - Estatuto da Cidade.



Entre outras disposições regulamentares, a lei Estatuto da Cidade consolida e cria instrumentos para que governantes e gestores municipais possam intervir de fato nos processos de manejo, ocupação e uso do solo municipal. Para isso, é reafirmado o Plano Diretor como principal meio para gerir o crescimento e ordenamento físico das cidades¹².



Figura 18 - Abertura da Conferência de Revisão do Plano Diretor Participativo da Cidade do Natal 08.12.2005.
Fonte: SEMURB.

O Estatuto da Cidade reflete o sentimento do constituinte de 1988 que, ouvindo o clamor dos movimentos sociais, repensa o papel das cidades, indicando na Carta Magna a cidade como ente importante da Federação. Como verificamos:

A Constituição de 1988 redefiniu a importância das cidades no cenário nacional, conferindo-lhes maior autonomia para gerar e administrar recursos e práticas locais, revelando a cidade como protagonista de seu próprio destino. A característica do 'peso' da União, iniciada pós-1930, nas decisões de intervenção cede lugar aos planejamentos estratégicos locais; [...] (SILVA, 2006, p. 294).

¹²CURITIBA, PREFEITURA MUNICIPAL. Plano Diretor/2004: O Planejamento Urbano de Curitiba, 2004.



Os planos diretores de Natal pós-1988 traduzem este novo cenário político. Conquistas e avanços contidos nestes instrumentos são frutos da abertura de novos espaços de participação popular. A tendência de democratização, que já era uma realidade na elaboração do Plano Diretor-1994, se consolida na concepção do Plano Diretor-2007.

A revisão do Plano Diretor-1994 ocorreu, então, em um momento, de muita mobilização e debates sobre o viver nas cidades. Este era o clima vivido após a promulgação do Estatuto da Cidade. Foi neste contexto que a Prefeitura, através da SEMURB, convocou a Conferência de Revisão do Plano Diretor Participativo da Cidade do Natal. Evento marcado pela democracia, realizado nos dias 08, 09 e 10 de dezembro de 2005, com a participação de 105 delegados eleitos pelos diversos segmentos representativos da sociedade natalense.

Eram representantes do Setor Público e Poder Legislativo, Movimentos Sociais e Populares, Entidades Sindicais, Operadoras e Concessionárias de Serviços, Entidades Profissionais e Acadêmicas e Pesquisas, Organizações Não-governamentais e Conselhos de Classes. Foram três dias de muito debate sobre os destinos da cidade, destacando como pontos mais polêmicos a Outorga Onerosa e a Preservação de Áreas Não-edificantes.

O centro deste debate era o modelo de cidade verticalizada, pressionada por interesses imobiliários, ou uma cidade que preserve o meio-ambiente.

Um plano elaborado por técnicos, mas que tem a marca da participação popular. Esta é, sem dúvida, a maior conquista deste Plano Diretor. Um diálogo, entre Poder Executivo e Cidadãos, que aconteceu de forma permanente desde meados de 2004, quando se iniciou o processo de revisão do Plano Diretor-1994. Opinião comum aos estudiosos da urbanização de Natal é que a elaboração deste Plano Diretor-2007 foi rica em termos de espaços de participação democrática, dos diversos segmentos da sociedade civil.

Avanços importantes foram conquistados no Plano Diretor-2007. Destacam-se: a Política de Habitação de Interesse Social, a Regularização Fundiária e a Questão Ambiental. Um plano fruto do diálogo e do debate com a sociedade, sintonizado com as demandas do mundo contemporâneo. Este é o Plano Diretor-2007.





Figura 19 - Vista aérea da cidade do Natal - divisão atual dos bairros (adaptação Aslan). Base cartográfica 2006.
 Fonte: SEMURB.



2.2 NOTAS SOBRE A CIDADE DO NATAL

João Gothardo Dantas Emerenciano
Pesquisador SEMURB

1599 Fundação da Cidade do Natal no dia 25 de dezembro.

1600 O Capitão-Mor João Rodrigues Colaço concede aos Jesuítas a primeira data de terra no sítio da Cidade.

1608 O Governador do Recife D. Diogo de Menezes informa a Sua Majestade no dia 04 de dezembro sobre Natal: A povoação que está feita não tem gente

1612 O Sargento-Mor Diogo de Campos Moreno no **Livro que dá razão do Estado do Brasil** situa a nascente povoação natalense: Tem pobrememente acomodados até vinte e cinco moradores brancos .

1627 A povoação é muito limitada a respeito dos moradores estarem e morarem nas suas fazendas, onde muito deles têm suas casas mui nobres , afirmou Domingos da Veiga, morador de Natal.

1628 Natal tinha uma Igreja e oito casas conforme o depoimento de um grupo de índios em Amsterdam, redigido por Hessen Gerritsz.

1630 A cidade contava entre trinta e cinco e quarenta casas de barro e palha, os habitantes mais abastados vivendo nos sítios apenas vindo na cidade aos domingos , segundo relata Adriano Verdonck enviado das autoridades de ocupação holandesa no documento **Descrição das Capitânicas de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande .**

1634-44 Gaspar Barléu, cronista do Conde Maurício de Nassau informa ser A vila de Natal de aspecto triste e acabrunhada pelas ruínas e vestígios de guerra .

1639 Adriaen Van Der Dussen no **Relatório sobre as capitânicas conquistadas no Brasil pelos holandeses** informa que a capitania já teve uma cidadezinha chamada Cidade do Natal, situada a légua e meia do Castelo Keulen rio acima, mas totalmente arruinada . 150

1673 O Capitão-Mor Antônio Vaz Gondim e os Oficiais da Câmara pedem uma esmola a sua majestade, para a construção da matriz, visando fixar a população: Acabando-se a igreja se povoaria a cidade .

1722 O Capitão-Mor José Pereira Fonseca em carta enviada a El-Rei, no dia 07 de abril, relata que Natal Tem apenas trinta casas e os arredores eram mato fechado .

1729 João Maia Gama no relatório de inspeção as capitânicas informa que a cidade é fundada em um alto e ainda que muito areento, contudo com terreno capaz e levado dos ventos e tem cinquenta para 60 casas e muitas mais perto da cidade porque a mais gente vive nas suas fazendas .

1732 Construção do Pelourinho.

1746 O Bispo de Olinda Dom Frei Luiz de Santa Tereza em relatório apresentado a Santa Sé, diz que Natal é tão pequena que além do título de cidade, igreja paroquial e poucas casas, nada tem que represente a forma de cidade. Da cidade de Natal não-há-tal como por brincadeira se diz .

1777 Domingos Monteiro da Rocha, Ouvidor da Paraíba, informa que o povoado da Cidade do Natal tinha quatrocentas braças de comprido por cinquenta de largo com 118 casas.

1810 Henry Koster, viajante inglês autor do livro **Viagem ao Nordeste do Brasil** informa que três ruas convergiam para a praça da matriz, inexistia calçamento e a população era em torno de seiscentos ou setecentos habitantes.

1813 Inauguração do Quartel de Companhia de Linha.

1844 A Lei Provincial nº 118, de 09/11/1844 delimitou o quadro da cidade: do Baldo à Gamboa de



João da Costinha e da margem do rio até a Estrada Nova depois Rua da Aurora; O censo apresenta uma população de 6.454 habitantes.

1846 A resolução 140 aprovou o contrato feito para o aterro do rio Salgado (Potengi).

1847 Plano Topo-Hidrográfico realizado pelo capitão-tenente F.J. Ferreira. 151

1852 A Câmara Municipal proíbe a construção de casas cobertas de palhas, capim ou junco nas principais ruas da cidade.

1855 A Resolução nº 323, de 02 de agosto de 1855 autorizava ao Presidente Passos a construir um cemitério concluído no ano seguinte.

1856 Inauguração da feira pública criada pela Lei Provincial nº 74, de 11.11.1841.

1870 O art. 24 da Lei 635 autorizava o Presidente contratar o abastecimento d' água da capital.

1878 Inauguração do telégrafo elétrico no dia 04 de agosto.

1892 Inauguração do primeiro mercado público no dia 07 de fevereiro.

1901 Criação do bairro Cidade Nova através da Resolução Municipal nº 15, de 30.12.1901.

1902 Inauguração da primeira fábrica de gelo no bairro da Ribeira no dia 28 de janeiro.

1903 A Intendência Municipal inicia a colocação das placas de ágata com os nomes das ruas e praças da cidade.

1904 Início da execução de projetos de urbanização e paisagismo de autoria do Arquiteto Herculano Ramos: Inauguração do Teatro Carlos Gomes no dia 24 de março.

1905 Inauguração do primeiro trecho iluminado a gás acetileno no bairro da Ribeira em 27 de junho.

1906 Inauguração do primeiro trecho iluminado a gás acetileno no bairro da Cidade Alta em 15 de novembro.

1907 Início de perfurações de poços respondendo pelo abastecimento da cidade até 1938.

1908 Circulam os primeiros bondes à tração animal (burros) da Companhia Ferro-Camil inaugurando o primeiro trecho da Rua Silva Jardim à Praça Padre João Maria; No dia 18 de janeiro a Intendência Municipal, através da resolução 115, determina a praia de Areia Preta como primeiro balneário da cidade.

1911 Criação do quarto bairro da cidade Alecrim: Inauguração da iluminação elétrica na cidade e residências particulares: Instalação do primeiro telefone de Natal na residência da Sra. Sinhá Galvão: Inauguração do serviço de bondes elétricos no dia 02 de outubro, circulando até 1955; Inauguração do primeiro cinema Politeama no dia 08 de dezembro: Demolição da antiga cadeia pública na Praça André de Albuquerque e instalação da Casa de Detenção no Monte Petrópolis.

1915 A empresa Força e luz estende o serviço de bondes até a praia de Areia Preta.

1916 A ponte metálica sobre o Rio Potengi é entregue ao tráfego no dia 20 de abril.

1922 Inauguração do edifício da Prefeitura Municipal no dia 07 de setembro.

1926 Confecção da Planta Topográfica da cidade registrando os serviços de saneamento existentes.

1928 Inauguração do Estádio Juvenal Lamartine no dia 12 de outubro.

1929 A Resolução nº 304, de 06.04.1929 autorizou o Prefeito Omar O Grady a contratar o Plano de Sistematização da Cidade sendo responsável pelo projeto o arquiteto Giacomo Palumbo.

1935 O Plano Geral de Obras contratado junto ao escritório Saturnino de Brito abrangendo projetos e execução de serviços de águas e esgotos inaugurados em 1939.

1946 Inauguração da Avenida Circular, atual Avenida Presidente Café Filho, na administração do Prefeito Sylvio Piza Pedroza.

1947 O Decreto-Lei nº 251, de 30 de setembro de 1947 promoveu a divisão das áreas urbanas e suburbanas em onze bairros.



- 1951** Inauguração do Farol de Mãe Luiza no dia 15 de agosto.
- 1963** Construção da estação rodoviária no bairro da Ribeira em 15 de dezembro.
- 1964** Construção do primeiro conjunto habitacional Cidade da Esperança.
- 1967** Elaboração do Plano Diretor da Cidade do Natal através da SERETE tendo como coordenador o arquiteto Jorge Wilhelm com dois objetivos principais: garantia da linearidade das estruturas urbanas e manutenção da unidade urbanística, através do adensamento do uso do solo e da redistribuição da população em alguns bairros.
- 1972** Inauguração do Estádio Humberto de Alencar Castelo Branco (Castelão) no dia 14 de junho. 153
- 1973** Avaliação do Plano da SERETE, sob a orientação do arquiteto Sérgio Domicely da CEPAL, visando atualizá-lo e implementá-lo; Projeto de Lei nº 2.211 criando o Plano Diretor de Natal, sob a responsabilidade do arquiteto Moacyr Gomes da Costa.
- 1974** Sancionada a Lei Municipal nº 2.211, constando o Código de Obras do Município; Construção do viaduto Ponta Negra .
- 1977** Trabalho coordenado pelo professor Valdomiro Alves de Souza, objetivando preparar regulamentação adequada à Lei nº 2.211/74; Criação do Parque das Dunas em 22.11.77, através do Decreto Estadual nº 7.237.
- 1979** Proposta para delimitação dos bairros PMN/IDEC.
- 1984** A Lei nº 3.175/84 dispõe sobre o Plano Diretor de Organização Físico-Territorial do Município de Natal e dá outras providências.
- 1989** Criação das Regiões Administrativas através da Lei 3.878/89.
- 1990** Promulgação da Lei Orgânica do Município do Natal no dia 08 de abril.
- 1991** A equipe técnica do IPLANAT, sob a coordenação do Professor Valdomiro Alves de Souza, inicia os estudos para atualização do Plano Diretor com conclusão prevista para abril de 1993.
- 1994** A Lei Complementar nº 07, de 05 de agosto de 1994 dispõe sobre o Plano Diretor de Natal e dá outras providências ; Redifinição de limites dos bairros através das Leis 4.327/94, 4.328/94, 4.329/94 e 4.330/94.
- 1997** Criação da Região Metropolitana de Natal-RN, através da Lei Complementar 152 de 16 de janeiro.
- 2004** Início da construção da Ponte de Todos Newton Navarro, ligando o bairro de Santos Reis à praia da Redinha.
- 2007** A Lei Complementar nº 082, de 21 de junho de 2007, dispõe sobre o Plano Diretor de Natal e dá outras providências; Inauguração da Ponte de Todos Newton Navarro , no dia 21 de novembro.
- 2008** Inauguração do Parque da Cidade Dom Nivaldo Monte e do Museu de Cultura Popular Prefeito Djalma Maranhão.

Fontes: Guia da Cidade do Natal , de J.A. Negromonte e Etelvino Vera Cruz. Natal, 1958/59: História da Cidade do Natal , de Luis da Câmara Cascudo. 2ª Edição: Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, Brasília: INI. Natal: UFRN. 1980: Aspectos da Evolução Urbana e Demográfica de Natal , de Hélio Galvão. In: Revista da Academia Norteriograndense de Letras. Vol. 26 nº 14. Natal. 1978; Terra Natalense , de Olavo Medeiros Filho. 1ª edição. Fundação José Augusto, Natal, 1991 Revisão do Plano Diretor da Cidade . Prefeitura Municipal do Natal IBAM. 1987: Perfil dos Bairros do Município de Natal PMN/IPL ANAT/GERINT. Natal 1998: Lei do Plano Diretor e Coletânea de Leis dos Limites de Bairros de Natal (Diário Oficial do Estado), Edição de 07 de setembro de 1994.



2.3 ORIGEM DOS NOMES DOS 36 BAIRROS DE NATAL-RN E ALGUMAS LOCALIDADES

Manoel Procópio de Moura Júnior
Escritor e procurador

Cada bairro de uma cidade é parte integrante do todo administrativo, como também, é uma parcela indivisível na visão dos seus habitantes, haja vista as grandes contendas acontecidas entre os habitantes dos bairros Cidade Alta e Ribeira, ou seja, entre Xarias e Canguleiros respectivamente, no início do século passado.

Natal conta hoje com 36 bairros cujos espaços são reconhecidos pela municipalidade que lhe confere denominações oficiais. Entretanto, as origens dos seus nomes e de algumas áreas que já foram consideradas bairros, são desconhecidas por uma parcela da população e, com raríssimas exceções, pelos próprios residentes do bairro.

BAIRROS DA REGIÃO ADMINISTRATIVA NORTE

IGAPÓ Antigamente o local se chamava Aldeia Velha. Igapó no idioma tupi significa água que invade, a enchente, o alagável. Como aquela região apresenta estas características e tendo sido uma antiga taba, originou o nome indígena do bairro.

LAGOA AZUL O bairro surgiu em uma área próxima a várias lagoas, inclusive uma que se chama Lagoa Azul, estando aí a origem do topônimo do bairro.

NOSSA SENHORA DA APRESENTAÇÃO O nome do bairro é uma reverência a padroeira da cidade do Natal que é festejada em data de 21 de novembro.

PAJUÇARA - O nome é proveniente de Ipajuçara, que no idioma indígena significa *lagoa da palmeira juçara* (juraça em Tupi significa espinhosa). Em 1987, foi construído o Conjunto Pajuçara I e II, iniciando assim a primeira ocupação do bairro que foi oficializado com o nome do Conjunto.

POTENGI O nome do bairro é uma referência ao Rio Potengi que banha a Cidade do Natal. Antigamente o rio era conhecido como Rio Grande.



REDINHA - O pesquisador Olavo Medeiros Filho, (*Terra Natalense*, 1991/93), diz de uma doação feita a Joana de Freitas da Fonseca, viúva do Capitão Manuel Correia Pestana, com os seguintes dizeres: "Receberam, por título de compra, da viúva Dona Grácia do Rego o sítio chamado de Redinha, da outra banda do rio desta Cidade . O nome deve ter neste sítio a sua origem.

SALINAS O Engenheiro Roberto Freire pretendia instalar, nas terras em que se encontra o bairro, uma salina e com essa finalidade adquiriu as terras que pertenciam à família Toselli. Com o passar do tempo, verificou-se que fatores de ordem natural, como o alto índice de pluviosidade, dificultam o sucesso do empreendimento, não justificando investir na atividade naquele local, no entanto o empreendimento determinou o nome do bairro.

BAIRROS DA REGIÃO ADMINISTRATIVA SUL

CANDELÁRIA - Este nome é procedente do Conjunto Habitacional Candelária, sendo conservado quando o conjunto passou a condição de bairro.

CAPIM MACIO Informa o escritor Itamar de Souza que o nome Capim Macio é proveniente da própria vegetação da planície onde se expandiu o casario do bairro.

LAGOA NOVA - A instalação do Campus da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e do Centro Administrativo, no lugar onde existia uma lagoa nova, daí a inspiração do nome.

NEÓPOLIS - O bairro recebeu o nome em razão do conjunto habitacional com este nome, construído pelo INOCOOP-RN, que antecedeu a oficialização do bairro.

NOVA DESCOBERTA O bairro se chamava *coréia dos índios* para depois se chamar Nova Descoberta, por ser uma nova descoberta para os flagelados da seca de 1953, que ali se alojaram. Outros pesquisadores afirmam ter sido um seresteiro conhecido por Manoel do Óleo, que batizou o bairro com este nome.

PITIMBU Pitimbu, segundo Câmara Cascudo, significa na língua indígena, água nascente, *rio manadouro de camarão*. É o nome do rio que corre em seu território, vindo de Parnamirim, formador da Lagoa do Jiqui. Este nome aparece em documentos datados do século XVII. O bairro herdou o nome do rio.

PONTA NEGRA - A primeira referência a este nome é do século XVII, durante a ocupação holandesa. Na Cartografia do Rio Grande do Norte de 1877, refere-se a casas e oração e escola pública na povoação de Ponta Negra. Possivelmente, devia existir, na época, um acidente geográfico que lembrasse esta denominação.



BAIRROS DA REGIÃO ADMINISTRATIVA LESTE

ALECRIM Conta-se que ali morava uma velha que costumava enfeitar com ramos de alecrim os caixões dos anjinhos enterrados no cemitério da cidade do Natal. Outros pesquisadores afirmam ser pela abundância do Alecrim-do-Campo, naquela região.

AREIA PRETA Segundo Câmara Cascudo, seu nome provém da cor das falésias ou barreiras ali existentes.

BARRO VERMELHO Este topônimo se perde no tempo, pois já era citado em documentos históricos datados de 1787. Em fins do século XVIII, consta este nome em doações de terras do Senado da Câmara, como era chamado o Governo da cidade. O escritor Itamar de Souza acredita que provem da cor do terreno ali existentes.

CIDADE ALTA - O sítio da futura Cidade do Natal foi escolhido por ser num chão elevado e firme à margem direita do Rio Potengi. Com o crescimento da cidade o primeiro bairro, por está localizado em um chão elevado, ou seja alto, adotou o nome de Cidade Alta.

LAGOA SECA No início do século passado, no terreno de Lagoa Seca, havia plantas silvestres vacarias e sítios e era um dos arrabaldes mais visitados pelo natalense. A partir de 1920, foi se formando uma aglomeração em torno da Lagoa Seca que ficava em uma das esquinas formadas pelas atuais avenidas, Prudente de Moraes e Alexandrino de Alencar. Seu sangradouro encontrava-se no Riacho do Baldo, que por sua vez, provinha da Lagoa Manuel Felipe. Este aglomerado da lagoa seca transformou-se no bairro, cujo nome foi conservado.

MÃE LUIZA - Em um morro, próximo a praia do Pinto, existia uma parteira que ao se deslocar para prestar, a noite, os seus meritórios serviços de ajudar as parturientes que estavam prestes a dar a luz, alumiaava os seus caminhos com um lampião. Esta senhora era conhecida por Mãe Luíza. Em homenagem a esta parteira, o Morro do Pinto, passou a ser conhecido como morro de Mãe Luíza e posteriormente, quando toda aquela área foi transformada em bairro, conservou-se o mesmo nome.

PETRÓPOLIS O nome Petrópolis, segundo o Governador Alberto Maranhão, que foi eleito governador do Estado, em 14 de junho de 1899, passando a dirigir os destinos do Rio Grande do Norte no período de 1900 a 1904, este topônimo está ligado à cidade homônima Fluminense.

PRAIA DO MEIO - Um tipógrafo chamado Manuel Joaquim de Oliveira construiu uma casa em frente ao mar. A casa ficava entre as praias de banho, Ponto do Morcego como era popularmente chamada e a Praia de Areia Preta. O local da casa ficou sendo chamado de Praia do Meio. A praia do meio avançou e ocupou a Ponta do Morcego, ficando tudo como Praia do Meio, dando assim nome ao bairro.

RIBEIRA - A Ribeira foi o 2º bairro de Natal. A cidade começava a crescer na parte baixa da beira rio. Ribeira, segundo o Dicionário Aurélio é o terreno banhado por um rio. Câmara Cascudo esclarece que o bairro antigamente era uma campina alagada pelas marés do Rio Potengi, daí o nome Ribeira.

ROCAS O nome Rocas provém do Atol das Rocas, referência para os pescadores, que ali realizavam suas atividades.



SANTOS REIS A sua denominação é uma homenagem aos Santos Padroeiros: Gaspar, Belchior e Baltazar, cujas imagens foram doadas por El Rei Dom José I, para a capela da Fortaleza dos Reis Magos.

TIROL O nome Tirol, afirmava Pedro Velho, que foi o primeiro governador do Rio Grande do Norte na fase republicana, foi apenas uma lembrança da Áustria, como era costume na época.

BAIRROS DA REGIÃO ADMINISTRATIVA OESTE

BOM PASTOR A origem é bíblica. Usado pelas comunidades cristãs para lembrar a figura de Jesus Cristo.

CIDADE DA ESPERANÇA A Esperança foi o *slogan* da campanha política do ex-Governador Aluizio Alves, que teve a iniciativa de construir o primeiro Conjunto Habitacional da Cidade, denominando-o de Cidade da Esperança. Este nome foi conservado quando o conjunto passou a condição de bairro.

CIDADE NOVA Este nome foi adotado para identificar as várias construções que surgiram ao lado do conjunto habitacional Cidade da Esperança, conservando-o quando passou a condição de bairro.

DIX-SEPT ROSADO Seu primitivo nome era *Carrasco*. Com a morte do ex-Governador Dix-sept Rosado em 1951, o nome do bairro foi mudado em sua homenagem.

FELIPE CAMARÃO Anteriormente, esta localidade se chamava Peixe-Boi devido a presença deste peixe nos mangues do rio. O nome Felipe Camarão, dado ao bairro, é em homenagem ao índio Poti, Antonio Felipe Camarão, que se destacou no combate a invasão holandesa.

GUARAPES Este nome deve-se possivelmente ao prestígio econômico que teve o comerciante Major Fabrício Gomes Pedrosa, pernambucano de Nazaré, dono das terras daquela região que fundou, no século XIX, a Casa dos Guarapes, gerando assim o nome do bairro.

NORDESTE Em 1952 a Rádio Nordeste AM, foi a primeira a adquirir alguns lotes no terreno onde se encontra o bairro para instalar os seus transmissores. Determinando assim o nome do local e posteriormente o nome do bairro.

NOSSA SENHORA DE NAZARÉ - O ex-vereador Geraldo Araújo, um dos fundadores do bairro, querendo prestar uma homenagem a sua terra natal, Nazaré da Mata, no Estado de Pernambuco, deu o nome de Nossa Senhora de Nazaré a este bairro.

PLANALTO - A área de terra do bairro, em sua maioria, fazia parte dos terrenos próprios e terras da marinha, marginais ao Rio Potengi no município de Natal, e, outra parte do terreno, nos municípios de Macaíba e Parnamirim. Ali foi construído o conjunto residencial Planalto, que deu nome ao bairro quando de sua oficialização.



QUINTAS Quintas ou Quinta, segundo Câmara Cascudo, eram casas de campo com terreno de plantio. O mesmo que granja. Antonio da Gama e sua mulher, dona Maria Borges receberam em doação terras devolutas do Senado da Câmara (Governo do Estado), em 1717, onde fizeram as quintas. O nome do bairro localizado nesta área deve ter vindo do tempo desse casal.

ALGUMAS LOCALIDADES

CARRASCO (Hoje Dix-Sept Rosado) Ainda segundo Itamar de Souza, foi assim chamado por ser um lugar ermo, de difícil acesso.

GUARITA - (*ex-bairro pertence hoje aos bairros das Quintas e Alecrim*) Foi originado de uma pequena casa de madeira, construída pela Companhia Great Western, no entroncamento entre as duas estradas de ferro, Great Western e Central do Rio Grande do Norte que servia de ponto para o sinaleiro avisar pelo telégrafo Morse sobre o tráfego dos trens. Com o tempo o povo apelidou a pequena casa de madeira de Guarita ou Gurita.

LIMPA - (*não é bairro, era uma faixa de terra integrada ao bairro das Rocas*) Segundo Lauro Pinto O nome Limpa se deu a uma vasta campina, cuidadosamente plantada e conservada pela antiga Administração do Porto de Natal, com o fim de fixar a areia e impedi-la de chegar ao Rio Potengi e, assim, não aterrar o canal .

MORRO BRANCO (*não é bairro, pertence aos bairros de Nova Descoberta, Tirol e Lagoa Nova*) - Segundo Câmara Cascudo, acredita-se que o nome é proveniente do seu cocuruto de areia prateada que se avista dos bairros próximos.

PASSO DA PÁTRIA (*Cidade Alta*) - A denominação foi em homenagem ao general Osório Duque Estrada, que transpusera o rio Paraná da margem esquerda para a direita, pisando terras inimigas e derrotando os Paraguios, em 16 de abril de 1866, ficando essa batalha conhecida como Passo da Pátria.

REFOLES - (*não é bairro, pertence hoje ao bairro do Alecrim*) - Este topônimo é derivado do Corsário Jacques Riffault, que guardava as suas Naus, na curva no rio Potengi, que era um rio lento ficando a nau abrigada e tranqüila. O Presidente da província Magalhães Taques, mandou construir *no sítio denominado Nau de Refoles* , asilos para as pobres que adoeciam de varíola. Aquele local ficou conhecido como Refoles. O Frei Vicente do Salvador o chamava de Rifot e os portugueses de Rifoles e Refoles.

Fontes: Luiz da Câmara Cascudo História da Cidade do Natal Coleção Cultura II Natal RN Brasil 1999; Lauro Pinto Natal Que Eu Vi Imprensa Universitária Natal Outubro 1971 71p; Manoel Onofre Júnior Breviário da Cidade do Natal 2ª Edição Editora Clima Natal 1984 Lauro Pinto Natal que eu vi Imprensa Universitária Natal Outubro 1971. Edição Fac-Similar Sebo Vermelho; Olavo Medeiros Filho, (Terra Natalense, 1991/93); Itamar de Souza Nova História de Natal Projeto Ler Dário de Natal fascículo 20 de Morro Branco à Ponta Negra (Capim Macio incluso); Dedo mindinho Ano I Nº 5 Primeira publicação do RN dirigida a pais e filhos. 26 páginas (reportagem pág. 24 e 25 sobre Mãe Luíza); Wikipédia, a enciclopédia livre; Site da Secretaria Municipal de Serviços Urbanos e Meio Ambiente SEMURB Conjuntos habitacionais http://www.natal.rn.gov.br/semurb/nossa_cidade/natal2005_conjunto_hab.php.





3. CIRCUITO HISTÓRICO TURÍSTICO E CULTURAL DE NATAL



3.1 NATAL E O TURISMO HISTÓRICO E CULTURAL

A partir de 1978, o turismo no Rio Grande do Norte recebeu um expressivo impulso como atividade econômica. Isso porque, entre outros fatores, a Embratur – Empresa Brasileira de Turismo – passou a comercializar pacotes turísticos destinados à região Nordeste, percebendo nessa área do País um promissor destino; tanto no contexto doméstico, como no internacional. A partir de então, Natal e seus arredores passaram a explorar com maior ênfase essa atividade. Utilizando-se de campanhas publicitárias com destaque para o seu patrimônio natural, especialmente suas belas praias e seu longo período de sol durante o ano, a divulgação da cidade ganhou impulso.

Com essa nova realidade, Natal passou a ostentar o título de cidade turística, tornando-se imprescindível às instituições públicas e privadas investirem nas diversas atividades que constituem a denominada indústria do turismo. Durante o processo de implantação da infra-estrutura necessária, criou-se o projeto de construção da Via Costeira. Obra considerada essencial para o desenvolvimento da rede hoteleira da capital potiguar. Com a assinatura do Decreto nº 7.237, de 22 de novembro de 1977, pelo então governador Tarcísio Maia, essa legislação declarou de utilidade pública as áreas de dunas adjacentes ao Oceano Atlântico, entre a Praia do Pinto e a praia de Ponta Negra, para fins de desapropriação. O projeto previa a edificação de hotéis, cinemas, restaurantes, conjuntos aquáticos, campos de esportes, oceanário, teatro e um centro de convenções.

Embora não tenha implantado todos os itens previstos no projeto original, a construção da Via Costeira, e da estrutura ali desenvolvida, revelou-se de extrema importância para a economia do Estado do Rio Grande do Norte. A partir de então, Natal passou a receber um considerável fluxo de visitantes que proporcionou a consolidação de seu pólo turístico.

Por longo período, a ênfase na divulgação de Natal recaiu sobre suas belezas naturais. Entretanto, cada vez mais, outros atrativos da cidade estão sendo realçados. Pesquisas realizadas com os visitantes revelaram expressivo desconhecimento do seu patrimônio histórico e de seus valores culturais. Na terra de Câmara Cascudo – um dos maiores estudiosos da cultura nacional – esse dado merece reflexão e resolver essa questão tornou-se imperativo. Já não é mais admissível concentrar a divulgação da cidade no binômio sol e mar, o que equivale a nivelá-la a muitas outras com os mesmos atributos. Afinal, o que define a identidade de uma cidade são a sua história e seu patrimônio cultural, verdadeiros biógrafos da sua trajetória enquanto organismo urbano.



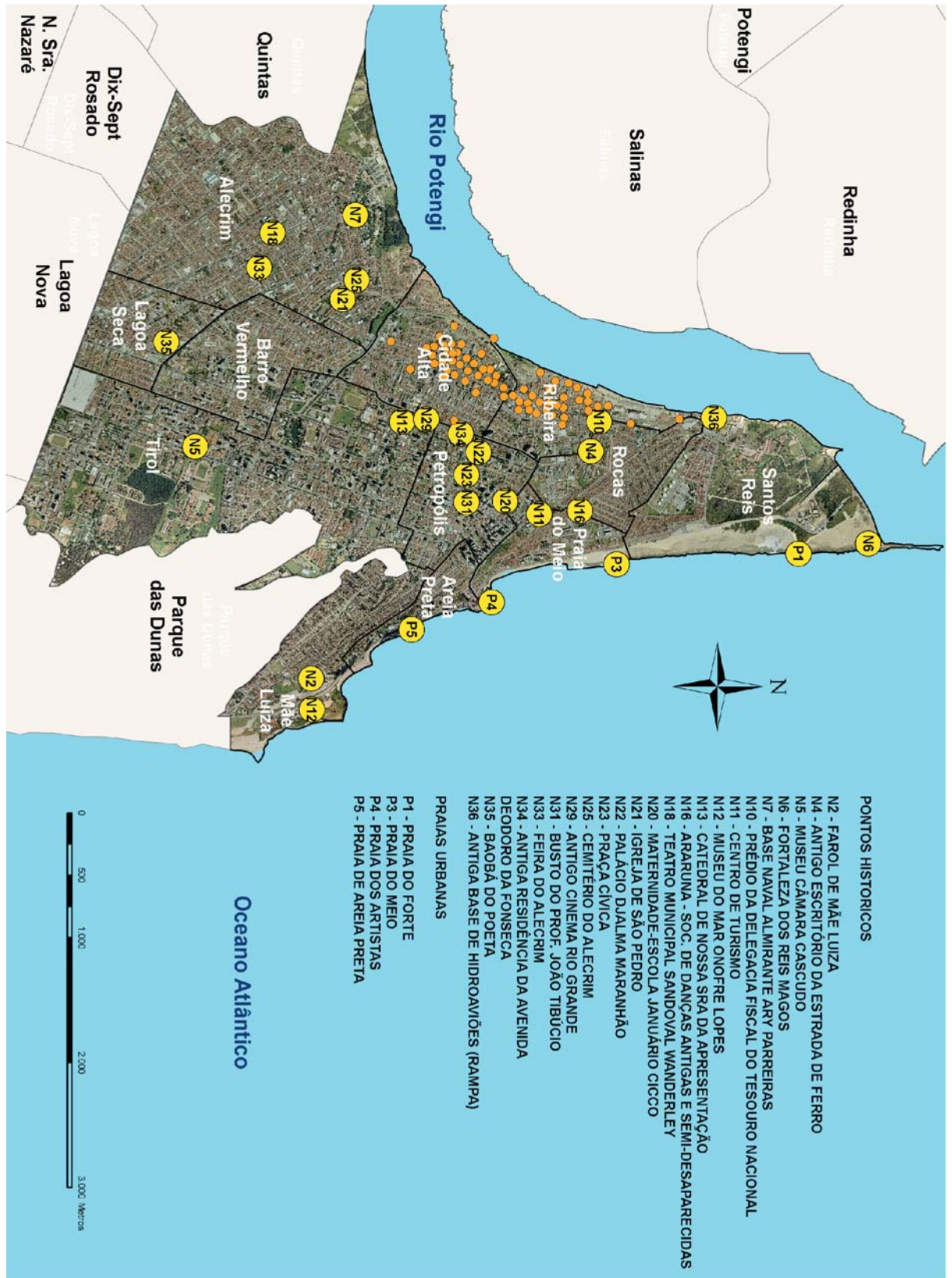
Mapa 01 - Circuito histórico, turístico e cultural de Natal



Fonte: SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo, 2008.



Mapa 02 - Circuito histórico, turístico e cultural de Natal-Região Administrativa Leste



Fonte: SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo, 2008.



3.2 NATAL



Figura N1 - Parque das Dunas. Situado no litoral leste da cidade, ao ser criado, em 1977, tornou-se a primeira Unidade de Conservação Ambiental oficialmente implantada no Rio Grande do Norte. Sua área, de 1.172 hectares, o credencia como o segundo maior parque urbano do Brasil, com mais de 270 espécies de árvores.



Figura N2 - Farol de Mãe Luíza. Situado no bairro Mãe Luíza, nas proximidades da chamada Via Costeira, o Farol teve sua inauguração em 1951. Sua torre mede 37 metros de altura e sua luz emitida atinge cerca de 44 km. Devido à sua relevância, sua imagem já foi utilizada como logomarca da Prefeitura Municipal do Natal. (Foto: Esdras Rebouças Nobre).



Figura N3 - Antiga Ponte sobre o Rio Potengi. Construída por uma empresa inglesa, a ponte foi inaugurada em 20 de abril de 1916 e, à época, era a mais extensa da Região Nordeste. Em 26 de setembro de 1970, quando já estava obsoleta, ao seu lado foi construída uma nova ponte, que posteriormente foi duplicada.



Figura N4 - Antigo Escritório da Estrada de Ferro. O prédio está localizado na Esplanada Silva Jardim, no bairro Rocas. Sua inauguração ocorreu no início do século XX para abrigar os escritórios da E. F. Central do RN e contou com a presença do então presidente da República, Afonso Pena. Em 1968 o escritório foi desativado e, posteriormente, foi transformado em escola.



Figura N5 - Museu Câmara Cascudo. Localizado no bairro Tirol, pertence à UFRN e concentra expressivo acervo sobre Ciências Naturais e Antropologia. Considerado uma referência nessas áreas do conhecimento, sua designação é uma homenagem ao intelectual potiguar de renome internacional.



Figura N6 - Fortaleza dos Reis Magos. Sua construção foi iniciada em 6 de janeiro de 1598, dia consagrado no calendário cristão aos Santos Reis, daí a sua denominação. O projeto arquitetônico é atribuído ao padre Gaspar de Samperes e foi posteriormente aperfeiçoado pelo engenheiro Francisco Frias de Mesquita. Representa o principal monumento histórico do Rio Grande do Norte. (Foto: Esdras Rebouças Nobre).





Figura N7 - Base Naval Almirante Ary Parreiras. Em outubro de 1941, sob o contexto da Segunda Guerra Mundial, foram iniciadas as obras de construção que delongaram até 1944. Sua denominação é uma homenagem ao primeiro Comandante da Base, o Almirante Ary Parreiras, que a dirigiu até 28 de abril de 1945.



Figura N9 - Via Costeira. Implantada a partir da década de 1970, a Via Costeira interliga a cidade pelo litoral, da Praia de Areia Preta à Ponta Negra. Ao longo da sua área, instalaram-se os melhores hotéis de Natal, responsáveis por considerável evolução da atividade turística no município.



Figura N11 - Centro de Turismo. Localizado no bairro Praia do Meio, já foi utilizado como asilo, orfanato e, de 1945 a 1969, abrigou uma prisão. Daí a memória popular denominá-lo como a "Antiga Casa de Detenção". Restaurada em 1976, a edificação passou a integrar o circuito de apoio à atividade turística em Natal.



Figura N8 - Mercado da Redinha. Localizado na Praia da Redinha, o mercado é uma referência da gastronomia local. Nele foi popularizado o tradicional peixe frito acompanhado de tapioca. Foi construído em 1949.



Figura N10 - Prédio da Delegacia Fiscal do Tesouro Nacional. Localizado na Esplanada Silva Jardim, foi inaugurado em 10 de julho de 1955 para concentrar as atividades do Ministério da Fazenda em Natal.



Figura N12 - Museu do Mar Onofre Lopes. Localizado na Praia de Mãe Luíza, na Via Costeira, o nome do Museu é uma homenagem ao seu fundador e ex-reitor da UFRN. Funciona em uma das dependências do prédio do Departamento de Oceanografia e Limnologia do Centro de Biociências. Seu acervo possui várias preciosidades da vida marinha.





Figura N13 - Catedral de Nossa Senhora da Apresentação. Localizada nos limites entre os bairros Cidade Alta e Tirol, o templo teve sua construção protelada por longo período. Em 1965, Dom Nivaldo Monte retomou o plano de construí-lo e, em 1973, teve início as obras, cuja conclusão ocorreu em 21 de novembro de 1988.



Figura N14 - Igreja de Nossa Senhora dos Navegantes. Está localizada no bairro Redinha, na Região Administrativa Norte de Natal, nas imediações da praia homônima. Sua construção, no início da década de 1950, contou com a participação dos veranistas e seu aspecto rústico, com pedras aparentes, confere-lhe certa originalidade. Sua denominação é uma homenagem à santa cultuada pelos pescadores. (Foto: Esdras Rebouças Nobre.)



Figura N15 - Campus da UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Instalado no bairro Lagoa Nova, a partir da década de 1970, o campus concentra a nossa principal instituição universitária e seus diversos departamentos acadêmicos. Sua instalação dinamizou o seu entorno, considerado, atualmente, área nobre da cidade.



Figura N16 - Araruna - Sociedade de Danças Antigas e Semi-desaparecidas. Grupo folclórico criado em 1956, sediado no bairro Rocas, é apontado como dos mais significativos do Estado. Suas apresentações têm contribuído consideravelmente para a preservação de traços da cultura popular no Rio Grande do Norte.



Figura N17 - Pórtico Monumental de Natal. Erguido em comemoração aos 400 anos de fundação de Natal, está localizado no Km 8 da BR-101, nos limites entre os bairros Pitimbu e Neópolis. Inaugurado em 30 de dezembro de 1999 foi considerado, à época, um projeto estrutural sem precedentes na arquitetura brasileira.



Figura N18 - Teatro Municipal Sandoval Wanderley. Sua origem foi o antigo Teatrinho do Povo, inaugurado em 1963 na administração do prefeito Djalma Maranhão. Desativado após 1964, só foi reaberto em 1971. Em 1973, foi denominado Teatro Municipal Sandoval Wanderley, em homenagem a um dos principais nomes da dramaturgia potiguar.





Figura N19 - Estádio João Cláudio de Vasconcelos Machado. Conhecido como Machadão, sua construção foi iniciada, em 1967, pelo prefeito Agnelo Alves e concluído em 1972, na administração do prefeito Jorge Ivan Cascudo Rodrigues. O projeto arquitetônico foi realizado pelo arquiteto Norte Rio Grandense, Moacyr Gomes da Costa.



Figura N21 - Igreja São Pedro. Primeiro templo católico construído no século XX, sua inauguração ocorreu em 4 de maio de 1919. No alto de sua torre encontra-se a imagem do Santo Padroeiro. Localiza-se próximo ao cemitério do Alecrim, o mais antigo da cidade.



Figura N23 - Praça Cívica. Inaugurada em 24 de outubro de 1937, logo transformou-se num dos lugares mais freqüentados pelos natalenses. Originalmente denominada de Praça Pedro Velho, ficou conhecida como Praça Cívica, quando as Forças Armadas passaram a realizar o desfile cívico-militar de 7 de setembro naquele logradouro.



Figura N20 - Maternidade - Escola Januário Cicco. Projeto considerado grandioso, sua construção teve início em 1932. Durante a Segunda Guerra, funcionou como Hospital Militar. Em 12 de fevereiro de 1950, a Maternidade é entregue ao povo natalense e em 1º de março, recebeu o nome de Januário Cicco.



Figura N22 - Palácio Djalma Maranhão. O ginásio Djalma Maranhão, conhecido como Palácio dos Esportes, está situado na Praça Cívica, no bairro Petrópolis. Foi construído na administração do prefeito Djalma Maranhão, em 1963. É palco de diversos eventos esportivos, culturais e pedagógicos.



Figura N24 - Ponte de Todos - Newton Navarro. Obra de grande beleza arquitetônica e de fundamental importância social. Sobre o Rio Potengi, liga a praia da Redinha a praia do Forte. A homenagem do nome é o reconhecimento de todos, àquele que melhor retratou através da pintura e da literatura a Redinha e o Potengi.





Figura N25 - Cemitério do Alecrim. Primeiro cemitério da cidade, foi construído em 1856. Segundo Câmara Cascudo, antes, as igrejas eram as tumularias da sociedade. Lugar de descanso, o Cemitério do Alecrim sofreu intervenções modernistas no final dos anos trinta, do século passado, na administração de Gentil Ferreira. Guardião dos mortos, é também lugar da memória da urbe.



Figura N26 - Redinha Clube. O Redinha Clube foi construído primeiro em madeira (1922) e posteriormente em pedra (1935). Nesta edificação funcionou a primeira escola pública da Praia da Redinha. Localizado a beira-mar, foi palco dos grandes bailes de carnavais.



Figura N27 - Rio Potengi. Rio Grande, como denominou os portugueses que aqui chegaram. De Poti-gi, rio dos camarões. Porta de entrada dos colonizadores europeus e rio dos potiguaras. O Potengi, guarda em suas águas a história da Cidade do Natal.



Figura N28 - Morro do Careca. Uma das mais belas paisagens naturais de Natal, o Morro do Careca, localizado na Praia de Ponta Negra, está inserido na ZPA - 06 (Zona de Proteção Ambiental - 06). Patrimônio Natural da cidade, foi Tombado pelo Conselho Municipal de Cultura. Está, deste modo, protegido por um conjunto de Leis e por todos nativos e visitantes que elegeram o Morro do Careca o símbolo de Natal (Foto Esdras Rebouças Nobre).



Figura N29 - Antigo Cinema Rio Grande. Inaugurado em 11 de fevereiro de 1949, o Rio Grande foi durante mais de 40 anos lugar de encontro dos amantes da Sétima Arte. Segundo o pesquisador Anchieta Fernandes (2007), além de cinema, no início, o Rio Grande teve serviços de sorveteria, bar, bomboniê e night-club. Várias gerações de natalenses se formaram nas sessões do antigo Cinema Rio Grande. Hoje, fechado o cinema, o prédio localizado na Avenida Deodoro resiste as temperes do tempo. É lugar de memória da cidade.



Figura N30 - Antigo Cemitério dos Ingleses. Localizado na margem esquerda do rio Potengi, na gamboa Manibu, praia da Redinha. Neste local eram enterrados os estrangeiros, aqui falecidos. Há registro do uso deste local, desde meados do século XVIII. Resistente ao tempo, não conseguiu sobreviver aos caçadores de tesouros. Hoje, o antigo cemitério, está inserido na ZPA - 08 (Zona de Proteção Ambiental - 08), podendo, enfim, guardar seus mortos em paz e parte da memória da cidade.





Figura N31 - Busto do Prof. João Tibúrcio. Inaugurado em 15 de outubro de 1928, obra de Hostilio Dantas, é uma justa homenagem a quem dedicou toda a sua vida ao magistério. Após fazer uma verdadeira peregrinação, por diversos logradouros da cidade, o Busto foi colocado no pátio do Colégio Atheneu. Lugar de memória da educação natalense.



Figura N33 - Feira do Alecrim. A Feira mais conhecida de Natal, nasceu em 18 de julho de 1920, um domingo, resultado do desejo de pequenos comerciantes, liderados por José Francisco. Desde 1940 a feira do Alecrim, passou a funcionar aos sábados. Ao completar 88 anos de existência, a feira do Alecrim é um convite àqueles que procuram o “clima” de cidadezinha. Lugar de memória que resiste ao tempo.



Figura N35 - Baobá do Poeta. Localizado na rua São José, conhecido como o “Baobá do Poeta”, por ter sido comprado pelo poeta Diógenes da Cunha Lima. É considerada a árvore mais antiga de Natal, tem aproximadamente 20 metros de circunferência. O baobá pode viver por mais de 6 mil anos. Majestosa, é um verdadeiro símbolo de beleza da natureza.



Figura N32 - Capelinha da Redinha. Construída em 1925 com a ajuda da comunidade de pescadores, foi erguida num local elevado. A Santa escolhida para ser a padroeira foi Nossa Senhora dos Navegantes. A Capelinha localizada de frente para o mar é um sinal de respeito, daqueles que cotidianamente buscam nas águas marinhas o sustento de suas famílias. Sua simplicidade arquitetônica é o que melhor expressa a vida humilde do pescador.



Figura N34 - Antiga residência na Avenida Deodoro. Construída em 1916, para servir de residência da família do comerciante Irineu Pinheiro. Segundo a pesquisadora Jeanne Nesi, esta edificação simboliza o estilo arquitetônico eclético em Natal. Em seus traços encontramos elementos do neoclássico e da art-nouveau. Localizada no nº 479, faz parte do Patrimônio Histórico Estadual, desde 30 de agosto de 1989.



Figura N36 - Antiga Base de Hidroaviões (A Rampa) Localizada à margem direita do Rio Potengi, a Antiga Base de Hidroaviões, conhecida como A Rampa, é um lugar repleto de significados históricos. Local de chegada dos aviões da Panair do Brasil, na década de 30; exerceu importante função durante a Segunda Guerra Mundial, servindo de base para os aviões de patrulha da Marinha Americana (NESI, 1994). Seu prédio, construído em 1944, foi Tombado em 17/02/1990, fazendo parte do Patrimônio Histórico Estadual.



3.3 PRAIAS URBANAS



Figura P1 - Praia do Forte. Localizada nas proximidades do encontro do mar com o Rio Potengi, protegida por arrecifes que formam piscinas naturais, em suas imediações foi construída, em 1598, a Fortaleza dos Reis Magos, marco da colonização lusitana em Natal. (Foto: Esdras Rebouças Nobre).



Figura P2 - Praia da Redinha. Situada na embocadura do Rio Potengi, nas proximidades da Fortaleza dos Reis Magos, a Redinha surgiu de uma antiga colônia de pescadores. Distante 15 km do centro da cidade, foi durante muitos anos a praia de veraneio preferida por muitos natalenses.



Figura P3 - Praia do Meio. Esta situada entre a Praia do Forte e a Praia dos Artistas. Em seus limites realiza-se anualmente, durante o Reveillon, a tradicional Festa de lemanjá.



Figura P4 - Praia dos Artistas. Para alguns trata-se de um trecho da Praia do Meio. Local preferido por muitos surfistas da cidade, sua denominação é uma alusão à juventude que a freqüenta em grande número.



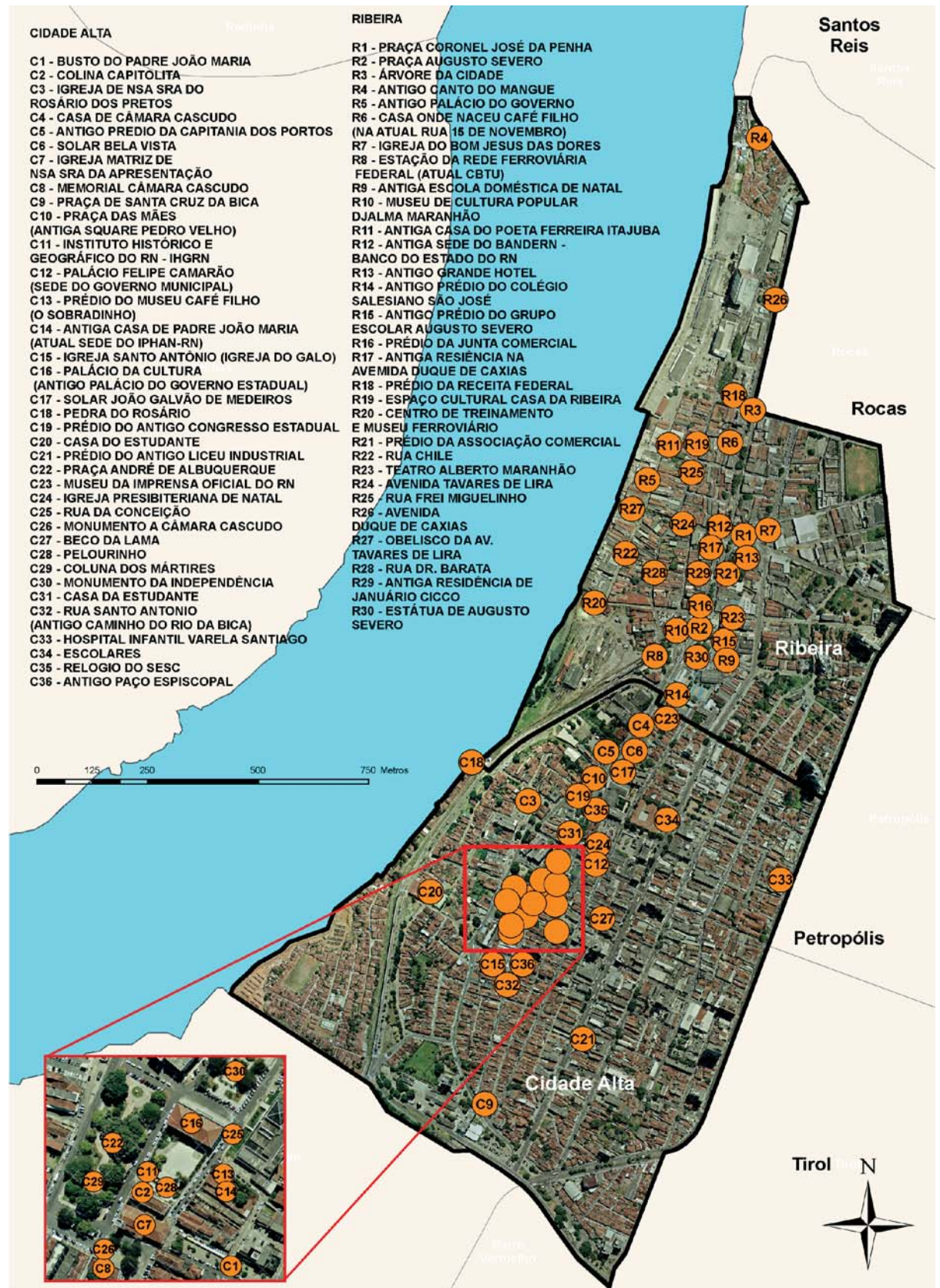
Figura P5 Praia de Areia Preta. Localizada após a Praia dos Artistas, sua denominação é proveniente de suas falésias de coloração escura. Em janeiro de 1908, por determinação da Intendência Municipal, tornou-se oficialmente a primeira praia da cidade indicada para a



Figura P6 Praia de Ponta Negra. Distante 14 km do centro de Natal, Ponta Negra é considerada uma das mais belas praias do Nordeste brasileiro. Sua denominação provém das pedras escuras que a circundam. Nela localiza-se o Morro do Careca, um dos nossos mais conhecidos cartões-postais.



Mapa 03 - Circuito histórico, turístico e cultural - Cidade Alta e Ribeira



Fonte: SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo, 2008.



3.4 NATAL - CIDADE ALTA



Figura C1 - Busto de Padre João Maria. Localizado na praça em homenagem ao referido padre, o busto foi inaugurado em 7 de agosto de 1921. Vigário de Natal no período de 1881 a 1905, quando ocorreu seu falecimento. O Padre João Maria é reverenciado até hoje por milhares de natalenses.



Figura C2 - Coluna Capitolina. Monumento presenteado a Natal pelo então ministro italiano Benito Mussolini, para comemorar a travessia do Atlântico, realizada em 1928, pelos aviadores Carlo Del Prete e Arturo Ferrarin. A inauguração do monumento ocorreu em 8 de janeiro de 1931.



Figura C3 - Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. A igreja é o segundo templo católico construído na cidade. A documentação conhecida indica que sua construção ocorreu entre 1713 e 1714. Sua construção, realizada por escravos, foi direcionada para o atendimento aos segmentos sociais desfavorecidos da sociedade.



Figura C4 - Casa de Câmara Cascudo. Construída em 1900, na antiga Avenida Junqueira Aires, atual Avenida Câmara Cascudo, a edificação está localizada em pleno Corredor Cultural da cidade. A atual denominação é uma homenagem ao renomado intelectual potiguar, que residiu por mais de quatro décadas neste imóvel.



Figura C5 - Antigo prédio da Capitania dos Portos. Edificação do final do século XIX, abrigou a sede da Capitania dos Portos até o ano de 1972. Restaurado em 1989, preservando as características neoclássicas de sua fachada, o edifício atualmente é sede da Capitania das Artes, na qual funciona um complexo artístico-cultural do município.



Figura C6 - Solar Bela Vista. Construção da primeira década do século XX, localizada na atual Avenida Câmara Cascudo, cujo proprietário foi o Cel. Aureliano Clementino de Medeiros. Junto com outros imóveis, constitui o corredor cultural de Natal.





Figura C7 - Igreja Matriz de Nossa Senhora da Apresentação (Catedral Velha). Construída no local da primitiva capela do início da colonização da Capitania do Rio Grande, na atual Praça André de Albuquerque. A igreja é o mais antigo templo católico do Estado e possui expressivo valor histórico relacionado à fundação da cidade do Natal.



Figura C9 - Praça da Santa Cruz da Bica. No final do século XVI, o seu entorno constituía o limite sul da capital potiguar, cujo marco era uma cruz, a exemplo do que ocorria no limite norte. Nessa área, foi construído um cruzeiro, que recebeu os fragmentos da antiga cruz e tornou-se local de reverência para muitos católicos natalenses.



Figura C11 - Instituto Histórico e Geográfico do RN - IHGRN. Construído em 1906, o atual prédio do Instituto Histórico e Geográfico do RN está localizado na Rua da Conceição nº 622, abrigando a mais antiga instituição cultural do Estado - fundada em 1902 - cujo acervo bibliográfico e documental é de inestimável valor.



Figura C8 - Memorial Câmara Cascudo. Localizado na Praça André de Albuquerque, o prédio no qual funciona o Memorial foi concluído no início do século XIX. Nele funcionou o antigo Real Erário e, em 1817, André de Albuquerque instalou, no contexto da Revolução Pernambucana, seu efêmero governo republicano. Sua atual denominação é uma homenagem ao renomado intelectual potiguar. (Foto: Esdras Rebouças Nobre).



Figura C10 - Praça das Mães (antiga Square Pedro Velho). Situada na atual Avenida Câmara Cascudo, ocupa o outrora limite norte do perímetro urbano da cidade, demarcado por um cruzeiro, quando da sua fundação em 1599. Daí a antiga denominação de Rua da Cruz, para o logradouro no qual está localizada.



Figura C12 - Palácio Felipe Camarão (sede do Governo Municipal). Situado na Rua Ulisses Caldas, no local da antiga Intendência Municipal, sua inauguração ocorreu em 7 de setembro de 1922, no contexto das comemorações do centenário da Independência do Brasil. Em 1955, o imóvel recebeu a denominação Felipe Camarão em homenagem ao índio Poti, figura de destaque nas lutas, no século XVII, pela expulsão dos holandeses. (Foto: Esdras Rebouças Nobre).





Figura C13 - Prédio do Museu Café Filho (O Sobradinho). Concluída em 1820, a construção é o único exemplar residencial, do período colonial, preservado em Natal. A partir de março de 1979, após restauração, suas dependências passaram a abrigar o Museu Café Filho, homenagem ao único potiguar a exercer a Presidência da República.



Figura C14 - Antiga casa de Padre João Maria (atual sede do IPHAN-RN). A origem da edificação remonta ao século XVIII. Sua relevância está vinculada ao fato de ser outrora residência do Padre João Maria, pároco de Natal de 1881 a 1905, até hoje reverenciado pela comunidade católica da capital. A partir de 1986, passou a abrigar a sede do IPHAN no Rio Grande do Norte.



Figura C15 - Igreja de Santo Antônio (Igreja do Galo). A Igreja do Galo é considerada o terceiro templo católico construído na cidade, constituindo exemplar arquitetônico típico do estilo barroco. Atualmente, sua ala lateral esquerda abriga o Museu de Arte Sacra de Natal.



Figura C16 - Palácio da Cultura (antigo Palácio do Governo Estadual). A construção é das últimas décadas do século XIX. Contudo, sua utilização como sede do Poder Executivo estadual só ocorreu a partir de 10 de março de 1902. Atualmente abriga a pinacoteca do Estado.



Figura C17 - Solar João Galvão de Medeiros. Construído em 1908, foi adquirido pelo Coronel Aureliano de Medeiros e posteriormente herdado pelos seus netos. Restaurado no final do século XX, passou a abrigar o Centro de Documentação e Pesquisa, e a Oficina de Restauração da Fundação José Augusto.

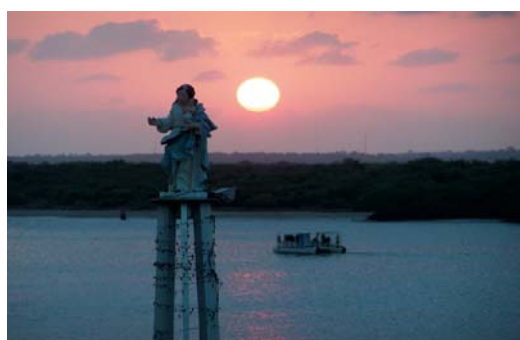


Figura C18 - Pedra do Rosário. Monumento em homenagem à imagem encontrada no Rio Potengi que, embora apresente evidências do vulto de Nossa Senhora do Rosário, foi identificada como Nossa Senhora da Apresentação, atual padroeira da cidade. O local no qual foi encontrada a imagem foi denominado de Pedra do Rosário. (Foto: Esdras Rebouças Nobre).





Figura C19 - Prédio do antigo Congresso Estadual. No local funciona, desde 1978, a Ordem dos Advogados do Brasil, seção do Rio Grande do Norte. Localizado no atual Largo Junqueira Aires, foi inaugurado em 14 de julho de 1906 para sediar o antigo Congresso Legislativo Estadual, precursor da Assembléia Legislativa.



Figura C21 - Prédio do antigo Liceu Industrial. A construção é do início do século XX. Inicialmente, suas instalações foram ocupadas pelo Batalhão de Segurança do Estado. A partir de 1914, com a transferência do contingente militar para outro prédio, o local foi ocupado pelo antigo Liceu Industrial, entidade educacional precursora do atual CEFET/RN - Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio Grande do Norte.



Figura C23 - Museu da Imprensa Oficial do RN. Funciona nos limites entre a Ribeira e a Cidade Alta, nas antigas dependências do jornal A República. Fundado por Pedro Velho de Albuquerque Maranhão, o jornal tornou-se, posteriormente, o órgão oficial do Governo do Estado. O acervo do museu expõe as origens e a evolução da imprensa oficial do Rio Grande do Norte.



Figura C20 - Casa do Estudante de Natal. A edificação está situada na Praça Lins Caldas. Construído em 1856 para abrigar o Hospital de Caridade, a partir de 17 de setembro de 1914 o prédio recebeu a instalação do Batalhão Policial Militar. Em novembro de 1935, o prédio foi palco de intenso combate durante a chamada Intentona Comunista. Desde 22 de agosto de 1956, funciona no local a Casa do Estudante. (Foto: Esdras Rebouças Nobre).



Figura C22 - Praça André de Albuquerque. O local corresponde ao centro do sítio histórico de Natal, região na qual foi rezada a missa comemorativa da fundação da cidade, em 25 de dezembro de 1599. Sua atual denominação é uma homenagem ao líder local da Revolução Pernambucana de 1817, de caráter republicano e separatista.



Figura C24 - Igreja Presbiteriana de Natal. Representa a primeira igreja evangélica erguida em Natal. Embora a presença da igreja presbiteriana em Natal remonte a 1896, a efetiva instalação do templo só ocorreu em 1898, sob a direção do pastor norte-americano William C. Porter.





Figura C25 - Rua da Conceição. Abriga o museu Café Filho, a sede do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), o IHGRN (Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte), a Assembléia Legislativa e o Palácio Potengi da Cultura. Existem registros de sua denominação desde 1808.



Figura C27 - Beco da Lama. Ponto de encontro de artistas, intelectuais e boêmios. Entre os diversos eventos realizados no Beco da Lama, destaca-se o Festival Gastronômico "Pratos do mundo". Antiga Rua do Meio, hoje Rua Voluntário da Pátria, é na verdade o velho Beco da Lama lugar de resistência da boa cultura Potiguar.



Figura C29 - Coluna dos Mártires. Localizado na Praça André de Albuquerque, este monumento foi entregue à cidade no dia 12 de junho de 1917, fazendo parte das comemorações do Centenário da Revolução de 1817. Projeto do engenheiro Willy Fisher. É uma homenagem a André de Albuquerque e Padre Miguelinho.



Figura C26 - Monumento a Câmara Cascudo. Erguido em frente ao Memorial do ícone da cultura Potiguar. "O mestre", é um projeto do arquiteto Sami Elali. A mão simbolizando o carinho do povo potiguar, é de autoria do artista plástico Dorian Gray. Foi inaugurado no dia 10 de fevereiro de 1987. (Foto: Esdras Rebouças Nobre).



Figura C28 - Pelourinho. Localizado à entrada do Instituto Histórico e Geográfico. Símbolo da autoridade real, localizava-se originalmente na Rua Grande, atual Praça André de Albuquerque. Serviu para castigar os escravos e transgressores da legalidade.



Figura C30 - Monumento da Independência. Localizado na Praça Sete de Setembro, foi inaugurado no dia 7 de setembro de 1922. Monumento erguido em comemoração ao 1º Centenário da Independência do Brasil. Obra do escultor pernambucano Bibiano Silva.





Figura C31 - Casa da Estudante. Esta edificação apresenta uma arquitetura eclética, datando sua construção, provavelmente de anos anteriores a 1926 (Folha de memória, março/abril-2003). O prédio abriga desde 1977 a casa da Estudante. Apresenta aspectos típicos das construções do início do século XX. Em 19/05/2004, foi Tombado como Patrimônio Histórico Estadual. Localiza-se no largo da Junqueira Aires, em pleno corredor cultural.



Figura C33 - Hospital Infantil Varela Santiago. Resultado do sonho e da luta do Dr. Varela Santiago, sua construção iniciou-se em 11 de março de 1923, com a finalidade de ser a sede do Instituto de Proteção à Infância Abandonada. Foi inaugurado em 12 de outubro de 1936. Edifício de grande valor histórico, continua sendo o porto seguro da infância natalense. Conforme NESI (1994), o prédio sofreu diversas reformas, mas manteve inalterado seu núcleo primitivo. Tombado a nível estadual, o Hospital faz parte da história de Natal.



Figura C35 - Antigo Relógio do SESC. Fabricado pela fundação Val d'Osne e inaugurado em 2 de outubro de 1911, pelo governador Aberto Maranhão. Todo em ferro fundido, o relógio é decorado com motivos florais. O relógio do SESC está inserido no conjunto da balaustrada localizada na Av. Câmara Cascudo (antiga Av. Junqueira Aires). Hoje o relógio é testemunha da antiga Natal, do bonde, do antigo Colégio Ateneu e do antigo Congresso Estadual.



Figura C32 - Rua Santo Antonio (Antigo caminho do Rio da Bica). Primitivo caminho do Rio da Bica, posteriormente denominado Rua Santo Antonio (NESI, 2002). Segundo Cascudo (1999), no rio da Bica as bocas da colônia bebiam. Índios, portugueses e holandeses pisaram o antigo chão desta rua. Local de história, encontramos na rua de Santo Antonio a igreja do Galo, o antigo paço episcopal e o museu de arte sacra.



Figura C34 - Escolares. Este monumento constitui de duas figuras em bronze, denominados "Leitura e Escrita". Obra do escultor francês Mathurim Moreau. Trazido para Natal por iniciativa do governador Alberto Maranhão. Foi inaugurado no dia 13 de maio de 1908, colocado na antiga Escola Normal. Simbolizando a importância da educação para juventude, hoje encontra-se no pátio da Escola Estadual Wiston Churchill.



Figura C36 - Antigo Paço Episcopal. Localizado na Rua Santo Antonio, nº 683, bairro da Cidade Alta. Construído no final do século XIX. Segundo Nesi (1994), esta edificação é uma das raras construções, que possuem sótão. O antigo Paço Episcopal é um belo exemplar do casario da Natal do Passado.



3.5 NATAL - RIBEIRA



Figura R1 - Praça Coronel José da Penha. Antiga Praça Leão XIII, passou à denominação de Praça Coronel José da Penha em 11/10/1930, em homenagem ao militar potiguar nascido em Angicos



Figura R2 - Praça Augusto Severo. Antiga Praça da República, inaugurada em 15 de novembro de 1905, a Praça Augusto Severo é uma homenagem ao pioneiro da aviação internacional e construtor do Balão Pax.



Figura R3 - Árvore da Cidade. Localizada no cruzamento da Av. Duque de Caxias com a Esplanada Jardim. Árvore com mais de dois séculos de existência, segundo Nesi(2000) esta castanhola foi plantada, por volta de 1760, no quintal da casa que pertenceu ao pai de Frei Miguelinho.



Figura R4 - Antigo Canto do Mangue. Localizado nos limites entre os bairros Rocas e Ribeira, tradicional reduto de comercialização de pescados. Durante a administração do Prefeito Carlos Eduardo Alves, foi construído o Mercado do Peixe e revitalizada a Praça do Por do Sol. Lugar de pescadores e poetas é um convite a natalenses e visitantes, que buscam alimentar o corpo e a alma.



Figura R5 - Antigo Palácio do Governo. Prédio situado na Rua Chile, que, de 1869 a 1902, serviu de sede para o Poder Executivo do Rio Grande do Norte. Tombado em 1989, abriga o Museu de Arte Popular da Fundação José Augusto.



Figura R6 - Casa onde nasceu Café Filho (na atual Rua 15 de Novembro). Antiga residência do único político potiguar que, até o contexto atual, assumiu a Presidência da República.





Figura R7 - Igreja do Bom Jesus das Dores. Construída nas últimas décadas do século XVIII, é a quarta igreja católica mais antiga da cidade.



Figura R8 - Estação da Rede Ferroviária Federal (atual CBTU). Prédio no qual funcionou a antiga Great Western, estrada de ferro mantida pelos ingleses no início do século XX. Após término do contrato, foi encampada pelo Governo Federal.



Figura R9 - Antiga Escola Doméstica de Natal. Inaugurada em 01 de setembro de 1914, a Escola Doméstica de Natal foi criada por um grupo de intelectuais norte-rio-grandenses, sob inspiração da educação suíça. Nesses termos, a proposta educacional é considerada pioneira no Brasil.



Figura R10 - Museu de cultura popular Djalma Maranhão. Instalado na antiga rodoviária Presidente John Kennedy, no bairro da Ribeira. Lugar ideal para uma casa da memória. Antes da rodoviária, construída em 1963, existia o Tabuleiro da Baiana, outrora tradicional reduto boêmio. É neste local, repleto de história, que encontramos o Museu de Cultura Popular Djalma Maranhão, com um vasto acervo do Patrimônio Material e Imaterial da Cultura Popular.



Figura R11 - Antiga casa do poeta Ferreira Itajubá. Sobrado da Rua Chile, nº 63, construído na área da outrora residência do poeta Ferreira Itajubá, referência da poesia potiguar.



Figura R12 - Antiga sede do BANDERN - Banco do Estado do Rio Grande do Norte. Inaugurado em 1939, o prédio apresenta características arquitetônicas que o distingue no cenário urbano da capital.





Figura R13 - Antigo Grande Hotel. Inaugurado em 13 de maio de 1939, o Grande Hotel foi um marco na história da hotelaria no Rio Grande do Norte. Durante o contexto da Segunda Guerra Mundial foi ponto de referência em Natal, hospedando dezenas de personalidades, nacionais e internacionais. (Foto: Esdras Rebouças Nobre).



Figura R14 - Prédio do Colégio Salesiano São José. Construção do final do século XIX, ex-residência do industrial Juvino Barreto, à época proprietário da única fábrica de tecidos da cidade. Em 1936, o prédio passou para o controle da Ordem dos Salesianos.



Figura R15 - Antigo prédio do Grupo Escolar Augusto Severo. Inaugurado em 12 de junho de 1908, o Grupo Escolar Augusto Severo foi o primeiro construído no Estado, sob o novo modelo educacional preconizado no início do século XX. Suas instalações abrigaram, de 1952 a 1954, o antigo Atheneu Norte-Riograndense e, de 1956 a 1973, a Faculdade de Direito de Natal.



Figura R16 - Prédio da Junta Comercial. O antigo prédio da Recebedoria de Rendas do Estado foi inaugurado no dia 31 de março de 1930. Desde 1973, a edificação, de relevante valor histórico e arquitetônico, abrigou a Junta Comercial do Estado.



Figura R17 - Antiga residência na Avenida Duque de Caxias. Antiga residência do Sr. Fortunato Aranha, cuja Livraria Cosmopolita, na década de 1930, era ponto de encontro de personalidades políticas e intelectuais. No local funcionou, de 1968 a 1989, a sede do antigo IAA - Instituto do Açúcar e do Alcool.



Figura R18 - Prédio da Receita Federal. Localizado na Esplanada Silva Jardim, o edifício foi inaugurado em 15 de dezembro de 1928, para abrigar a Alfândega de Natal.





Figura R19 - Espaço Cultural Casa da Ribeira. Casarão reformado por iniciativa de um grupo de artistas e empresários, com apoio do poder público municipal, que tornou-se referência enquanto espaço alternativo de arte e cultura em Natal.



Figura R21 - Prédio da Associação Comercial. Concluído em 1944, em pleno contexto da Segunda Guerra Mundial, o prédio apresenta características arquitetônicas que o distingue no cenário urbano da capital, valorizando sobremaneira o conjunto de imóveis históricos situados em seu entorno. (Fotos: Esdras Rebouças Nobre).



Figura R23 - Teatro Alberto Maranhão. Situado na Praça Augusto Severo, foi inaugurado em 24 de março de 1904, com o nome original de Teatro Carlos Gomes. Em agosto de 1957 sua denominação foi alterada para Teatro Alberto Maranhão, em homenagem ao ex-governador do Estado, espécie de mecenas da cultura potiguar.



Figura R20 - Centro de Treinamento e Museu Ferroviário. Construído no início do século XX, esta edificação abrigava os escritórios da antiga Estrada de Ferro do Rio Grande do Norte. A partir de 1966, o prédio foi restaurado para suas novas funções, preservando suas linhas arquitetônicas originais.



Figura R22 - Rua Chile. Outrora Rua da Alfândega, e do Comércio, uma das principais vias de Natal durante o século XX, quando a Ribeira adquiriu considerável importância. (Foto: Esdras Rebouças Nobre).



Figura R24 - Avenida Tavares de Lira. Representativa da *Belle Époque* em Natal, a avenida teve como marco da sua inauguração, no início do século XX, a construção do obelisco nas proximidades do antigo cais às margens do Rio Potengi.





Figura R25 - Rua Frei Miguelinho. Antiga Rua 13 de Maio, em 11 de Junho de 1906 a Intendência Municipal edita uma resolução dando a denominação atual. Homenagem a um dos líderes da revolução de 1817. Localizada na Ribeira.



Figura R27 - Obelisco da Av. Tavares de Lira. Marco da inauguração da Avenida Tavares de Lyra, foi erguido em 1914. Monumento todo de granito. Registra em cada lado, datas significativas para a história.



Figura R29 - Antiga Residência de Januário Cicco. Localizada na Rua Duque de Caxias, N° 190. Era o palacete onde morava o Dr. Januário Cicco. Pioneiro da medicina social, foi o fundador do hospital Jovino Barreto (atual Onofre Lopes) e da Maternidade de Natal (atual Maternidade-Escola Januário Cicco). Na parte superior ficava a residência, funcionando no térreo o seu consultório.



Figura R26 - Avenida Duque de Caxias - Antiga Campina da Ribeira, denominada de Rua Bom Jesus, hoje Avenida Duque de Caxias. Conforme Jeanne Nesi, existem registros desta Campina, datados de 1604. Neste logradouro há belos casarões, de meados do século XX, Ainda conservados, e uma antiga castanhola conhecida como a árvore da Cidade do Natal. Lugar dos antigos e novos carnavais.



Figura R28 - Rua Dr. Barata. Foi uma das principais ruas de Natal, principalmente durante a Segunda Guerra Mundial, período em que vivenciou intensa movimentação comercial. Na década de 1940, funcionou a Livraria Cosmopolita, local de encontro da intelectualidade da época.



Figura R30 - Estátua Augusto Severo. Localizada na Praça de mesmo nome. O monumento é uma homenagem ao pioneiro da aviação mundial, inventor do Balão Pax. Em 12 de maio de 1902, o dirigível Pax incendiou nos céus de Paris, matando seu criador e o mecânico Sachet. A estátua foi inaugurada no dia do 11º aniversário desta tragédia. (Foto: Esdras Rebouças Nobre).



3.6 MANIFESTAÇÕES CULTURAIS

O Rio Grande do Norte também recebeu influências culturais de outros povos, como os demais estados brasileiros. Aqui floresceu diversas manifestações da cultura popular, fandangos, autos, mamulengos, todos de grande beleza. Um universo de beleza, representado por grandes expoentes do folclore potiguar, como afirma o pesquisador Gurgel (1999, p.37):

Aqui nasceu Luís da Câmara Cascudo o grande folclorista brasileiro, aqui também nasceram Fabião das Queimadas, o poeta das vaquejadas que, com os seus romances, enriquece a poesia popular brasileira e Chico Daniel, certamente o maior mamulengueiro do Brasil, ...e, é aqui, no Rio Grande do Norte que ainda hoje se apresentam algumas das danças e autos folclóricos mais perfeitos do Brasil, objeto de elogios dos maiores folcloristas brasileiros, como Luís da Câmara Cascudo, Mário de Andrade, Ascenço Ferreira, Théo Brandão.

Encontramos cultura na Cidade do Natal, não há somente praia na terra de Câmara Cascudo, “um brasileiro feliz” como o definiu o poeta Diógenes da Cunha Lima. Cultura Popular que resiste na herança de Manoel Marinheiro, Chico Daniel, Câmara Cascudo e no exemplo do administrador sintonizado com os anseios do povo natalense, prefeito dos autos populares, Djalma Maranhão.

CONGOS DE CALÇOLA

Os congos de calçola apresentam uma trajetória rítmica Africana de Angola. Segundo Deffilo Gurgel (1999), os congos do estado têm como motivo comum a representação da Rainha Ginga, soberana africana. Em Natal se destaca o congo de calçolas da praia de Ponta Negra.

O congo de calçolas, da praia de Ponta Negra, pode ser contacto através de José Pedro Correia. Este como informa Gurgel (1999), trabalha no restaurante do SESC situado na Avenida Rio Branco.



Figura 20 - Figurino utilizado nas apresentações dos Congos de Calçola.
Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.



CABOCLINHOS

Manifestação popular expressa nos dias de folia carnavalesca. Dança que lembra os grupos indígenas. O folclorista Deífilo Gurgel (1999) relaciona alguns fatores que distingue “os Caboclinhos” de outras “tribos” nas apresentações dos dias de carnaval:

...não se vestem de penas; o ritmo de seus bailados é mais alegre e vibrante; não usam o arco-e-flecha apenas como instrumento de guerra, mas, sobretudo, como instrumento musical, que lhes dá o ritmo para suas danças, realizadas ao som de gaita ou pife, que chamam flauta.



Figura 21 - Apresentação parafolclórica dos caboclinhos.
Foto: arquivo eletrônico do Governo do estado do Rio Grande do Norte.

ARARUNA

A Sociedade Araruna de Danças Antigas Semi-Desaparecidas, nasceu como entidade, com estatuto e sede própria a partir de 1956. O grupo de danças do Araruna apresenta-se, geralmente, com oito a dez pares de dançarinos. Apresentam

danças aristocráticas de salão, diversos números, alguns dos quais tipicamente folclóricos, outros, folclorizados. Chote, valsa, polca, são dançados ao lado do “carangueijos”, “bode”, “besouro”, “araruna”. O acompanhamento das danças é de sanfona e instrumentos de percussão (GURGEL, 1999, p.111).

A mais tradicional Sociedade folclórica da terra de Câmara Cascudo, tem sede no bairro das Rocas, localizada na Rua Miramar, 173. Lugar de resistência de nossas tradições.





Figura 22 - Araruna. Apresentação do grupo Araruna Sociedade de Danças Antigas e semi-desaparecidas.
Foto: arquivo eletrônico da Tribuna do Norte.

Figura 23 - Bambelô de São Gonçalo do Amarante.
Foto: arquivo eletrônico da SETUR - Secretaria de Turismo do Estado do Rio Grande do Norte.



BAMBELO

É uma dança de roda, divertimento e desafio entre repentistas, para ver quem melhor improvisa. O acompanhamento das cantigas é feito com ganzás e tambores. Caracteriza-se pela dança de solista que faz galanteios coreográficos, normalmente a umbigada ou uma vênia, em frente a uma dama, que, por sua vez, responde com gingadas de corpo, conforme a música. Os dançarinos postam-se lado a lado, num semi-círculo, onde o solista entra, canta seu ponto, dança e se retira. Seus versos são improvisados.

Para Deífilo Gurgel, esta é uma forma sofisticada do coco-de-roda, que sofreu visível influência do ritmo e coreografia do samba.

Em Natal, no bairro do Alecrim, existiu um tradicional grupo desta dança. Era o 'Asa Branca de Severino Guedes'. A pós a morte de seu fundador, os dançarinos do Bambelô ficaram inativos.



BOI CALEMBA

O folguedo se apresenta cantando cantigas do século passado, saudações, louvações e benditos. O Boi Calemba é composto por dezessete participantes, geralmente divididos em dois grupos, os Enfeitados e os Mascarados. O folclorista Gurgel (1999, p.102) informa a função de cada grupo:

Compõem o primeiro grupo o Mestre da brincadeira, os Galantes e as Damas, responsáveis pelo lado sério do espetáculo [...] Os Mascarados, provém a parte cômica do espetáculo. São três, Mateus, Birico e Catirina. Declamam loas, como os Galantes, entretanto, gaiatas; representam pantomimas e parodiam os compenetrados Galantes, em suas cantigas e atitudes.

O Boi Calemba, conforme diversos estudiosos das danças folclóricas, é a versão dos potiguares do bumba-meu-boi nordestino. Vivo na memória do natalense, este folguedo expressa riqueza da cultura norte-rio-grandense.

Em Natal Boi Calemba é sinônimo de Manoel Marinheiro (Manoel Lopes Galvão), que construiu ao longo de sua vida um pólo de resistência da cultura popular. Hoje sem a presença de mestre Manoel, a comunidade de Felipe Camarão, ainda, vivencia as lições de amor aos folguedos, ensinada por Marinheiro. Deste modo na Rua Silva, 262, transversal da Rua Rainha do Mar, (próximo à igreja da Cabocla), encontramos um lugar de folclore, a antiga resistência do Mestre Boi Calemba.

Finalmente, o Boi Calemba é um dos folguedos mais tradicionais de Natal, a relatos desta “brincadeira” como parte de várias festas populares-religiosas. Guimarães (1999, p.39), cita como ponto alto dos festejos natalinos, de início do século XX, a presença do “Boi Calemba”.



Figura 24 - Boi de Reis Mestre Manoel Marinheiro. Associação Companhia Terramar Conexão Felipe Camarão.
Foto: Adrovando Claro.



PASTORIL

O auto do Pastoril é uma reminiscência dos autos portugueses. Compõe-se de poemas dialogados e musicados que tratam de motivos religiosos e profanos. Há dois partidos ou cordões que formam o pastoril: o cordão azul e o encarnado. As cantigas expressam a alegria dos cordões com o público, louvando o Messias e exaltando o Pastoril. Para Gurgel (1999), esta é a maior característica do Pastoril Potiguar.

O Pastoril se destaca pela diversidade de personagens como o anjo Gabriel, Lúcifer, Libertina, Célia, Graça, Mestra e Contramestra, Flora, Centurião, Argemiro, Eva, Diana, Herodes, com sua maldade, reavivando a sentença da paixão de Cristo. Existem alguns pastoris que inovaram o folgado religioso em profano.

Na vila de Ponta Negra existe um grupo de Pastoril, formado por idosos.



Figura 25 - Pastoril. Apresentação do Grupo de São Miguel do Gostoso. Foto: arquivo eletrônico da SETUR - Secretaria de Turismo do Estado do Rio Grande do Norte.

FANDANGO

Nosso fandango é inspirado nas grandes aventuras marítimas portuguesas. Este auto conta a história da Nau Catarineta, que se perdeu no mar. O grupo é formado por uma tripulação de aproximadamente quarenta marujos, entre oficiais e marinheiros. Normalmente, o auto é representado num barco ou como alternativa num palanque (GURGEL, 1999).

Atualmente não existe registro de grupos de fandangos ativos em Natal, encontramos alguns resistentes nas cidades de Canguaretama e Georgino Avelino.



TEATRO POPULAR DE BONECOS

O Teatro Popular de Bonecos, recebe várias designações em todo o Nordeste. Em Recife, por exemplo, chama-se Mamulengo, enquanto no Rio Grande do Norte e Paraíba é denominado João Redondo. Esta expressão da cultura popular, originária da Ásia, trazida pelos Ibéricos, encontrou no Nordeste um verdadeiro celeiro de calungueiros, como se chama o homem que manipula os bonecos em nosso estado.

Um teatro simples, apresentado por bonecos rústicos, feitos de pano, muito expressivos, acoplados nas mãos de apresentador, dando-lhes vida em pequenos atos hilariantes (ONOFRE Jr., 2002, p.55).

O espetáculo geralmente é composto por várias histórias, formando pequenas cenas que se completam ou não. Sobre este aspecto do “João Redondo”, recorremos a Gurgel (1999, p.138):

O espetáculo é fragmentado em pequenas histórias e, às vezes, nem isto, pois há bonecos representando artistas populares (cantores, violeiros, sanfoneiros) que, sozinhos, fazem uma “parte”. Essa fragmentação do espetáculo permite que a sua duração varie, ao sabor das circunstâncias.



Figura 26 - Chico Daniel. Um dos principais artistas do teatro de bonecos do Rio Grande do Norte, ao lado de seus mamulengos.
Foto: arquivo eletrônico da Tribuna do Norte.

Em Natal, a arte do João Redondo permanece viva graças aos calungueiros, como Chico Daniel (Francisco Ângelo da Costa) segundo Ariano Suassuna o maior “bonequeiro” do Brasil. Após o falecimento de Chico Daniel seu filho continua mantendo acesa a chama do Teatro de Bonecos Popular. Também encontramos no conjunto Nova Natal o Zé Relampo, que reside próximo a estação de trem. Carroceiro de profissão, Zé Relampo (José Soares de Assis) apresenta o “João Redondo” de forma tradicional, destacando sua voz (GURGEL, 1999).



ARTESANATO E ARTE POPULAR

O professor Saul Martins (apud Gurgel, p.163, 1999) define o artesanato como o tratamento que as criaturas mais simples dos agrupamentos humanos dão à matéria bruta, visando a um fim utilitário, comercial, artístico, recreativo, o que for. Munido deste conceito encontramos, em solo potiguar, diversas representações de artistas populares.

O nosso artesanato apresenta algumas singularidades, como por exemplo, a escultura em madeira. Onofre Jr. (2002), em seu Guia da Cidade do Natal, afirma ser a singularidade da nossa arte popular, a escultura em madeira, geralmente figuras de pequenas proporções, feitas com instrumentos rudimentares.



Figura 27 - Mulheres rendeiras.
Foto: Esdras Rebouças Nobre.



Natal conheceu um grande mestre-artesão, “fazedor” de Santos, o “Chico Santeiro”. Escultor de reconhecida habilidade. O mestre Santeiro transformava a madeira em perfeitos “tipos” nordestinos. Utilizou sua arte para esculpir pequenas imagens de santos e cristos crucificados.

Figura 28 - Artesanato Potiguar.
Foto: Esdras Rebouças Nobre (adaptação Lorene Kássia).



Diferente do comum aqueles apelidados de Chico, o nome de Chico Santeiro é Joaquim Manoel de Oliveira, natural do município de Santo Antônio do Salto da Onça. Herdou do pai o gosto da escultura em madeira. Existem peças de Chico Santeiro em diversos lugares, inclusive no Vaticano.

Hoje a arte de Chico Santeiro resiste através das mãos do seu genro, Zé Santeiro.

Com um rico artesanato, Natal desponta no Nordeste como um dos maiores centros produtores e comercializadores de peças confeccionadas por verdadeiros artistas populares. A terra de Câmara Cascudo, conta com diversos pontos de vendas, destacando o Centro de Turismo, situado em Petrópolis, em uma belíssima construção, a antiga Casa de Detenção.

Além da arte em madeira, o artesanato potiguar é composto por peças bordadas, bijuterias fabricadas com metal e minerais, tapeçarias, objetos feitos em couro, miniaturas, como barco, peixes, ferramentas indígenas, enfim um universo de cultura popular.

GASTRONOMIA

O prato mais tradicional da culinária potiguar é a carne-de-sol, de raízes sertanejas, geralmente servida com manteiga de garrafa e acompanhada de feijão verde, macaxeira frita ou cozida e farofa d'água. Outra especiaria que pode ser deliciada é a paçoca, servida acompanhada de feijão verde e macaxeira. E ainda, a buchada, vísceras e outros miúdos de carneiro, picados e cozidos dentro de saquinhos, com arroz e farofa feita com o próprio molho em que foi cozido o carneiro; o ensopado de caranguejo desfiado e cozido em água e leite de coco, tempero verde, cebola e tomate.

Em Natal como lembra o pesquisador Manoel Onofre Jr. (2002) não existe uma tradição em carne de sol, por ser uma cidade litorânea os pratos típicos são os de origem do mar.

Veríssimo de Melo, num belo texto intitulado Natal há 100 anos passados, confirma o gosto do natalense pelos frutos do mar, resultado da própria facilidade em pescar, pois

... não havia terra com maior abundância de peixes e crustáceos do que Natal daquela época. Trazidos pelas jangadas dos pescadores, enumeravam-se a cavala, o dentão, a cioba, o pargo, a pescada, a bicuda, o dourado, a corvina, o bejupirá e o cação (MELO, Veríssimo in EMERECIANO, João Gothardo Dantas, 2007, p.46).

A capital potiguar tem em sua culinária um grande atrativo turístico. Aqui, além do que já foi citado, encontramos a tapioca, um verdadeiro “manjar” servida tradicionalmente sem recheio, e especialmente na praia da Redinha existe tapioca com ginga.

Não esquecendo o camarão, iguaria muito saborosa, preparada com temperos e ingredientes diferentes, como por exemplo, leite de coco, azeite de dendê ou simplesmente preparado no alho e óleo.



O mestre Cascudo em sua História da Alimentação no Brasil (apud ONOFRE JR., 2002, p.47), lembra outra delícia natalense, o pirão. Segundo Cascudo o “legítimo é de farinha de mandioca e só se come no Brasil”.

Além dessas iguarias, há uma grande variedade de doces feitos com as frutas regionais: caju, graviola, cajá, manga, umbu, mangaba, jaca, cristalizados ou em compotas e doces artesanais com os de batata, goiaba cm castanha, banana com coco e jaca com castanha. A fazer “batidas”. Outras frutas e ervas servem de base para elaboração de remédios caseiros (lambedores) tais como a romã, corama, hortelã, mastruz e urtiga branca.

A terra de Câmara Cascudo é um verdadeiro convite ao deguste de uma boa culinária, encontrada em todos os cantos da cidade.



Figura 29 - Alguns Itens da Culinária Local.
Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria de Meio Ambiente e Urbanismo.



3.7 CALENDÁRIO HISTÓRICO-CULTURAL DE NATAL

JANEIRO		
DATA	EVENTO	HISTÓRICO
Ano Novo	01/01	Festa de confraternização universal, comemorada na entrada do ano, com: Missa, fogos de artifício, Baile de Reveillon, homenagem a Iemanjá na Praia do Meio, Ponta Negra e Redinha, com oferendas jogadas ao mar.
06/01	Festa de Santos Reis	Festa religiosa, que encerra as comemorações do ciclo natalino. Cultua as imagens dos Três Reis Magos, ornadas de ouro e prata e que foram trazidas de Portugal como doação de D. José III à paróquia da cidade do Natal. Os festejos religiosos têm início com as novenas todas as noites na Igreja do bairro do mesmo nome. A parte profana da festa centra-se nas quermesses com comidas e bebidas típicas, música e parque de diversão, no pátio externo da igreja. A culminância da parte religiosa é no dia 6 de janeiro com a missa solene e procissão pelas ruas do bairro à tarde.
11/01	Nascimento de Augusto Severo	Nascido em Macaíba, Rio Grande do Norte, Augusto Severo D'Albuquerque Maranhão, pioneiro e mártir da aviação, foi jornalista, deputado federal, abolicionista e republicano histórico. Faleceu em Paris em 12 de maio de 1902, na explosão de seu dirigível "PAX", juntamente com seu mecânico Sachet. Anualmente, por ocasião do aniversário de sua morte, são jogadas flores sobre o seu busto, na Praça que leva seu nome, no bairro da Ribeira.
27 a 29/01	Festa de Nossa Senhora dos Navegantes	Introduzida pelos portugueses, esta é uma das festas mais tradicionais da Cidade do Natal. Consta de uma procissão fluvial, em que inúmeros barcos ornamentados transportam a imagem e os fiéis da padroeira do bairro da Redinha, através do Rio Potengi. Após a procissão, a imagem da Santa é devolvida ao templo. Festa de caráter religioso e popular, na qual é desenvolvida uma programação festiva com folguedos variados. Ocorre em janeiro, dependendo da fase da maré alta. Comemora-se no período de 27 a 29 de janeiro.



JANEIRO		
DATA	EVENTO	HISTÓRICO
20/01	Festa de São Sebastião	Festa religiosa de cunho popular é comemorada em vários bairros, onde o santo é padroeiro, com a realização de novena, e com barracas que vendem comidas e bebidas típicas, além da queima de fogos de artifícios. No último dia da novena é celebrada uma missa solene, seguida de profissão. A igreja de São Sebastião, em Natal, fica localizada à Rua Cel. Estevão, no bairro do Alecrim.
Data móvel	FIART/RN Feira Internacional de Artesanato	Feira e exposição do artesanato de todas as regiões brasileiras e de outros países vizinhos, como Argentina e Chile – com apresentações folclóricas e indígenas. Localizada no Centro de Convenções de Natal (Via Costeira).
FEVEREIRO		
DATA	EVENTO	HISTÓRICO
Data móvel	Carnaval	Festa de cunho popular e profano. Consta em sua programação prévias carnavalescas. Na quinta-feira que antecede o carnaval realiza-se o Baile da Cidade; na primeira semana antes do carnaval, na Praia da Redinha, ocorre o Ensaio Geral, e, ainda, o baile das Kengas, com a escolha do rei momo e da rainha do Carnaval, o Baile de Máscaras e a Noite de Ouro. No sábado à noite, realiza-se o desfile de blocos, escolas de samba e tribos de índio, não bairro da Ribeira, realizado pela Prefeitura do Natal, através da SECTUR
MARÇO		
DATA	EVENTO	HISTÓRICO
05/03	Beatificação dos Mártires de Cunhaú e Uruaçu	Em junho de 1645, sob o domínio holandês, índios canibais invadem a capela de Nossa Senhora das Candeias na hora da missa, fecham as portas e praticam o massacre a 69 católicos, entre eles, o Padre André de Soveral, em Cunhaú. Em outubro de 1645, oficiais holandeses matam brutalmente 80 fiéis católicos em Uruaçu. Em 05 de março do ano de 2000, em Roma, o Papa João Paulo II beatifica os primeiros protomártires norte-riograndenses, e em Natal o Monsenhor Lucilo Machado oficializa às 9h e30 min a primeira missa em louvor aos beatificados.
10/03	Nascimento de Otoniel Menezes	Otoniel Menezes foi jornalista, autodidata, um dos mais inspirados poetas do Estado, autor de versos famosos de “Praieira”, canção musicada por Eduardo Medeiros. Deixou vários livros de poesia como: “Girmen”, “Jardim Tropical”, “Sertão de Espinho”, “Flor”, “A Canção da Montanha”, além de ensaios, artigos e trovas. Faleceu em 19.04.68.



MARÇO		
DATA	EVENTO	HISTÓRICO
13/03	Criação do Ballet Municipal	Criado em 1974, pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura, tem como objetivo proporcionar a formação clássica de ballet a crianças e jovens. Sua aula inaugural ocorreu em 13 de março de 1974, com palestras sobre a importância da dança na educação. No dia 14 de março, no Palácio dos Esportes, verificou-se a primeira aula prática da Escola de Ballet. A primeira apresentação com o grupo de dança se deu no Teatro Sandoval Wanderley. Sua oficialização, entretanto, só ocorre em 1976, conforme Decreto nº 1796, quando da gestão do Dr. Vauban Bezerra de Faria.
14/03	Dia Nacional da Poesia	A data é lembrada em Natal com manifestações artísticas, reunindo escritores e especialmente poetas e lançamento de livros. Desde o final dos anos 70, a data vem sendo comemorada com um café da manhã especial: "PÃO CAFÉ E POESIA", além de exposições e performances.
19/03	Dia de São José	Descendente de Davi, esposo de Maria, da qual nasceu Jesus, que é chamado de Cristo. Por amor, obediência e fidelidade a Deus, São José recebeu vários tributos da Igreja Católica: Esposo da Mãe de Deus, Chefe da Sagrada Família, Exemplo de Fidelidade, Espelho de Paciência, Modelo dos Operários, Protetor da Santa Igreja e Esperança dos Enfermos.
24/03	Inauguração do Teatro Alberto Maranhão	Inaugurado em 24 de março de 1904, com o nome de Carlos Gomes, atualmente "Alberto Maranhão". A construção teve início no ano de 1898. A mudança ocorreu quando era governador do Rio Grande do Norte, o Dr. Silvio Pisa Pedroza.
29/03	Fundação do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte	Criado por iniciativa do Desembargador Vicente Simões Pereira de Lemos. Teve como seu primeiro presidente o Dr. Olimpio Manoel dos Santos Vital.



ABRIL		
DATA	EVENTO	HISTÓRICO
04/04	Criação da Fundação José Augusto	Nesta data, no ano de 1963, a Lei Estadual 2.885 autorizou o Poder Executivo a instituir a Fundação José Augusto, dedicada a promover a cultura do Estado do Rio Grande do Norte.
26/04	Inauguração do Teatro Municipal Sandoval Wanderley	Instalado na administração do prefeito Djalma Maranhão com nome de "Teatrinho do Povo", o Teatro Sandoval Wanderley foi idealizado dentro do plano de valorização cultural, visando levar o povo às manifestações artísticas de nossa cidade. Foi inaugurado em 26 de abril de 1963, com a peça de Antônio Calado, "Pedro Mico", encenada por um grupo de universitários.
30/04	Criação da Sociedade Brasileira de Folclore	Fundada em 30 de abril de 1941, por Luís da Câmara Cascudo, a Sociedade Brasileira de Folclore é a primeira do gênero no Brasil.
Data móvel	Micareme	Realizada 40 dias após o carnaval a festa é realizada na Praça das Flores, no bairro de Petrópolis. Consta na programação do evento, a apresentação de shows com a participação de bandas locais e de blocos carnavalescos.



MAIO		
DATA	EVENTO	HISTÓRICO
03/05	Santa Cruz da Bica	Está situada no final das ruas Voluntários da Pátria, Santo Antônio e Padre Pinto, local em que o fundador de Natal teria delimitado o perímetro urbano da sede da capitania. Considerada milagrosa, está sempre rodeada de fitas e flores. Festejada com novenário, missa, apresentação de banda de música e grupos folclóricos.
JUNHO		
DATA	EVENTO	HISTÓRICO
05/06	Dia Nacional do Meio Ambiente	Neste dia, deseja-se que cada um possa tomar consciência de que os grandes problemas ambientais são gerados pela soma de atitudes individuais. Quando destruímos o meio ambiente em que vivemos, estamos contribuindo para destruir a própria vida, isso é a maior verdade. Preservar a natureza é dever do homem. A beleza de nossas praias, dunas, árvores, águas são fontes de vida. A luta e vigilância devem ser permanentes.
08/06	Nascimento de Chico Santeiro	Nasceu a 08 de junho de 1898 em Santo Antônio do Salto da Onça (RN). De família de escultores populares, tornou-se o mais famoso de todos os nossos santeiros, de onde veio seu apelido. Seu nome era Joaquim Manoel de Oliveira. Morando em Natal esculpiu milhares de peças de madeiras (cristos, rendeiras, cangaceiros, carros de boi, etc.).



JUNHO		
DATA	EVENTO	HISTÓRICO
13/06	Festa de Santo Antônio	Nascido em Lisboa, foi franciscano e professor de Teologia. Pregou a palavra do evangelho em toda a parte, em Portugal e depois na Itália. A festa de Santo Antônio é comemorada em diversos bairros de nossa cidade, com novenários, com bandas de música, apresentação de corais, leilões, barracas com comidas e bebidas típicas, hasteamento da bandeira do santo, por ocasião da abertura das festividades.
2ª quinzena de junho	Festival de Quadrilhas	Realizada sempre em locais públicos da cidade, o evento apresenta quadrilhas juninas de todo o Estado a fim de que se escolha aquela que participará de concurso regional, com o patrocínio de empresas da iniciativa privada.
23/06	Nascimento do Padre João Maria	O padre João Maria é considerado santo pela grande devoção dos fiéis que visitam o busto na praça que tem o seu nome no centro da cidade. Nasceu a 23 de junho de 1848 e faleceu em 16 de outubro de 1905 na Fazenda Logradouro do Barro no município de Jardim de Piranhas. Viveu durante muitos anos em Natal, pregando e fazendo caridade a todos que precisavam, tendo inclusive prestado assistência numa grande epidemia que assolou a cidade do Natal, levando comida e remédios aos pobres.



JUNHO		
DATA	EVENTO	HISTÓRICO
24/06	Festa de São João	<p>Filho de Isabel e Zacarias, foi chamado “Profeta do Altíssimo”, consagrado no ventre materno para anunciar o Redentor e preparar os homens para sua vinda. O culto a São João tornou-se muito popular. Segundo a tradição oral, a fogueira presente hoje nos festejos é lembrança daquela que Maria (Nossa Senhora) acendeu ao anunciar o nascimento de São João, quando da sua visita a sua prima Isabel.</p> <p>Em nossa cidade as tradições folclóricas em torno das festas juninas têm sido preservadas através dos tempos. São fogueiras, quadrilhas, casamentos matutos, comidas típicas e queima de fogos que fazem parte dos festejos, além do tradicional forró.</p> <p>A Prefeitura realiza grande Festival de Quadrilhas Juninas, tradicionais e estilizadas, com a participação de mais de cem grupos de todas as regiões da cidade.</p>
29/06	Festa de São Pedro	<p>Apóstolo de Cristo, São Pedro recebeu dele a missão de chefia da igreja.</p> <p>A festa do padroeiro é comemorada no Alecrim, na igreja do mesmo nome, com missa, procissão e barracas no pátio da igreja.</p>
JULHO		
DATA	EVENTO	HISTÓRICO
01/07	Criação do Brasão de armas e escudos do Rio Grande do Norte	<p>O brasão de armas e escudo do Rio Grande do Norte foi criado pelo governador Alberto Maranhão pelo decreto nº 201 de 1º de julho de 1909. A presença do mar onde navega uma jangada de pescadores representa as indústrias do sal e da pesca. Os laços de cores naturais que prendem as duas canas representam a flora principal do Estado.</p>



JULHO		
DATA	EVENTO	HISTÓRICO
25/07	Criação da Sociedade Araruna de Danças Antigas e Semi-Desaparecidas	<p>Criado em 25 de julho de 1956 por iniciativa do vereador Manoel de Oliveira Paula, recebendo de Wilson Oliveira o nome de Cordellanas. Depois, por sugestão de Câmara Cascudo, passou a chamar-se Araruna. O grupo Araruna é uma dança muito bonita com características próprias que se apresenta sempre nas festas de Natal e Ano Novo mantendo a origem de sua tradição.</p> <p>Desde o início a orientação para as danças é feita pelo mestre Cornélio Carpina, grande incentivador de manifestações folclóricas da terra.</p>
Segunda quinzena do mês	Festa de Sant'Ana	<p>A Festa de Sant'Ana realiza-se na segunda quinzena do mês de julho no conjunto Soledade II, no bairro Potengi. Durante 10 dias, os fiéis homenageiam a padroeira da comunidade que abrange localidades como Santarém, Novo Horizonte, Alvorada, Parque das Dunas, Jardim das Flores, Niterói e Salinas, na Zona Norte de Natal.</p>



AGOSTO		
DATA	EVENTO	HISTÓRICO
21/08	Nascimento de Ferreira Itajubá	Manoel Virgílio Ferreira Itajubá nasceu em 1876, em Natal, no bairro da Ribeira. Foi uma figura humana extraordinária, homem do povo, poeta nato, de grande talento e nenhuma erudição, foi considerado o maior dentre os românticos do Rio Grande do Norte. Morreu em 1912 no Rio de Janeiro, deixando grande lacuna na vida potiguar.
22/08	Nascimento de Jorge Fernandes	Nasceu em 1887 em Natal. Não teve instrução formal superior. Autodidata, teve vida dura. Foi empregado de uma fábrica mais de 20 anos, comerciante (cafés e bares) e funcionário público. Nordestino, já fazia versos sem rima provocando protestos e iras por toda à parte. É considerado percussor do Concretismo. Morreu em Natal a 17 de julho de 1953.
22/08	Dia do Folclore	Este dia foi criado em 1846. Estuda-se o folclore como culto às raízes culturais de um povo, exteriorizado pelas danças, cantos, poesias, lendas, estórias, superstições, usos e costumes, enfocando uma série de tradições transmitidas de geração a geração. Uma das características do folclore é o anonimato das composições literárias ou musicais, criadas por alguém cujo nome é ignorado e que se incorporam as manifestações populares. É comemorado com apresentação de grupos folclóricos das comunidades nas escolas, fazendo um intercâmbio dos seus conhecimentos para a criação de grupos para-folclóricos.



AGOSTO		
DATA	EVENTO	HISTÓRICO
24/08	Aniversário de morte de Felipe Camarão	Antônio Felipe Camarão pertenceu a grande tribo dos potiguares. Combateu os holandeses e escaramuçou com os invasores do Rio Grande do Norte até a Bahia. Seus relevantes serviços fizeram com que D. João IV lhe concedesse o “hábito de cavaleiro da Ordem de Cristo”, o título de “Dom” o “foro de fidalgo com brasão de armas”, um soldo de quarenta cruzadas e a patente de Capitão-mor de todos os índios do Brasil. Morreu no Arraial Novo do Bom Jesus, perto de Recife.
SETEMBRO		
DATA	EVENTO	HISTÓRICO
03/09	Criação do Coral Municipal	O Coral Municipal Sons da Terra tem como finalidade a difusão do canto coral nas escolas da rede municipal de ensino, através da realização de concertos didáticos e apresentações de caráter pedagógico. Fundado em 03 de setembro de 1991, o coral é composto somente por vozes femininas, com funcionárias da rede municipal de ensino.
11 a 14/09	Festa do Bom Jesus das Dores	De 11 a 14 de setembro na igreja do padroeiro no bairro da Ribeira. A festa constitui-se apenas da parte religiosa, missas e novena.
12/09	Nascimento de Auta de Souza	Nasceu em Macaíba em 12 de setembro de 1876. Poetisa mística, autora de um único livro Horto, é uma das vozes mais sensíveis da poesia feminina no Brasil. Aos 14 anos, já órfã de pai e mãe, lhe apareceram os primeiros sintomas da tuberculose que a vitimou.



SETEMBRO		
DATA	EVENTO	HISTÓRICO
28/09	Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos	A Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos realiza-se anualmente no dia 28 de setembro até os primeiros dias de outubro, na Cidade Alta. Um dos momentos mais aguardados da festa é a coroação do rei e da rainha negra.
OUTUBRO		
DATA	EVENTO	HISTÓRICO
17/10	Nascimento de Lourival Açucena	Joaquim Edvirgens de Melo Açucena foi cronologicamente o primeiro poeta do RN. Nasceu a 17 de outubro de 1827 e faleceu antes de completar 80 anos, também em Natal. A sua poesia é simples, porém, cheia de graça e durante 60 anos governou as serestas, as ceias e as festas íntimas da cidade.
NOVEMBRO		
DATA	EVENTO	HISTÓRICO
Data móvel	Festival de Cinema de Natal – FESTNATAL	O Festival de Cinema de Natal apresenta mostras de filmes nacionais e estrangeiros. O público alvo estimado diariamente é de cerca de 500 espectadores. Anteriormente o evento era realizado no Cine Rio Verde, Cine Natal I e II e no Centro de Convenções. Porém atualmente acontece no Moviecom. Promovido pelo Circulo de Artes do Nordeste.



NOVEMBRO		
DATA	EVENTO	HISTÓRICO
Data móvel	Muitos Carnavais	Carnaval fora de época com o objetivo de resgatar antigos carnavais, com a participação de bandas de sopro, charangas e blocos carnavalescos. É realizado pela iniciativa privada, com apoio da Prefeitura através da SECTUR, geralmente acontece no corredor cultural, entre a Cidade Alta e a Ribeira.
DEZEMBRO		
DATA	EVENTO	HISTÓRICO
Data móvel	Carnatal	Carnaval fora de época, realização da Destaque Promoções e Eventos, apoio da Prefeitura do Natal, com a participação de trios elétricos da Bahia e artistas locais. Localizado no Espaço de Eventos do Machadão.
Data móvel	Festejos Natalinos Natal em Natal	Constam em sua programação apresentações folclóricas, Auto do Natal, Festa de Iemanjá e show pirotécnico no Reveillon. Os festejos são realizados na Praia de Ponta Negra, Praia dos Artistas, Centro da Cidade e Redinha, com o apoio da Prefeitura do Natal, através da SECTUR e FUNCART.



DEZEMBRO		
DATA	EVENTO	HISTÓRICO
22/12	Auto do Natal	Espetáculo de rua, com as manifestações culturais da cidade. O evento realiza-se no Centro da Cidade e é promovido pela Prefeitura da Cidade do Natal, através da FUNCART com o apoio de outras Secretarias Municipais.
Data móvel	ENCONAT	O Encontro de Corais de Natal, é realizado no último trimestre do ano. Em 2003, na sua 9 ^o edição, o evento passou a ser oficializado como o I Encontro Nacional de Coros de Natal. As apresentações acontecem no Teatro Alberto Maranhão durante a noite. Também, durante o período do Encontro, os corais se apresentam paralelamente em diversos locais da cidade, como escolas, clubes e outras instituições, espalhando o canto coral por toda a cidade nesses dias.



4. ASPECTOS FÍSICOS E BIOLÓGICOS



Geologia

A região de Natal é sintetizada, estratigraficamente, da base para o topo, como: embasamento cristalino pré-cambriano cuja constituição principal é representada por granitos, granodioritos, migmatitos, gnaisses com afloramento próximo à cidade de Macaíba; depósitos mesozóicos que correspondem à seqüência infra-Barreiras (seqüência cretácea), posicionada discordantemente sobre as rochas pré-cambrianas, sendo constituída por sedimentos cretáceos, onde ocorrem, em horizontes inferior, rochas areníticas e no superior, calcário com intercalações areníticas e argilíticas, aflorando próximo a Macaíba e, as seqüências sedimentares do Barreiras, de idade Cenozóica, sobrepostas, discordantemente sobre as rochas pré-cambrianas do embasamento cristalino ou aos sedimentos mesozóicos (VILAÇA, 1985). Esses depósitos constituem uma seqüência de camadas e lentes de depósitos clásticos, com granulometria variada desde seixos quartzosos para areias arcósianas e argilas caulínicas, pouco consolidadas e variadas. A alternância de camadas distintas constitui um aspecto freqüente no pacote sedimentar, sendo observada inconformidade erosiva, separando as camadas. Para Vilaça (1985) a estratigrafia dos sedimentos do Barreiras e das rochas, após a sua deposição na região de Natal, podem ser disposta nas seguintes unidades estratigráficas:

Unidade I, seqüência situada na base da coluna, sendo composta por sedimentos arenosos até conglomeráticos com cimento ferruginoso, intercalações argilosas e leito bastante silicificado, normalmente encontrados nos topos das chapadas e serras do interior;

Unidade II, ocorrendo na região de Natal com grande variação faciológica, constituindo camadas arenosas, sílticas até argilosas, com níveis de seixos, concreções ferruginosas, cores variadas (roxo, branco, amarelo e outras) ou marrom avermelhado com discretas manchas vermelhas e roxas, podendo, ainda, apresentar sedimentos com cores brancas predominantes, relacionadas a fácies caulínicas;

Unidade III, representada por sedimentos areno-argilosos e argilo-arenosos, de cores esbranquiçadas. O material desta unidade representa acumulações em pequenos grabens. Na região de Natal, estes sedimentos revelam, claramente, um posicionamento entre falhas, em contato com a Unidade II, constituindo uma distinção das demais formações;

Unidade IV, constituída por areia e areia argilosa, de coloração avermelhada, amarelada ou creme, formando depósitos homogêneos, resultantes de dissipação de dunas, misturados com sedimentos retrabalhados das seqüências subjacentes, correspondendo a Formação Potengi, proposta por Silva (1969);

Unidades V e VI, constituídas respectivamente, por sedimentos sub-recentes e recentes, constituindo os seguintes depósitos:



- Dunares - depósitos eólicos constituídos por sedimentos areno-quartzosos, de granulometria fina a média, com grãos selecionados, subangulosos e arredondados e foscos a polidos, ocorrendo na faixa costeira sendo no caso de dunas recentes, predominância das cores claras e nas antigas, o branco e amarelo-avermelhado;
- Praiais - constituídos por areias finas, médias e grossas, predominando a granulometria média a grossa, podendo ocorrer a presença de argila caulínica e silte;
- Depósito das planícies de deflação - correspondendo aos sedimentos de areia e em certos locais com uma percentagem de argila e silte. Ocorrem num plano inclinado, protegidos da ação efetiva das ondas pela crista da praia, e são formados, esses depósitos, geralmente, acima dos depósitos de estirâncio (praiais), sendo coberto, em alguns setores do litoral leste do Rio grande do Norte, por depósitos do tipo lagunar ou pantanoso;
- Depósitos estuarinos - correspondem aos sedimentos de estuários ou lagunares sujeitos às inundações das marés e de descarga dos cursos fluviais, compreendendo: bancos de areia, com coloração esbranquiçada; sedimentos argilo-arenosos e siltico - argiloso, com muita matéria orgânica, de coloração cinza - escura a preta, ocorrendo, por exemplo, no estuário do Rio Potengi;
- Depósitos aluvionares - formados por sedimentos clásticos, com granulometria e litologia bastante variadas, observando-se areias quartzosas finas a grossas, mal selecionadas, seixos de quartzo arredondados e sub-arredondados, material microclástico com ou sem matéria orgânica, turfa e argila orgânica. São encontrados nos leitos e planícies dos rios e lagoas ou como depósitos aluviais que se encontram nas encostas dos principais vales da região costeira do Rio Grande do Norte, constituindo os terraços dos mesmos;
- Depósitos de cobertura de espraiamento - compreendendo os sedimentos arenosos, geralmente inconsolidados, dispostos sobre o Barreiras, resultantes do intemperismo e erosão das rochas subjacentes e adjacentes, podendo sugerir um pequeno transporte eólico ou pelas águas. No litoral do Rio grande do Norte, são identificados cinco tipos de coberturas arenosas, denominadas de



sedimentos mistos (Sdm, Sdm'), sedimentos com vestígios dunares (Str), sedimentos sem ou com pouca matéria orgânica (Qcr), sedimentos com muita matéria orgânica (Qcg) e sedimentos de lençóis de areia (Slr).

Geomorfologia

Em termos regionais, os trabalhos realizados por Vilaça (1985) e Vilaça et al (1986), consideram a geomorfologia da região de Natal como composta por quatro formas geomorfológicas: I - A plataforma continental; II - As formas litorâneas; III - As superfícies de aplainamento e, III - Os vales fluviais lacustres .

Na Plataforma Continental, há o predomínio de um relevo plano com largura de 200 km e profundidade de 100m, com parte emersa entre 6 a 12 km do estirâncio (zona de fluxo e refluxo das marés). Estão presentes as feições morfológicas: canyon submarino (canyon do Rio Potengi); terraços erosionais (localizados na borda da plataforma continental e talude, no largo de Natal); bancos algais (ocorrendo na plataforma externa) e recifes de arenitos (dispostos paralelamente à praia).

Litorâneas ficam compreendidas entre o estirâncio e compartimentos de modelamentos costeiro: zona de estirâncio; faixa de pós-praia (podendo estar incluída na planície de deflação); falésias e campos dunares de colinas eólicas.

As Superfícies de Aplainamento constituem formas de relevo formadas pelo sistema morfoclimático de mudanças climáticas, que, no caso, do úmido para o semi-árido. Formam interflúvios planos, extensos, cuja superfície é interrompida pelas falésias localizadas ao longo da costa ou pelas vertentes dos vales. Atingem até a cota topográfica 80 metros, sendo menos elevadas nas proximidades do oceano.

Os Vales são formas contidas nas superfícies de aplainamento, denominadas vales fluviais ou vales lacustres, conforme a hidrografia. São constituídos pelos talwegues, leitos, planícies de inundações, terraços de 15-16 metros, de 7-8 metros e de 2-3 metros acima dos leitos atuais dos rios e vertentes.

Solos

Os solos predominantes em Natal são bastante areno-quartzosos profundos, identificando-se cinco tipos principais:

- Areias Quartzosas Marinhas Distróficas - Localizando-se predominantemente nas



formas litorâneas de campos dunares de colinas eólicas (Dunas), são areias de origem marinha depositadas pela ação dos ventos dominantes. São solos ou tipo de terreno areno-quartzosos, profundos ou muito profundos, excessivamente drenados, distróficos, ácidos e de fertilidade natural muito baixa, com tonalidade de colorações diversas - esbranquiçadas, cinza, preta e ocre (BRASIL, 1971; VILAÇA, 1985; VILAÇA et al., 1986).

- Areias Quartzosas Distróficas - São solos que ocorrem, geralmente, nas feições de tabuleiro costeiro, comumente sobre as seqüências Barreiras, apresentam fertilidade natural muito baixa, excessivamente drenados, com muito baixo teor de argila. Constituem solos ácidos, com coloração esbranquiçada e amarelada ou avermelhada (BRASIL, 1971; VILAÇA, 1985; VILAÇA et al, 1986).
- Latossolo Distrófico - Apresentam-se com coloração amarela e vermelha, geralmente mosqueada com seixos de quartzo nas bordas dos vales. Estas tonalidades de cores amarelas e avermelhadas provêm da concentração do minério de ferro e da lixiviação das bases trocáveis, tornando-o ácido, sendo este processo de laterização responsável pelo aparecimento de congressões ferruginosas. Esta associação originou-se do intemperismo sobre sedimentos areno-silte-argiloso das seqüências Barreiras, apresentando textura média, relevo plano, grande espessura e baixa fertilidade (BRASIL op. cit; VILAÇA op. cit; VILAÇA et al op. cit.). Em Natal pode-se observar a ocorrência nas vertentes, margem do tabuleiro costeiro e em alguns pontos do interior do tabuleiro.
- Solos Aluviais Eutróficos textura indiscriminada - São solos pouco desenvolvidos, provenientes de deposições fluviais de natureza variada, com fertilidade natural alta, medianamente profundos, imperfeitamente a moderadamente drenados, moderadamente ácidos e, alcalinos nas camadas inferiores e sem problemas de erosão. Apresentam argila de atividade alta, saturação com alumínio praticamente inexistente e alta saturação de bases. O material é constituído por sedimentos recentes, aluviais não consolidados, de



natureza variada, formando camadas estratificadas (argilo-arenosas, areno-argilosas, argilo-siltosas ou arenosas) sobrepostas sem disposição preferencial dos estratos. O relevo é predominantemente plano, ocorrendo, entretanto, em algumas áreas, micro-relevo constituído de pequenas depressões alongadas (BRASIL, op. cit.). Em Natal, é notada a presença na várzea do Rio Potengi (BRASIL op. cit.) e na várzea do Rio Pitimbu (HIDROSERVICE, 1999).

- Solos Indiscriminados de Mangues de textura indiscriminada - Ocorrendo na Baixada Litorânea, em relevo plano, podendo apresentar pequenas depressões e distribui-se na desembocadura do Rio Potengi. É um solo de sedimentos não consolidados recentes, constituído por material mineral muito fino em mistura com detritos orgânicos. Material de natureza mais grosseira (sedimentos arenosos) ocorre principalmente nas áreas marginais ou fora da desembocadura do Rio. Os sedimentos são depositados pelas águas do Rio, que em seus baixos cursos diminuem a correnteza ao encontrarem as águas do mar, favorecendo, sobretudo o depósito de materiais finos. Os detritos orgânicos são originários principalmente da decomposição das plantas dos mangues e da atividade biológica intensa produzida pelos caranguejos que são numerosos nestes terrenos lamacentos (BRASIL, 1971).

Recursos Hídricos

As águas subterrâneas constituem fonte de suprimento hídrico, respondendo, segundo Melo (1995), por cerca de 73% do volume fornecido para o abastecimento d'água da cidade, através da exploração por poços tubulares profundos, sob a responsabilidade da concessionária do município (Companhia de Água e Esgotos do Rio Grande do Norte - CAERN). Isto, em termos de distribuição via rede pública oficial, pois somada a parcela dos poços particulares, acredita-se ser este percentual elevado para cerca de 80%.

As formações ou camadas de zonas saturadas ou com potencialidade de acumulação de água subterrânea, nas quais se podem obter águas para uso, são denominadas de formações aquíferas, lençóis aquíferos, reservatórios de água ou, simplesmente, aquíferos.

O sistema hídrico de Natal é composto pelo aquífero freático (embora intermitente), aquífero confinado/semiconfinado promovido pelas seqüências sedimentares inferiores Formação Guararapes das seqüências Barreiras, além dos corpos hídricos superficiais - as lagoas e cursos d'água (BARROS, 2003).

O conhecimento dessas coleções hídricas torna-se imprescindível quando se pretende



estudar sua vulnerabilidade natural de contaminação, quanto à solicitude de cargas poluidoras advindas do meio antrópico e a necessidade de proteger as águas e, conseqüentemente, a qualidade de vida da população urbana.

Bacias Hidrográficas

O Plano Estadual de Recursos Hídricos (HIDROSERVICE, 1999) considera a região de Natal abrangida pelas seguintes bacias hidrográficas: Bacia do Rio Potengi; Bacia do Rio Pirangi; Bacia do Rio Doce e Faixa Litorânea Leste de Escoamento Difuso.

Nesse Plano observa-se que grande parte da cidade pertence à Bacia Oceânica (Faixa Litorânea Leste de Escoamento Difuso), como se, todas as coleções hídricas existentes nos bairros do Parque das Dunas e de Ponta Negra escoassem, difusamente, para o mar. No entanto, não se constata a presença de cursos d'água ao longo da Via Costeira ou na praia de Ponta Negra, característica dos fluxos de água interiores que deságuam nos oceanos. Ademais, um fator importante para a conclusão do direcionamento das águas captadas pelo Parque das Dunas para o interior do continente é a existência de poços amazonas (cacimbas) ao longo das franjas dunares nos bairros de Tirol e Nova Descoberta e presença de lagoas aflorantes como do Preá, Potiguares e Centro Administrativo, além do dreno natural, Canal do Baldo e, possivelmente, Canal das Quintas. Associa-se ainda ao fato dos movimentos de terra para extração de areia e barro para construção, efetuados ao longo das faldas das dunas, na Via Costeira, não acusarem presença de aquífero livre.

Sistema de drenagem pluvial

A peculiar conformação lito-geomorfológica associada ao crescente adensamento por edificações incrementa a cada estação chuvosa, situações de conflitos sócio-econômicos, decorrentes das inundações de baixios topográficos com alcance nas edificações, do arraste de obras públicas pelas enxurradas, do transtorno no tráfego, incidindo nas condições de habitabilidade da população. São inúmeras depressões, muitas vezes ocorrendo em uma única microbacia drenante, de caráter estanque, sem que sejam apresentadas soluções definitivas para os conflitos (BARROS, 2003).

As propostas para direcionar a drenagem da cidade, em termos de um planejamento global, datam da década 70, culminando no Plano Diretor de Drenagem de Natal (ACQUA-PLAN, 1982), que identificou na cidade a presença de onze bacias de drenagem, sendo seis "Flúvio-Marinhas" e cinco ditas "Sem Exutório", entretanto não contemplou a porção norte da cidade.

Em 1988, o Departamento Nacional de Obras de Saneamento (DNOS), elaborou novo



estudo da drenagem de Natal, compreendendo superfície municipal, assinalando 21 bacias de drenagem distintas, sendo cinco abertas e seis fechadas. As bacias fechadas funcionam, naturalmente, em regime de fluxo isolado superficialmente, podendo ser interligadas numa superfície freática, tem seus exutórios identificados nas cotas altimétricas mais baixas, constituindo lagoas naturais ou simplesmente depressões (locais com histórico de inundações).

Os sistemas públicos implantados detêm soluções locais, sendo adaptados a cada novo problema. Tais sistemas procuram tirar proveito das declividades naturais das bacias contribuintes e da gravidade, encaminhando os deflúvios ora superficialmente pelas sarjetas ora subterraneamente por galerias, sendo alguns sistemas, contemplados com sistemas de recalque que conectam a outros sistemas de bacias próximas. Os sistemas de galerias adotados são do tipo separador absoluto, portanto, dimensionados para receber, exclusivamente, as águas das chuvas. Essas galerias, na sua maior parte, encontram-se subdimensionadas em função do tempo, do desmatamento da cobertura vegetal e da impermeabilização progressiva das vias e terrenos, resultante do crescimento urbano.

Os alagamentos nos baixios, por ocasião dos picos de cheia conforme a intensidade das chuvas, são agravados pelo fato da cidade não apresentar elementos macro ou microdrenantes suficientes para conduzir os deflúvios ao mar (características das bacias abertas). O que ocorre é um complexo de microbacias fechadas, que ao receberem as contribuições, concentradas, em suas bases, necessitam de certo intervalo de tempo para infiltrar as águas nos solos e ou evaporar, continuando o Ciclo Hidrológico (BARROS, 2003).

Vegetação

O Município de Natal apresenta sobre seus domínios uma diversidade vegetal que comporta as seguintes tipologias (IDEMA, 2005):

- Formação Tabuleiros Litorâneos - vegetação encontrada cobrindo os Tabuleiros Costeiros, geralmente são áreas onde ocorreu intervenção humana.
- Floresta Sub-perenifólia - vegetação constituída por árvores sempre verdes, possuem grande número de folhas largas, troncos relativamente delgados, densa e o solo apresenta-se recoberto por uma camada de húmus.
- Manguezal - sistema ecológico costeiro tropical dominado por espécies vegetais - mangue a animais típicos - às quais associam outras plantas e animais adaptados a um solo periodicamente inundado pelas marés, com grande variação de salinidade.





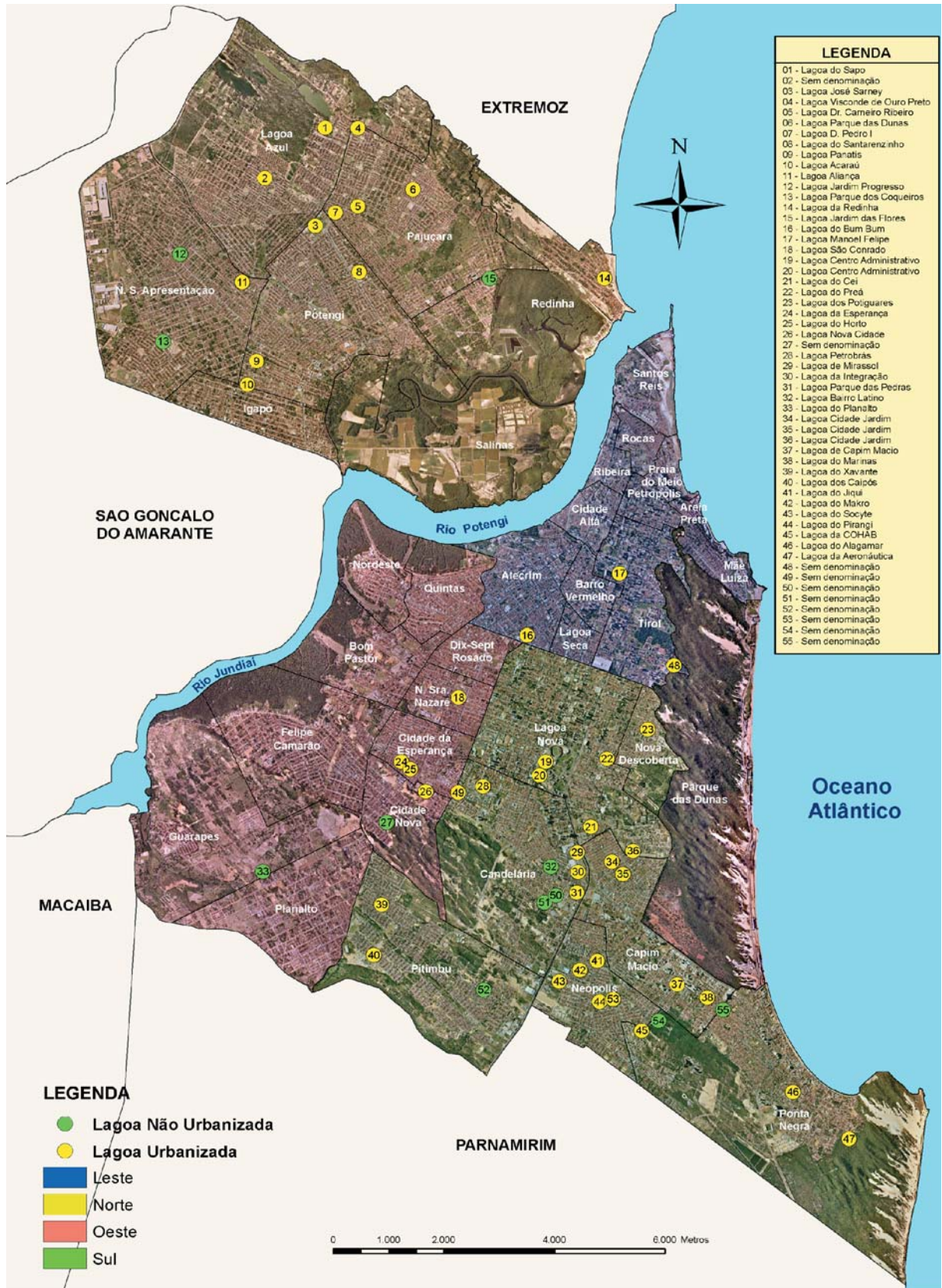
Figura 30 - Vista parcial do Parque das Dunas
Foto: Esdras Rebouças Nobre



Figura 31 - Vista parcial do manguezal às margens do Rio Potengi - Bairro Salinas
Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo



Mapa 04 - Localização das lagoas de recepção de drenagem Urbana de Natal



Fonte: Mapa elaborado pela SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo, 2008.



Condições climáticas

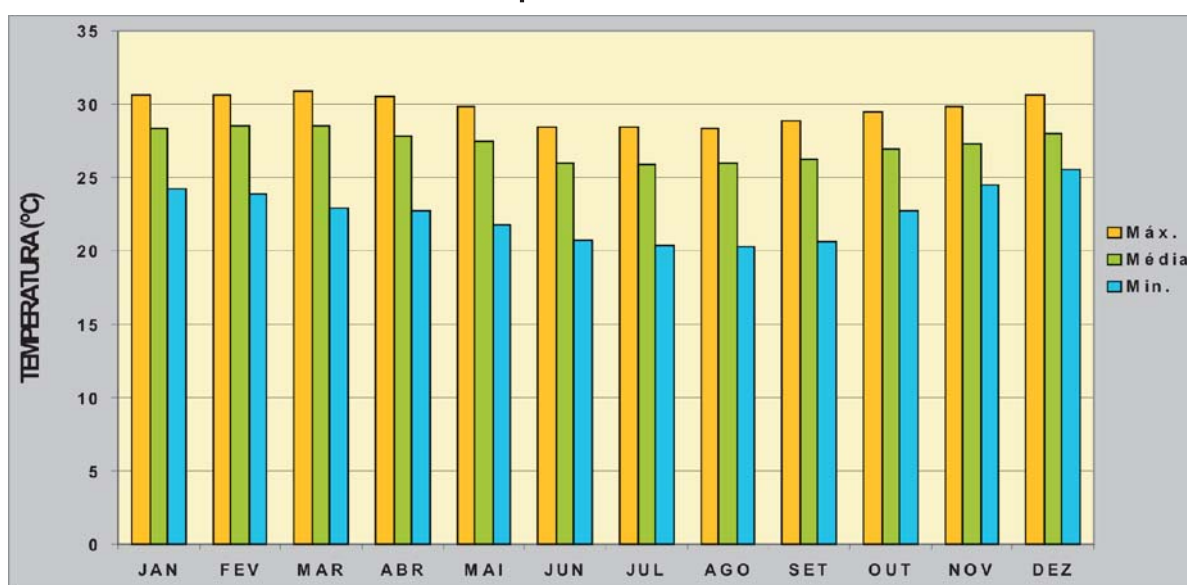
O clima da região em Natal, segundo a classificação climática de Koppen, é do tipo As, definido como clima tropical chuvoso quente com verão seco, conforme Vianello & Alves (1991). Segundo a classificação bioclimática de Gaussen, a mesma região é enquadrada no tipo 3cTh, definido como um bioclima Mediterrâneo ou Nordeste quente de seca atenuada, com três a quatro meses secos anualmente, ocorrendo índice xerotérmico moderado, entre 40 a 100, e ainda como um clima tropical de monção com pequena amplitude térmica anual e um curto período seco, conforme Ayoade (1986).

O regime térmico dessa região do Litoral Oriental do Rio Grande do Norte é relativamente uniforme, com temperaturas elevadas ao longo de todo o ano. Essas características são devidas à grande quantidade de radiação solar incidente sobre a superfície terrestre, associada às altas taxas de nebulosidade. Além disso, a proximidade do mar induz a redução na amplitude térmica.

Temperatura do ar

A temperatura do ar na região Litoral Oriental, onde se localiza o Município de Natal, são elevadas ao longo de todo o ano. O comportamento das médias mensais, em 2006, indica uma pequena variação ao longo do ano, com uma amplitude média anual de 2,4° C. A menor temperatura média mensal, 25,9° C, ocorreu em julho, e a maior, 28,5° C, em fevereiro e março (item 4.6). A temperatura média anual é de 27,5° C (Gráfico 01).

Gráfico 01 - Temperatura do ar em Natal - 2007



Fonte: Gráfico elaborado pela SEMURB com dados da Empresa de Pesquisa Agropecuária do Rio Grande do Norte - EMPARN - 2007



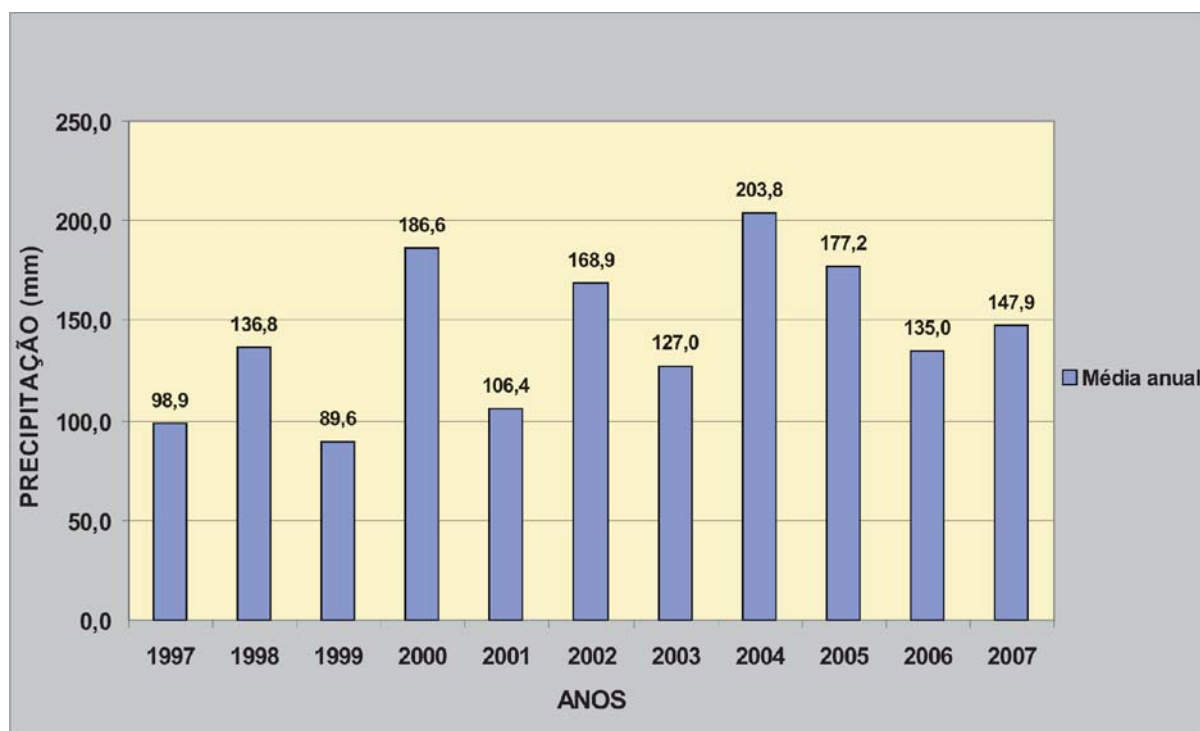
A amplitude térmica diária normalmente não ultrapassa os 10° C. O fato de que a amplitude térmica diária seja maior do que a amplitude térmica é devido a fatores como a baixa latitude local, à altitude próxima ao nível do mar e à influência da massa d'água oceânica próxima.

Precipitação

A precipitação média em Natal para o período 1997 - 2007 é de 143,4 mm. A menor precipitação anual, de 89,6 mm, ocorreu em 1999 e a maior, de 203,8 mm, em 2004 (Gráfico 02).

A estação chuvosa em Natal estende-se de março a agosto, quando os totais mensais, em média, excedem os 100 mm. Outubro, novembro e dezembro são os meses mais secos, com total de precipitação, em média, abaixo de 40 mm (Item 4.1).

Gráfico 02 - Precipitação média anual em Natal - 1997-2007



Fonte: Gráfico elaborado pela SEMURB com dados da Empresa de Pesquisa Agropecuária do Rio Grande do Norte - EMPARN - 2007

As chuvas que ocorrem do início do ano até abril estão relacionadas com a ação da Zona de Convergência Intertropical (ZCIT) e ocorrem, sobretudo, durante a noite e no início de manhã. De maio a agosto as chuvas, embora sejam mais freqüentes durante a noite, podem ocorrer também durante o dia, porém raramente se estendem por muitas horas.



Embora não existam estudos analisando a duração e a intensidade de chuvas individuais, é muito comum na região do litoral oriental, incluindo a capital do Estado e circunvizinhanças, ocorrerem chuvas rápidas e intensas.

Tais chuvas são rapidamente absorvidas pelos solos locais, tendo em vista a natureza bastante porosa dos mesmos, movimentando-se em curto período para as áreas mais baixas do terreno, para as lagoas e alagados.

Estas características devem ser levadas em consideração ao se realizarem construções e alterações na drenagem, tendo em vista a possível formação de enxurradas e o alagamento das partes mais baixas do terreno.

Ventos

Os ventos no Litoral Oriental do Rio Grande do Norte sopram, predominantemente de Sudeste, durante 211 dias por ano, em média. Já os ventos de Leste, predominam 102 dias do ano, e os ventos de Sul, 37 dias. Durante todos os meses do ano predominam os ventos de sudeste, segundos pelos ventos de sul, que são mais freqüentes de abril a julho, e os ventos de leste, de outubro a março.

A velocidade média anual dos ventos no Litoral Oriental, tendo como base os dados da Universidade Federal do Rio Grande do Norte -UFRN em Natal é de 4,3 m/s (15,5 Km/h), com as maiores médias mensais de agosto a novembro, e as menores em março e abril. As velocidades médias diárias máximas são elevadas ao longo de todo o ano, com oscilações entre 8,3 e 10,3 m/s (30,0 e 37,0 Km/h).

4.1 PRECIPITAÇÃO - TOTAIS MENSAIS (mm) - 1997 - 2007

PRECIPITAÇÃO - TOTAL MENSAIS (mm)											
MÊS/ANO	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Janeiro	13,3	49,2	12,6	40,0	30,1	108,9	84,1	383,9	2,0	4,2	86,3
Fevereiro	72,8	78,3	143,8	79,9	6,8	82,3	184,0	283,0	36,4	87,2	65,9
Março	159,6	81,4	139,2	114,9	133,8	483,1	312,0	252,0	186,3	157,4	260,3
Abril	256,2	74,7	175,8	177,4	360,2	137,7	133,4	167,8	144,0	427,9	245,4
Mai	340,0	161,7	289,5	230,0	14,4	122,9	230,8	160,7	548,3	115,3	120,9
Junho	77,7	210,0	131,5	577,2	373,4	405,8	244,3	642,9	881,3	375,1	560,4
Julho	79,8	789,0	31,1	482,3	145,2	225,2	183,5	383,4	126,9	173,3	191,8
Agosto	121,3	138,7	49,8	288,8	103,2	312,9	49,6	90,1	134,4	90,2	95,8
Setembro	5,1	19,0	32,6	205,1	28,4	1,0	41,6	44,4	43,9	42,5	46,2
Outubro	3,0	13,7	14,2	8,7	13,7	29,4	21,7	13,0	31,6	13,4	20,2
Novembro	2,7	8,5	1,4	12,1	17,1	98,9	16,1	10,1	1,2	83,5	45,2
Dezembro	55,8	17,0	53,8	23,0	50,2	18,8	22,5	4,8	10,4	49,5	16,0
Média anual	98,9	136,8	89,6	186,6	106,4	168,9	127,0	203,8	177,2	135,0	147,9

Fonte: Empresa de Pesquisa Agropecuária do Rio Grande do Norte - EMPARN - 2007



4.2 MÉDIAS HISTÓRICAS - EVAPORAÇÃO

MÉDIAS HISTÓRICAS - EVAPORAÇÃO (mm/dia)												
MÊS	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
EVAPORAÇÃO	6,9	6,8	5,7	4,7	4,5	3,6	4,2	5,5	6,6	7,3	7,5	7,0

Fonte: Empresa de Pesquisa Agropecuária do Rio Grande do Norte - EMPARN - 2007

4.3 MÉDIAS HISTÓRICAS - INSOLAÇÃO

MÉDIAS HISTÓRICAS - INSOLAÇÃO (Horas)												
MÊS	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
INSOLAÇÃO	226,5	212,9	205,7	189,9	211,2	215,3	206,6	242,5	259	288,2	275,2	259,3

Fonte: Empresa de Pesquisa Agropecuária do Rio Grande do Norte - EMPARN - 2007

4.4 MÉDIAS HISTÓRICAS - UMIDADE RELATIVA DO AR

MÉDIAS HISTÓRICAS - UMIDADE RELATIVA DO AR (%)												
MÊS	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
UMIDADE	75,6	77,9	79,1	81,7	82,3	82,3	80,6	78,0	74,6	73,1	76,8	75,6

Fonte: Empresa de Pesquisa Agropecuária do Rio Grande do Norte - EMPARN - 2007

4.5 MÉDIAS HISTÓRICAS - PRESSÃO ATMOSFÉRICA

MÉDIAS HISTÓRICAS - PRESSÃO ATMOSFÉRICA (Hpa)												
MÊS	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
PRESSÃO	1005,5	1006,3	1006	1006,1	1007	1008,4	1009,5	1009,7	1009,6	1007,6	1007	1006,7

Fonte: Empresa de Pesquisa Agropecuária do Rio Grande do Norte - EMPARN - 2007



4.6 TEMPERATURA DO AR (°C) - 1997 - 2007

TEMPERATURA MAX. MIN. E MEDIA DO AR (°c)													
ANO/MES		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
1997	Máx.	30,8	30,7	30,3	30,1	29,4	28,9	28,5	28,2	29,1	30,0	30,0	30,6
	Média	28,3	28,0	27,8	27,3	26,9	26,4	25,8	25,3	26,5	27,3	27,3	28,2
	Min.	24,1	25,1	24,2	23,8	21,8	20,3	20,5	20,5	22,4	24,1	24,1	24,5
1998	Máx.	30,9	31,5	31,6	31,7	30,4	28,9	27,3	27,3	29,7	30,1	30,1	30,6
	Média	28,5	29,1	29,3	29,1	28,0	26,2	25,5	25,5	26,8	27,5	27,5	28,1
	Min.	24,1	25,4	25,5	25,3	23,9	22,3	19,9	19,8	22,1	22,5	22,5	22,8
1999	Máx.	30,6	30,9	30,4	30,1	29,5	29,0	29,0	29,0	29,7	29,6	29,5	29,3
	Média	28,0	28,0	28,0	27,8	26,9	26,7	26,1	26,1	26,6	27,0	27,8	27,8
	Min.	22,4	21,2	21,2	20,5	19,4	18,5	17,8	17,8	19,5	19,9	21,2	21,1
2000	Máx.	30,3	30,9	30,6	30,2	29,6	28,7	27,6	27,6	28,8	28,9	30,0	29,9
	Média	28,0	28,3	28,5	27,7	27,1	25,8	25,0	25,0	26,8	27,5	27,4	27,6
	Min.	20,8	20,9	21,2	20,2	19,7	18,4	17,8	17,8	19,5	20,5	21,0	21,2
2001	Máx.	30,2	31,0	30,7	29,7	30,2	28,5	28,4	28,4	28,9	29,8	30,3	30,7
	Média	27,8	28,4	28,5	27,2	28,0	25,7	25,0	25,0	26,8	27,5	27,9	28,2
	Min.	20,6	21,3	20,4	19,5	20,3	18,2	18,1	18,1	19,1	20,8	21,7	25,3
2002	Máx.	30,0	30,6	29,8	30,0	30,1	28,9	28,6	28,6	29,2	29,6	29,9	30,1
	Média	27,6	28,1	27,5	27,5	27,5	26,2	25,9	25,9	26,9	27,2	27,3	27,9
	Min.	30,0	25,0	24,1	23,1	23,2	22,8	22,2	22,1	23,7	24,4	24,8	24,9
2003	Máx.	30,7	28,1	39,6	24,2	30,0	28,8	28,7	28,9	29,5	30,1	30,5	30,5
	Média	28,3	28,1	27,8	27,8	27,6	26,0	25,8	26,1	26,8	27,6	28,0	28,1
	Min.	25,3	24,3	24,2	24,2	24,2	29,5	21,9	22,0	23,0	24,5	25,4	25,3
2004	Máx.	30,2	30,1	30,5	30,2	29,6	28,5	28,2	28,5	29,2	30,3	30,6	30,6
	Média	27,6	27,9	28,2	28,0	27,4	25,7	25,6	26,1	26,8	27,0	28,0	28,0
	Min.	24,5	24,1	24,5	24,4	23,0	21,6	20,9	21,3	21,5	23,5	23,8	24,3
2005	Máx.	30,8	31,1	31,6	31,7	30,1	28,1	28,9	28,4	29,1	29,9	30,1	30,6
	Média	28,4	29,0	28,8	28,6	27,4	25,8	26,0	26,0	26,7	27,4	27,8	28,2
	Min.	24,5	24,7	24,7	23,5	22,3	20,7	20,4	21,9	22,8	24,1	25,1	25,3
2006	Máx.	30,8	28,7	31,3	30,3	30,1	28,8	28,9	28,9	29,3	30,0	30,0	30,2
	Média	28,2	28,7	28,8	27,9	27,5	26,0	26,1	26,4	27,0	27,5	27,8	28,5
	Min.	25,1	25,6	25,3	23,5	23,0	21,2	20,7	20,8	22,3	23,7	23,8	24,1
2007	Máx.	30,6	30,6	30,9	30,5	29,8	28,4	28,4	28,3	28,9	29,5	29,8	30,6
	Média	28,3	28,5	28,5	27,8	27,5	26,0	25,9	26,0	26,2	26,9	27,3	28,0
	Min.	24,1	23,8	22,8	22,7	21,7	20,6	20,3	20,2	20,6	22,7	24,4	25,5

Fonte: Empresa de Pesquisa Agropecuária do Rio Grande do Norte - EMPARN - 2007





5. ZONEAMENTO AMBIENTAL DE NATAL



5.1 DEFINIÇÃO DAS ZONAS DE PROTEÇÃO AMBIENTAL

Zoneamento Ambiental é o procedimento por meio do qual se instituíram zonas de atuação especial no município, com vistas à preservação, melhoria e recuperação da qualidade ambiental, apoiado na definição teórica de José Afonso da Silva (1995). Segundo o referido autor, as Zonas de Proteção Ambiental - ZPA's - são as áreas nas quais as características do meio físico restringem o uso e ocupação do solo urbano, visando a proteção, manutenção e recuperação dos aspectos paisagísticos, históricos, arqueológicos e científicos. Em Natal estas zonas, em número de 10, encontram-se localizadas em vários bairros, conforme mostra o mapa 02, referente às Zonas de Proteção Ambiental - ZPA's.

ZPA-01 - Campo dunar dos bairros de Pitimbu, Candelária e Cidade Nova (regulamentada pela lei Municipal Nº 4.664, de 31 de julho de 1995) - Principal área de recarga do aquífero subterrâneo, que garante a demanda de água potável da cidade, além de proteção da flora e fauna das dunas.

ZPA-02 - Parque Estadual Dunas de Natal e área contígua ao Parque, Av. Eng. Roberto Freire e Rua Dr. Solon de Miranda Galvão (Regulamentada pela Lei Estadual Nº 7.237, de 22 de novembro de 1977) - Pela diversidade de sua flora, fauna e das belezas naturais, constitui importante unidade de conservação destinada a fins educativos, recreativos, culturais e científicos.

ZPA-03 - Área entre o Rio Pitimbu e Avenida dos Caiapós (Conjunto Habitacional Cidade Satélite - Regulamentada pela Lei Municipal Nº 5.273, de 20 de junho de 2001) - Parte da bacia hidrográfica do Rio Pitimbu, com solo fértil nas margens, caracterizadas por feições de terraços e vertentes com dunas sobrepostas. Dentre outras funções, destaca-se o suprimento de água doce para a Lagoa do Jiqui.

ZPA-04 - Campo Dunar dos Bairros: Guarapes e Planalto (Regulamentada pela Lei Municipal Nº 4.912, de 19 de dezembro de 1997) - Cordões de dunas de relevante beleza cênico-paisagística da cidade, em virtude dos contrastes de relevo com o tabuleiro costeiro e o estuário do Rio Potengi. Tem importância de minimização de escoamento pluvial.

ZPA-05 - Ecossistema de dunas fixas e lagoas do Bairro de Ponta Negra (Região de Lagoinha - Regulamentada pela Lei Municipal Nº 5.665, de 21 de junho de 2004) - Complexo de dunas e lagoas com desenvolvimento de vegetação com espécies predominantes de formação de tabuleiro litorâneo e espécies de Mata Atlântica.



Este ecossistema constitui umas das principais áreas de recarga dos aquíferos - (águas subterrâneas).

ZPA-06 - Morro do Careca e dunas fixas contínuas - Recanto natural de notável beleza por seus aspectos panorâmicos, florísticos, paisagísticos, de interesse cultural, recreativo e turístico.

ZPA-07 - Forte dos Reis Magos e seu entorno - Sítio de relevante valor artístico, arquitetônico, cultural, turístico e histórico, onde se encontra a Fortaleza dos Reis Magos. Localizada entre a zona de praia, construída sobre arrecifes adjacentes ao estuário do Potengi, é tombada pelo Patrimônio Histórico Nacional.

ZPA-08 - Ecossistema manguezal e Estuário do Potengi/Jundiaí - Ecossistema Litorâneo de grande importância ambiental e socioeconômico para a cidade. Fonte de alimentação e local de reprodução de espécies da fauna marinha, refúgio natural de peixes e crustáceos, propiciador da indústria de pesca, atividades portuárias e de recreação, como também de fonte de sobrevivência para as populações ribeirinhas.

ZPA-09 - Ecossistema de lagoas e dunas ao longo do Rio Doce - Ambiente de potencial paisagístico e turístico, compreendendo o sistema de dunas e lagoas associado ao vale do rio Doce. Além das funções de perenização do rio e de recarga dos aquíferos, este complexo é utilizado em atividades agrícolas.

ZPA-10 - Farol de Mãe Luíza e seu entorno - encostas dunares adjacentes à Via Costeira, entre o Farol de Mãe Luíza e a Av. João XXIII - Área de encostas dunares de valor cênico-paisagísticos, histórico, cultural e de lazer.

Além disso, o Novo Plano Diretor de Natal (Lei Complementar N 082, de 21 de junho de 2007), adota as seguintes definições:

ÁREAS ESPECIAIS: são porções da Zona Urbana situadas em zonas adensáveis ou não, com destinação específica ou normas próprias de uso e ocupação do solo, compreendendo as Áreas de Controle de Gabarito, As Áreas Especiais de Interesse Social e as Áreas de Operação Urbana.

ÁREAS DE CONTROLE DE GABARITO: são áreas que visam proteger os valores cênico-paisagístico, assegurar condições de bem-estar, garantir a qualidade de vida e o equilíbrio climático da cidade compreendendo: a Orla Marítima, do Forte dos Reis Magos até o Morro do Careca, de acordo com as normas fixadas em leis



específicas (ZET-1, ZET-2 e ZET-3); o Entorno do Parque das Dunas; A área definida pelo perímetro estabelecido na margem esquerda do Rio Potengi, incluindo a Redinha - ZET-4; e as Zonas de Proteção Ambientais - ZPA's.

ÁREAS ESPECIAIS DE INTERESSE SOCIAL: Situadas em terrenos públicos ou particulares destinadas à produção, manutenção e recuperação de habitações e/ou regularização do solo urbano e à produção de alimentos com vistas à segurança alimentar e nutricional, em consonância com a política de habitação de interesse social para o Município de Natal.

ÁREAS DE OPERAÇÃO URBANA: São aquelas que apresentam valores históricos-culturais significativos para o patrimônio da cidade e que devem obedecer a critérios de intervenção dispostos no Capítulo VII do Título V do Novo Plano Diretor.



Mapa 05 - Zonas de Proteção Ambiental - ZPA's



Fonte: Novo Plano Diretor de Natal (Lei Complementar N 082, de 21 de junho de 2007)





6. UNIDADES DE CONSERVAÇÃO DA NATUREZA



6.1 O PARQUE DA CIDADE DO NATAL DOM NIVALDO MONTE

Segundo o Plano Diretor vigente, as ZPA's estão subdivididas em duas Sub-zonas: a Sub-zona de Preservação e Sub-zona de Conservação. Nestas, também podem ser previstas a criação de Unidades de Conservação da Natureza.

O Parque da Cidade do Natal Dom Nivaldo Monte, foi criado em 13 de dezembro de 2006, através do Decreto Municipal Nº. 8.078, sendo a primeira Unidade de Conservação Ambiental Municipal constituída, na categoria Parque Natural Municipal. A Prefeitura do Natal, através da Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo (SEMURB), está viabilizando a construção de estrutura de apoio, composto por centro de visitantes, memorial da cidade, auditório, escola de educação ambiental, apoio à guarda florestal, estacionamento, pórticos e adequação à acessibilidade de trilhas já existentes. O Parque está assentado sobre parte da sub-zona de conservação da Zona de Proteção Ambiental 1 (ZPA-1), às margens da Avenida Omar O'Grady (antigo prolongamento da avenida Prudente de Moraes), em terreno de propriedade do município, compreendendo uma superfície de 62,2ha.



Figura 32 - Área do Parque da Cidade do Natal Dom Nivaldo Monte e bairros limítrofes.
Fonte: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo





Figura 33 - Localização na Cidade do Natal (ao norte por terrenos de particulares; ao sul por terrenos da Nil Imóveis (Empresa Imobiliária); a leste pela Avenida Omar O'Grady e a oeste pela Rua Santo Amaro, bairro de Cidade Nova.
Fonte: Arquivo SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.





Figura 34 - Fotografia aérea da área do Parque da Cidade do Natal e bairros circunvizinhos. No lado direito, o Bairro de Candelária; No alto e ao centro, o Bairro de Cidade da Esperança; No alto e à esquerda, o Bairro de Cidade Nova; No canto inferior esquerdo, o Bairro de Pitimbu..

Fonte: Arquivo SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

A área do Parque, apresenta características ambientais de degradação que apontam para uma imediata ação de recuperação e conservação, a fim de não agravar sua descaracterização e o desequilíbrio do ecossistema existente.

Esta área liga dois bairros com características socioeconômicas e ambientais bastante distintas, o que transforma o parque, num equipamento urbano de fundamental importância no que diz respeito à inserção social.

CARACTERÍSTICAS FÍSICO-AMBIENTAIS

- Meio Físico

A área é constituída por Dunas fixas dispostas sob forma de cordões paralelos e fixados pela vegetação, em associação a pequenos trechos de Tabuleiro Costeiro.

A predominância de solos arenosos com elevada capacidade de infiltração faz com que essa área seja reconhecida como importante para a recarga do aquífero subterrâneo da cidade do Natal.





Figura 35 - Abertura de Trilhas.
Fonte: SEMURB.



Figura 36 - Suscetibilidade Dunar a Erosão.
Fonte: SEMURB.



- Meio Biológico (Flora)

O parque abriga uma fauna diversificada constituída de mamíferos, répteis e aves, representando os vertebrados e inúmeras espécies de invertebrados, com representantes de insetos, aracnídeos e outros artrópodes.

As espécies que ocorrem na área são comuns aos ambientes do bioma Mata Atlântica e seus ecossistemas associados. Na área de influência direta e indireta não ocorrem espécies raras ou ameaçadas de extinção, ou ainda, de importância estratégica dentro dos ecossistemas locais (ECOPLAN, 1994).



Figura 37 - Supressão Vegetal.
Fonte: SEMURB.



Figura 38 - Descontinuidade Vegetal por Desmatamento.
Fonte: SEMURB.



Figura 39 - Abrigo de Animais Silvestres.
Fonte: SEMURB.



Figura 40 - Abrigo de Aracnídeos e Insetos.
Fonte: SEMURB.



Figura 41 - Cupinzeiro.
Fonte: SEMURB.



- Meio Antrópico

Apesar de desprovida de ocupação por habitações, foi possível - na ocasião dos estudos preliminares na área do parque - a identificação de indícios de uso que caracterizam o conflito entre a desejada conservação e a constatada pressão antrópica, dentre os quais destacam-se: o desmatamento, as queimadas, a disposição irregular de resíduos sólidos, exploração comercial de sedimentos para construção civil e a abertura de trilhas clandestinas.



Figura 42 - Queimadas.
Fonte: SEMURB.



Figura 43 - Trilhas para Estradas.
Fonte: SEMURB.



Figura 44 - Deposição de Resíduos sólidos.
Fonte: SEMURB.



A ZONA DE PRESERVAÇÃO AMBIENTAL (ZPA-1) E O PARQUE DA CIDADE

A ZPA-1, instituída com vistas à proteção, manutenção e recuperação dos aspectos paisagísticos, históricos, arqueológicos e científicos, como esclarece o Art 1º da Lei Municipal nº 4.664/95, objetiva a preservação e conservação do campo dunar, incidente nos Bairros de Pitimbu, Candelária e Cidade Nova, como especifica o Art. 2º da citada Lei. A criação de Unidade de Conservação de Proteção Integral, da categoria Parque Municipal, decorrente do Decreto Municipal, nº 8.078/06, enquanto ato do Executivo Municipal, foi considerado, no contexto do planejamento para ordenamento ambiental e urbanístico da ZPA-1, como premissa que aponta para a obtenção de um cenário desejado, ao qual devem ser articuladas as estratégias de gestão das áreas destinadas à preservação permanente, como forma de facilitar sua incorporação em curto e médio prazo, no território do Parque Municipal Dom Nivaldo Monte e favorecendo para a instauração do Plano de Manejo da referida Unidade de Conservação

Com base nessa consciência é que se propõe criar um pólo de atração turístico-cultural, incentivando as práticas de eco turismo e lazer ativo e contemplativo, promovendo a recomposição e preservação da vegetação nativa e a sua conservação como reserva natural da cidade.

PLANO DE USO PÚBLICO

O Parque da Cidade é uma proposição do município para integrar parte da Sub-Zona de Conservação da ZPA 1 ao Grupo de Unidades de Proteção Integral, segundo o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), que objetiva preservar a natureza, sendo admitido apenas o uso indireto dos seus recursos naturais, na categoria de Parque, onde se vislumbra a visitação pública, sujeita às normas e restrições a serem previstas.

O Plano de Uso Público é um dos programas de manejo da Unidade de Conservação, pois define as atividades a serem desenvolvidas na área, estabelecendo as normas e diretrizes para sua execução.

Avaliando os aspectos sócio-ambientais e legais que incidem sobre a área, bem como os eventos institucionais que direcionam as estratégias a serem adotadas para seu ordenamento, a proteção do patrimônio ambiental, em foco, a ser definida na proposição do Plano de Manejo e correspondente Zoneamento Ambiental da ZPA-1 deve ser coadunada aos seguintes objetivos específicos:

- Proteger, manter e recuperar os recursos naturais e dinâmicas ecossistêmicas associados a este espaço;



- Estabelecer critérios para a adequada utilização e manejo dos recursos naturais, compatibilizando as necessidades de proteção, conservação, recuperação e uso sustentável do patrimônio ambiental;
- Oferecer alternativas que possibilitem a integração da ZPA-1 com outras Zonas de Proteção Ambiental, ampliando a perspectiva de conservação da biodiversidade para usufruto das gerações futuras;
- Oferecer alternativas que possibilitem a integração da ZPA-1 com outras Zonas de Proteção Ambiental, ampliando a perspectiva de conservação da biodiversidade para usufruto das gerações futuras;
- Promover ações que favoreçam e fomentem a adoção de uma postura conservacionista nas populações residentes nos bairros situados no entorno e na sociedade natalense, valorizando o patrimônio natural, favorecendo a incorporação de usos e práticas que se apóiam na conservação dos recursos da ZPA, para atuarem como agentes comprometidos com a implementação das políticas de proteção ambiental da área;
- Promover ações que ampliem, interna e externamente, as potencialidades da ZPA-1, tornando-a um exemplo bem sucedido de política de conservação ambiental em área urbana;
- Apontar alternativas que possibilitem o gradativo aperfeiçoamento do ordenamento ambiental e urbanístico da área e de seu entorno, pautado-se nos princípios de sustentabilidade;
- Apontar mecanismos para a ampliação do território do Parque Municipal, por meio da anexação de glebas detentoras de atributos naturais que merecem proteção mais rigorosa;
- Estabelecer mecanismos para o aprofundamento permanente do conhecimento sobre os elementos, fatores e dinâmicas existentes na área, possibilitando o contínuo aperfeiçoamento das políticas e instrumentos de gestão e controle do patrimônio ambiental da ZPA-1.

ESTRUTURA DO PARQUE

A infra-estrutura de apoio à gestão ambiental, bem como à logística para o desenvolvimento das ações estratégicas previstas no Plano de Manejo a ser



disponibilizada na Sede da Unidade de Conservação localizada na ZPA-1 - Parque da Cidade do Natal Dom Nivaldo Monte deverá ser entregue no segundo semestre de 2008, contendo os seguintes equipamentos:

- **Pórtico de Entrada (Leste):** entrada para pedestres e acesso de veículos pela Av. Omar O'Grady, Candelária; Guarita: edificação destinada ao controle de acesso de pedestres e veículos ao parque (lado Leste) dotada de sanitário e pequena copa de apoio; Estacionamento Leste: Capacidade de 230 vagas Acesso pelo bairro de Candelária;
- **Praça / Centro de Visitantes, composta por:** **Torre:** Edificação vertical com área de projeção aproximada de 617,71 m² e altura de 45,00 metros, destinada a abrigar um memorial, em sua parte mais elevada, funcionando também como mirante; **Edifício Central:** Edificação horizontal que concentra as seguintes atividades: Núcleo de Educação Ambiental (NEA) - Destinado a promoção de cursos e eventos educativos; **Administração** - serviços administrativos e guarda florestal; **Foyer:** Local para eventos artístico-culturais; **Biblioteca;** **Auditório** -: com Capacidade para 200 lugares, **Lanchonete e Cafeteria** com Cozinha de Apoio e Sanitários.
- **Pórtico de Entrada (Oeste):** Entrada para pedestres pela Rua Santo Amaro Cidade Nova; Estacionamento Oeste: Capacidade de 48 vagas Acesso pelo bairro de Cidade Nova; Guarita: Edificação destinada ao controle de acesso de pedestres (lado Oeste) **Plano Inclinado:** Sistema mecânico de elevação através de um plano inclinado com cabine sobre trilhos, destinado ao transporte de pedestres que acessam ao parque pela Rua Santo Amaro, bairro de Cidade Nova, com plataforma dotada de sanitário;
- **Unidades de Descanso dotadas de Unidade de Sanitários:** Bateria de Sanitários Masculino e Feminino (04 unidades), distribuídas em toda área em locais estratégicos e indicadas na planta geral do parque e **Estruturas Cobertas** (03 unidades) para o descanso as pessoas em suas caminhadas e passeios;
- **Trilha Estruturada:** caminho pavimentado para apoiar práticas de corrida, caminhadas, bicicletas, aproveitando feridas já existentes na vegetação que interligava as duas entradas;
- **Mirante Natural:** Duna com 20m de altura em relação as trilhas, proporcionando um ponto de visão natural do conjunto;
- **Tratamento Paisagístico e Áreas de Reflorestamento:** Para os espaços que consistem em áreas desmatadas ou queimadas.

O macrozoneamento proposto no Plano Diretor de Natal estabeleceu as Zonas de Proteção Ambiental, as quais foram previstas para viabilizar a proteção dos aspectos naturais e culturais do Território. Nesse sentido, o projeto do Parque da Cidade Dom Nivaldo Monte efetiva a conservação de uma importante área da sub-zona de conservação da ZPA-1.

O Parque desempenhará função de espaço destinado ao lazer ecológico e cultural, desde que, através de um plano de recuperação ambiental, ajustado a um Plano de Uso Público garanta a conservação de suas características originais.





Figura 45 - Pórtico de Entrada e Torre - Acesso Lado Leste.
Fonte: SEMURB.



Figura 46 - Praça.
Fonte: SEMURB.





7. DADOS BÁSICOS DO MUNICÍPIO



7.1 REGIÕES ADMINISTRATIVAS

REGIÃO ADMINISTRATIVA	BAIRROS
NORTE	LAGOA AZUL
	PAJUÇARA
	POTENGI
	NOSSA SENHORA DA APRESENTAÇÃO
	REDINHA
	IGAPÓ
	SALINAS
SUL	LAGOA NOVA
	NOVA DESCOBERTA
	CANDELÁRIA
	CAPIM MACIO
	PITIMBU
	NEÓPOLIS
	PONTA NEGRA
LESTE	SANTOS REIS
	ROCAS
	RIBEIRA
	PRAIA DO MEIO
	CIDADE ALTA
	PETRÓPOLIS
	AREIA PRETA
	MÃE LUÍZA
	ALECRIM
	BARRO VERMELHO
	TIROL
	LAGOA SECA
OESTE	QUINTAS
	NORDESTE
	DIX-SEPT ROSADO
	BOM PASTOR
	NOSSA SENHORA DE NAZARÉ
	FELIPE CAMARÃO
	CIDADE DA ESPERANÇA
	CIDADE NOVA
	GUARAPES
PLANALTO	

Fonte: SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo - 2008



7.2 LIMITES

NORTE: EXTREMOZ
SUL: PARNAMIRIM
LESTE: OCEANO ATLÂNTICO
OESTE: SÃO GONÇALO DO AMARANTE E MACAÍBA



Mapa 06 - Limites geográficos: Natal, bairros e Regiões Administrativas



Fonte: Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo - 2008



7.3 ÁREA, DOMICÍLIOS OCUPADOS, POPULAÇÃO RESIDENTE E DENSIDADE DEMOGRÁFICA

REGIÃO ADMINISTRATIVA	BAIRRO	LEI DE CRIAÇÃO Nº**	ÁREA (HA)	DOMICÍLIOS PARTICULARES PERMANENTES	POPULAÇÃO RESIDENTE EM 2000	DENSIDADE DEMOGRÁFICA EM 2000 (HAB/HA)	ESTIMATIVA DA POPULAÇÃO RESIDENTE EM 2006*	ESTIMATIVA DA DENSIDADE DEMOGRÁFICA EM 2006 (HAB/HA)
NORTE	LAGOA AZUL	4.328/93	1.043,06	12.225	50.413	48,33	67.084	64,31
	PAIUÇARA	4.328/93	776,43	10.424	42.130	54,26	56.062	72,20
	POTENGI	4.330/93	824,31	13.505	56.259	68,25	56.725	68,82
	N. SRA. DA APRESENTAÇÃO	4.328/93	1.026,40	13.948	56.522	55,07	75.213	73,28
	REDINHA	4.328/93	786,86	2.610	11.504	14,62	15.307	19,45
	IGAPO	4.328/93	215,73	6.806	27.032	125,30	28.553	132,26
	SALINAS	4.328/93	839,03	203	883	1,05	698	0,83
	SUBTOTAL	5.511,82	59.721	244.743	44,40	299.642	54,36	
	LAGOA NOVA	4.330/93	766,16	9.434	35.569	46,43	35.021	45,71
	NOVA DESCOBERTA	4.328/93	156,67	3.240	12.481	79,66	11.824	75,47
SUL	CANDELARIA	4.328/93	779,80	4.796	18.684	23,96	19.736	25,31
	CAPIM MACIO	4.328/93	438,13	5.713	20.522	46,84	23.356	53,31
	PITIMBU	4.328/93	739,57	5.688	22.985	31,08	23.176	31,34
	NEOPOLIS	4.328/93	408,47	5.709	22.041	53,96	23.282	57,00
	PONTA NEGRA	4.328/93	707,16	6.227	23.600	33,37	31.405	44,41
	SUBTOTAL	3.995,96	40.807	155.882	39,01	167.800	41,99	
	SANTOS REIS	4.330/93	161,07	1.504	6.820	42,34	7.204	44,73
	ROÇAS	4.330/93	66,10	2.557	10.525	159,23	9.971	150,85
	RIBEIRA	4.330/93	60,50	581	2.110	34,88	2.401	39,69
	PRAI DO MEIO	4.328/93	48,93	1.151	4.193	85,69	4.228	86,41
LESTE	CIDADE ALTA	4.330/93	94,10	1.809	6.692	71,12	7.616	80,94
	PETROPOLIS	4.330/93	77,63	1.542	5.105	65,76	4.836	62,30
	AREIA PRETA	4.328/93	30,57	699	2.652	86,75	2.095	68,53
	MAE LUZA	4.330/93	96,93	3.623	16.058	165,67	15.811	163,12
	ALECRIM	4.330/93	309,37	8.650	32.356	104,59	32.624	105,45
	BARRO VERMELHO	4.327/93	94,70	2.170	8.145	86,01	8.603	90,84
	TIRÓI	4.330/93	366,76	4.091	14.799	40,35	16.843	45,92
	LAGOA SECA	4.327/93	59,83	1.669	6.651	111,16	5.985	100,03
	SUBTOTAL	1.466,49	30.046	116.106	79,17	118.217	80,61	
	OESTE	QUINTAS	4.330/93	212,47	7.424	29.752	140,02	26.772
NORDESTE		4.330/93	233,23	2.782	11.436	49,03	10.291	44,12
DIX-SEPT ROSADO		4.329/93	111,37	3.970	16.141	144,93	18.370	164,95
BOM PASTOR		4.328/93	319,90	4.416	17.984	56,22	18.133	56,68
N. SRA. DE NAZARÉ		4.329/93	142,40	3.890	15.623	109,71	12.344	86,69
FELIPE CAMARÃO		4.330/93	663,40	10.782	45.907	69,20	52.247	78,16
CIDADE DA ESPERANÇA		4.330/93	182,90	4.742	20.235	110,63	19.923	108,93
CIDADE NOVA		4.328/93	273,07	3.840	15.778	57,78	15.909	58,26
GUARAPES		4.328/93	778,42	1.945	8.415	10,81	11.191	14,38
PLANALTO		5.367/02***	501,71	3.418	14.314	28,53	19.055	37,98
SUBTOTAL	3.418,87	47.209	195.584	57,21	204.235	59,74		
PARQUE DAS DUNAS	1,72	-	2	0,001	2	0,00		
TOTAL	15.565,14	177.783	712.317	45,76	789.896	50,75		

Fonte: Tabela elaborada pela SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo, com base nos dados do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - Censo Demográfico 2000 (a área total constante na tabela compreende o somatório das áreas dos bairros mais a área do Parque da Dunas - ZPA - 02, não se considerando a área coberta pelo Rio Potengi).

* As estimativas apresentadas seguem o método de tendência de crescimento demográfico indicado pelo IBGE no Censo Demográfico 2000.

** Publicada no Diário Oficial do Estado em 07 de setembro de 1994.

*** Publicada no Diário Oficial do Município em 29 de maio de 2002.



7.4 EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO RESIDENTE E TAXA MÉDIA GEOMÉTRICA DE CRESCIMENTO ANUAL (1991 - 2006)

REGIÃO ADMINISTRATIVA	BAIRROS	POPULAÇÃO RESIDENTE			ESTIMATIVA DA POPULAÇÃO RESIDENTE EM 2006*	TAXA MÉDIA GEOMÉTRICA DE CRESCIMENTO ANUAL (%)				
		1991	1996	2000		1991 - 2000	1991 - 1996	1996 - 2000	2000-2006	
NORTE	LAGOA AZUL	9.864	40.199	50.413	67.084	19,9	32,4	5,82	4,88	
	PAULICARA	13.259	35.300	42.130	56.062	13,7	21,6	4,52	4,88	
	POTENGI	55.877	56.221	56.259	56.725	0,1	0,02	0,02	0,14	
	N. SRA. DA REPRESENTAÇÃO	12.982	38.708	56.522	75.213	17,8	24,4	9,93	4,88	
	REDINHA	6.581	9.084	11.504	15.307	6,4	6,7	6,08	4,88	
	LAGAO	24.354	25.577	27.032	28.553	1,2	1,0	1,39	0,92	
	SALINAS	529	1.026	883	698	5,9	14,2	-3,68	-3,84	
	PASSAGEM DA VILA**	23.489	-	-	-	-	-	-	-	
	SUBTOTAL	146.935	206.115	244.743	299.642	5,8	7,0	4,39	3,43	
	SUL	LAGOA NOVA	44.851	35.712	33.569	35.021	-2,5	-4,4	-0,10	-0,26
		NOVA DECOBERTA	14.307	13.130	12.481	11.824	-1,5	-1,7	-1,26	-0,90
		CANDEARIA	15.233	18.018	18.684	19.736	2,3	3,4	0,91	0,92
		CAPIMMACIO	13.984	18.103	20.522	23.356	4,4	5,3	3,19	2,18
		PTIMBU	20.402	22.755	22.985	23.176	1,3	2,2	0,25	0,14
NEOPOLIS		18.606	21.092	22.041	23.282	1,9	2,3	1,11	0,92	
PONTA NEGRA		18.070	20.061	23.600	31.405	3,0	2,1	4,15	4,88	
SUBTOTAL		145.253	148.871	155.892	167.800	0,8	0,5	1,16	1,24	
LESTE		SANTOS REIS	7.480	6.633	6.820	7.204	-1,0	-2,4	0,70	0,92
		ROÇAS	12.316	10.833	10.525	9.971	-1,7	-2,5	-0,72	-0,90
		RIBEIRA	1.826	1.839	2.110	2.401	1,6	0,1	3,50	2,18
		PRAIADO MEIO	3.304	4.139	4.193	4.228	2,7	4,6	0,32	0,14
		CIDADE ALTA	7.548	6.254	6.692	7.616	-1,3	-3,7	1,71	2,18
		PETROPOLIS	7.506	5.222	5.105	4.836	-4,2	-7,0	-0,56	-0,90
	AREIA PRETA	3.137	2.926	2.652	2.095	-1,8	-1,4	-2,43	-3,85	
	MAELIÇA	17.416	16.324	16.058	15.811	-0,9	-1,3	-0,41	-0,26	
	ALEORM	39.219	32.100	32.356	32.624	-2,1	-3,9	0,20	0,14	
	BARRO VERMELHO	-	8.024	8.145	8.603	-	-	0,37	0,92	
	TIROL	15.176	13.071	14.799	16.843	-0,3	-2,9	3,15	2,18	
	L. AGOA SECA	13.844	7.088	6.651	5.985	-7,8	-12,5	-1,58	-1,74	
	SUBTOTAL	128.172	114.493	116.106	118.217	-1,1	-2,3	0,36	0,30	
	OESTE	QUINTAS	35.265	32.184	29.751	26.772	-1,9	-1,8	-1,95	-1,74
NORDESTE		12.045	12.041	11.436	10.291	-0,6	0,0	-1,28	-1,74	
DIXSEPT ROSADO		36.233	14.888	16.141	18.370	-8,6	-16,3	2,08	2,18	
BOM PASTOR		19.015	17.746	17.984	18.133	-0,6	-1,4	0,33	0,14	
N. SRA. DE NAZARÉ		-	18.123	15.623	12.344	-	-	-3,64	-3,85	
FELIPE CAMARÃO		37.021	41.398	45.907	52.247	2,4	2,3	2,62	2,18	
CIDADE DA ESPERANÇA		21.172	20.629	20.235	19.923	-0,5	-0,5	-0,48	-0,26	
CIDADE NOVA		16.821	15.694	15.778	15.909	-0,7	-1,4	0,13	0,14	
GUARAPES		8.334	13.908	8.415	11.191	0,1	10,8	-11,80	4,87	
PLANALTO		-	-	14.314	19.055	-	-	-	4,88	
SUBTOTAL		185.906	186.591	195.534	204.235	0,6	0,1	1,18	0,72	
PARQUE DAS DUNAS		21	7	2	2	-23,0	-19,7	-26,89	0,00	
TOTAL		606.887	656.037	712.317	789.896	1,8	1,6	2,1	1,74	

Fonte: Tabela elaborada pela SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo / DIPE - Departamento de Informação, Pesquisa e Estatística, com base nos dados do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - Censo Demográfico 2000

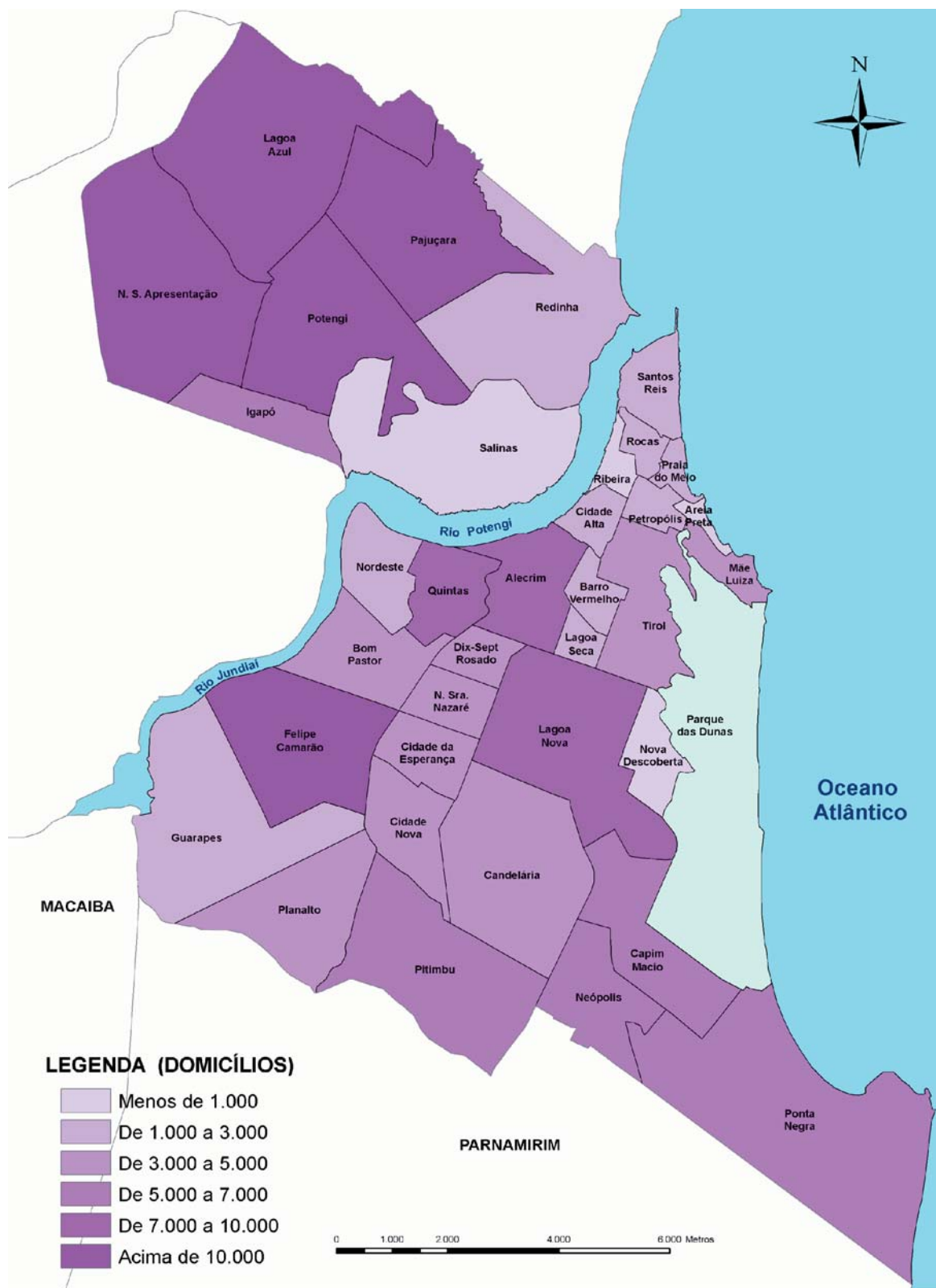
* As estimativas apresentadas seguem o método de tendência de crescimento demográfico indicado pelo IBGE no Censo Demográfico 2000.

Nota: No período de 1996 a 2000 o bairro Guarapes perdeu população, pois em 1998 foi desmembrado dando origem ao bairro Planalto.

**O bairro Passagem da Vila foi oficialmente extinto a partir de 07/09/1994, data da publicação da Lei nº 4.328, de 05 de abril de 1993, no Diário Oficial do Município, que define os limites dos bairros que especifica.



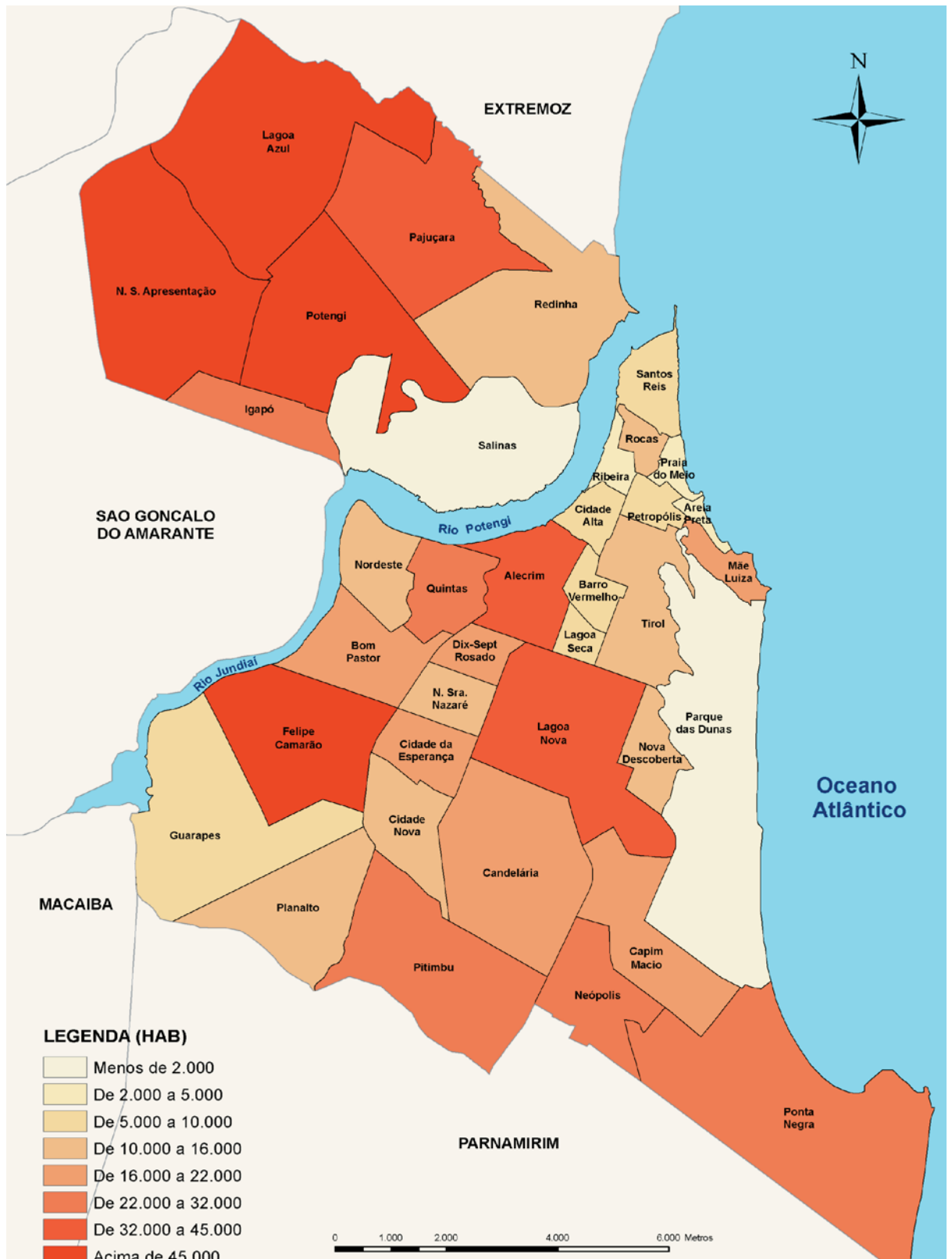
Mapa 07 - Domicílios particulares permanentes por bairro



Fonte: Mapa elaborado pela SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo, com base nos dados do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - Censo Demográfico 2000.



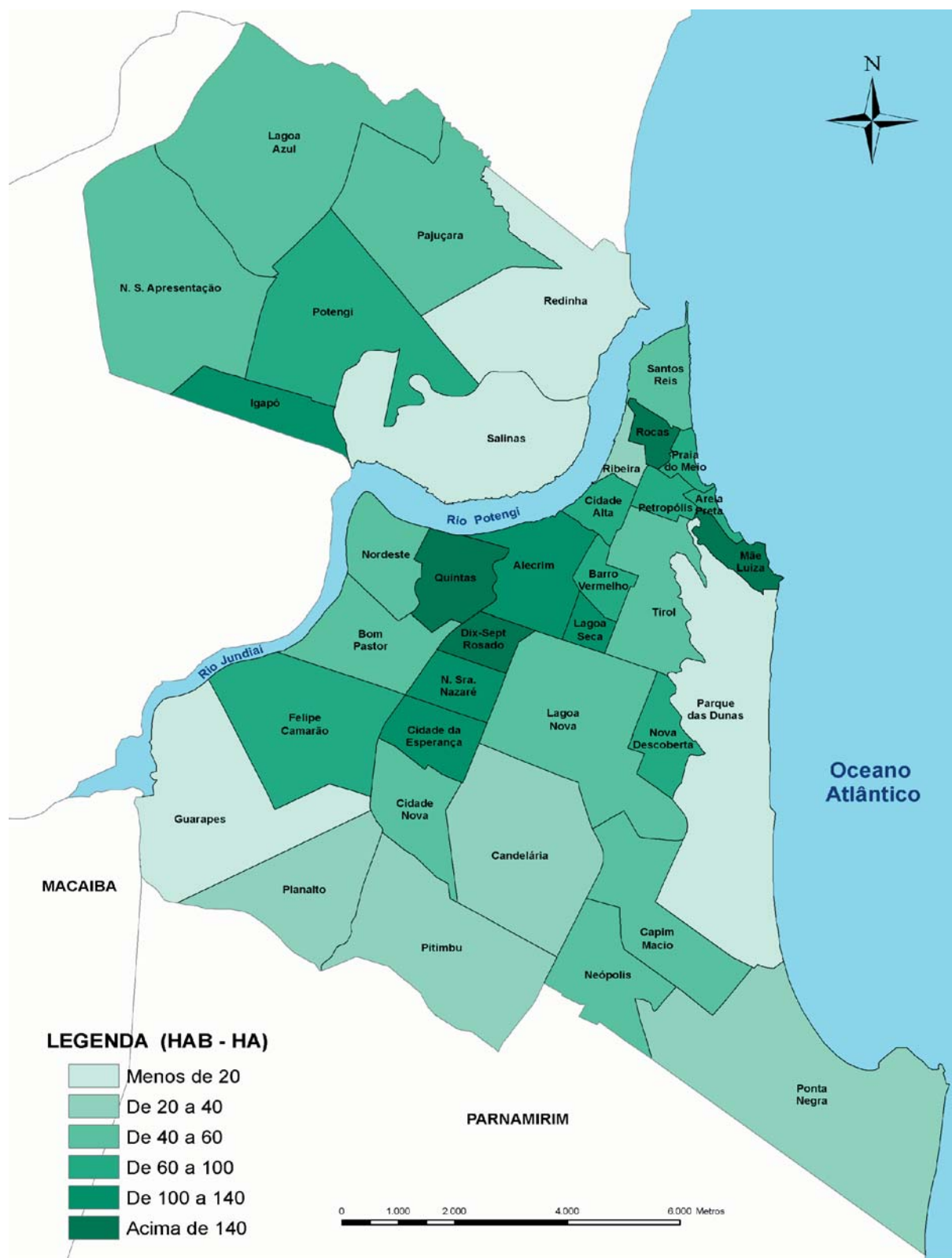
Mapa 08 - População residente por bairro



Fonte: Mapa elaborado pela SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo, com base nos dados do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - Censo Demográfico 2000.



Mapa 09 - Densidade demográfica por bairro



Fonte: Mapa elaborado pela SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo, com base nos dados do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - Censo Demográfico 2000.



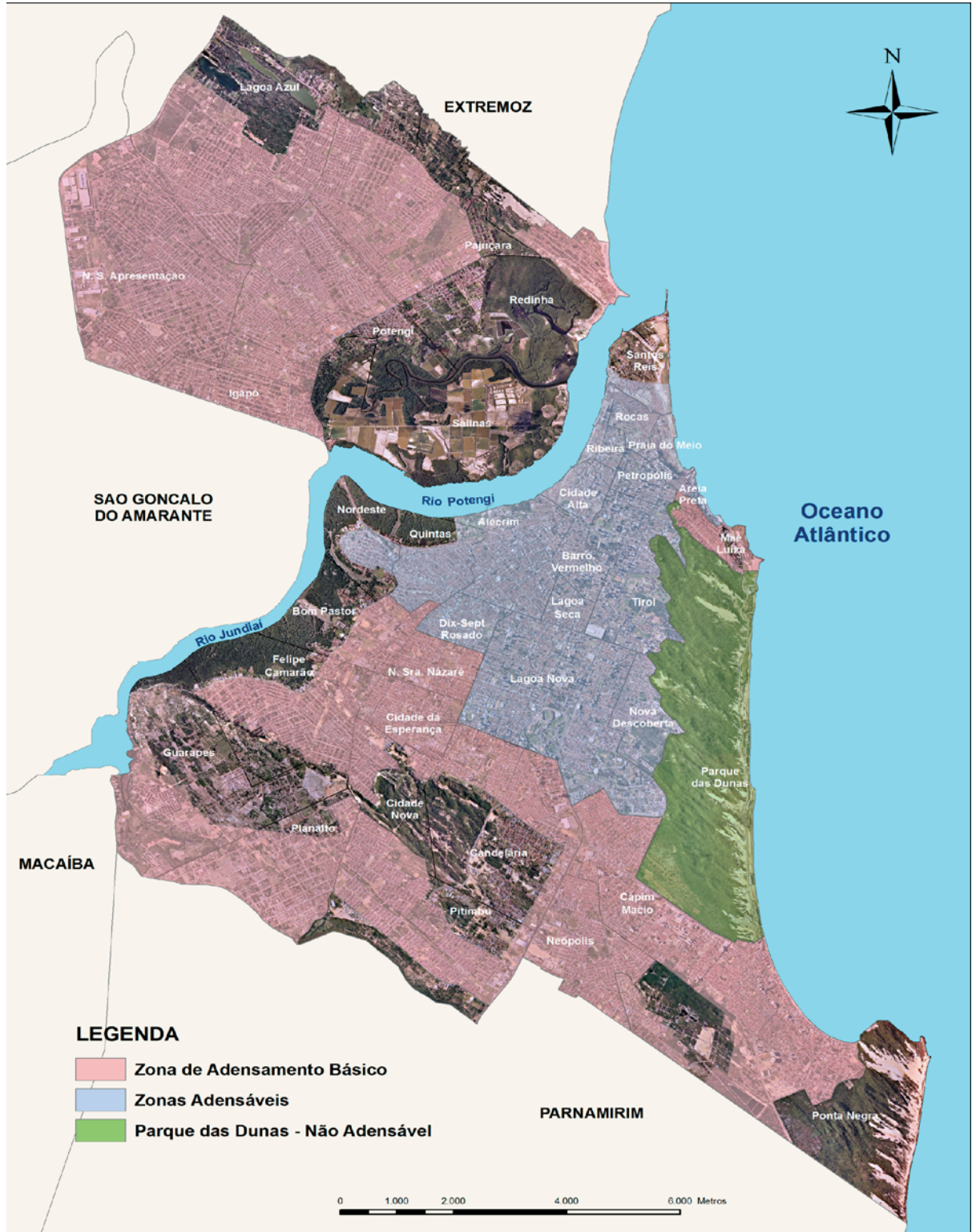


8. MACROZONEAMENTO URBANO



8.1 MACROZONEAMENTO URBANO

Mapa 10 - Macrozoneamento



Fonte: SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo, 2008.





9. DEMOGRAFIA



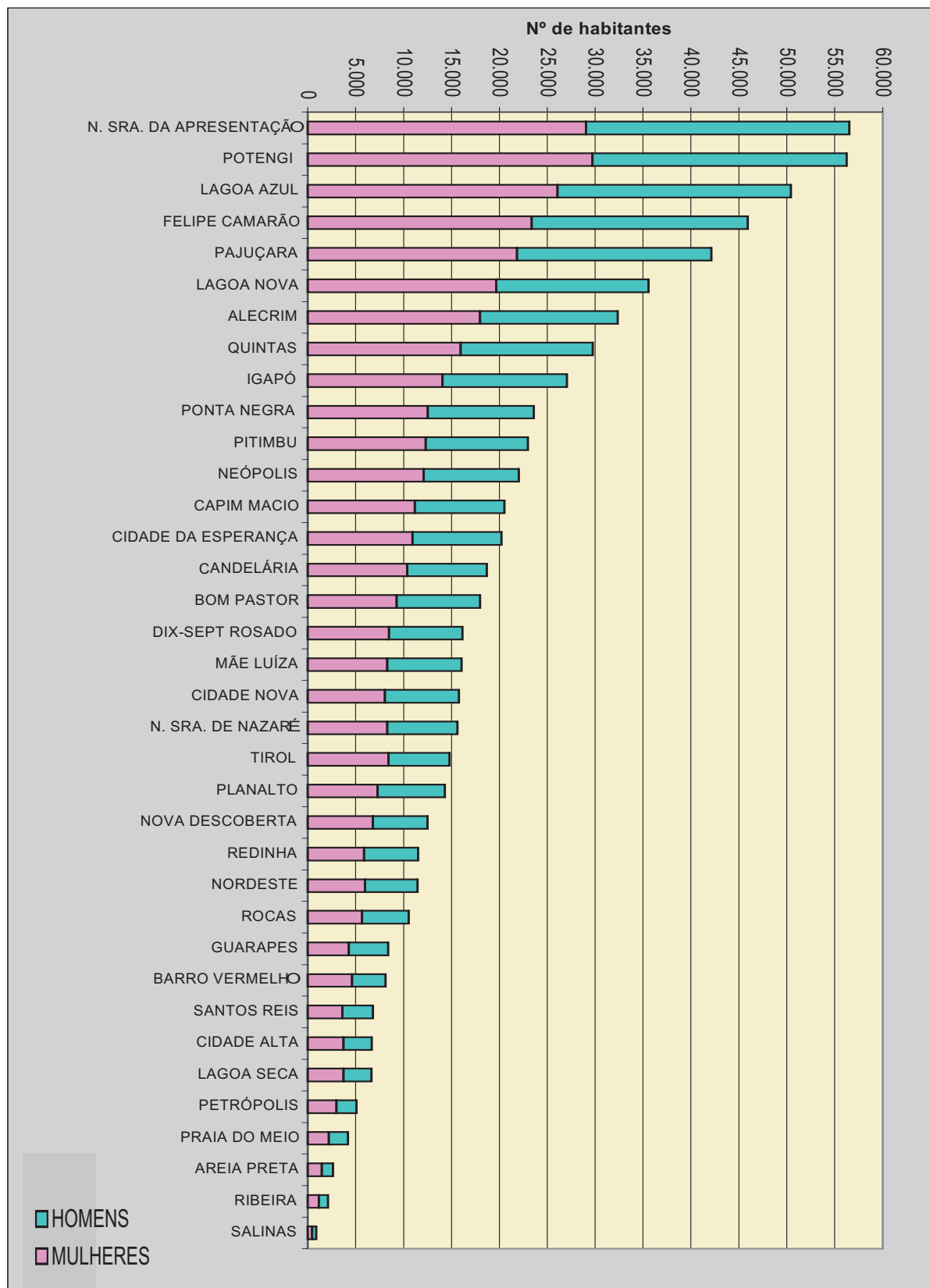
9.1 POPULAÇÃO RESIDENTE POR SEXO

REGIÃO ADMINISTRATIVA	BAIRROS	HOMENS	MULHERES	TOTAL
NORTE	LAGOA AZUL	24.366	26.047	50.413
	PAJUÇARA	20.284	21.846	42.130
	POTENGI	26.553	29.706	56.259
	N. SRA. DA APRESENTAÇÃO	27.482	29.040	56.522
	REDINHA	5.624	5.880	11.504
	IGAPÓ	12.966	14.066	27.032
	SALINAS	423	460	883
SUBTOTAL		117.698	127.045	244.743
SUL	LAGOA NOVA	15.909	19.660	35.569
	NOVA DESCOBERTA	5.668	6.813	12.481
	CANDELÁRIA	8.318	10.366	18.684
	CAPIM MACIO	9.356	11.166	20.522
	PITIMBU	10.690	12.295	22.985
	NEÓPOLIS	9.936	12.105	22.041
	PONTA NEGRA	11.073	12.527	23.600
SUBTOTAL		70.950	84.932	155.882
LESTE	SANTOS REIS	3.189	3.631	6.820
	ROCAS	4.847	5.678	10.525
	RIBEIRA	955	1.155	2.110
	PRAIA DO MEIO	1.980	2.213	4.193
	CIDADE ALTA	2.947	3.745	6.692
	PETRÓPOLIS	2.098	3.007	5.105
	AREIA PRETA	1.181	1.471	2.652
	MÃE LUÍZA	7.742	8.316	16.058
	ALECRIM	14.381	17.975	32.356
	BARRO VERMELHO	3.513	4.632	8.145
	TIROL	6.371	8.428	14.799
	LAGOA SECA	2.919	3.732	6.651
SUBTOTAL		52.123	63.983	116.106
OESTE	QUINTAS	13.784	15.967	29.751
	NORDESTE	5.453	5.983	11.436
	DIX-SEPT ROSADO	7.653	8.488	16.141
	BOM PASTOR	8.701	9.283	17.984
	N. SRA. DE NAZARÉ	7.317	8.306	15.623
	FELIPE CAMARÃO	22.532	23.375	45.907
	CIDADE DA ESPERANÇA	9.315	10.920	20.235
	CIDADE NOVA	7.710	8.068	15.778
	GUARAPES	4.118	4.297	8.415
	PLANALTO	7.000	7.314	14.314
SUBTOTAL		93.583	102.001	195.584
PARQUE DAS DUNAS		1	1	2
TOTAL		334.355	377.962	712.317

Fonte: Tabela elaborada pela SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo, com base nos dados IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - Censo Demográfico 2000



Gráfico 03 - População residente por sexo em Natal - habitantes por bairros



Fonte: IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - Censo Demográfico 2000



Gráfico 04 - População residente por sexo na Região Norte

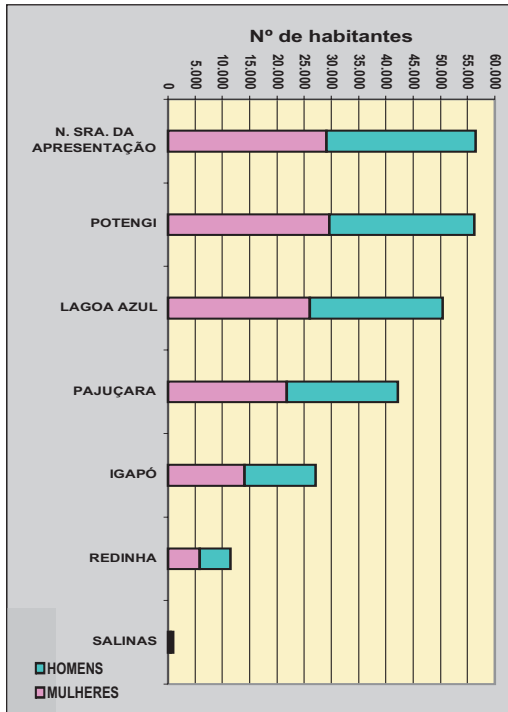


Gráfico 05 - População residente por sexo na Região Sul

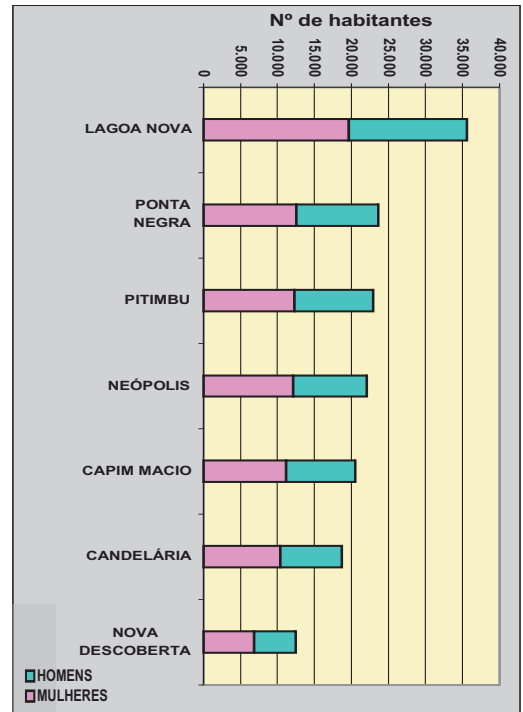


Gráfico 06 - População residente por sexo na Região Leste

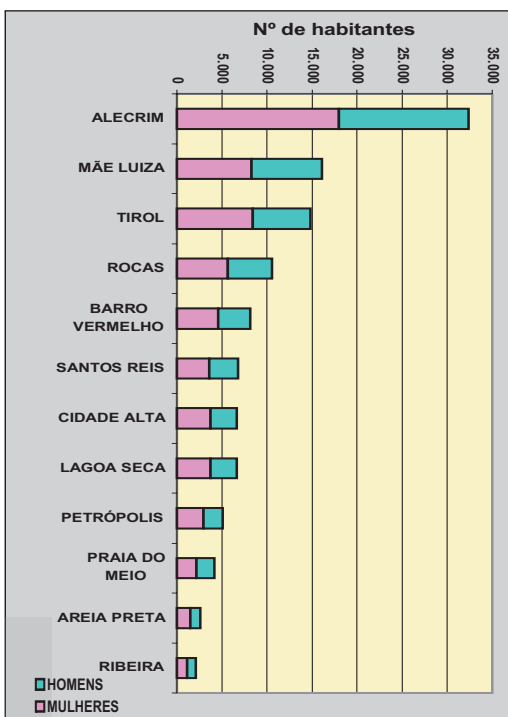
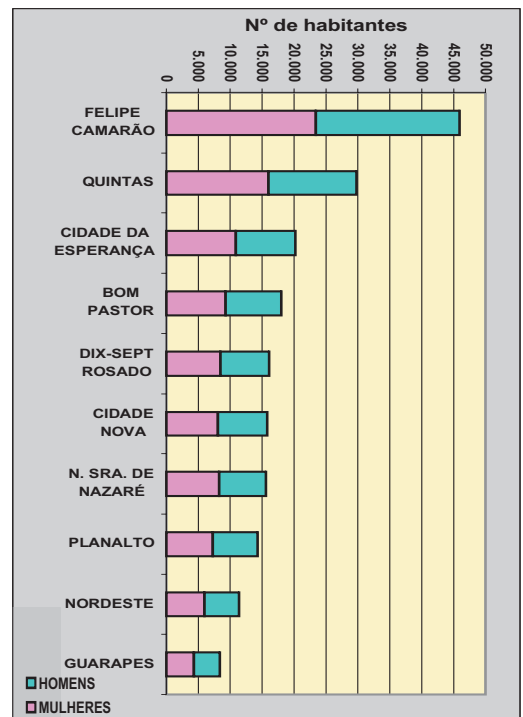


Gráfico 07 - População residente por sexo na Região Oeste



Fonte: IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - Censo Demográfico 2000



9.2 ESTRUTURA ETÁRIA DA POPULAÇÃO

REG. ADM.	BARRIOS	POPULAÇÃO RESIDENTE POR FAIXA ETÁRIA																TOTAL		
		0 a 4	5 a 9	10 a 14	15 a 19	20 a 24	25 a 29	30 a 34	35 a 39	40 a 44	45 a 49	50 a 54	55 a 59	60 a 64	65 a 69	70 a 74	75 a 79		80 a +	
NORTE	LAGOA AZUL	5.543	5.427	5.952	5.806	4.981	4.190	4.100	3.941	3.170	2.236	1.652	1.089	749	546	414	312	325	50.413	
	PAUÇARA	4.889	4.939	4.854	4.177	3.774	3.861	4.296	3.688	2.597	1.496	1.135	779	550	380	303	203	209	42.130	
	POTENGI	4.240	4.467	5.602	7.057	6.032	4.466	4.114	4.216	4.008	3.556	2.778	1.724	1.301	855	760	532	551	56.259	
	N. SRA. DA APRESENTAÇÃO	6.919	6.712	6.340	5.677	5.335	5.340	5.405	4.715	3.090	2.035	1.566	1.024	801	518	433	305	307	56.522	
	REDINHA	1.403	1.447	1.322	1.236	1.161	969	930	782	585	429	365	264	193	137	104	80	97	11.504	
	IGARÓ	2.803	2.724	2.906	3.024	2.746	2.401	2.270	2.150	1.548	1.170	950	640	547	360	307	231	255	27.032	
	SALINAS	126	115	114	106	82	67	52	42	37	34	25	33	18	10	7	4	4	883	
	SUBTOTAL	25.923	25.831	27.090	27.083	24.111	21.294	21.167	19.534	15.035	10.956	8.471	5.533	4.159	2.806	2.328	1.667	1.554	244.443	
	SUL	LAGOA NOVA	2.002	2.071	2.808	4.035	3.914	2.886	2.728	2.743	2.426	2.205	2.182	1.530	1.282	908	782	553	534	35.569
		NOVA DESCOBERTA	936	887	1.102	1.357	1.296	1.105	1.089	956	795	674	635	461	370	261	235	153	169	12.481
CANDELARIA		961	1.092	1.541	2.231	2.177	1.410	1.300	1.382	1.383	1.321	1.228	772	620	373	346	240	307	18.684	
CARIMACIO		1.024	1.299	1.874	2.546	2.188	1.524	1.408	1.709	1.827	1.626	1.248	734	532	339	293	164	186	20.522	
PITIMBU		1.265	1.674	2.546	2.825	2.179	1.457	1.570	2.119	2.077	1.659	1.214	697	609	409	279	218	188	22.985	
NEOPOLIS		1.246	1.449	1.919	2.766	2.425	1.771	1.631	1.721	1.575	1.580	1.271	781	637	355	361	272	281	22.041	
PONTA NEGRA		1.925	1.913	2.160	2.725	2.557	1.989	1.919	1.933	1.621	1.407	1.152	713	551	382	263	178	212	23.600	
SUBTOTAL		9.359	10.385	13.950	18.485	16.737	12.142	11.645	12.583	11.704	10.472	8.930	5.688	4.581	3.027	2.559	1.778	1.877	155.882	
LESTE		SANTOS REIS	602	641	709	769	646	569	556	480	378	306	276	234	178	159	134	82	101	6.820
		ROOCS	851	852	971	1.026	922	837	864	875	709	501	444	377	349	306	252	182	207	10.525
	RIBEIRA	157	162	174	208	198	161	158	162	142	101	98	89	74	57	58	58	53	2.110	
	PRADO MEIO	353	323	393	432	435	368	393	322	250	195	200	127	117	88	89	44	64	4.193	
	CIDADE ALTA	470	530	596	638	621	520	492	473	420	378	308	247	213	211	202	163	210	6.892	
	PETROPOLIS	205	225	374	509	494	343	317	380	356	325	349	267	207	207	165	180	180	5.105	
	AREIA PRETA	190	202	213	273	244	200	191	225	189	141	142	82	95	79	68	63	55	2.652	
	MÃE LUÍZA	1.808	1.746	1.880	1.842	1.672	1.301	1.230	1.019	826	610	552	455	357	283	216	140	121	16.058	
	ALEGRI	2.181	2.265	2.841	3.231	2.964	2.508	2.553	2.574	2.281	1.760	1.502	1.171	1.172	917	911	754	771	32.356	
	BARRO VERMELHO	389	443	655	901	773	591	594	652	549	507	415	368	358	275	291	185	189	8.145	
TIROL	748	977	1.204	1.429	1.417	1.083	1.031	1.225	1.131	972	833	537	533	460	461	333	355	14.799		
LAGOA SECA	380	423	520	656	639	513	491	526	457	366	342	257	257	205	231	177	211	6.651		
SUBTOTAL	8.344	8.789	10.530	11.914	11.025	8.994	8.870	8.913	7.688	6.162	5.461	4.281	3.910	3.247	3.115	2.346	2.517	116.106		
OESTE	QUINTAS	2.636	2.642	2.829	3.153	2.884	2.410	2.398	2.215	1.740	1.332	1.320	1.004	854	670	598	527	539	29.751	
	NORDESTE	1.052	1.116	1.181	1.241	1.142	944	905	769	679	482	489	363	312	291	192	143	134	11.436	
	DUS SEPT ROSADO	1.437	1.437	1.574	1.770	1.707	1.332	1.395	1.215	910	699	713	529	446	293	254	208	222	16.141	
	BOM PASTOR	1.942	1.844	1.981	2.013	1.814	1.525	1.468	1.321	923	713	642	514	413	298	230	159	184	17.984	
	N. SRA. DE NAZARÉ	1.224	1.271	1.413	1.777	1.726	1.498	1.227	1.055	947	761	769	577	429	287	230	196	206	15.623	
	FELIPE CAMARÃO	5.479	5.394	5.361	5.201	4.539	3.954	3.783	3.171	2.361	1.701	1.438	1.080	827	571	437	306	304	45.807	
	CIDADE DA ESPERANÇA	1.542	1.654	1.912	2.097	1.987	1.775	1.783	1.697	1.178	912	869	714	640	454	408	316	297	20.235	
	CIDADE NOVA	1.875	1.742	1.718	1.766	1.607	1.371	1.336	1.113	823	639	534	370	272	199	162	116	115	15.778	
	GIARAPES	1.197	1.114	1.118	945	780	632	591	554	437	298	221	160	122	90	61	43	52	8.415	
	PLANALTO	2.007	1.986	1.538	1.354	1.375	1.382	1.426	1.124	654	427	415	226	175	107	83	69	56	14.314	
SUBTOTAL	20.391	20.110	20.625	21.337	19.561	16.823	16.313	14.284	10.662	7.964	7.410	5.537	4.490	3.260	2.655	2.083	2.109	195.584		
PARQUE DAS DUMAS	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2		
TOTAL	64.017	65.115	72.195	78.819	71.434	59.253	57.996	55.275	45.079	35.554	30.272	21.039	17.140	12.340	10.657	7.874	8.258	712.317		

Fonte: Tabela elaborada pela SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo, com base nos dados do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - Censo Demográfico 2000



9.2.1 Gráficos da estrutura etária da população do município

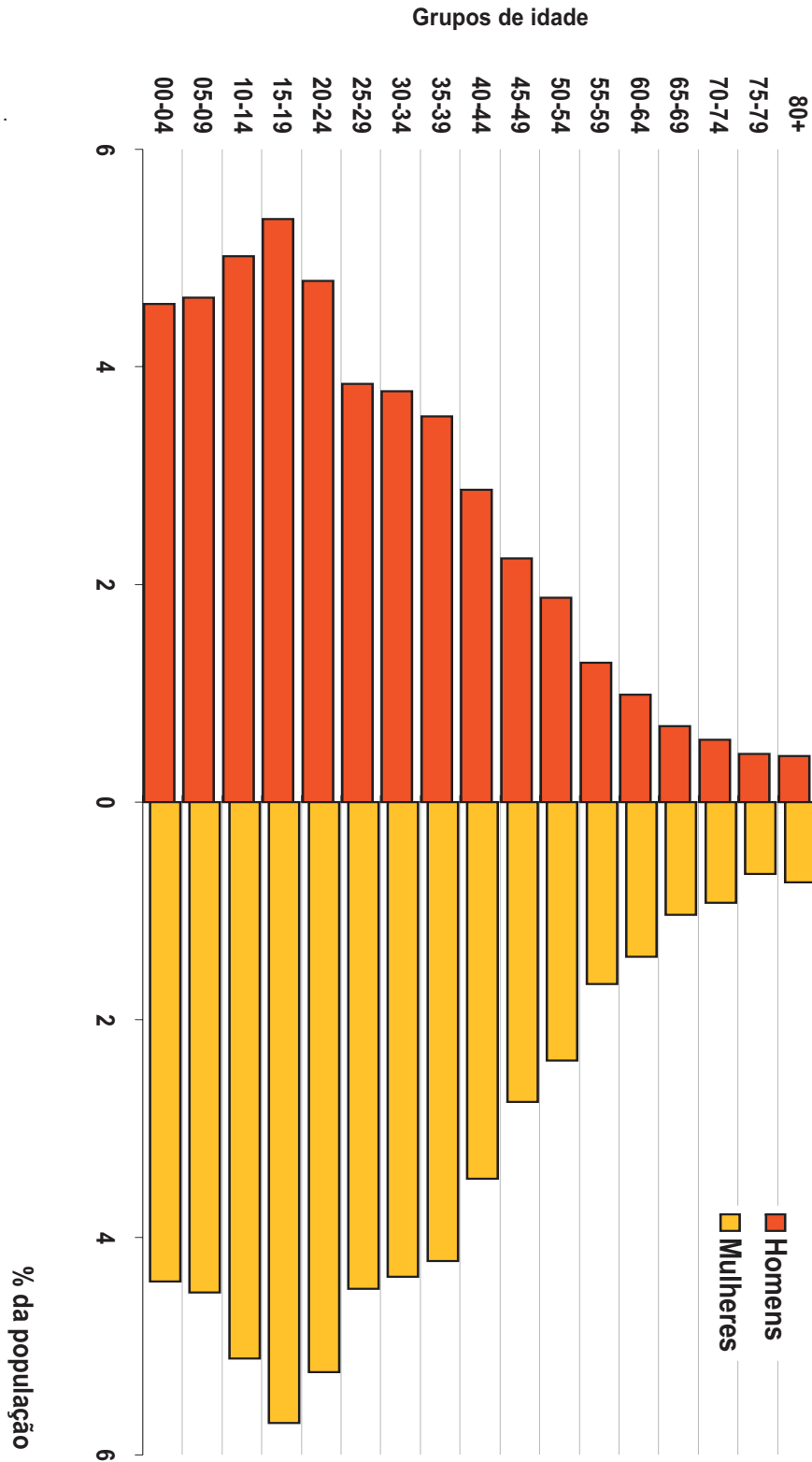


Gráfico 08 - Pirâmide etária de Natal

Fonte: IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - Censo Demográfico 2000



9.3 POPULAÇÃO RESIDENTE POR ESPÉCIE DE DOMICÍLIOS

REGIÃO ADMINISTRATIVA	BAIRRO	UNID. DE HAB. EM DOMICÍLIO COLETIVO	POPULAÇÃO RESIDENTE					TOTAL	TOTAL
			ESPÉCIE DO DOMICÍLIO						
			CASA	APARTAMENTO	CÔMODO*	TOTAL	IMPROVISADO		
NORTE	LAGOA AZUL	4	50.164	68	96	50.318	91	50.409	50.413
	PAUÇARA	23	41.661	106	80	41.846	261	42.107	42.130
	POTENGI	359	55.636	66	119	55.821	79	55.900	56.259
	N. SRA. DA APRESENTAÇÃO	-	56.032	56	145	56.233	288	56.522	56.522
	REDINHA	2	11.409	12	19	11.440	62	11.502	11.504
	IGAPÓ	13	26.834	84	84	27.002	17	27.019	27.032
	SALINAS	-	883	-	-	883	-	883	883
	SUBTOTAL	401	242.619	381	543	243.543	799	244.342	244.743
	LAGOA NOVA	59	27.228	8.197	38	35.463	47	35.510	35.569
	NOVA DESCOBERTA	-	11.621	767	87	12.475	6	12.481	12.481
CANDELARIA	34	14.091	4.490	12	18.593	57	18.650	18.684	
CAPIM MACIO	42	12.446	7.931	91	20.468	12	20.480	20.522	
PITIMBU	14	22.814	68	73	22.955	16	22.971	22.985	
NEÓPOLIS	59	18.613	3.253	67	21.933	49	21.982	22.041	
PONTA NEGRA	187	19.775	3.496	125	23.396	17	23.413	23.600	
SUBTOTAL	396	126.688	28.202	493	155.293	204	155.487	155.882	
SUL	SANTOS REIS	-	6.787	10	21	6.818	2	6.820	6.820
	ROÇAS	24	10.366	31	87	10.484	17	10.501	10.525
	RIBEIRA	40	1.406	641	7	2.054	16	2.070	2.110
	PRAIA DO MEIO	14	3.522	624	25	4.171	8	4.179	4.193
	CIDADE ALTA	168	5.870	565	81	6.516	8	6.524	6.592
	PETRÓPOLIS	11	2.507	2.582	4	5.093	1	5.094	5.105
	AREIA PRETA	11	2.319	313	-	2.632	9	2.641	2.652
	MÃE LUÍZA	-	15.917	36	102	16.055	3	16.058	16.058
	ALECRIM	201	30.811	1.221	91	32.123	32	32.155	32.356
	BARRO VERMELHO	24	5.914	2.198	3	8.115	6	8.121	8.145
TIROL	243	7.477	7.065	13	14.555	1	14.556	14.799	
LAGOA SECA	204	6.129	304	10	6.443	4	6.447	6.651	
SUBTOTAL	940	99.025	15.590	444	115.059	107	115.166	116.106	
LESTE	QUINTAS	4	29.132	237	282	29.651	96	29.747	29.751
	NORDESTE	-	11.339	41	26	11.406	30	11.436	11.436
	DIX-SEPT ROSADO	78	15.833	214	10	16.057	6	16.063	16.141
	BOM PASTOR	2	17.681	66	189	17.936	46	17.982	17.984
	N. SRA. DE NAZARÉ	-	15.183	342	82	15.607	16	15.623	15.623
	FELIPE CAMARÃO	4	45.021	55	612	45.688	215	45.903	45.907
	CIDADE DA ESPERANÇA	69	19.830	202	90	20.122	44	20.166	20.235
	CIDADE NOVA	-	15.553	45	101	15.699	79	15.778	15.778
	GUARAPES	-	8.230	12	129	8.371	44	8.415	8.415
	PLANALTO	-	14.102	47	25	14.174	140	14.314	14.314
SUBTOTAL	157	191.904	1.261	-	194.711	716	195.427	195.584	
OESTE	PARQUE DAS DUNAS	2	-	-	-	-	-	-	2

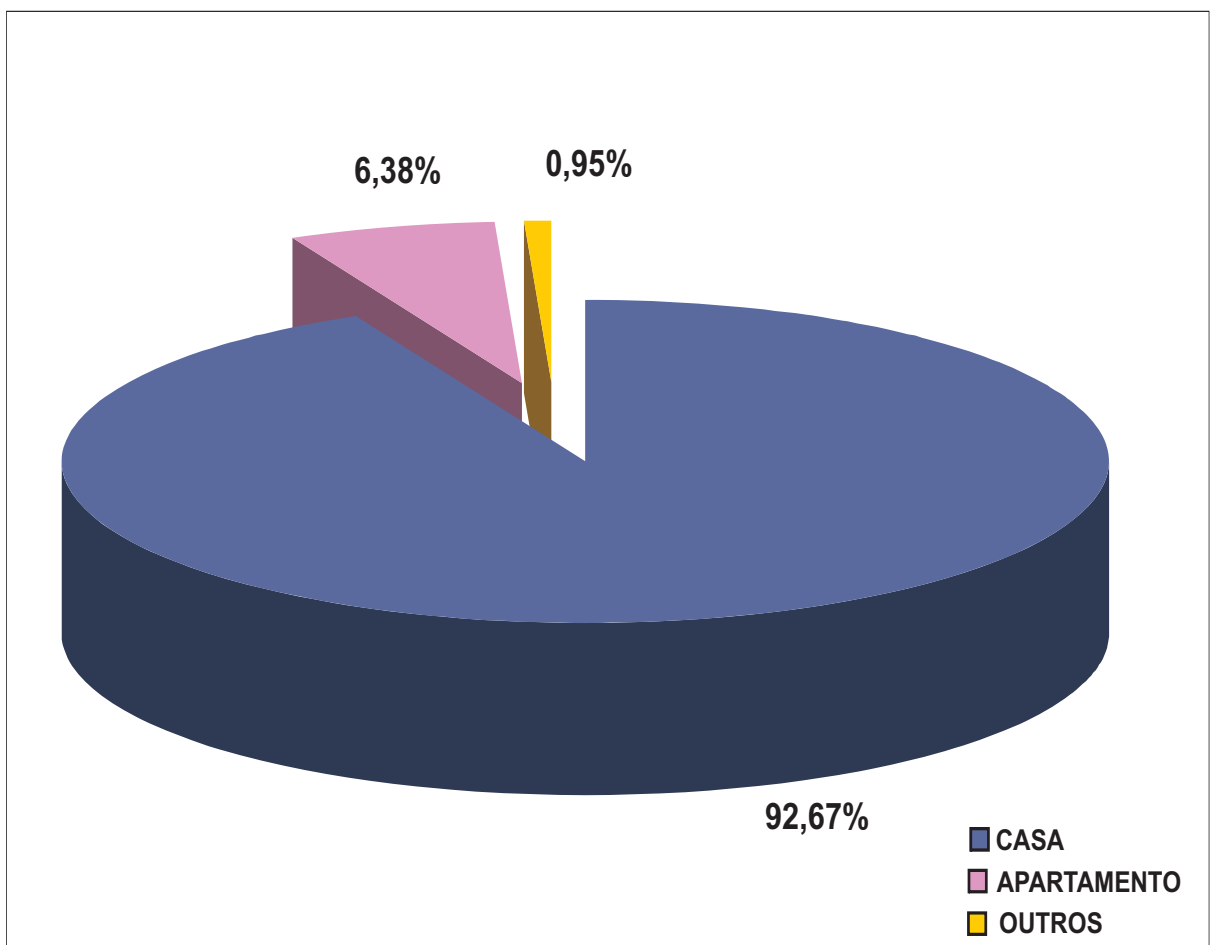
Fonte: Tabela elaborada pela SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo, com base nos dados do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - Censo Demográfico 2000

* "Quando composto por um ou mais aposentos localizado em uma casa de cômodos, cortiço, cabeça-de-porco, etc." (IBGE, 2001, p.21).



9.3.1 Gráficos da população residente por espécie de domicílios no município

Gráfico 9 - População residente em Natal, por espécie de domicílios



Fonte: IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - Censo Demográfico 2000



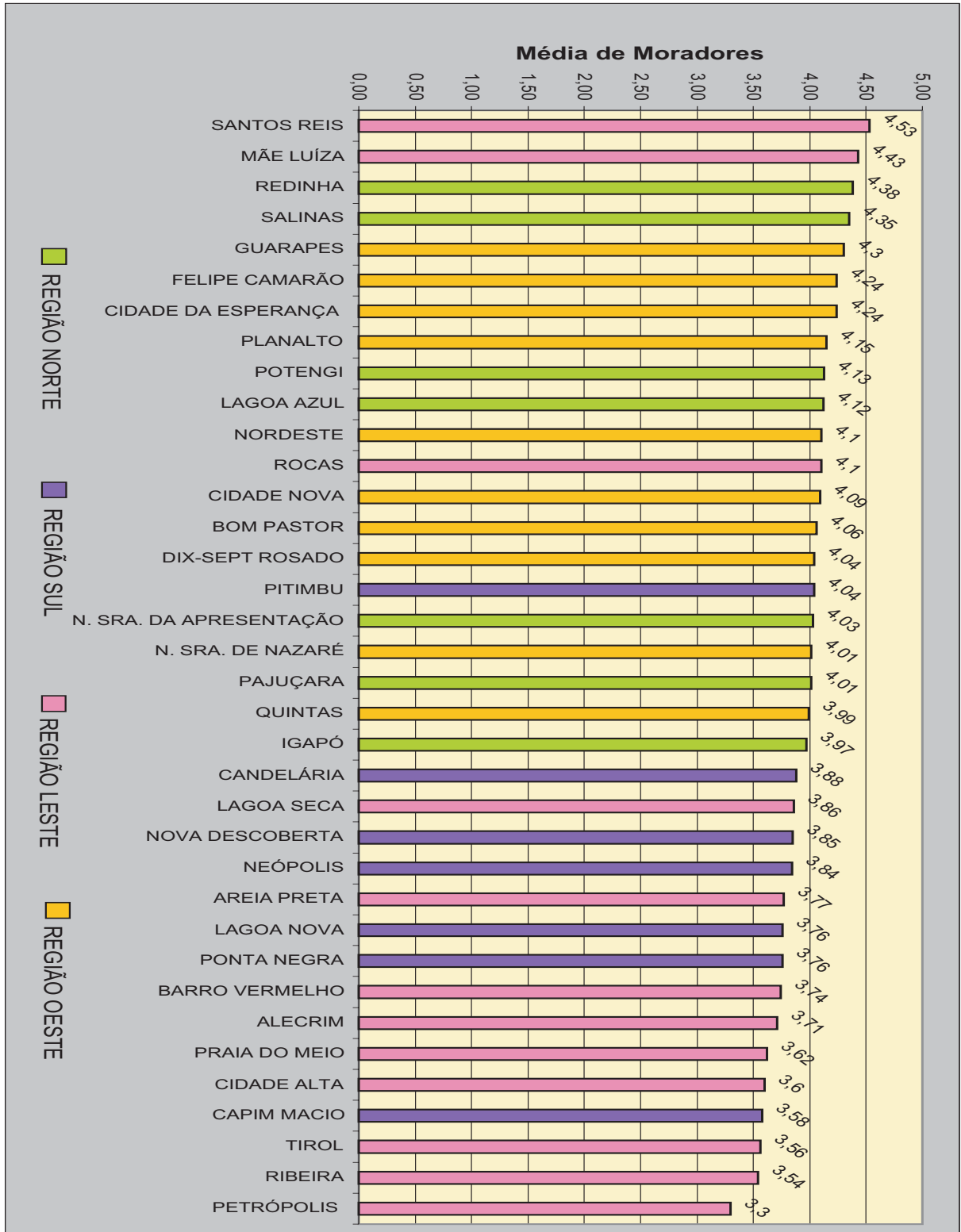
9.4 MÉDIA DE MORADORES POR DOMICÍLIOS PARTICULARES PERMANENTES

REG. ADM.	BAIRROS	DOMICÍLIOS	MORADORES	MÉDIA DE MORADORES POR DOMICÍLIOS
NORTE	LAGOA AZUL	12.225	50.318	4,12
	PAJUÇARA	10.424	41.846	4,01
	POTENGI	13.505	55.821	4,13
	N. SRA. DA APRESENTAÇÃO	13.948	56.233	4,03
	REDINHA	2.610	11.440	4,38
	IGAPÓ	6.806	27.002	3,97
	SALINAS	203	883	4,35
SUBTOTAL		59.721	243.543	4,08
SUL	LAGOA NOVA	9.434	35.463	3,76
	NOVA DESCOBERTA	3.240	12.475	3,85
	CANDELÁRIA	4.796	18.593	3,88
	CAPIM MACIO	5.713	20.468	3,58
	PITIMBU	5.688	22.955	4,04
	NEÓPOLIS	5.709	21.933	3,84
	PONTA NEGRA	6.227	23.396	3,76
SUBTOTAL		40.807	155.283	3,81
LESTE	SANTOS REIS	1.504	6.818	4,53
	ROCAS	2.557	10.484	4,10
	RIBEIRA	581	2.054	3,54
	PRAIA DO MEIO	1.151	4.171	3,62
	CIDADE ALTA	1.809	6.516	3,60
	PETRÓPOLIS	1.542	5.093	3,30
	AREIA PRETA	699	2.632	3,77
	MÃE LUÍZA	3.623	16.055	4,43
	ALECRIM	8.650	32.123	3,71
	BARRO VERMELHO	2.170	8.115	3,74
	TIROL	4.091	14.555	3,56
LAGOA SECA	1.669	6.443	3,86	
SUBTOTAL		30.046	115.059	3,83
OESTE	QUINTAS	7.424	29.651	3,99
	NORDESTE	2.782	11.406	4,10
	DIX-SEPT ROSADO	3.970	16.057	4,04
	BOM PASTOR	4.416	17.936	4,06
	N. SRA. DE NAZARÉ	3.890	15.607	4,01
	FELIPE CAMARÃO	10.782	45.688	4,24
	CIDADE DA ESPERANÇA	4.742	20.122	4,24
	CIDADE NOVA	3.840	15.699	4,09
	GUARAPES	1.945	8.371	4,30
	PLANALTO	3.418	14.174	4,15
SUBTOTAL		47.209	194.711	4,12
PARQUE DAS DUNAS		-	-	-
TOTAL		177.783	708.596	3,99

Fonte: Tabela elaborada pela SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo, com base nos dados do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - Censo Demográfico 2000



Gráfico 10 - Média de moradores por domicílios particulares permanentes nos bairros de Natal



Fonte: Gráfico elaborado pela SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo, com base nos dados do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - Censo Demográfico 2000



10. INFRA-ESTRUTURA



10.1 LIMPEZA PÚBLICA

10.1.1 Produção diária estimada de resíduos sólidos domiciliares coletados no Município de Natal por bairros e Regiões Administrativas

REGIÃO ADMINISTRATIVA	BAIRRO	PRODUÇÃO DIÁRIA DE LIXO DOMICILIAR (TONELADAS)	Kg/hab/dia
NORTE	LAGOA AZUL	41,64	0,64
	PAJUÇARA	34,80	
	POTENGI	35,21	
	N. SRA. DA APRESENTAÇÃO	46,69	
	REDINHA	9,50	
	IGAPÓ	17,72	
	SALINAS	0,43	
	SUBTOTAL	185,99	
SUL	LAGOA NOVA	41,74	1,22
	NOVA DESCOBERTA	14,09	
	CANDELÁRIA	23,52	
	CAPIM MACIO	27,84	
	PITIMBU	27,62	
	NEÓPOLIS	27,75	
	PONTA NEGRA	37,43	
	SUBTOTAL	199,99	
LESTE	SANTOS REIS	11,58	1,65
	ROCAS	16,03	
	RIBEIRA	3,86	
	PRAIA DO MEIO	6,80	
	CIDADE ALTA	12,24	
	PETRÓPOLIS	7,77	
	AREIA PRETA	3,37	
	MÃE LUÍZA	25,41	
	ALECRIM	52,43	
	BARRO VERMELHO	13,83	
	TIROL	27,07	
	LAGOA SECA	9,62	
SUBTOTAL	190,01		
OESTE	QUINTAS	13,24	0,49
	NORDESTE	5,09	
	DIX-SEPT ROSADO	9,08	
	BOM PASTOR	8,97	
	N. SRA. DE NAZARÉ	6,1	
	FELIPE CAMARÃO	25,84	
	CIDADE DA ESPERANÇA	9,85	
	CIDADE NOVA	7,87	
	GUARAPES	5,53	
	PLANALTO	9,42	
	SUBTOTAL	100,99	
PARQUE DAS DUNAS		-	-
TOTAL		676,98	0,88

Fonte: Tabela elaborada pela SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo, com base nos dados da URBANA - Companhia de Serviços Urbanos de Natal - 2008



Mapa 11 - Produção diária de lixo domiciliar por bairro



Fonte: Mapa elaborada pela SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo, com base nos dados da URBANA - Companhia de Serviços Urbanos de Natal - 2008



10.2 SANEAMENTO BÁSICO

10.2.1 Consumo e ligações de água e esgoto (m3)

REGIÃO ADMIN.	BARRIO	RESIDENCIAL				COMERCIAL				INDUSTRIAL				PÚBLICO				TOTAL (ESGOTO) LIGAÇÕES	TOTAL (ESGOTO) LIGAÇÕES
		LIG.	VOL.	LIG.	VOL.	LIG.	VOL.	LIG.	VOL.	LIG.	VOL.	LIG.	VOL.	LIG.	VOL.				
NORTE	LAGOA AZUL	12.517	316.508	2	54	115	2.592	--	--	20	590	--	--	37	3.946	--	--	2	12.689
	PAUÇARA	11.055	271.207	1	20	100	2.371	--	--	16	607	--	--	25	2.210	--	--	1	11.196
	POTENGI	15.167	327.666	1	20	248	7.703	--	--	32	1.135	--	--	102	8.815	1	450	2	15.549
	N. SRA. DA APRESENTAÇÃO	16.964	427.308	8	185	141	2.611	1	280	46	166.407	17	165.326	21	5.051	--	--	26	17.172
	REDINHA	2.499	64.007	2	36	71	1.964	--	--	8	265	--	--	18	1.038	--	--	2	2.586
	GAPO	8.304	200.284	1.688	36.199	198	3.322	21	423	23	665	2	40	37	2.567	7	332	1.898	8.522
	SALINAS	938	19.309	435	7.771	18	330	4	51	3	572	1	50	6	160	2	60	442	965
	SUBTOTAL	67.444	1.626.269	2.117	44.285	881	20.893	26	734	148	170.241	20	166.416	246	23.787	10	1.042	2.173	68.689
	LAGOANOVIA	8.171	333.192	1.489	101.368	964	5.558	181	20.520	119	6.042	15	1.423	110	31.382	17	15.276	1.702	9.384
	NOVA DECOBERTA	3.108	82.516	107	7.534	66	1.609	--	--	12	253	0	8	796	--	--	--	107	3.194
CANDELARIA	4.263	145.136	529	15.715	263	9.368	11	916	150	6.016	2	40	27	7.796	7	3.997	549	4.703	
CAPIM MACIO	1.703	69.680	8	4.389	191	8.930	2	1.590	35	1.209	--	--	12	1.004	--	--	10	1.931	
PTIMBU	6.010	137.201	2	35	93	2.624	--	--	40	1.728	--	--	22	2.582	--	--	2	6.165	
NEOPOLIS	5.544	226.673	2	440	332	10.890	1	20	121	5.720	--	--	35	6.384	--	--	3	7.032	
PONTANEIRA	5.773	209.694	3.109	113.952	375	26.980	249	20.996	86	4.937	36	1.556	20	1.550	8	230	3.402	6.254	
SUBTOTAL	35.572	1.204.062	5.246	243.433	2.274	111.919	444	44.042	563	25.905	53	3.019	234	5.1474	32	19.503	5.775	38.643	
SANTOS RES	1.633	44.164	1.480	39.203	24	2.005	18	983	23	3.733	11	2.963	16	1.953	10	1.703	1.489	1.696	
ROCKAS	2.831	66.509	2.482	57.848	126	3.633	103	2.891	26	1.262	14	476	28	3.875	24	3.395	2.823	3.011	
RIBEIRA	427	17.302	313	15.088	377	9.241	361	8.682	45	6.042	40	5.912	73	11.747	70	11.654	774	922	
PRAIA DO MEIO	672	25.040	601	23.083	62	4.768	59	4.727	10	320	6	172	18	770	13	630	609	762	
CIDADE ALTA	1.933	55.222	1.411	46.294	701	25.358	695	25.288	19	780	17	720	92	17.666	83	17.307	2.206	2.745	
PETROPOLIS	1.179	63.283	1.088	60.761	382	11.661	345	11.544	20	896	20	896	64	13.539	62	13.479	1.515	1.615	
AREIA PRETA	816	41.392	687	37.413	66	4.541	64	4.294	10	719	8	669	7	1.116	6	1.086	765	899	
MÊLUZA	3.391	94.717	534	14.528	78	51.407	30	50.141	6	186	3	81	18	1.952	3	503	570	3.493	
ALECRIM	9.827	253.399	6.929	180.268	1.531	37.639	1.389	34.841	81	2.736	66	2.293	83	9.313	67	8.129	8.451	11.522	
BARRIO VERMELHO	2.683	142.939	2.447	136.066	546	21.635	489	20.287	32	2.431	25	2.102	76	16.466	67	15.948	3.028	3.337	
TIROL	944	79.844	817	75.570	257	24.986	247	24.733	17	704	14	519	43	17.435	37	13.123	1.115	1.261	
LAGOA SECA	1.666	48.224	1.115	33.542	258	6.713	142	4.341	16	479	9	289	13	2.707	11	2.522	1.277	1.563	
SUBTOTAL	28.002	932.035	19.874	719.674	4.378	203.607	3.932	192.712	305	20.228	233	17.072	531	98.539	453	89.479	24.492	33.216	
OESTE	QUINTAS	7.817	194.726	5.713	138.408	280	6.653	171	4.230	36	1.177	24	832	43	7.027	25	6.058	5.933	8.186
	NORDESTE	2.989	70.223	1.800	41.875	70	1.521	30	664	7	238	3	100	11	733	6	492	1.839	3.077
	DIX-SEPT ROSADO	658	17.841	603	16.141	58	1.307	42	997	1	20	1	20	4	1.025	2	226	648	721
	BOM PASTOR	4.179	110.307	1.219	31.492	128	3.165	25	637	23	1.913	4	1.064	24	3.331	3	87	1.251	4.354
	N. SRA. DE NAZARÉ	6.908	187.899	4.008	110.174	445	10.861	244	6.315	70	2.969	39	1.639	27	7.574	10	3.714	4.301	7.490
	FELIPE CAMARÃO	9.593	241.572	247	6.739	97	2.426	3	90	17	665	2	50	26	3.177	2	394	254	9.733
	CIDADE DA ESPERANÇA	4.385	115.607	3.968	102.205	198	6.883	170	6.053	15	463	13	393	31	3.042	31	3.042	4.172	4.639
	CIANALTO	3.484	91.171	83	3.493	70	1.790	2	97	8	282	0	0	14	974	0	0	85	3.556
	PLANALTO	6.680	147.215	0	0	80	1.716	0	0	45	1.504	0	0	7	665	0	0	0	6.812
	GUARAPES	1.065	22.844	1	20	4	50	0	0	1	30	0	0	8	1.362	0	0	1	1.078
SUBTOTAL	47.748	1.199.405	17.632	450.547	1.440	36.126	687	19.083	223	8.861	88	4.088	195	28.910	79	14.073	18.484	49.606	
PARQUE DAS DUNAS	11	295	4	105	3	42	1	10	0	0	0	0	0	0	0	0	0	5	14
TOTAL	178.777	4.962.066	44.873	1.458.044	8.946	372.587	5.090	256.591	1.239	225.235	392	189.605	1.206	202.710	574	124.037	50.929	190.168	

Fonte: Tabela elaborada pela SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo, com base nos dados da CAERN - Companhia de Águas e Esgotos do Rio Grande do Norte - 2007.



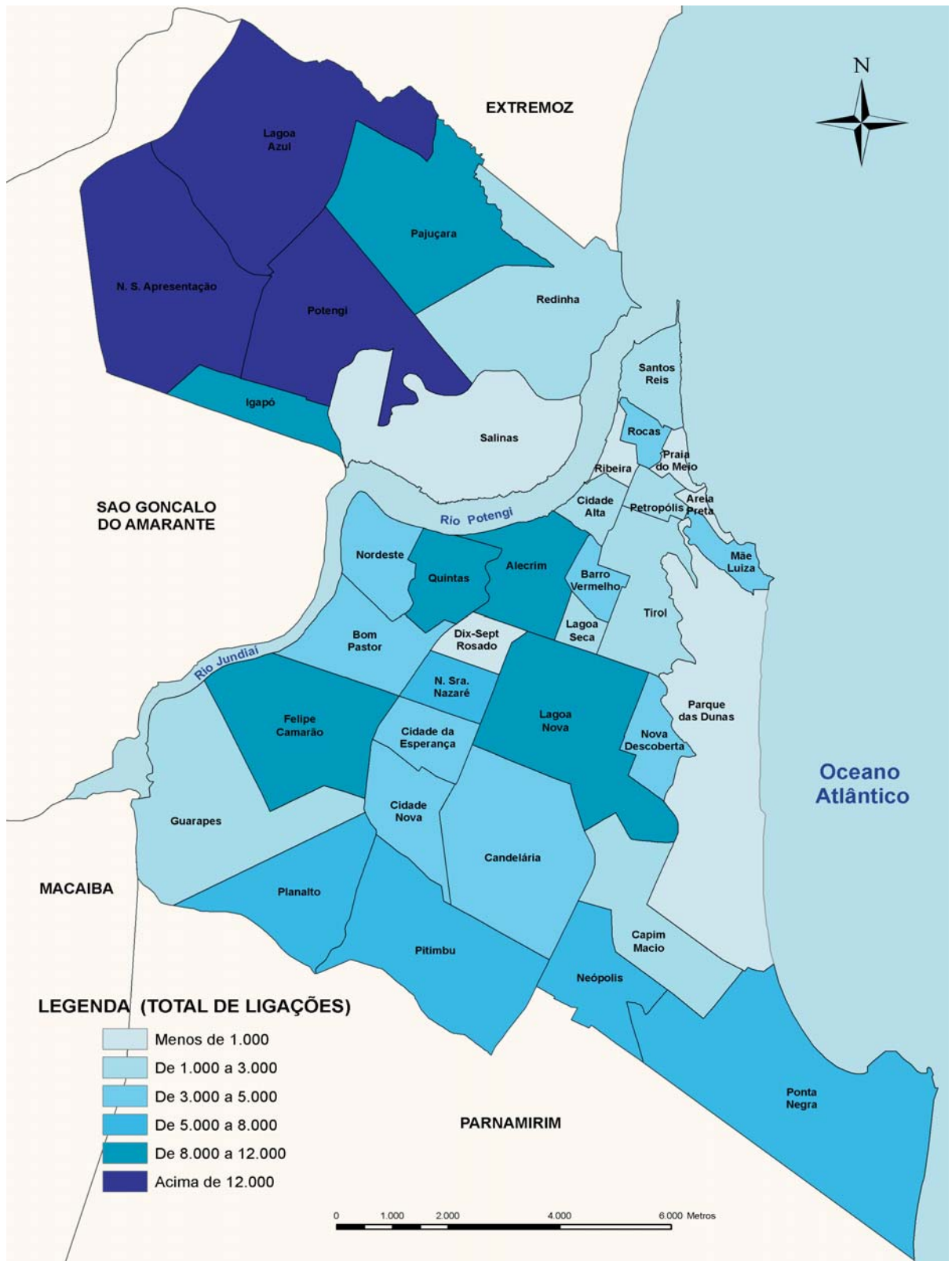
Mapa 12 - Ligações de esgotos por bairro



Fonte: Mapa elaborado pela SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo, com base nos dados da CAERN - Companhia de Águas e Esgotos do Rio Grande do Norte - 2007.



Mapa 13 - Ligações de água por bairro



Fonte: Mapa elaborado pela SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo, com base nos dados da CAERN - Companhia de Águas e Esgotos do Rio Grande do Norte - 2007.



10.3 REDE ELÉTRICA - CONSUMIDORES POR TIPO DE USO

REGIÃO ADMINISTRATIVA	BAIRRO	RESIDENCIAL	INDUSTRIAL	COMERCIAL	PÚBLICOS*	OUTROS**	TOTAL
NORTE	LAGOA AZUL	14.489	47	548	54	65	15.203
	PAJUÇARA	14.775	46	561	39	63	15.484
	POTENGI	16.868	81	1148	104	63	18.264
	N. SRA. DA APRESENTAÇÃO	15.820	69	633	29	17	16.568
	REDINHA	5.110	15	266	27	34	5.452
	IGAPÓ	8.068	44	522	26	39	8.699
	SALINAS	140	0	3	1	2	146
SUBTOTAL		75.270	302	3.681	280	283	79.816
SUL	LAGOA NOVA	14.813	128	3.074	151	125	18.291
	NOVA DESCOBERTA	3.951	14	225	15	8	4.213
	CANDELÁRIA	5.398	62	633	54	58	6.205
	CAPIM MACIO	8.177	59	884	28	32	9.180
	PITIMBU	6.999	39	552	42	34	7.666
	NEÓPOLIS	7.510	31	643	43	48	8.275
	PONTA NEGRA	10.328	76	1.356	38	56	11.854
SUBTOTAL		57.176	409	7.367	371	361	65.684
LESTE	SANTOS REIS	1.166	4	56	10	15	1.251
	ROCAS	3.156	22	245	20	7	3.450
	RIBEIRA	693	34	466	79	10	1.282
	PRAIA DO MEIO	1.605	4	172	31	10	1.822
	CIDADE ALTA	2.411	39	2.267	67	21	4.805
	PETRÓPOLIS	2.946	20	1.036	71	57	4.130
	AREIA PRETA	1.156	6	79	7	12	1.260
	MÃE LUIZA	3.637	7	122	18	1	3.785
	ALECRIM	10.055	93	2.610	97	103	12.958
	BARRO VERMELHO	2.782	15	357	37	19	3.210
	TIROL	4.737	45	1.405	81	86	6.354
LAGOA SECA	1.378	20	832	32	41	2.303	
SUBTOTAL		35.722	309	9.647	550	382	46.610
OESTE	QUINTAS	8.659	52	616	45	49	9.421
	NORDESTE	2.545	10	116	11	15	2.697
	DIX-SEPT ROSADO	7.863	60	819	35	18	8.795
	BOM PASTOR	5.658	41	281	29	22	6.031
	N. SRA. DE NAZARÉ	343	7	75	4	0	429
	FELIPE CAMARÃO	12.580	48	421	28	10	13.087
	CIDADE DA ESPERANÇA	5.436	35	583	52	16	6.122
	CIDADE NOVA	4.000	22	153	14	2	4.191
	GUARAPES	1506	3	28	9	1	1547
	PLANALTO	7.547	32	278	14	11	7.882
SUBTOTAL		56.137	310	3.370	241	144	60.202
PARQUE DAS DUNAS		72	2	29	8	4	115
OUTROS		1.304	13	94	24	66	1.501
TOTAL		225.681	1.345	24.188	1.474	1.240	253.928

Fonte: Tabela elaborada pela SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo, com base nos dados da COSERN - Companhia Energética do Rio Grande do Norte - 2007 (Cadastramento por informação do contribuinte)

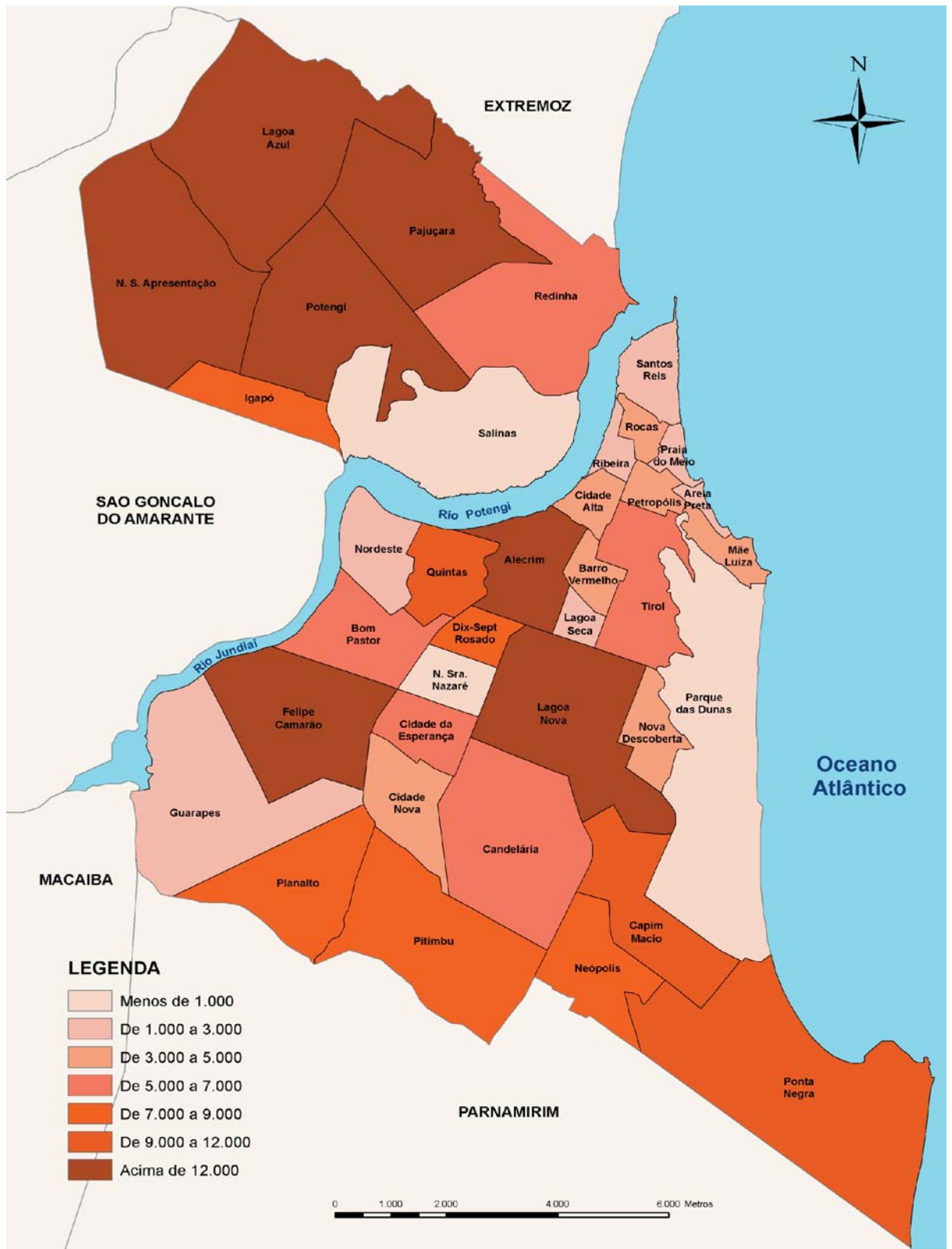
* PODER PÚBLICO E SERVIÇO PÚBLICO

** CONSUMO PRÓPRIO, ILUMINAÇÃO PÚBLICA E RURAL

**PRÓPRIO, RURAL E ILUMINAÇÃO PÚBLICA.



Mapa 14 - Rede Elétrica - número de consumidores por bairro



Fonte: Mapa elaborado pela SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo, com base nos dados da COSERN - Companhia Energética do Rio Grande do Norte - 2007.

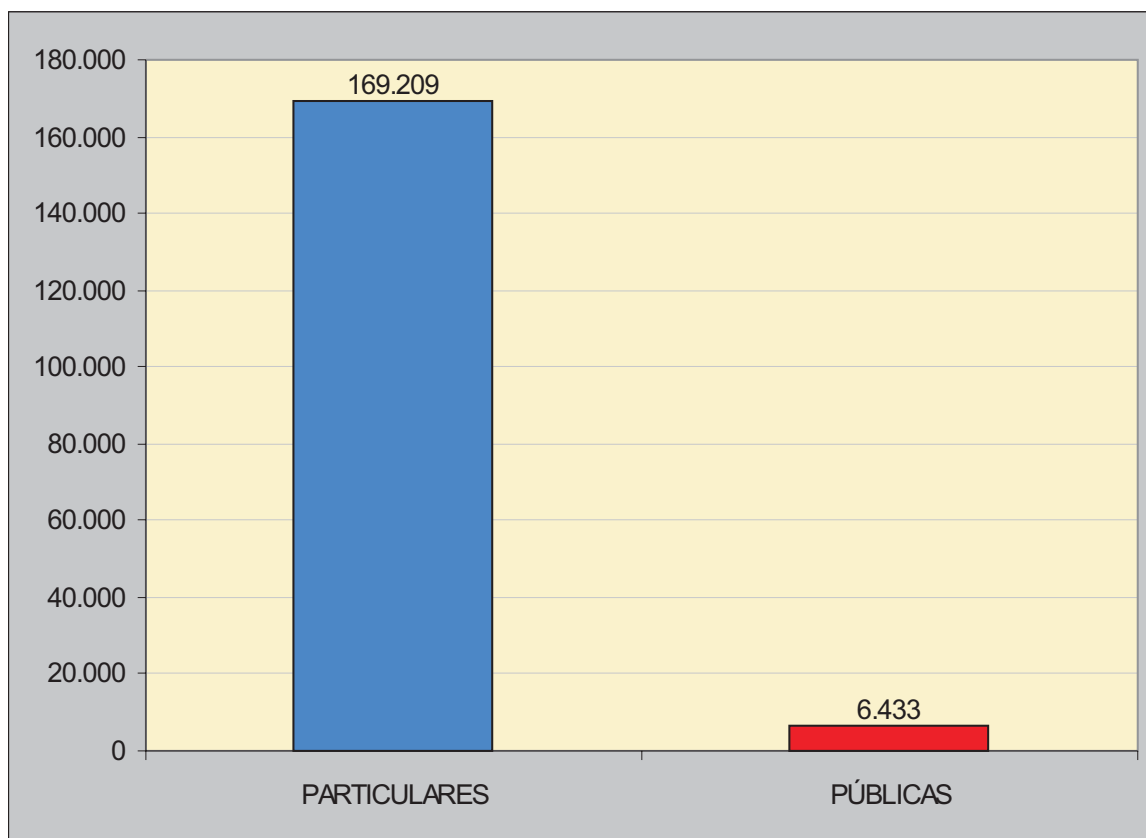


10.4 TELEFONIA POR TIPO DE USO

LINHAS		
PARTICULARES	PÚBLICAS	TOTAL
169.209	6.433	175.642

Fonte: Tabela elaborada pela SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo, com base nos dados da ANATEL - 2008

Gráfico 11 - Telefonia por tipo de uso



Fonte: Gráfico elaborado pela SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo, com base nos dados da ANATEL - 2008.

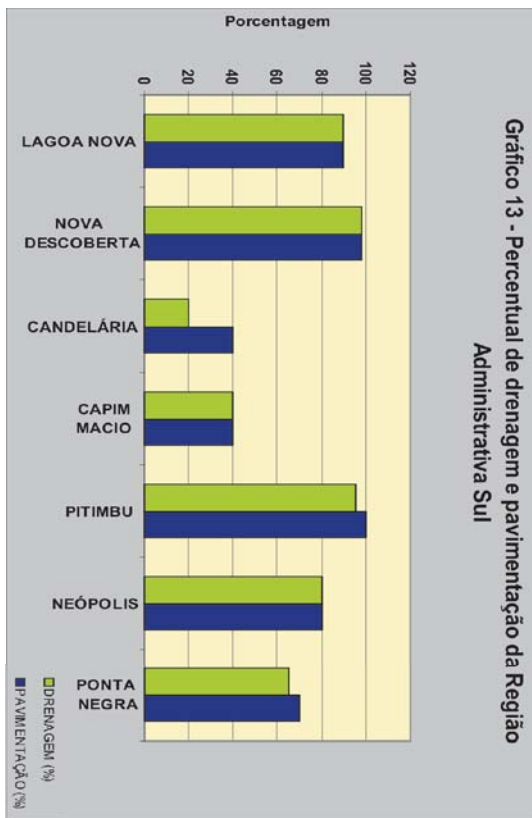
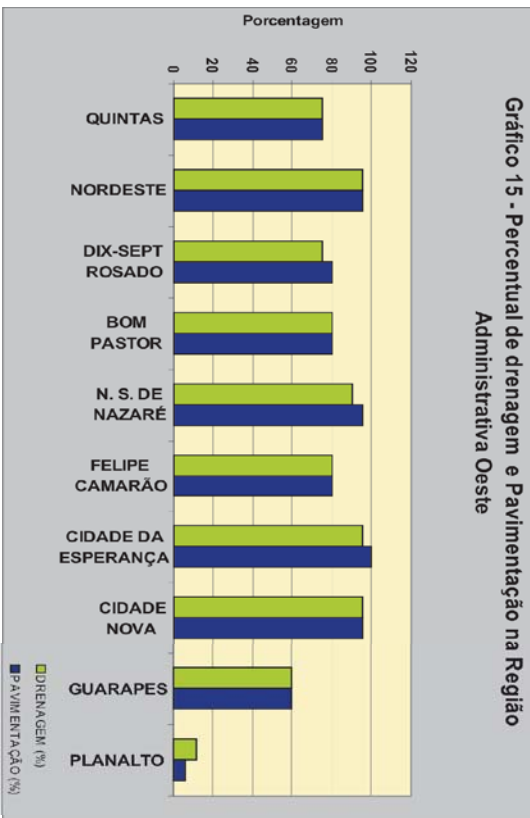
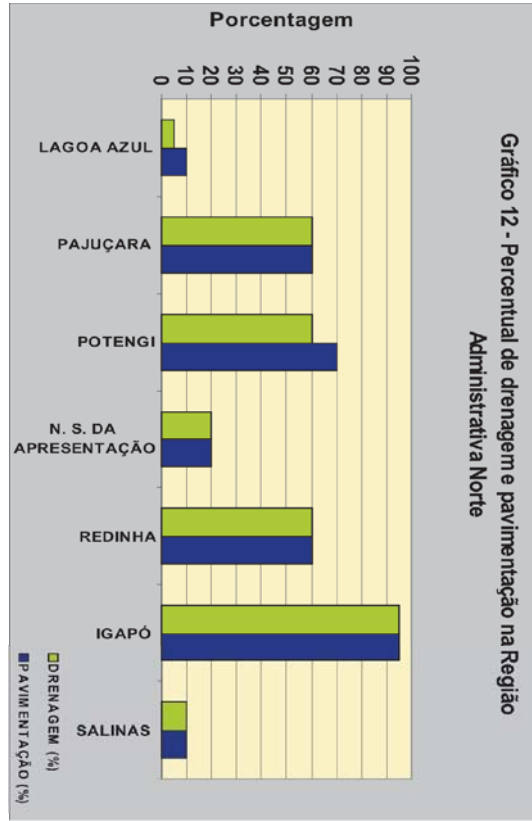
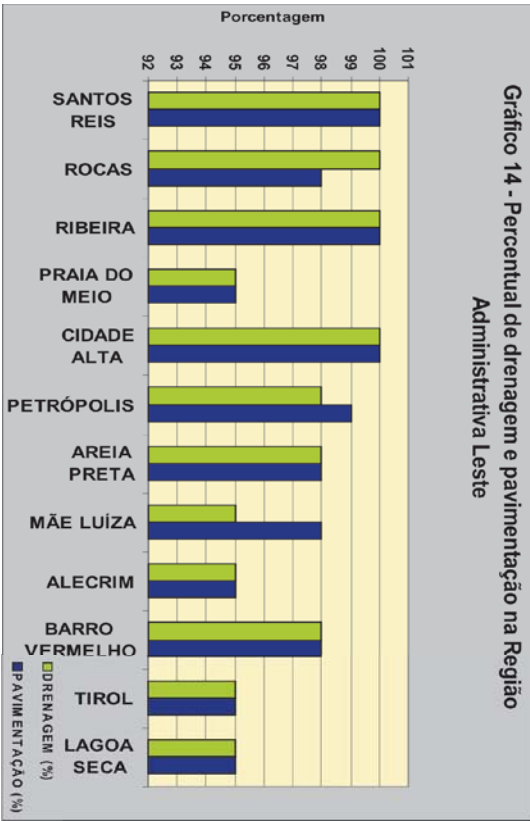


10.5 DRENAGEM E PAVIMENTAÇÃO

REGIÃO ADMINISTRATIVA	BAIRROS	DRENAGEM (%)	PAVIMENTAÇÃO (%)
NORTE	LAGOA AZUL	5	10
	PAJUÇARA	60	60
	POTENGI	60	70
	N. S. DA APRESENTAÇÃO	20	20
	REDINHA	60	60
	IGAPÓ	95	95
	SALINAS	10	10
SUL	LAGOA NOVA	90	90
	NOVA DESCOBERTA	98	98
	CANDELÁRIA	20	40
	CAPIM MACIO	40	40
	PITIMBU	95	100
	NEÓPOLIS	80	80
	PONTA NEGRA	65	70
LESTE	SANTOS REIS	100	100
	ROCAS	100	98
	RIBEIRA	100	100
	PRAIA DO MEIO	95	95
	CIDADE ALTA	100	100
	PETRÓPOLIS	98	99
	AREIA PRETA	98	98
	MÃE LUÍZA	95	98
	ALECRIM	95	95
	BARRO VERMELHO	98	98
	TIROL	95	95
	LAGOA SECA	95	95
OESTE	QUINTAS	75	75
	NORDESTE	95	95
	DIX-SEPT ROSADO	75	80
	BOM PASTOR	80	80
	N. S. DE NAZARÉ	90	95
	FELIPE CAMARÃO	80	80
	CIDADE DA ESPERANÇA	95	100
	CIDADE NOVA	95	95
	GUARAPES	60	60
	PLANALTO	12	6

Fonte: Tabela elaborada pela SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo, com base nos dados da SEMOV - Secretaria Municipal de Obras e Viação - 2007





Fonte: SEMOV - Secretaria Municipal de Obras e Viação - 2007





11. ASPECTOS SOCIOECONÔMICOS



11.1 RENDIMENTO MENSAL

REGIÃO ADMIN.	BAIRRO	PESSOAS COM RENDIMENTO, RESPONSÁVEIS PELOS DOMICÍLIOS PARTICULARES PERMANENTES	VALOR DO RENDIMENTO NOMINAL MÉDIO MENSAL* (SALÁRIO MÍNIMO)	VALOR DO RENDIMENTO NOMINAL MEDIANO MENSAL** (SALÁRIO MÍNIMO)
NORTE	LAGOA AZUL	10.669	2,35	1,65
	PAJUÇARA	9.204	2,82	1,99
	POTENGI	12.355	3,84	2,65
	N. SRA. DA APRESENTAÇÃO	12.109	2,62	1,72
	REDINHA	2.297	2,60	1,46
	IGAPÓ	6.174	2,93	1,73
	SALINAS	111	1,69	1,00
	SUBTOTAL	52.919	2,92	1,99
SUL	LAGOA NOVA	9.241	14,52	9,93
	NOVA DESCOBERTA	3.124	7,11	2,67
	CANDELÁRIA	4.706	14,12	9,93
	CAPIM MACIO	5.583	16,22	11,92
	PITIMBU	5.409	8,82	6,62
	NEÓPOLIS	5.479	7,56	5,30
	PONTA NEGRA	5.903	9,43	5,30
	SUBTOTAL	39.445	11,62	7,28
LESTE	SANTOS REIS	1.363	3,26	1,65
	ROCAS	2.334	4,28	1,97
	RIBEIRA	559	11,29	5,30
	PRAIA DO MEIO	1.031	5,75	2,00
	CIDADE ALTA	1.648	6,49	3,31
	PETRÓPOLIS	1.493	22,09	15,23
	AREIA PRETA	646	11,26	3,87
	MÃE LUÍZA	3.164	2,05	1,32
	ALECRIM	8.261	4,86	2,98
	BARRO VERMELHO	2.107	15,43	10,60
	TIROL	4.021	21,63	16,56
	LAGOA SECA	1.573	6,39	3,31
	SUBTOTAL	28.200	9,00	3,31
OESTE	QUINTAS	6.632	2,93	1,65
	NORDESTE	2.435	3,37	1,87
	DIX-SEPT ROSADO	3.750	3,50	1,99
	BOM PASTOR	3.760	2,23	1,34
	N. SRA. DE NAZARÉ	3.535	5,16	2,25
	FELIPE CAMARÃO	9.429	2,17	1,34
	CIDADE DA ESPERANÇA	4.443	3,95	2,38
	CIDADE NOVA	3.438	2,33	1,52
	GUARAPES	1.573	1,63	1,06
	PLANALTO	2.999	2,23	1,65
	SUBTOTAL	41.994	2,92	1,65
	PARQUE DAS DUNAS	-	-	-
	TOTAL	162.558	6,09	2,52

Fonte: Tabela elaborada pela SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo, com base nos dados do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - Censo Demográfico 2000

* Equivale à soma do rendimento nominal mensal de trabalho com o proveniente de outras fontes dos responsáveis pelos domicílios, dividida pelo número destes.

** Equivale ao número central de um determinado conjunto de números.



Mapa 15 - Rendimento médio mensal por bairro



Fonte: Mapa elaborado pela SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo, com base nos dados do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - Censo Demográfico 2000.



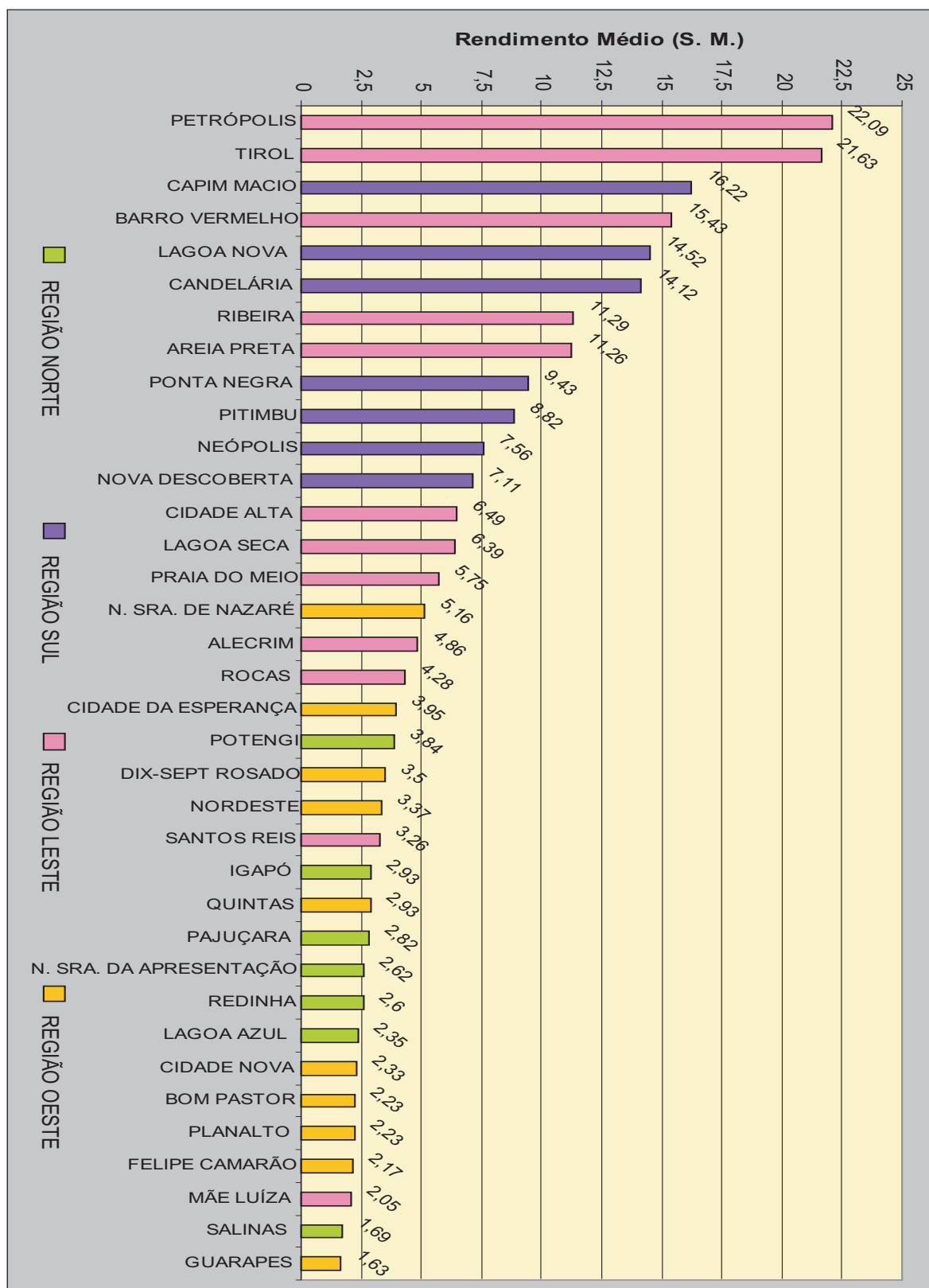
11.2 RENDIMENTO MÉDIO MENSAL MUNICIPAL, POR BAIRROS E REGIÕES ADMINISTRATIVAS

REGIÃO ADMINISTRATIVA	BAIRROS	RENDIMENTO MÉDIO		CLASSIFICAÇÃO POR RENDA DOS BAIRROS E DAS REGIÕES
		R\$	S.M.	
NORTE	LAGOA AZUL	355,58	2,35	29º
	PAJUÇARA	426,37	2,82	26º
	POTENGI	579,99	3,84	20º
	N. SRA. DA APRESENTAÇÃO	396,45	2,62	27º
	REDINHA	393,80	2,60	28º
	IGAPÓ	442,43	2,93	25º
	SALINAS	254,72	1,69	35º
	REGIÃO	441,21	2,92	4º
SUL	LAGOA NOVA	2.192,05	14,52	5º
	NOVA DESCOBERTA	1.073,16	7,11	12º
	CANDELÁRIA	2.132,92	14,12	6º
	CAPIM MACIO	2.449,01	16,22	3º
	PITIMBU	1.331,69	8,82	10º
	NEÓPOLIS	1.141,68	7,56	11º
	PONTA NEGRA	1.424,28	9,43	9º
	REGIÃO	1.753,98	11,62	1º
LESTE	SANTOS REIS	492,84	3,26	23º
	ROCAS	648,99	4,28	18º
	RIBEIRA	1.704,89	11,29	7º
	PRAIA DO MEIO	868,45	5,75	15º
	CIDADE ALTA	979,41	6,49	13º
	PETRÓPOLIS	3.336,16	22,09	1º
	AREIA PRETA	1700,73	11,26	8º
	MÃE LUÍZA	310,34	2,05	34º
	ALECRIM	734,68	4,86	17º
	BARRO VERMELHO	2.329,41	15,43	4º
	TIROL	3.266,70	21,63	2º
	LAGOA SECA	965,35	6,39	14º
	REGIÃO	1.359,63	9,00	2º
OESTE	QUINTAS	442,64	2,93	24º
	NORDESTE	509,65	3,37	22º
	DIX-SEPT ROSADO	528,78	3,50	21º
	BOM PASTOR	336,61	2,23	32º
	N. SRA. DE NAZARÉ	780,05	5,16	16º
	FELIPE CAMARÃO	327,28	2,17	33º
	CIDADE DA ESPERANÇA	597,29	3,95	19º
	CIDADE NOVA	352,61	2,33	30º
	GUARAPES	245,76	1,63	36º
	PLANALTO	336,97	2,23	31º
	REGIÃO	441,29	2,92	3º
	PARQUE DAS DUNAS	-	-	-
	NATAL	919,10	6,09	-

Fonte: Tabela elaborada pela SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo, com base nos dados do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - Censo Demográfico 2000



Gráfico 16 - Rendimento médio mensal



Fonte: Gráfico elaborado pela SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo, com base nos dados do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - Censo Demográfico 2000



11.3 MORADORES EM DOMICÍLIOS POR CLASSE DE RENDIMENTO

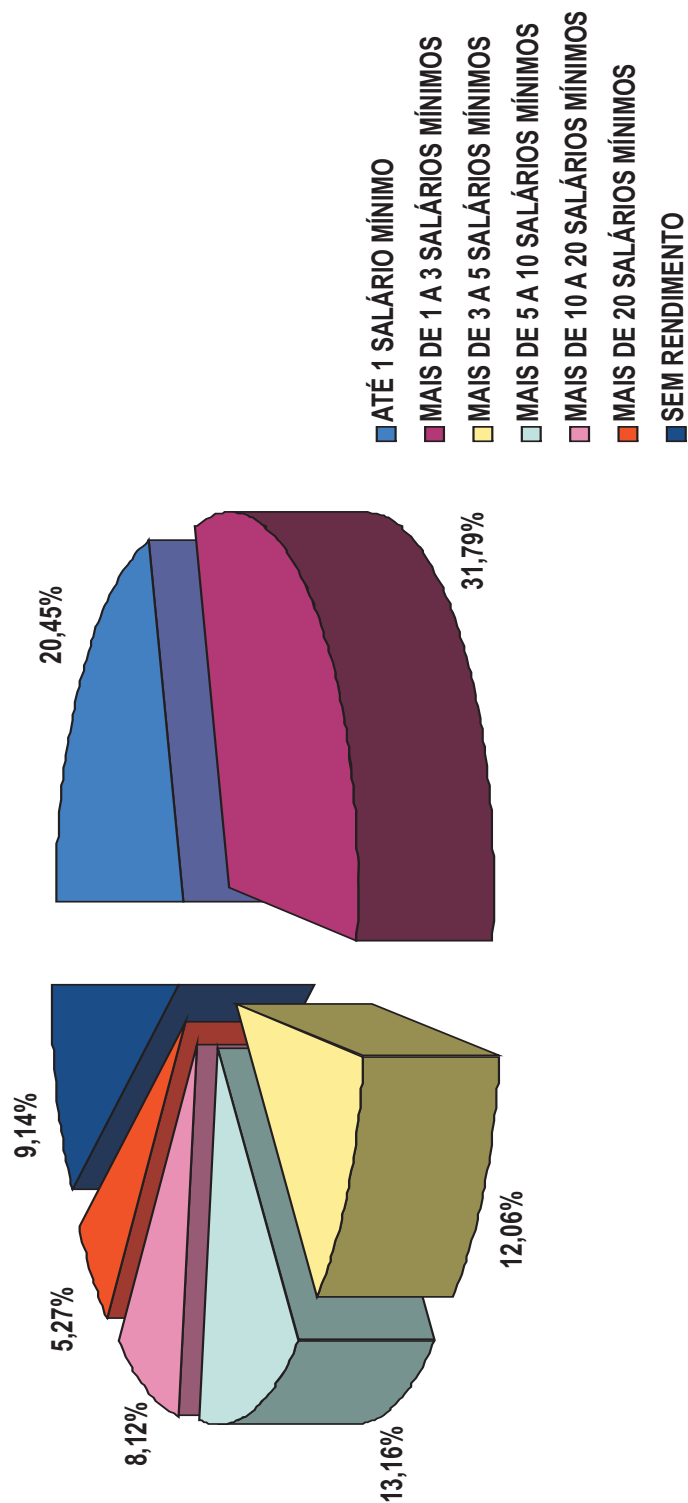
REGIÃO ADMIN.	BAIRRO	ATÉ 1 SALÁRIO MÍNIMO	MAIS DE 1 A 3 SALÁRIOS MÍNIMOS	MAIS DE 3 A 5 SALÁRIOS MÍNIMOS	MAIS DE 5 A 10 SALÁRIOS MÍNIMOS	MAIS DE 10 A 20 SALÁRIOS MÍNIMOS	MAIS DE 20 SALÁRIOS MÍNIMOS	SEM RENDIMENTO	TOTAL	
NORTE	LAGOAAZUL	13.369	21.180	5.602	2.950	459	76	6.682	50.318	
	PAUCARA	8.493	18.020	5.901	3.474	677	132	5.149	41.846	
	POTENGI	8.939	19.094	10.434	9.572	2.493	380	4.909	56.821	
	N. SRA. DA APRESENTAÇÃO	14.625	22.184	6.470	4.079	943	215	7.717	56.233	
	REDINHA	3.533	4.320	1.194	691	246	70	1.386	11.440	
	IGAPO	7.097	11.299	3.259	1.981	533	70	2.763	27.002	
	SALINAS	255	149	46	17	-	-	416	883	
	SUBTOTAL	56.311	96.246	32.906	22.764	5.351	943	29.022	243.543	
	LAGOANOVA	2.815	5.271	3.084	7.345	8.255	7.891	802	35.463	
	NOVADESCOBERTA	2.221	3.992	1.437	2.051	1.261	1.051	462	12.475	
CANDELARIA	924	2.019	1.788	4.616	4.949	3.916	381	18.593		
CAPIMMACIO	489	1.296	1.530	4.923	6.406	5.389	435	20.468		
PITIMBU	1.072	3.362	3.638	7.482	4.915	1.291	1.195	22.955		
NEOPOLIS	1.600	4.569	3.540	6.348	3.771	1.160	945	21.933		
PONTA NEGRA	2.957	5.226	2.515	4.458	4.548	2.447	1.245	23.396		
SUBTOTAL	12.078	25.735	17.532	37.223	34.105	23.145	5.465	155.283		
SUL	SANTOS REIS	2.220	2.179	683	658	281	77	720	6.818	
	ROCAS	2.621	3.807	1.381	1.355	313	53	954	10.484	
	RIBEIRA	446	406	140	352	284	341	85	2.054	
	PRADOMIO	1.241	1.129	473	435	278	143	472	4.171	
	CIDADE ALTA	1.126	1.644	820	1.143	755	305	733	6.516	
	PETROPOLIS	329	437	317	805	1.172	1.880	153	5.093	
	AREIA PRETA	430	743	298	427	311	222	201	2.632	
	MÃE LUÍZA	5.775	6.044	1.295	577	153	50	2.161	16.055	
	ALECRIM	5.785	9.482	5.174	6.625	2.838	654	1.565	32.123	
	BARRO VERMELHO	388	793	749	1.830	2.301	1.812	242	8.115	
	TIROL	564	903	827	2.490	3.906	5.593	272	14.555	
	LAGOASECA	1.188	1.749	866	1.231	689	358	362	6.443	
	SUBTOTAL	22.113	29.316	13.023	17.928	13.281	11.488	7.910	115.059	
	OESTE	QUINTAS	8.601	10.260	3.609	2.767	884	204	3.356	29.651
		NORDESTE	3.294	3.588	1.213	1.245	512	90	1.464	11.406
DIX-SEPT ROSADO		3.979	6.290	2.159	1.899	594	244	892	16.057	
BOM PASTOR		5.618	6.765	1.699	886	180	30	2.758	17.936	
N. SRA. DE NAZARÉ		3.190	5.096	2.125	1.844	988	79	1.585	15.607	
FELIPE CAMARÃO		14.343	18.768	4.340	1.767	472	141	5.857	45.688	
CIDADE DA ESPERANÇA		3.940	7.142	3.389	3.289	890	257	1.215	20.122	
CIDADE NOVA		4.466	6.906	1.564	791	187	38	1.127	15.699	
GUARAPES		3.133	3.058	351	158	28	2	1.641	8.371	
PLANALTO		3.837	6.123	1.538	675	129	12	1.860	14.174	
SUBTOTAL		54.421	73.996	21.987	15.321	4.834	1.797	22.355	194.711	
PARQUE DAS DUNAS		-	-	-	-	-	-	-	-	
TOTAL		144.923	225.293	85.448	93.236	57.571	37.373	64.752	708.596	

Fonte: Tabela elaborada pela SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo, com base nos dados do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - Censo Demográfico 2000



11.3.1 Gráficos de moradores em domicílios por classe de rendimento do município

Gráfico 17 - Moradores em domicílios de Natal por classe de rendimento



Fonte: IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - Censo Demográfico 2000



11.4 CONDIÇÃO DE OCUPAÇÃO DOMICILIAR

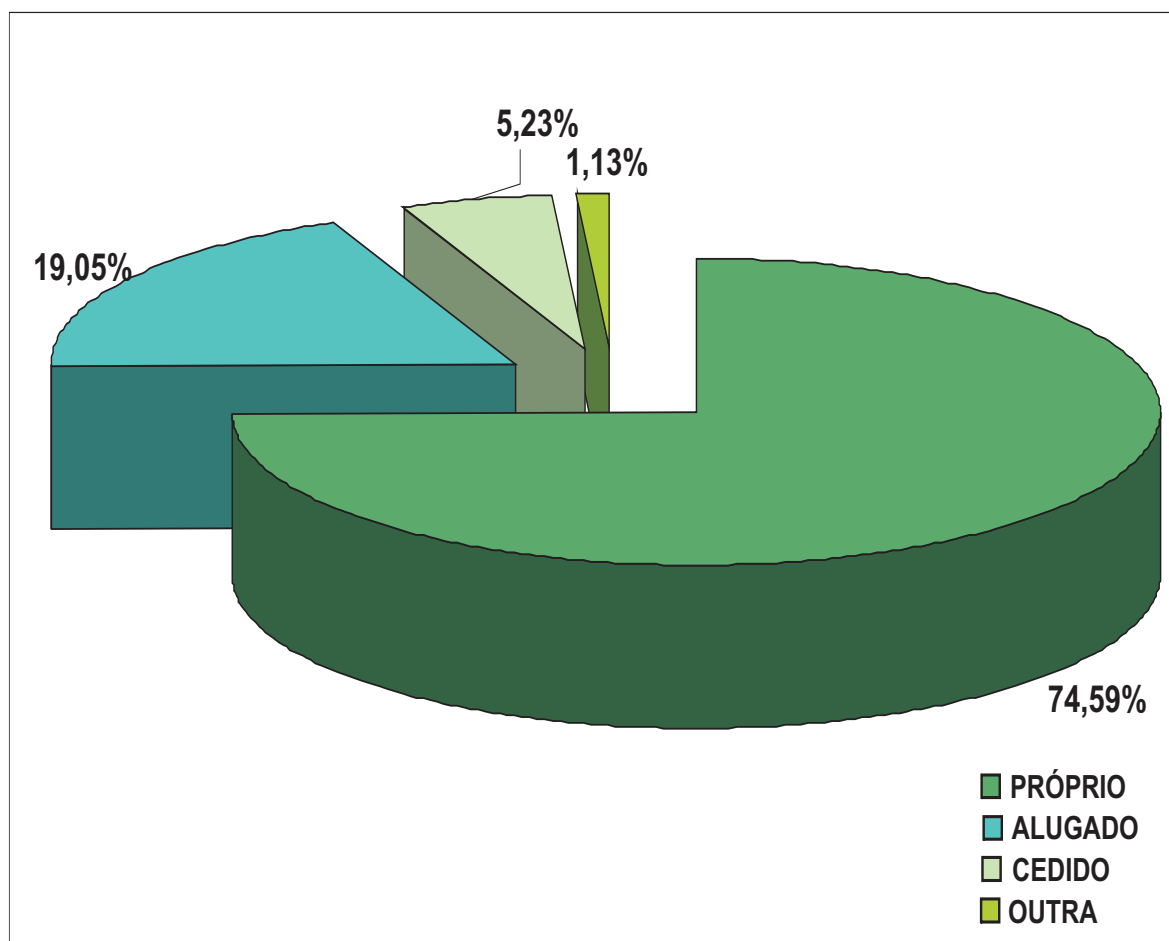
REGIÃO ADMINISTRATIVA	BAIRRO	DOMÍLIOS PARTICULARES PERMANENTES						TOTAL
		PRÓPRIO		ALUGADO	CEDIDO		OUTRA	
		JÁ QUITADO	EM AQUISIÇÃO			POR EMPREGADOR		DE OUTRA FORMA
NORTE	LAGOAZUL	6.720	3.447	1.342	25	574	117	12.225
	PAUCARA	5.113	3.600	1.199	35	396	81	10.424
	POTENGI	5.155	5.752	1.939	38	474	147	13.505
	N. SRA. DA APRESENTAÇÃO	8.987	1.868	1.836	38	523	696	13.948
	REDINHA	1.922	121	242	28	213	94	2.610
	IGAPÓ	4.419	277	1.702	30	359	19	6.806
	SALINAS	178	-	17	4	4	-	203
	SUBTOTAL	32.494	15.065	8.277	198	2.543	1.144	59.721
	LAGOA NOVA	5.811	1.022	2.147	57	382	15	9.434
	NOVA DESCOBERTA	1.858	155	1.007	22	191	7	3.240
CANDEIARIA	3.094	686	837	24	146	9	4.796	
CARIM MACIO	2.854	1.451	1.267	29	102	10	5.713	
PITIMBU	2.307	765	1.017	29	254	72	5.688	
NEOPOLIS	2.790	1.589	1.017	11	236	68	5.709	
PONTA NEGRA	3.300	1.097	1.462	73	201	94	6.227	
SUBTOTAL	21.968	8.307	8.502	245	1.512	273	40.807	
SUL	SANTOS REIS	1.151	9	258	36	48	2	1.504
	ROÇAS	1.737	40	625	5	133	17	2.557
	RIBEIRA	330	20	193	17	17	4	581
	PRAIA DO MEIO	739	55	319	5	28	5	1.151
	CIDADE ALTA	1.184	23	497	22	75	8	1.809
	PETROPOLIS	1.036	89	349	15	41	12	1.542
	AREIA PRETA	462	32	169	4	25	7	699
	MATELIZA	2.657	12	512	19	329	94	3.623
	ALECRIM	4.948	112	2.785	368	398	39	8.650
	BARRO VERMELHO	1.382	237	430	17	97	7	2.170
	TIROL	2.533	365	800	247	136	10	4.091
	LAGOA SECA	1.036	31	482	11	102	7	1.659
	SUBTOTAL	19.205	1.025	7.419	766	1.429	202	30.046
LESTE	QUINTAS	4.948	62	1.975	37	355	47	7.424
	NORDESTE	1.991	29	639	11	104	8	2.782
	DIX-SEPT ROSADO	2.530	44	1.164	11	214	7	3.970
	BOM PASTOR	3.024	57	951	17	348	19	4.416
	N. SRA. DE NAZARÉ	2.652	81	922	15	180	40	3.890
	FELIPE CAMARÃO	8.119	489	1.638	63	447	26	10.782
	CIDADE DA ESPERANÇA	3.416	261	793	30	234	8	4.742
	CIDADE NOVA	2.390	32	981	21	211	205	3.840
	GUARAPES	1.557	23	165	36	139	25	1.945
	PLANALTO	2.581	262	433	18	116	8	3.418
SUBTOTAL	33.208	1.340	9.661	259	2.348	393	47.209	
PARQUE DAS DUMAS	TOTAL	106.875	25.737	33.859	1.468	7.832	2.012	177.783

Fonte: Tabela elaborada pela SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo, com base nos dados do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - Censo Demográfico 2000



11.4.1 Gráficos da condição de ocupação dos domicílios do município

Gráfico 18 - Condição de ocupação dos domicílios de Natal



Fonte: IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - Censo Demográfico 2000



11.5 SITUAÇÃO EDUCACIONAL DA POPULAÇÃO

11.5.1 Responsáveis pelos domicílios por grupos de anos de estudo

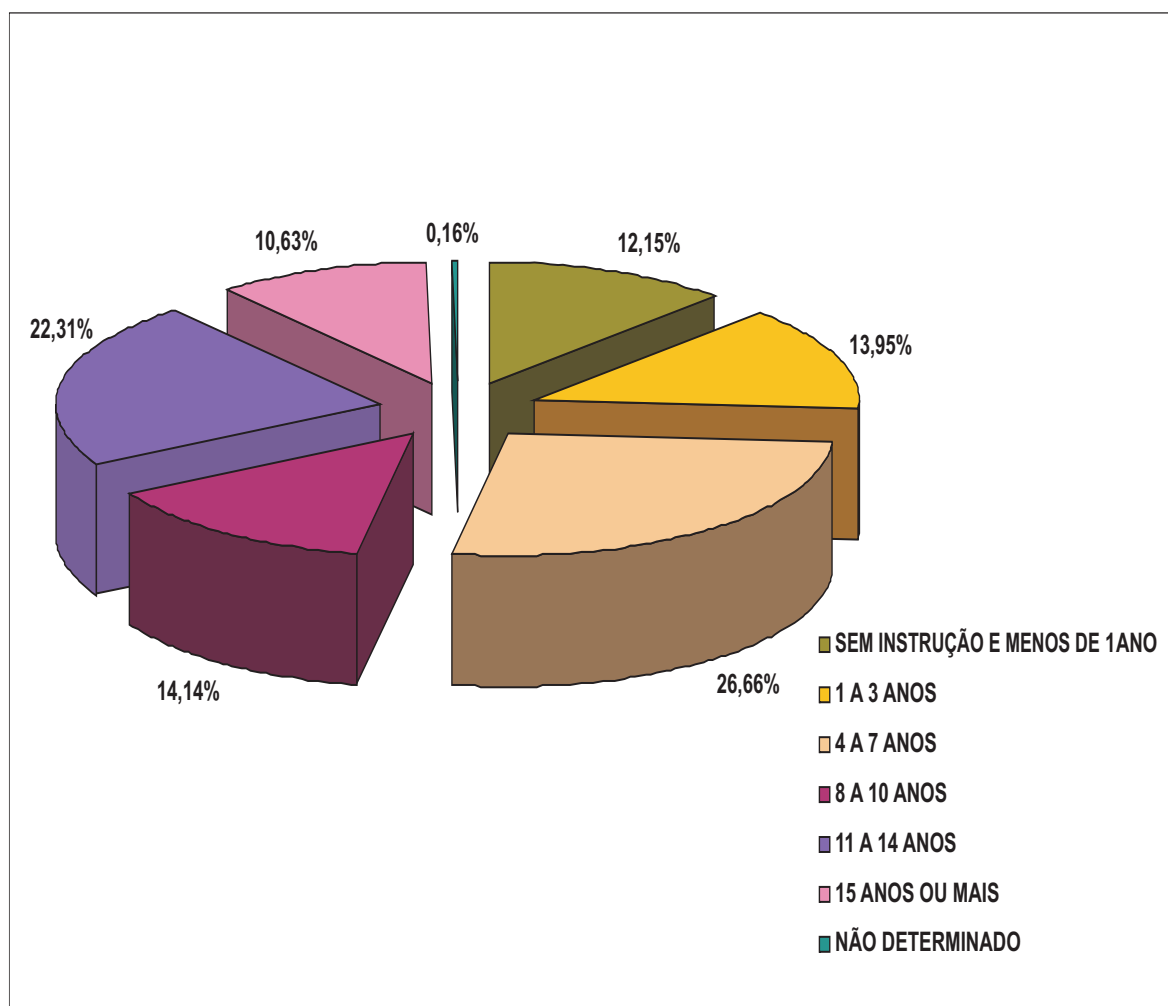
REG. ADM.	BAIRROS	PESSOAS RESPONSÁVEIS PELOS DOMICÍLIOS PARTICULARES PERMANENTES							TOTAL
		GRUPOS DE ANOS DE ESTUDO						NÃO DETERMINADO	
		SEM INSTRUÇÃO E MENOS DE 1 ANO	1 A 3 ANOS	4 A 7 ANOS	8 A 10 ANOS	11 A 14 ANOS	15 ANOS OU MAIS		
NORTE	LAGOA AZUL	1.611	2.312	4.176	2.071	1.919	104	32	12.225
	PAJUÇARA	1.055	1.406	3.162	2.180	2.389	214	18	10.424
	POTENGI	1.175	1.614	4.052	2.516	3.695	429	24	13.505
	N. SRA. DA APRESENTAÇÃO	2.181	2.373	4.598	2.154	2.379	246	17	13.948
	REDINHA	491	521	792	365	379	54	8	2.610
	IGAPÔ	998	1.322	2.248	1.111	1.043	71	13	6.806
	SALINAS	36	90	53	12	11	1	-	203
SUBTOTAL		7.547	9.638	19.081	10.409	11.815	1.119	112	59.721
SUL	LAGOA NOVA	490	542	1.390	904	2.798	3.307	3	9.434
	NOVA DESCOBERTA	373	385	838	461	694	488	1	3.240
	CANDELÁRIA	157	181	576	521	1.532	1.826	3	4.796
	CAPIM MACIO	54	128	404	435	2.154	2.514	24	5.713
	PITIMBU	124	233	913	681	2.602	1.131	4	5.688
	NEÓPOLIS	197	367	1.014	811	2.252	1.064	4	5.709
	PONTA NEGRA	393	524	1.103	721	2.020	1.453	13	6.227
SUBTOTAL		1.788	2.360	6.238	4.534	14.052	11.783	52	40.807
LESTE	SANTOS REIS	241	280	457	214	258	51	3	1.504
	ROCAS	328	439	893	374	464	58	1	2.557
	RIBEIRA	64	66	102	67	152	130	-	581
	PRAIA DO MEIO	124	146	336	156	238	149	2	1.151
	CIDADE ALTA	269	157	362	233	508	280	-	1.809
	PETRÓPOLIS	32	44	177	172	415	701	1	1.542
	AREIA PRETA	50	85	153	81	181	149	-	699
	MÃE LUÍZA	823	873	1.065	474	352	31	5	3.623
	ALECRIM	841	1.050	2.412	1.375	2.403	567	2	8.650
	BARRO VERMELHO	63	113	329	217	690	758	-	2.170
	TIROL	67	129	354	336	1.222	1.975	8	4.091
LAGOA SECA	179	186	425	232	465	181	1	1.669	
SUBTOTAL		3.081	3.568	7.065	3.931	7.348	5.030	23	30.046
OESTE	QUINTAS	1.293	1.223	2.339	1.113	1.292	147	17	7.424
	NORDESTE	540	499	906	301	463	71	2	2.782
	DIX-SEPT ROSADO	719	626	1.291	560	627	144	3	3.970
	BOM PASTOR	986	977	1.467	512	399	44	31	4.416
	N. SRA. DE NAZARÉ	585	634	1.108	534	776	249	4	3.890
	FELIPE CAMARÃO	2.362	2.647	3.492	1.273	913	80	15	10.782
	CIDADE DA ESPERANÇA	577	706	1.437	829	1.013	170	10	4.742
	CIDADE NOVA	888	827	1.217	465	412	27	4	3.840
	PLANALTO	590	637	1.168	524	463	32	4	3.418
GUARAPES	648	451	586	154	94	7	5	1.945	
SUBTOTAL		9.188	9.227	15.011	6.265	6.452	971	95	47.209
PARQUE DAS DUNAS		-	-	-	-	-	-	-	-
TOTAL		21.604	24.793	47.395	25.139	39.667	18.903	282	177.783

Fonte: Tabela elaborada pela SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo, com base nos dados do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - Censo Demográfico 2000



11.5.1.1 Gráficos de responsáveis pelos domicílios por classe de rendimento do município

Gráfico 19 - Responsáveis pelos domicílios de Natal por grupos de anos de estudo



Fonte: IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - Censo Demográfico 2000



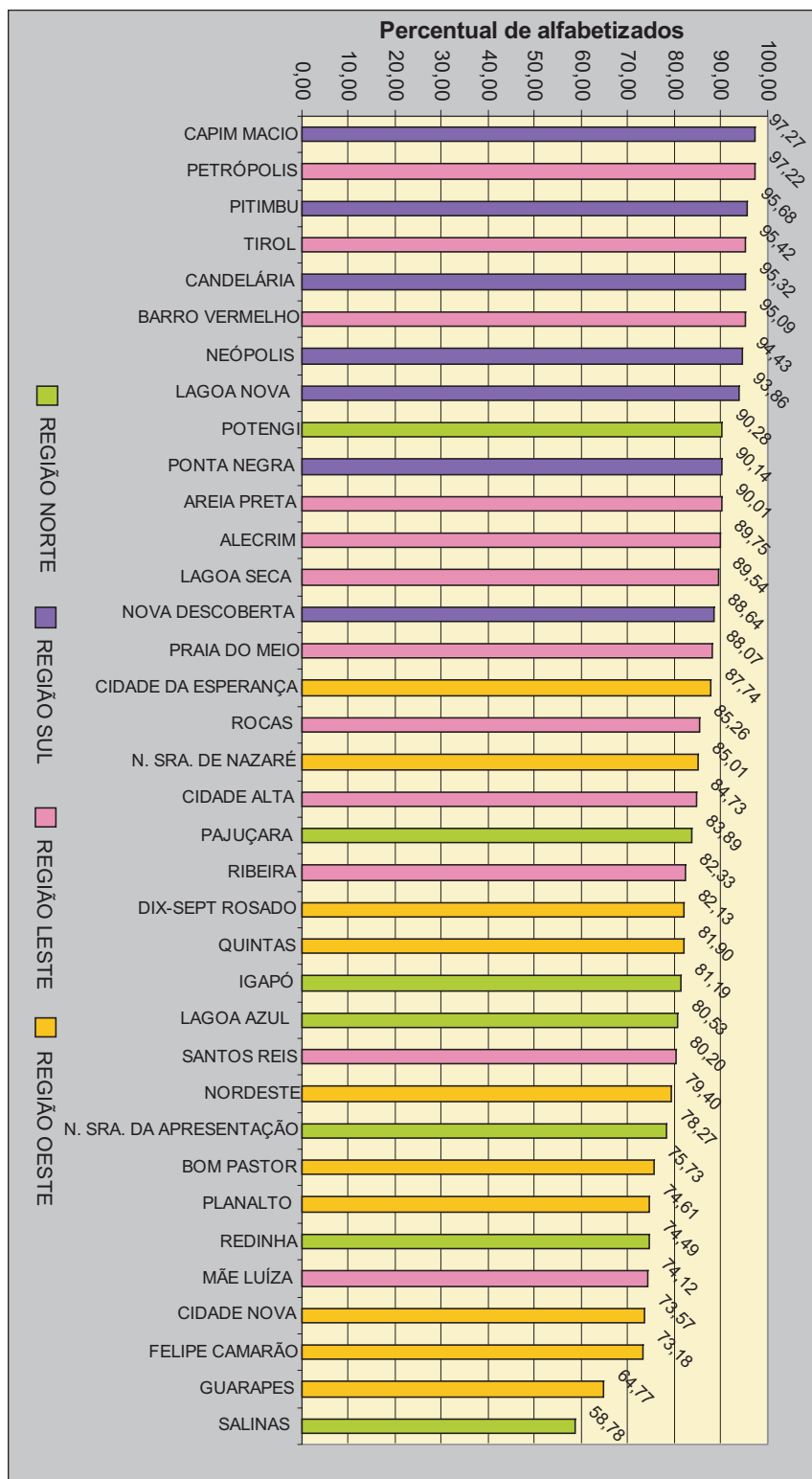
11.5.2 População residente alfabetizada, de 5 anos ou mais de idade

REG. ADM.	BAIRROS	TOTAL	ALFABETIZADOS	TAXA DE ALFABETIZAÇÃO (%)
NORTE	LAGOAAZUL	44.870	36.132	80,53
	PAJUÇARA	37.241	31.241	83,89
	POTENGI	52.019	46.961	90,28
	N. SRA. DA APRESENTAÇÃO	49.603	38.823	78,27
	REDINHA	10.101	7.524	74,49
	IGAPÓ	24.229	19.672	81,19
	SALINAS	757	445	58,78
SUBTOTAL		218.820	180.798	82,62
SUL	LAGOA NOVA	33.567	31.506	93,86
	NOVA DESCOBERTA	11.545	10.233	88,64
	CANDELÁRIA	17.723	16.893	95,32
	CAPIM MACIO	19.498	18.966	97,27
	PITIMBU	21.720	20.782	95,68
	NEÓPOLIS	20.795	19.637	94,43
	PONTA NEGRA	21.675	19.537	90,14
SUBTOTAL		146.523	137.554	93,88
LESTE	SANTOS REIS	6.218	4.987	80,20
	ROCAS	9.674	8.248	85,26
	RIBEIRA	1.953	1.608	82,33
	PRAIA DO MEIO	3.840	3.382	88,07
	CIDADE ALTA	6.222	5.272	84,73
	PETRÓPOLIS	4.900	4.764	97,22
	AREIA PRETA	2.462	2.216	90,01
	MÃE LUÍZA	14.250	10.562	74,12
	ALECRIM	30.175	27.082	89,75
	BARRO VERMELHO	7.746	7.366	95,09
	TIROL	14.051	13.408	95,42
	LAGOA SECA	6.271	5.615	89,54
SUBTOTAL		107.762	94.510	87,70
OESTE	QUINTAS	27.115	22.208	81,90
	NORDESTE	10.384	8.245	79,40
	DIX-SEPT ROSADO	14.704	12.076	82,13
	BOM PASTOR	16.042	12.148	75,73
	N. SRA. DE NAZARÉ	14.399	12.241	85,01
	FELIPE CAMARÃO	40.428	29.584	73,18
	CIDADE DA ESPERANÇA	18.693	16.401	87,74
	CIDADE NOVA	13.903	10.229	73,57
	GUARAPES	7.218	4.675	64,77
	PLANALTO	12.307	9.182	74,61
SUBTOTAL		175.193	136.989	78,19
PARQUE DAS DUNAS		2	2	100,00
TOTAL		648.300	549.853	84,81

Fonte: Tabela elaborada pela SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo, com base nos dados do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - Censo Demográfico 2000



Gráfico 20 - Taxa de alfabetização da população residente, de 5 anos ou mais de idade, nos bairros de Natal



Fonte: Gráfico elaborado pela SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo, com base nos dados IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - Censo Demográfico 2000



11.6 PRODUTO INTERNO BRUTO MUNICIPAL

PRODUTO INTERNO BRUTO - 2005	
PIB per capita	R\$ 9.047
PIB a preço de mercado corrente (1000 R\$)	R\$ 7.038.816
Valor adicionado da agropecuária (1000 R\$)	R\$ 25.235
Valor adicionado da indústria (1000 R\$)	R\$ 797.848
Valor adicionado dos serviços (1000 R\$)	R\$ 5.107.275
Valor adicionado total (1000 R\$)	R\$ 5.930.358
Impostos (1000 R\$)	R\$ 1.108.458

Fonte: IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE - 2007





12 . ATIVIDADE EMPRESARIAL



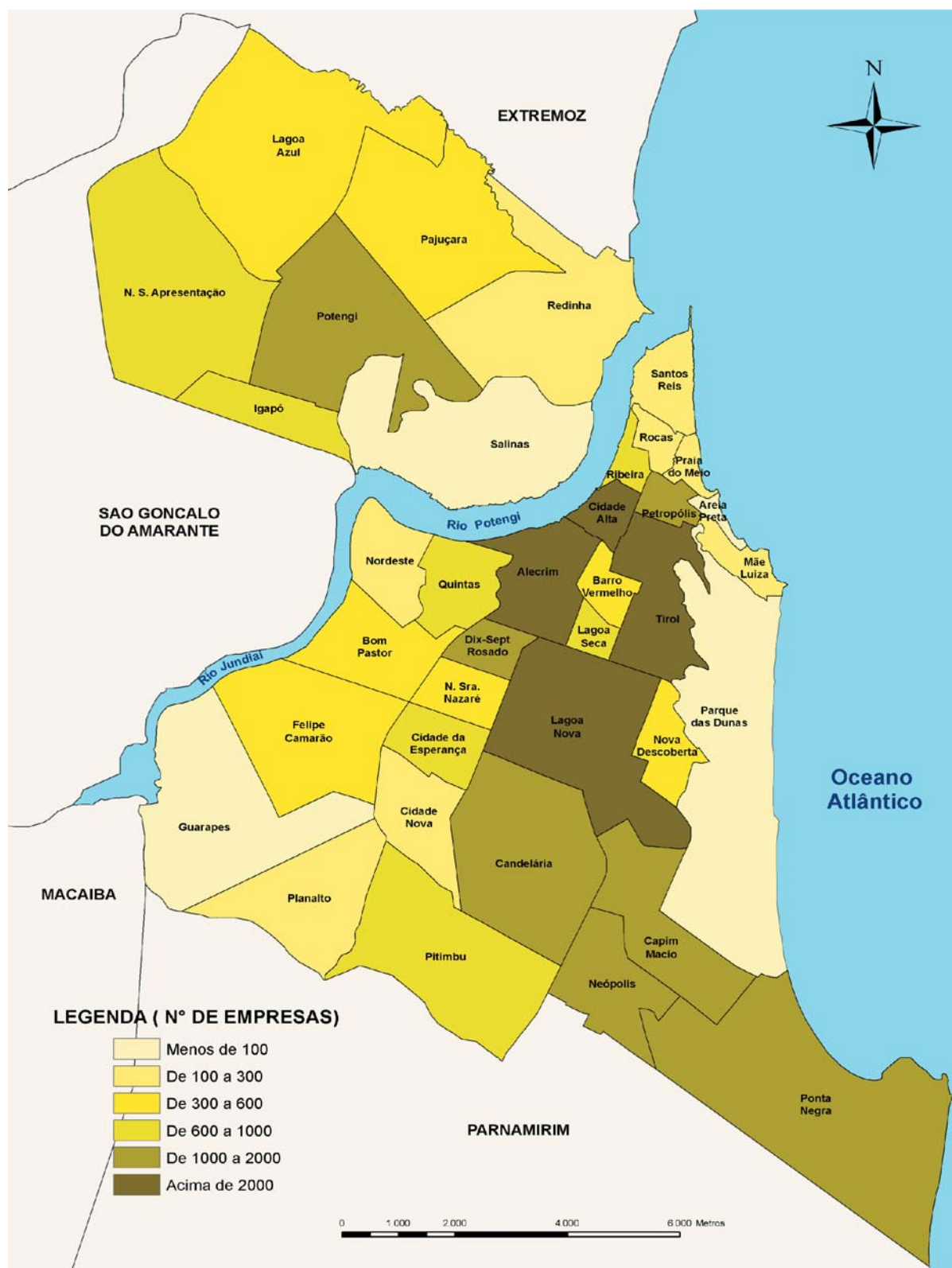
12.1 ATIVIDADE EMPRESARIAL

REG. ADM.	BAIRROS	EMPRESA				TOTAL
		INDUSTRIAL	COMERCIAL	SERVIÇO		
NORTE	LAGOA AZUL	37	329	108	474	
	PAUCARA	36	282	81	399	
	POTENGI	177	1.199	461	1.837	
	N.SRA. DA APRESENTAÇÃO	84	450	132	666	
	REDINHA	16	115	42	173	
	IGAPO	90	510	155	755	
	SALINAS	--	--	--	--	
	SUBTOTAL	440	2.885	979	4.304	
	SUL	LAGOA NOVA	525	1.827	1.790	4.142
		NOVA DESCOBERTA	61	205	182	448
CANDELARIA		195	640	548	1.383	
CAPIM MACIO		175	733	728	1.636	
PITIMBU		109	495	358	962	
NEOPOLIS		139	653	448	1.240	
PONTA NEGRA		247	697	989	1.933	
SUBTOTAL		1.451	5.250	5.043	11.744	
LESTE		SANTOS REIS	15	45	44	104
		ROÇAS	32	99	64	195
	RIBEIRA	149	258	213	620	
	PRAIA DO MEIO	14	82	67	163	
	CIDADE ALTA	282	1.497	1.035	2.814	
	PETROPOLIS	142	560	678	1.380	
	AREIA PRETA	05	16	52	73	
	MÃE LUIZA	23	67	53	143	
	ALEGRI	335	2.712	921	3.968	
	BARRO VERMELHO	80	161	183	424	
TIROL	282	772	1.098	2.152		
LAGOA SECA	135	498	365	998		
SUBTOTAL	1.494	6.767	4.773	13.034		
OESTE	QUINTAS	122	451	187	760	
	NORDESTE	32	107	60	199	
	DIX-SEPT ROSADO	190	779	378	1.347	
	BOM PASTOR	61	177	79	317	
	N.SRA. DE NAZARÉ	67	253	123	443	
	FELIPE CAMARÃO	74	264	81	419	
	CIDADE DA ESPERANÇA	105	366	251	742	
	CIDADE NOVA	48	111	38	197	
	GUARARAPES	03	25	03	31	
	PLANALTO	31	126	39	196	
SUBTOTAL	733	2.679	1.239	4.651		
VIA COSTEIRA (PARQUE DAS DUNAS)		01	13	17	31	
TOTAL		4.119	17.894	12.051	33.764	

Tabela elaborada pela SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo, com base nos dados da JUCERN - Junta Comercial do Estado do Rio Grande do Norte - 2006



Mapa 16 - Atividade empresarial por bairro - total de empresas



Fonte: Mapa elaborado pela SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo, com base nos dados da JUCERN - Junta Comercial do Estado do Rio Grande do Norte - 2006.



13. TURISMO

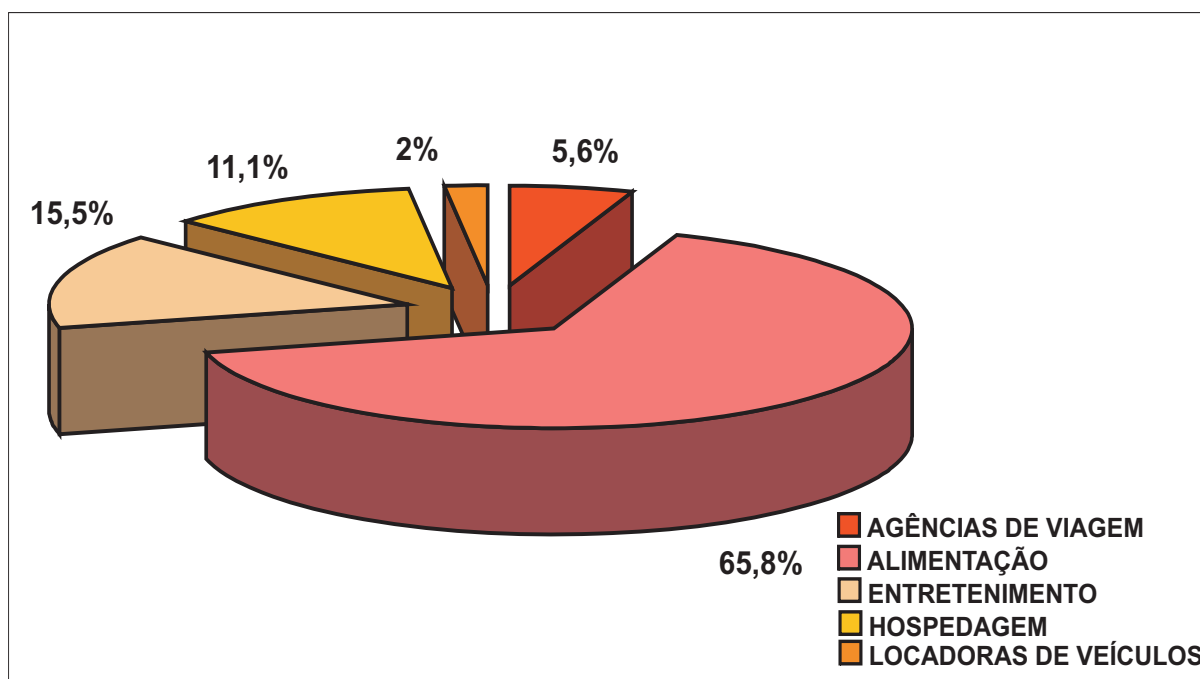


13.1 EQUIPAMENTOS TURÍSTICOS EM NATAL

SETORES	NATAL
AGÊNCIAS DE VIAGEM	98
ALIMENTAÇÃO	1.163
ENTRETENIMENTO	274
HOSPEDAGEM*	197
LOCADORAS DE VEÍCULOS	36
TOTAL	1.768

Fonte: SEBRAE/RN - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas/ SETUR-RN - Secretaria Estadual de Turismo - 2003
* Os dados sobre hospedagem são referentes ao ano de 2007.

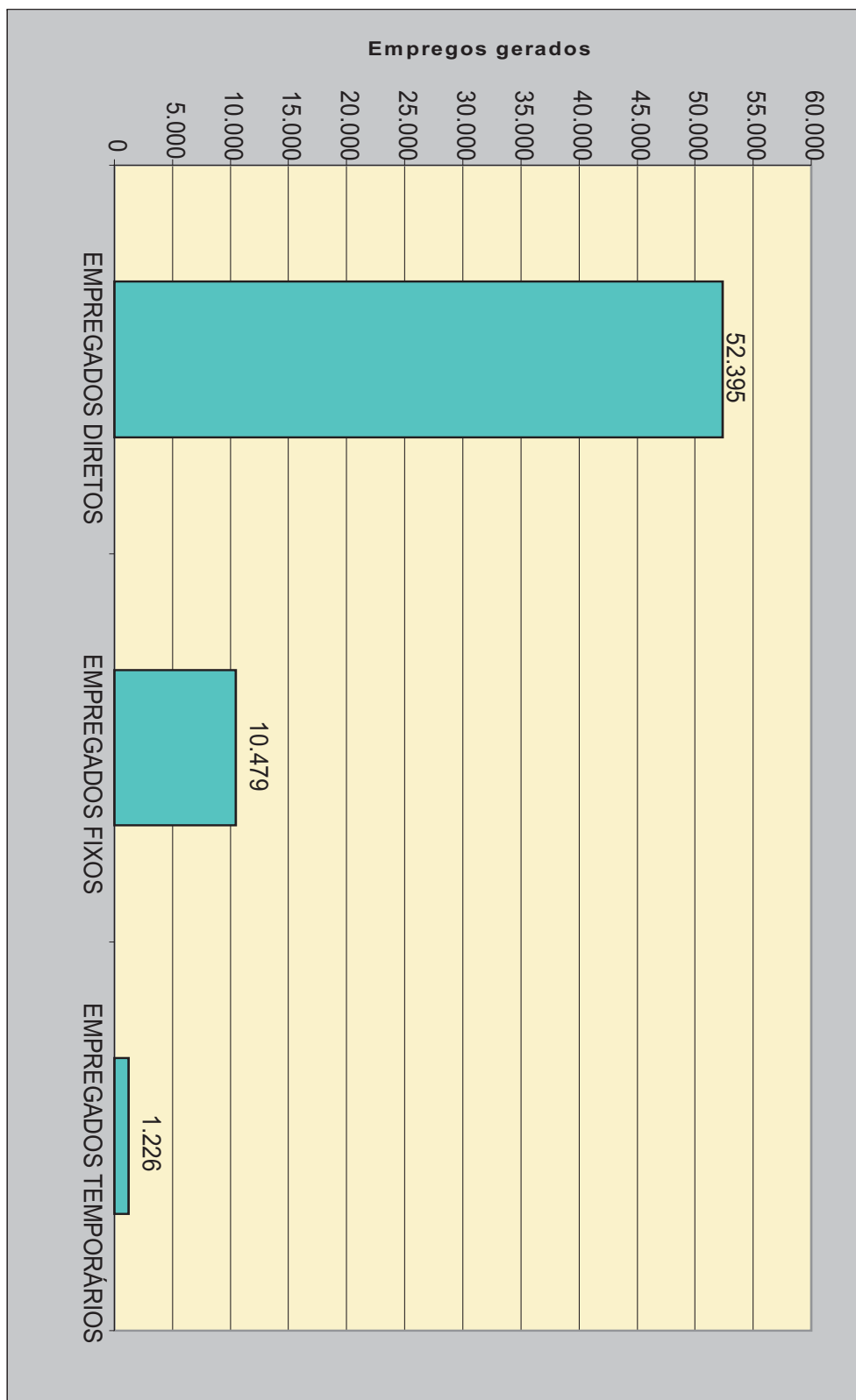
Gráfico 21 - Equipamentos turísticos em Natal



Fonte: SEBRAE/RN - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas/ SETUR-RN - Secretaria Estadual de Turismo - 2003



Gráfico 22 - Empregos gerados pelos equipamentos turísticos em Natal



Fonte: SEBRAE/RN - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas/ SETUR/RN - Secretaria Estadual de Turismo - 2003



13.2 CAPACIDADE DOS MEIOS DE HOSPEDAGEM

MUNICÍPIO	CAPACIDADE		
	MH	UH	LEITO(S)
NATAL	197	8.991	26.106

Fonte: SETUR/RN - Secretaria Estadual de Turismo - 2008

Legenda: MH - Meios de Hospedagem; UH - Unidade Habitacional (Apartamento).

13.3 EMPREGOS GERADOS PELOS EQUIPAMENTOS TURÍSTICOS EM NATAL

TIPOS DE EMPREGO	MÃO-DE-OBRA EMPREGADA
EMPREGADOS FIXOS	10.479
EMPREGADOS DIRETOS	52.395
EMPREGADOS TEMPORÁRIOS	1.226
TOTAL	64.100

Fonte: SEBRAE/RN - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas/ SETUR/RN - Secretaria Estadual de Turismo - 2003

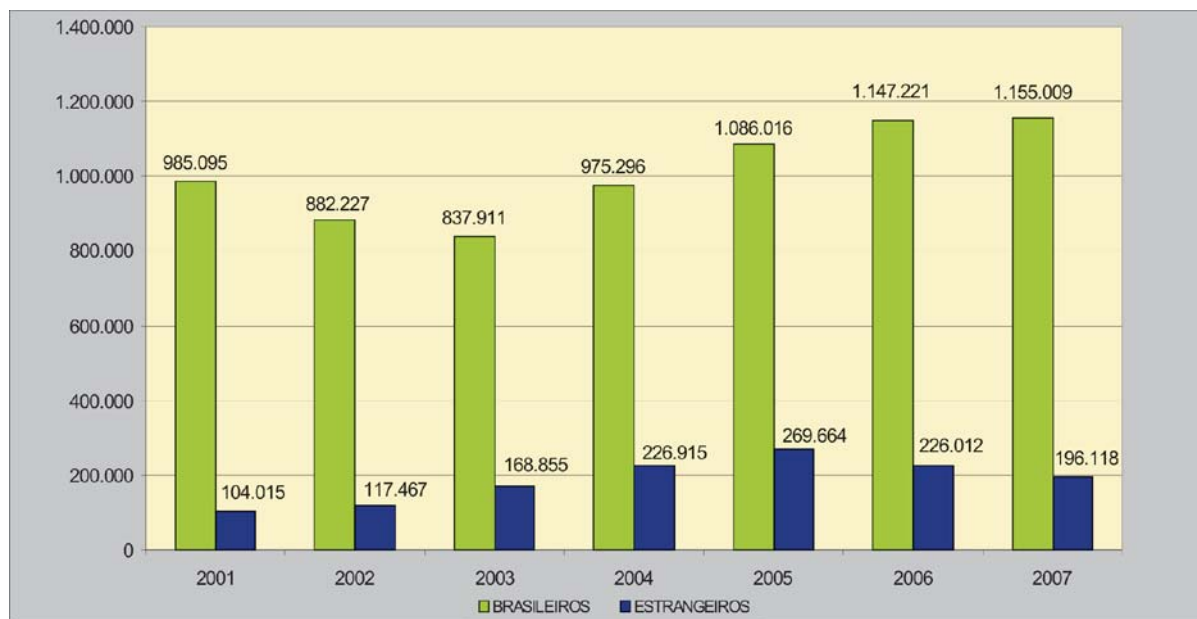
13.4 FLUXO TURÍSTICO NA GRANDE NATAL - 2001/2007

ANOS	GRANDE NATAL		
	BRASILEIROS	ESTRANGEIROS	TOTAL
2001	985.095	104.015	1.089.110
2002	882.227	117.467	999.694
2003	837.911	168.855	1.006.766
2004	975.296	226.915	1.202.211
2005	1.086.016	269.664	1.355.680
2006	1.147.221	226.012	1.373.233
2007	1.155.009	196.118	1.351.127

Fonte: SETUR/ RN - Secretaria Estadual de Turismo - 2008



Gráfico 23 - Fluxo turístico na Grande Natal - 2001/ 2007



Fonte: SETUR/ RN - Secretaria Estadual de Turismo - 2008



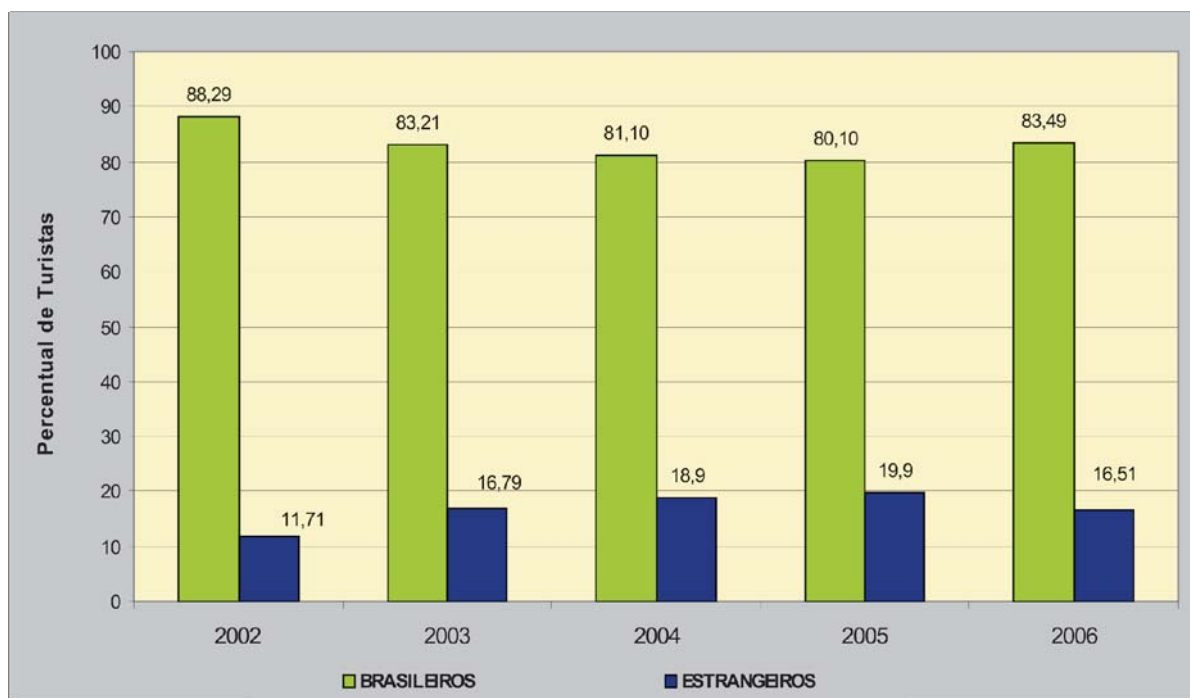
13.5 PRINCIPAIS EMISSORES DE TURISTAS NA HOTELARIA DA GRANDE NATAL - 2002/2006

FLUXO DE ENTRADA DE HÓSPEDES														
2002			2003			2004			2005			2006		
BRASILEIROS														
ESTADOS EMISSORES	QUANT.	%	ESTADOS EMISSORES	QUANT.	%	ESTADOS EMISSORES	QUANT.	%	ESTADOS EMISSORES	QUANT.	%	ESTADOS EMISSORES	QUANT.	%
SÃO PAULO	90.136	24,35	SÃO PAULO	77.637	21,00	SÃO PAULO	91.633	20,88	SÃO PAULO	112.318	22,33	SÃO PAULO	126.527	24,41
RIO DE JANEIRO	44.622	12,05	RIO DE JANEIRO	39.716	10,74	RIO DE JANEIRO	49.687	11,32	PERNAMBUCO	53.077	10,56	PERNAMBUCO	55.394	10,69
PERNAMBUCO	38.413	10,38	PERNAMBUCO	37.772	10,22	PERNAMBUCO	40.608	9,25	RIO DE JANEIRO	44.035	8,76	RIO DE JANEIRO	45.213	8,72
MINAS GERAIS	19.731	5,33	MINAS GERAIS	17.914	4,88	PARAÍBA	20.124	4,59	CEARÁ	25.967	5,16	CEARÁ	28.402	5,48
CEARÁ	16.454	4,44	CEARÁ	17.704	4,79	CEARÁ	19.968	4,55	PARAÍBA	24.446	4,88	DISTRITO FEDERAL	28.180	5,44
PARAÍBA	15.590	4,21	PARAÍBA	16.882	4,56	DISTRITO FEDERAL	17.963	4,09	DISTRITO FEDERAL	22.585	4,49	PARAÍBA	27.443	5,29
DISTRITO FEDERAL	15.492	4,19	DISTRITO FEDERAL	14.493	3,92	MINAS GERAIS	17.335	3,95	MINAS GERAIS	20.707	4,12	MINAS GERAIS	22.996	4,44
R. GRANDE DO NORTE	13.980	3,78	R. GRANDE DO NORTE	13.660	3,69	BAHIA	16.371	3,73	R. GRANDE DO NORTE	15.462	3,07	BAHIA	16.397	3,16
PARANÁ	12.745	3,44	R. GRANDE DO SUL	11.779	3,19	R. GRANDE DO SUL	10.961	2,50	R. GRANDE DO SUL	12.682	2,52	GOIÁS	12.443	2,40
BAHIA	11.815	3,19	BAHIA	11.779	3,19	R. GRANDE DO SUL	56.094	12,78	OUTROS	57.204	11,38	OUTROS	56.184	10,83
OUTROS	47.840	12,92	OUTROS	46.800	12,66	OUTROS	56.094	12,78	OUTROS	57.204	11,38	OUTROS	56.184	10,83
SUB-TOTAL	326.818	88,29	SUB-TOTAL	307.605	83,21	SUB-TOTAL	355.924	81,10	SUB-TOTAL	402.828	80,10	SUB-TOTAL	432.833	83,49
ESTRANGEIROS														
PAISES EMISSORES	QUANT.	%	PAISES EMISSORES	QUANT.	%	PAISES EMISSORES	QUANT.	%	PAISES EMISSORES	QUANT.	%	PAISES EMISSORES	QUANT.	%
PORTUGAL	16.000	4,32	PORTUGAL	19.314	5,23	PORTUGAL	29.889	6,81	PORTUGAL	33.964	6,75	PORTUGAL	24.720	4,77
ITÁLIA	5.007	1,35	ESPANHA	8.675	2,35	ESPANHA	13.098	2,98	ESPANHA	18.206	3,62	ESPANHA	12.542	2,42
ARGENTINA	3.349	0,90	ITÁLIA	6.348	1,72	ARGENTINA	7.288	1,65	ARGENTINA	8.603	1,71	ARGENTINA	8.799	1,70
SUÉCIA	3.230	0,87	ARGENTINA	5.898	1,59	HOLANDA	6.728	1,53	HOLANDA	6.988	1,39	SUÉCIA	6.447	1,25
ESTADOS UNIDOS	2.979	0,81	HOLANDA	4.569	1,24	ITÁLIA	5.313	1,21	SUÉCIA	6.124	1,22	HOLANDA	5.970	1,15
ESPANHA	2.978	0,80	ESTADOS UNIDOS	3.057	0,83	SUÉCIA	4.282	0,98	ITÁLIA	5.802	1,15	ITÁLIA	5.183	1,00
URUGUAI	1.433	0,39	SUÉCIA	2.975	0,80	ESTADOS UNIDOS	3.239	0,74	ESTADOS UNIDOS	2.942	0,59	INGLATERRA	4.980	0,96
FRANÇA	1.118	0,30	ALEMANHA	1.481	0,40	FINLÂNDIA	2.676	0,61	INGLATERRA	2.763	0,55	ESTADOS UNIDOS	3.314	0,64
ALEMANHA	1.098	0,30	URUGUAI	1.303	0,35	ALEMANHA	1.511	0,35	FINLÂNDIA	2.535	0,51	FINLÂNDIA	3.041	0,59
INGLATERRA	943	0,25	FRANÇA	1.300	0,35	URUGUAI	1.388	0,31	ALEMANHA	2.228	0,44	NORUEGA	1.902	0,37
OUTROS	5.226	1,41	OUTROS	7.137	1,93	OUTROS	7.577	1,73	OUTROS	9.911	1,97	OUTROS	8.668	1,66
SUBTOTAL	43.361	11,71	SUBTOTAL	62.057	16,79	SUBTOTAL	82.939	18,90	SUBTOTAL	100.066	19,90	SUBTOTAL	85.566	16,51
TOTAL	370.179	100	TOTAL	369.662	100	TOTAL	438.863	100	TOTAL	502.894	100	TOTAL	518.399	100

Fonte: SETUR/RN - Secretaria Estadual de Turismo - 2008



Gráfico 24 - Turistas brasileiros e estrangeiros na Grande Natal - 2002 / 2006



Fonte: SETUR/RN - Secretaria Estadual de Turismo - 2006

13.6 RECEITA TURÍSTICA TOTAL NA GRANDE NATAL - (VALORES EM DÓLAR)

ANOS	GRANDE NATAL		
	BRASILEIROS	ESTRANGEIROS	TOTAL (US\$)
2001	142.820.356	30.983.343	173.803.699
2002	127.117.209	34.882.823	162.000.032
2003	182.252.551	77.716.364	259.968.915
2004	215.869.717	132.667.484	348.537.201
2005	286.098.507	174.252.733	460.351.240
2006	309.237.600	161.064.567	470.302.167
2007	316.240.490	157.569.601	473.810.091

Fonte: SETUR/RN - Secretaria Estadual de Turismo - 2008



13.7 MOVIMENTAÇÃO DE PASSAGEIROS NO AEROPORTO INTERNACIONAL AUGUSTO SEVERO**13.7.1 Passageiros embarcados por tipo de voo no Aeroporto Internacional Augusto Severo - 2001/2007**

PASSAGEIROS EMBARCADOS					
ANO	TIPO DE VÔO	DOMÉSTICO	INTERNACIONAL	TOTAL	%
2001	REGULAR	342.198	1.554	343.752	72,42
	CHARTER	109.572	19.509	129.081	27,19
	AVIAÇÃO GERAL	1.822	0	1.822	0,38
TOTAL		453.592	21.063	474.655	100,00
2002	REGULAR	353.468	2.410	355.878	74,64
	CHARTER	93.660	25.115	118.775	24,91
	AVIAÇÃO GERAL	2.165	0	2.165	0,45
TOTAL		449.293	27.525	476.818	100,00
2003	REGULAR	303.168	1.235	304.403	70,46
	CHARTER	76.084	49.551	125.635	29,08
	AVIAÇÃO GERAL	1.961	0	1.961	0,45
TOTAL		381.213	50.786	431.999	100,00
2004	REGULAR	362.738	5.205	367.943	65,84
	CHARTER	102.714	86.438	189.152	33,85
	AVIAÇÃO GERAL	1.759	7	1.766	0,32
TOTAL		467.211	91.650	558.861	100,00
2005	REGULAR	407.252	27.748	435.000	67,04
	CHARTER	116.529	95.282	211.811	32,64
	AVIAÇÃO GERAL	2.093	8	2.101	0,32
TOTAL		525.874	123.038	648.912	100,00
2006	REGULAR	471.609	35.424	507.033	72,72
	CHARTER	98.422	89.491	187.913	26,95
	AVIAÇÃO GERAL	2.292	5	2.297	0,33
TOTAL		572.323	124.920	697.243	100,00
2007	REGULAR	491.148	39.597	530.745	79,36
	CHARTER	66.606	69.790	136.396	20,39
	AVIAÇÃO GERAL	1.588	68	1.656	0,25
TOTAL		559.342	109.455	668.797	100,00

Fonte: SETUR/RN - Secretaria Estadual de Turismo - 2008



13.7.2 Passageiros desembarcados por tipo de voo no Aeroporto Internacional Augusto Severo - 2001/2007

PASSAGEIROS DESEMBARCADOS					
ANO	TIPO DE VÔO	DOMÉSTICO	INTERNACIONAL	TOTAL	%
2001	REGULAR	346.631	864	347.495	73,01
	CHARTER	107.483	19.067	126.550	26,59
	AVIAÇÃO GERAL	1.879	0	1.879	0,39
TOTAL		455.993	19.931	475.924	100,00
2002	REGULAR	361.343	1.706	363.049	75,62
	CHARTER	91.898	23.054	114.952	23,94
	AVIAÇÃO GERAL	2.114	0	2.114	0,44
TOTAL		455.355	24.760	480.115	100,00
2003	REGULAR	314.435	1.039	315.474	71,19
	CHARTER	75.973	49.862	125.835	28,40
	AVIAÇÃO GERAL	1.843	0	1.843	0,42
TOTAL		392.251	50.901	443.152	100,00
2004	REGULAR	373.632	6.580	380.212	66,81
	CHARTER	100.542	86.491	187.033	32,87
	AVIAÇÃO GERAL	1.846	0	1.846	0,32
TOTAL		476.020	93.071	569.091	100,00
2005	REGULAR	409.268	29.286	438.554	67,45
	CHARTER	116.863	93.193	210.056	32,30
	AVIAÇÃO GERAL	1.618	4	1.622	0,25
TOTAL		527.749	122.483	650.232	100,00
2006	REGULAR	472.967	37.635	510.602	73,47
	CHARTER	95.384	86.653	182.037	26,19
	AVIAÇÃO GERAL	2.375	0	2.375	0,34
TOTAL		570.726	124.288	695.014	100,00
2007	REGULAR	476.804	41.902	518.706	79,58
	CHARTER	63.558	67.952	131.510	20,18
	AVIAÇÃO GERAL	1.587	16	1.603	0,25
TOTAL		541.949	109.870	651.819	100,00

Fonte: SETUR/RN - Secretaria Estadual de Turismo - 2008





14. REPRESENTAÇÃO POLÍTICA



14.1 ELEITORES POR ZONAS ELEITORAIS

ZONA	QUANTIDADE DE LOCAIS	QUANTIDADE DE SEÇÕES	ELEITORES
1ª	39	219	82.273
2ª	35	233	92.797
3ª	39	219	98.450
4ª	36	210	93.508
69ª	53	304	132.905
TOTAL DO MUNICÍPIO	202	1.185	499.933

Fonte: TRE - Tribunal Regional Eleitoral /RN - 2008

14.2 ZONAS ELEITORAIS POR BAIRRO

1ª ZONA	2ª ZONA	3ª ZONA	4ª ZONA	69ª ZONA
ALECRIM*	ALECRIM*	BOM PASTOR**	CANDELÁRIA	IGAPÓ
AREIA PRETA	BAIRRO NORDESTE	CAPIM MACIO	C. DA ESPERANÇA	LAGOA AZUL
BARRO VERMELHO	BOM PASTOR**	LAGOA NOVA** ***	CIDADE NOVA	N. S. APRESENTAÇÃO
CIDADE ALTA	DIX SEPT ROSADO	NEOPÓLIS	FELIPE CAMARÃO	PAJUÇARA
MÃE LUIZA	LAGOA NOVA** ***	N. S. NAZARÉ	GUARAPES	POTENGI
PETROPÓLIS	LAGOA SECA	N. DESCOBERTA**	LAGOA NOVA** ***	REDINHA
PRAIA DO MEIO	N. DESCOBERTA**	PONTA NEGRA	PITIMBU	SALINAS
RIBEIRA	QUINTAS		PLANALTO	
ROCAS	TIROL*			
SANTOS REIS				
TIROL*				

Fonte: Tribunal Regional Eleitoral/RN - 2007

(*) AV. ALEXANDRINO DE ALENCAR - LIMITE 1ª / 2ª ZONA

(**) AV. AMINTAS BARROS - LIMITE 2ª / 3ª ZONA

(***) AV. CAPITÃO-MOR GOUVEIA E AV. SENADOR SALGADO FILHO - LIMITES 3ª / 4ª ZONA



Mapa17 - Zonas eleitorais da capital



Fonte: Mapa elaborado pela SEMURB - Secretaria de Meio Ambiente e Urbanismo, com base nos dados do TRE/RN - Tribunal Regional Eleitoral do Rio Grande do Norte, 2007.





15. PODER LEGISLATIVO MUNICIPAL



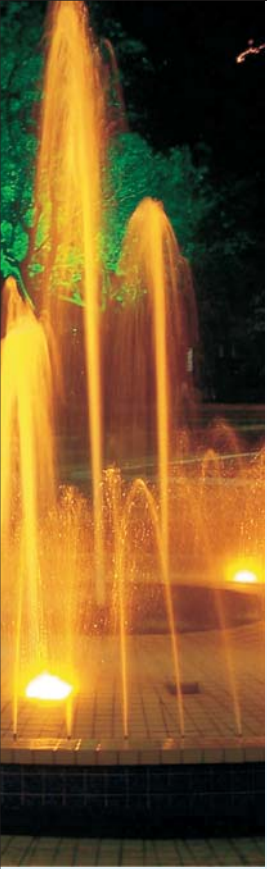
15.1 CÂMARA MUNICIPAL - 2008

VEREADORES POR PARTIDO POLITICO - 2008	
NOME	PARTIDO/COLIGAÇÃO
Adão Eridan de Andrade	PR
Adenúbio Melo Gonzaga	PSB
Aluisio Machado Cunha	PSB
Antônio Júnior da Silva	PT
Antônio Carlos Jesus dos Santos	PR
Dickson Ricardo Nasser dos Santos	PSB
Edivan Martins Teixeira	PV
Edson Siqueira de Lima	PV
Emilson Medeiros dos Santos	PPS
Enildo Alves	PSB
Fernando Lucena Pereira dos Santos	PT
Francisco de Assis Valentim da Costa	PSB
Francisco Sales de Aquino Neto	PV
Franklin Roosevelt de Farias Capistrano	PSB
Geraldo Ramos dos Santos Neto	PMDB
Hermano da Costa Morais	PMDB
Julio Henrique Nunes Protácio da Silva	PSB
Luis Carlos	PMDB
Osório Jácome	PSC
Salatiel Maciel de Souza	PSB
Tirso Renato Dantas	PMDB

Fonte: Câmara Municipal de Natal - 2008



16. SERVIÇOS E EQUIPAMENTOS URBANOS



16.1 EDUCAÇÃO

16.1.1 Matrícula inicial

Dependência	Matrícula Inicial - 2007					
	Ed. Infantil		Ensino Fundamental		Ensino Médio	Educação Profissional (Nível Técnico)
	Creche	Pré-Escola	1ª a 4ª série e Anos Iniciais	5ª a 8ª série e Anos Finais		
Total	11.372	17.112	63.293	56.762	46.201	2.964
ESTADUAL	0	143	19.402	26.811	34.414	157
FEDERAL	154	154	0	0	1.033	1.284
MUNICIPAL	6.372	3.794	25.052	14.802	0	0
PRIVADA	4.846	13.021	18.839	15.149	10.754	1.523

Fonte: Site do MEC - Ministério da Educação/INEP - Instituto Nacional de Estudo e Pesquisa Anísio Teixeira, 2007.

Dependência	Matrícula Inicial - 2007				
	Educação de Jovens e Adultos - EJA		EJA (semi-presencial)		EJA Integ. Ed. Prof
	Fundamental	Médio	Fundamental	Médio	
Total	21.905	3.539	850	1.168	163
ESTADUAL	11.472	2.307	806	1.088	0
FEDERAL	0	97	0	0	163
MUNICIPAL	9.035	0	25	0	0
PRIVADA	1.398	1.135	19	80	0

Fonte: Site do MEC - Ministério da Educação/INEP - Instituto Nacional de Estudo e Pesquisa Anísio Teixeira, 2007.

Dependência	Matrícula Inicial - 2007								
	Educação Especial (Alunos de Escolas Especiais, Classes Especiais e Incluídos)								
	Creche	Pré-Escola	Anos Iniciais	Anos Finais	Médio	Ed. Prof. Nível Técnico	EJA Fund1	EJA Médio1	EJA Integ. Ed. Prof
Total	79	159	1.193	263	91	2	388	2	0
ESTADUAL	0	0	278	173	63	0	122	2	0
FEDERAL	2	3	0	0	0	1	0	0	0
MUNICIPAL	8	18	230	32	0	0	48	0	0
PRIVADA	69	138	685	58	28	1	218	0	0

Fonte: Site do MEC - Ministério da Educação/INEP - Instituto Nacional de Estudo e Pesquisa Anísio Teixeira, 2007.



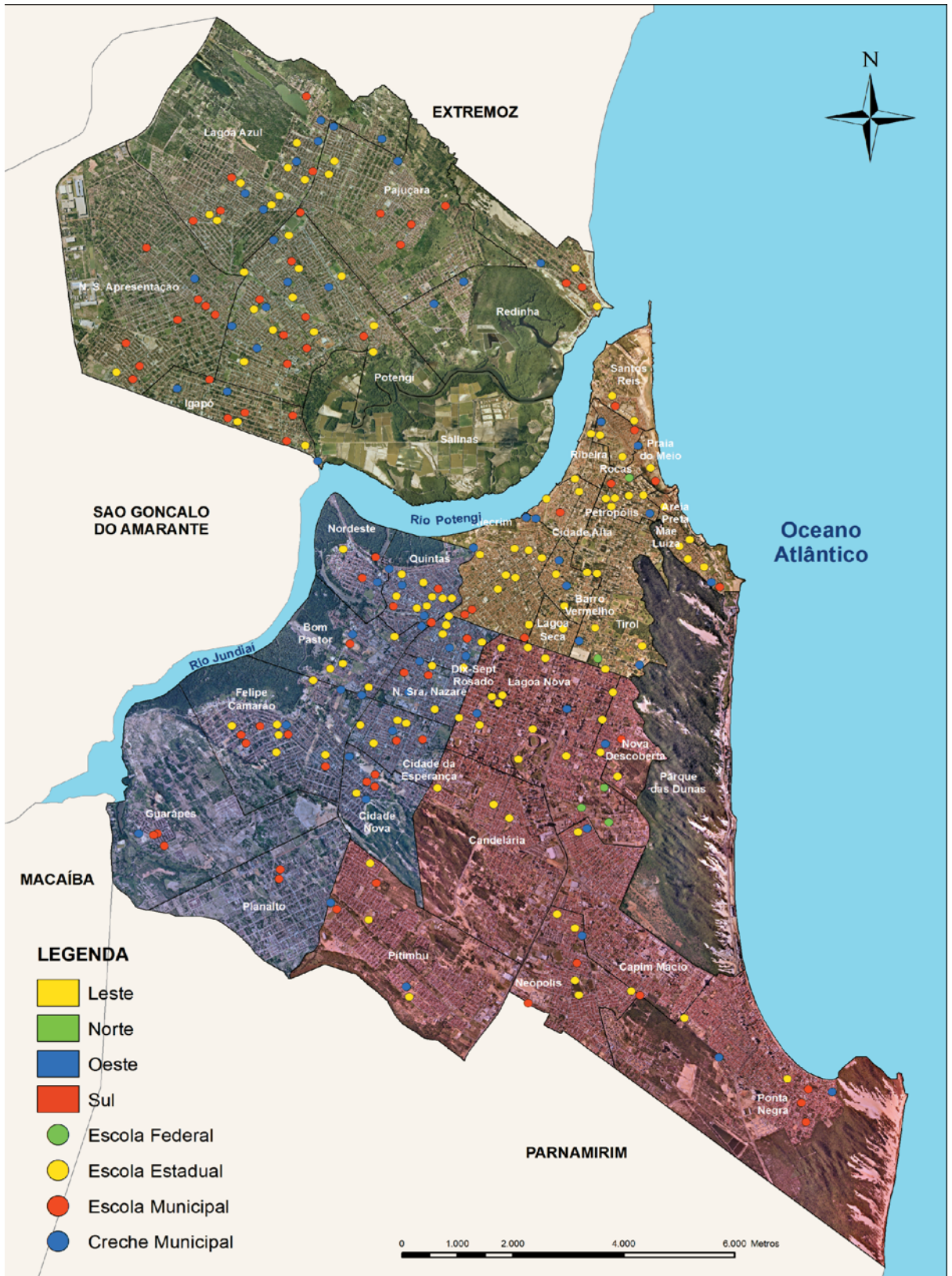
16.1.2 Escolas e creches - instância administrativa

REGIÃO ADMINISTRATIVA	RELAÇÃO DE ESCOLAS E CRECHES - 2007								
	BAIRRO	ESCOLAS				CRECHES			
		MUNICIPAL	ESTADUAL	FEDERAL	PARTICULAR	MUN.	EST.	FED.	PART.
NORTE	LAGOAAZUL	05	08	--	08	06	--	--	--
	PAJUÇARA	04	02	--	07	02	--	--	--
	POTENGI	08	11	--	25	06	--	--	--
	APRESENTAÇÃO	08	01	--	06	01	--	--	--
	REDINHA	02	02	--	02	03	--	--	--
	IGAPÓ	04	02	--	05	02	--	--	02
SALINAS	--	--	--	--	01	--	--	--	
SUBTOTAL		32	26	00	53	21	00	00	02
SUL	LAGOA NOVA	--	13	03	20	02	--	--	--
	NOVA	01	02	--	01	01	--	--	--
	CANDELÁRIA	--	03	--	03	--	--	--	--
	CAPIM MACIO	--	01	--	04	01	--	--	--
	PITIMBU	02	03	--	05	02	--	--	--
	NEÓPOLIS	03	05	--	08	01	--	--	--
PONTA NEGRA	03	02	--	04	02	--	--	--	
SUBTOTAL		09	29	03	45	09	00	00	00
LESTE	SANTOS REIS	02	02	--	01	--	--	--	--
	ROCAS	--	03	--	03	01	--	--	01
	RIBEIRA	--	--	--	01	--	--	--	--
	PRAIA DO MEIO	01	01	--	--	01	--	--	--
	CIDADE ALTA	01	03	--	10	--	--	--	01
	PETRÓPOLIS	01	05	01	04	01	--	--	--
	AREIA PRETA	--	01	--	--	--	--	--	--
	MÃE LUIZA	01	04	--	03	01	--	--	02
	ALECRIM	03	08	--	12	03	--	--	--
	B. VERMELHO	--	02	--	04	02	--	--	--
TIROL	--	05	01	13	02	--	--	--	
LAGOA SECA	--	01	--	01	--	--	--	--	
SUBTOTAL		09	35	02	52	11	00	00	04
OESTE	QUINTAS	03	08	--	13	03	--	--	02
	NORDESTE	02	01	--	02	01	--	--	--
	D. SEPT ROSADO	01	05	--	03	02	--	--	01
	BOM PASTOR	01	04	--	03	03	--	--	--
	N. S. NAZARÉ	02	02	--	03	02	--	--	--
	FELIPE CAMARÃO	05	06	--	06	02	--	--	03
	CID. ESPERANÇA	02	04	--	04	01	--	--	01
	CID. NOVA	03	01	--	04	02	--	--	--
	GUARAPES	03	--	--	--	01	--	--	01
PLANALTO	02	--	--	--	--	--	--	--	
SUBTOTAL		24	31	00	38	17	00	00	08
TOTAL		74	121	05	188	58	00	00	14

Fonte: Tabela elaborada pela SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo, com base nos dados da SECD - Secretaria Estadual da Educação, Cultura e dos Desportos - 2007



Mapa 18 - Escolas e Creches por bairro



Fonte: Mapa elaborado pela SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo, com base nos dados da SECD - Secretaria da Educação, Cultura e dos Desportos, 2007.



16.2 SAÚDE

16.2.1 Unidades de saúde

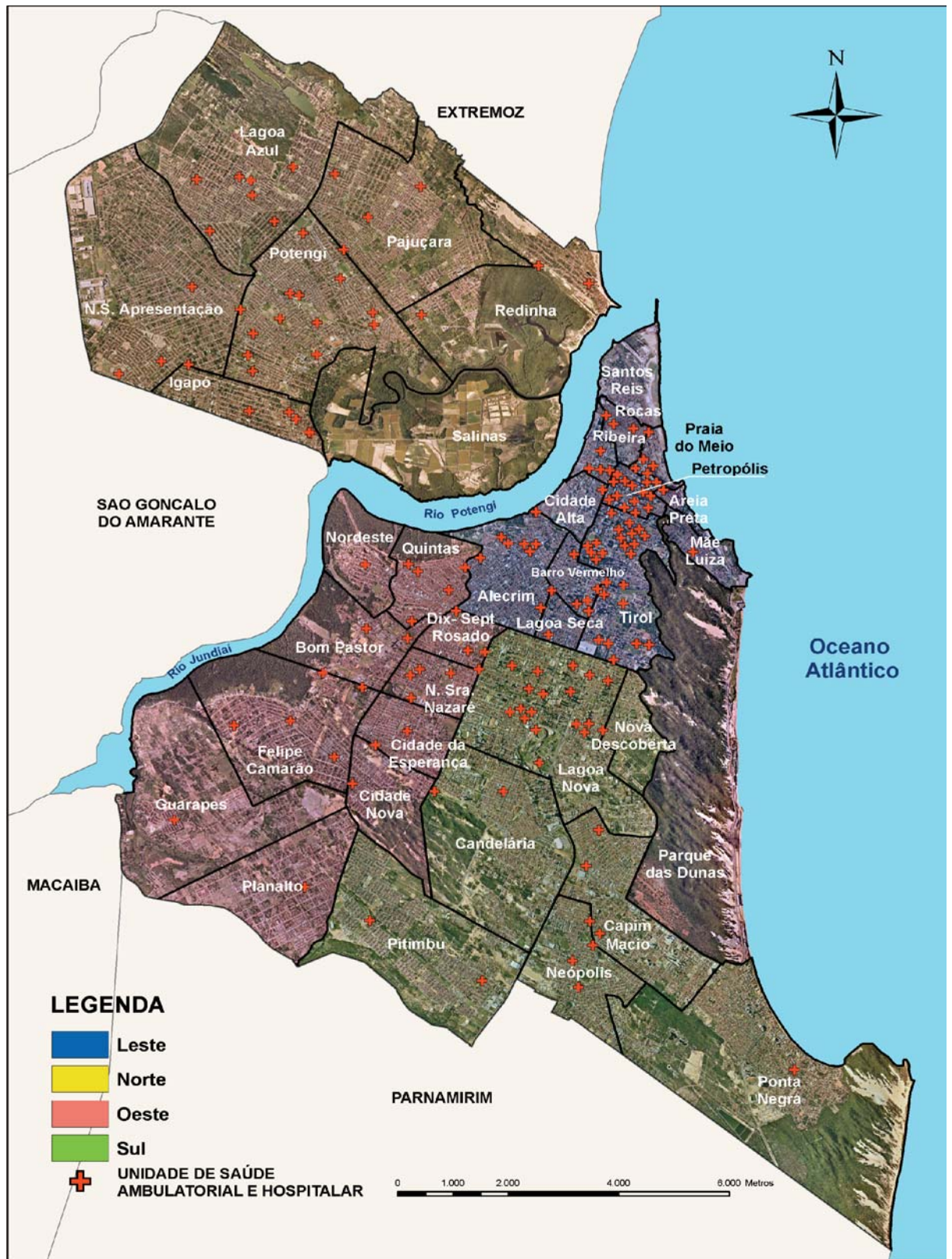
REGIÃO ADMIN.	BAIRRO	ESTABELECIMENTOS DA ÁREA DE SAÚDE										TOTAL	
		TIPO DE UNIDADE											
		CLÍNICA/ AMBULATÓRIO	HOSPITAL*	UNIDADE BÁSICA	UNIDADE DE APOIO DIAGNÓSE E TERAPIA (SADT ISOLADO)	UNIDADE DE VIGILÂNCIA À SAÚDE	UNIDADE MISTA	SAMU	POLICLÍNICA	POSTO DE SAÚDE			
NORTE	LAGOA AZUL	-	-	07	-	-	-	-	-	-	-	07	
	PAIUÇARA	-	-	04	-	-	-	-	-	-	-	04	
	POTENGI	02	02	07	-	01	-	-	-	-	01	13	
	N. SRª DA APRESENTAÇÃO	-	01	03	-	-	-	-	-	-	-	04	
	REDINHA	-	-	03	-	-	-	-	-	-	-	03	
	IGAPO	01	-	03	01	-	-	-	-	-	-	05	
	SALINAS	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	00	
	SUBTOTAL	03	03	27	01	01	01	00	00	00	01	36	
	SUL	LAGOA NOVA	10	07	01	01	-	-	-	-	-	01	20
		NOVA DESCOBERTA	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	00
CANDELARIA		-	-	02	-	-	-	-	-	-	-	02	
CAPIM MACIO		-	02	01	-	-	-	-	-	-	-	03	
PITIMBU		-	-	02	-	-	-	-	-	-	-	02	
NEOPOLIS		-	-	02	01	-	-	-	-	-	01	04	
PONTA NEGRA		-	-	01	-	-	-	-	-	-	-	01	
SUBTOTAL		10	09	09	02	00	00	00	00	02	00	32	
LESTE		SANTOS REIS	-	-	01	-	-	-	-	-	-	-	00
		ROCAS	-	01	02	-	-	-	-	-	-	-	03
	RIBEIRA	03	-	-	-	-	-	-	-	-	01	04	
	PRAIA DO MEIO	-	01	02	-	-	-	-	-	-	-	03	
	CIDADE ALTA	-	01	01	-	-	-	-	-	-	-	02	
	PETROPOLIS	08	03	-	04	-	-	-	-	-	-	15	
	AREA PRETA	-	01	-	-	-	-	-	-	-	-	01	
	MÃE LUÍZA	-	-	02	-	-	-	-	-	-	-	02	
	ALECRIM	01	02	02	03	-	-	-	-	-	-	08	
	BARRO VERMELHO	01	01	-	01	-	-	-	-	-	-	03	
TIROL	05	15	01	07	-	-	-	-	-	-	28		
LAGOA SECA	-	-	01	-	-	-	-	-	-	-	01		
SUBTOTAL	18	25	11	15	00	00	00	00	01	00	70		
OESTE	QUINTAS	-	02	02	-	-	-	-	-	-	-	05	
	NORDESTE	-	-	01	-	-	-	-	-	-	-	01	
	DIX-SEPT ROSADO	02	-	01	-	-	-	-	-	01	-	04	
	BOM PASTOR	-	-	02	-	-	-	-	-	-	-	02	
	N. SRª DE NAZARÉ	01	01	01	-	-	-	-	-	-	-	04	
	FELIPE CAMARÃO	-	-	03	-	-	-	-	-	01	-	04	
	CIDADE DA ESPERANÇA	02	-	-	-	-	-	-	-	-	01	03	
	CIDADE NOVA	-	-	01	-	-	-	-	-	-	-	01	
	GUARAPES	-	-	01	-	-	-	-	-	-	-	01	
	PLANALTO	-	-	01	-	-	-	-	-	-	-	01	
SUBTOTAL	05	03	13	00	00	02	01	01	01	01	26		
PARQUE DAS DUNAS	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	00		
TOTAL	36	40	60	18	01	02	01	05	01	164			

Fonte: Tabela elaborada pela SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo, com base nos dados da SMS - Secretaria Municipal de Saúde - 2006

*Foram acrescentados 17 hospitais não conveniados à rede municipal de serviços



Mapa 19 - Unidades de saúde por bairro



Fonte: Mapa elaborado pela SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo, com base nos dados da SMS - Secretaria Municipal de Saúde, 2006.



16.3 TRANSPORTE

16.3.1 Transporte rodoviário

DADOS	TOTAL
Nº DE LINHAS DE ÔNIBUS	86
FROTA DE ÔNIBUS	712
Nº DE LINHAS OPCIONAIS	24
FROTA DE OPCIONAIS	177
FROTA DE TÁXI	1010

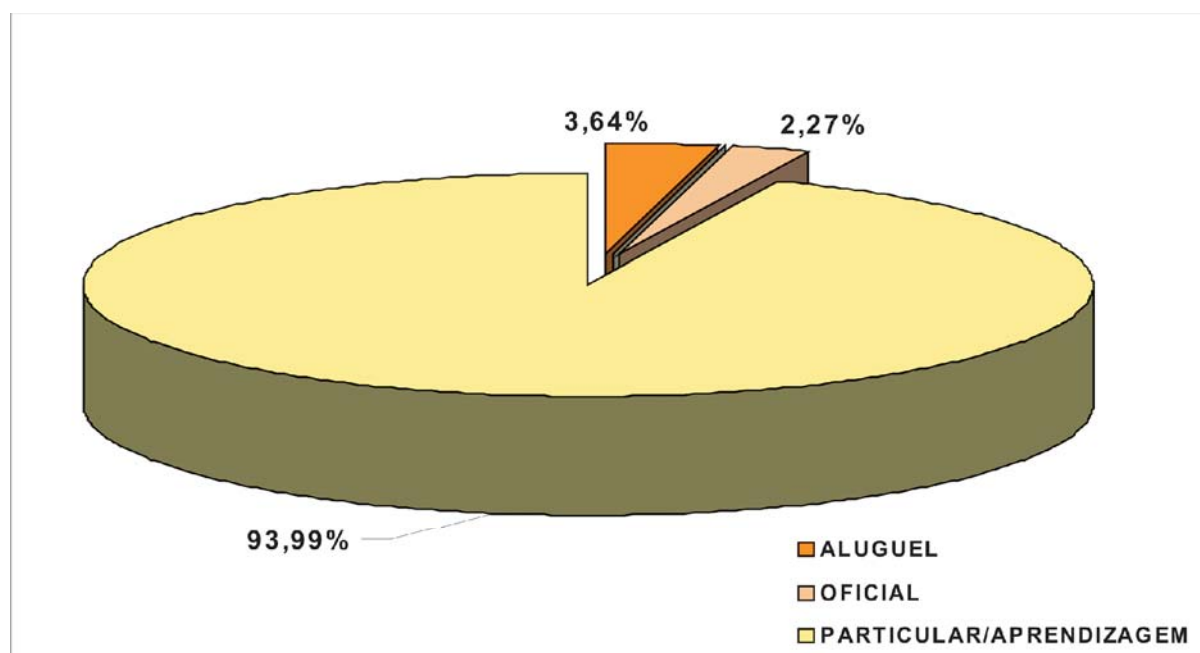
Fonte: STTU - Secretaria Municipal de Transporte e Trânsito Urbano - 2007.

16.3.1.1 Distribuição da frota da cidade do Natal, segundo categoria

CATEGORIA B	NATAL	(%)
ALUGUEL	8.906	3,64
APRENDIZAGEM	240	0,10
CONSULAR	1	0,00
OFICIAL	5.561	2,27
PARTICULAR/APRENDIZAGEM	229.933	93,99
TOTAL	244.641	100,00

Fonte: Tabela elaborada pela SEMURB, com base no DETRAN/RN - Departamento Estadual de Trânsito do Rio Grande do Norte - 2008.

GRÁFICO 25 - DISTRIBUIÇÃO DE FROTAS DA CIDADE DE NATAL



Fonte: Tabela elaborada pela SEMURB, com base no DETRAN/RN - Departamento Estadual de Trânsito do Rio Grande do Norte - 2008.

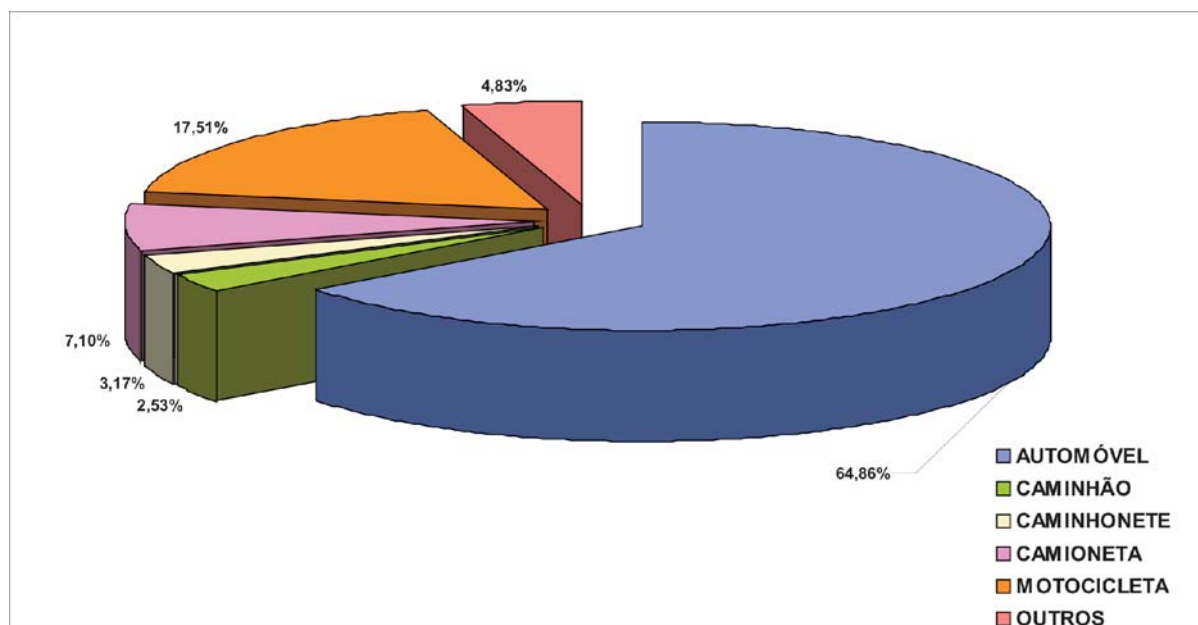


16.3.1.2 Distribuição da frota de veículos da cidade do Natal

TIPO	NATAL	(%)
AUTOMÓVEL	158.676	64,86
CAMINHÃO	6.200	2,53
CAMINHÃO TRATOR	543	0,22
CAMINHONETE	7.752	3,17
CAMIONETA	17.379	7,10
CICLOMOTOR	56	0,02
MICROONIBUS	1.050	0,43
MOTOCICLETA	42.833	17,51
MOTONETA	2.790	1,14
ÔNIBUS	2.052	0,84
QUADRICICLO	0	0,00
REBOQUE	3.059	1,25
SEMI-REBOQUE	821	0,34
SIDE-CAR	25	0,01
TRATOR DE RODAS	81	0,03
TRATOR ESTEIRAS	13	0,01
TRATOR MISTO	2	0,00
TRICICLO	36	0,01
UTILITÁRIO	1.279	0,52
TOTAL	244.647	100,00

Fonte: Tabela elaborada pela SEMURB, com base no DETRAN/RN - Departamento Estadual de Trânsito do Rio Grande do Norte - 2008.

GRÁFICO 26 - FROTAS DE VEÍCULOS DA CIDADE DE NATAL



Fonte: Tabela elaborada pela SEMURB, com base no DETRAN/RN - Departamento Estadual de Trânsito do Rio Grande do Norte - 2008



16.3.2 Transporte ferroviário**16.3.2.1 Passageiros transportados nos últimos 6 anos**

PASSAGEIROS TRANSPORTADOS NOS ÚLTIMOS 7 ANOS	
ANO	TOTAL
2001	1.545.953
2002	1.630.250
2003	2.261.689
2004	2.256.762
2005	2.408.592
2006	2.442.017
2007	2.793.831

Fonte: CBTU - Companhia Brasileira de Trens Urbanos/ STU-NAT - Superintendência de Trens Urbanos de Natal - 2008

16.3.2.2 Passageiros transportados em 2006

PASSAGEIROS TRANSPORTADOS EM 2007	
MÊS	Nº DE PASSAGEIROS
JANEIRO	223.059
FEVEREIRO	192.498
MARÇO	241.419
ABRIL	207.733
MAIO	232.501
JUNHO	239.472
JULHO	246.828
AGOSTO	258.276
SETEMBRO	251.801
OUTUBRO	260.583
NOVEMBRO	213.518
DEZEMBRO	226.143
TOTAL	2.793.831

Fonte: CBTU - Companhia Brasileira de Trens Urbanos/ STU-NAT - Superintendência de Trens Urbanos de Natal - 2008



16.4 DESPORTO

16.4.1 Tipos de equipamentos desportivos

REGIÃO ADMINISTRATIVA	BARROS	QUADRAS	CAMPOS E MINI-CAMPOS	ESTÁDIOS	GINÁSIOS	TOTAL
NORTE	LAGOA AZUL	8	9	--	1	18
	PAJUCARA	11	10	--	--	21
	POTENGI	11	11	--	2	24
	N. SRA. DA APRESENTAÇÃO	1	3	--	--	4
	REDINHA	4	2	--	--	6
	IGAPÓ	3	--	--	--	3
	SALINAS	1	--	--	--	1
	SUBTOTAL	39	35	0	3	77
SUL	LAGOA NOVA	5	1	1	2	9
	NOVA DESCOBERTA	2	1	--	--	3
	CANDELÁRIA	2	--	--	--	2
	CAPIM MACIO	6	1	--	--	7
	PITIMBU	7	8	--	--	15
	NEÓPOLIS	6	4	--	--	10
	PONTA NEGRA	4	2	--	--	6
	SUBTOTAL	32	17	1	2	52
LESTE	SANTOS REIS	2	1	--	--	3
	ROCAS	1	--	--	--	1
	RIBEIRA	--	--	1	--	1
	PRAIA DO MEIO	1	--	--	--	1
	CIDADE ALTA	2	--	--	--	2
	PETRÓPOLIS	--	--	--	1	1
	AREIA PRETA	--	--	--	--	0
	MÃE LUIZA	1	1	--	--	2
	ALEGRIM	2	--	--	--	2
	BARRO VERMELHO	1	--	--	--	1
	TIROL	1	1	1	--	3
LAGOA SECA	--	--	--	--	0	
	SUBTOTAL	11	3	2	1	17
OESTE	QUINTAS	3	--	--	--	3
	NORDESTE	1	1	--	--	2
	DIX-SEPT ROSADO	1	3	--	--	4
	BOM PASTOR	1	1	--	--	2
	NOSSA SRA. DE NAZARÉ	1	2	--	--	3
	FELIPE CAMARÃO	1	1	--	--	2
	CIDADE DA ESPERANÇA	2	--	1	1	4
	CIDADE NOVA	--	--	--	--	0
	GUARAPES	1	1	--	--	2
	PLANALTO	1	--	--	--	1
	SUBTOTAL	12	9	1	1	23
	PARQUE DAS DUNAS	--	--	--	--	0
	TOTAL	94	64	4	7	169

Fonte: Tabela elaborada pela SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo, com base nos dados da SEL - Secretaria Especial de Esporte e Lazer - 2007.



Mapa 20 - Equipamentos de desporto por área geográfica



Fonte: Mapa elaborado pela SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo, com base nos dados da SEL - Secretaria de Esporte e Lazer - 2006.



16.5 SEGURANÇA PÚBLICA

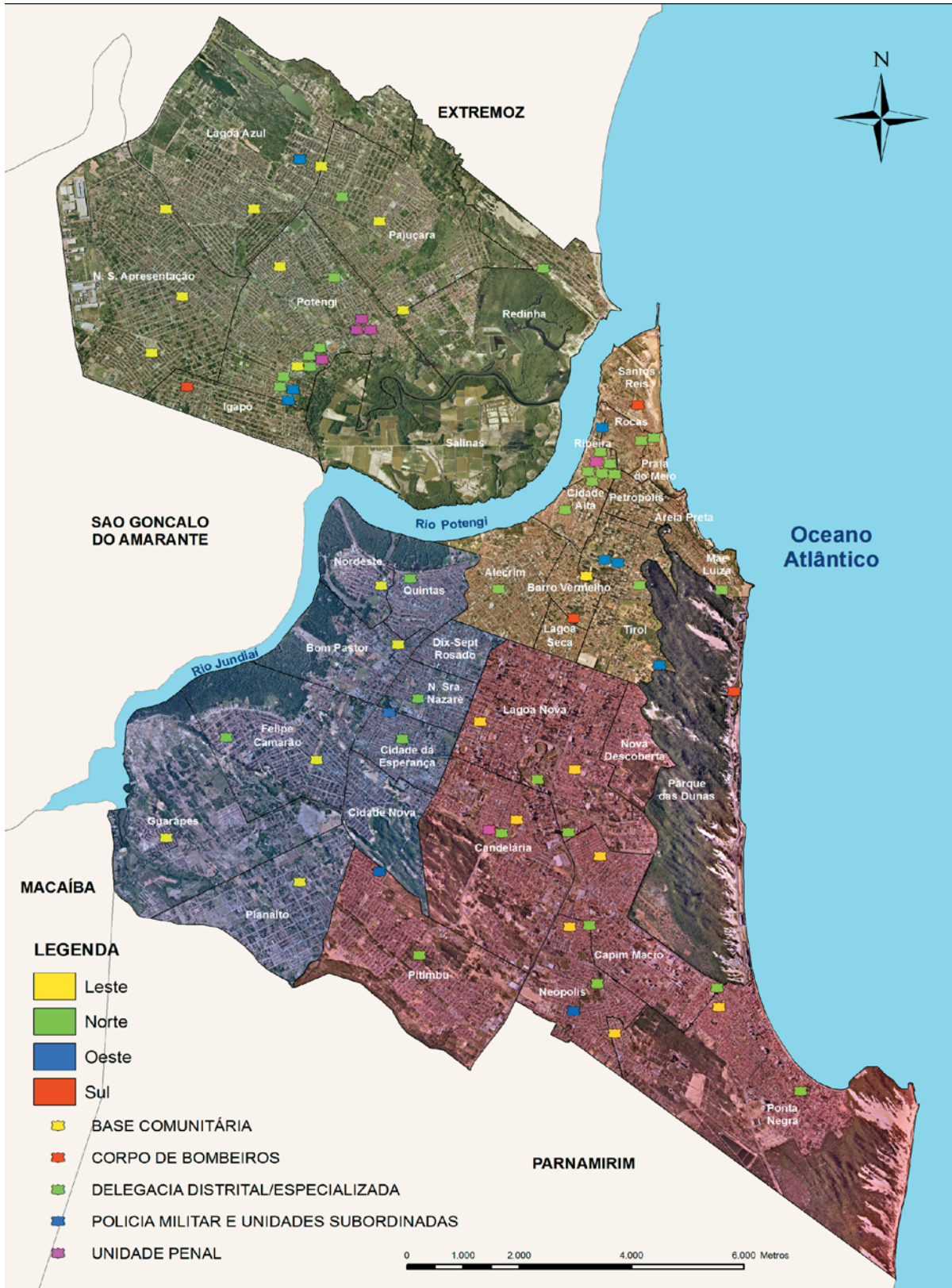
16.5.1 Entidades de segurança pública

REGIÃO ADMIN.	BAIROS	DELEGACIAS DISTRITAIS	DELEGACIAS ESPECIALIZADAS	BASES COMUNITÁRIAS	CORPO DE BOMBEIROS	UNIDADES PENAS
NORTE	LAGOA AZUL	--	--	2	--	--
	PAJUÇARA	1	--	2	--	--
	POTENGI	2	4	2	--	4
	N. S. APRESENTAÇÃO	--	--	3	--	--
	REDINHA	1	--	--	--	--
	IGAPÓ	--	--	--	--	--
	SALINAS	--	--	--	--	--
	SUBTOTAL	4	4	9	0	4
SUL	LAGOA NOVA	--	2	2	--	--
	NOVA DESCOBERTA	--	--	--	--	--
	CANDELÁRIA	--	--	1	--	1
	CAPIM MACIO	--	1	1	--	--
	PITIMBU	1	--	--	--	--
	NEÓPOLIS	1	2	2	--	--
	PONTA NEGRA	1	--	1	--	--
	SUBTOTAL	3	5	7	0	1
LESTE	SANTOS REIS	--	--	--	1	--
	ROCAS	--	--	--	--	--
	RIBEIRA	--	6	--	--	1
	PRAIA DO MEIO	1	1	--	--	--
	CIDADE ALTA	1	--	--	--	--
	PETRÓPOLIS	--	--	--	--	--
	AREIA PRETA	--	--	--	--	--
	MÃE LUIZA	1	--	--	--	--
	ALECRIM	1	1	--	--	--
	BARRO VERMELHO	--	--	1	1	--
	TIROL	--	1	--	--	--
	LAGOA SECA	--	--	--	--	--
	SUBTOTAL	4	9	1	2	1
OESTE	QUINTAS	1	--	--	--	--
	NORDESTE	--	--	1	--	--
	DIX-SEPT ROSADO	--	--	--	--	--
	BOM PASTOR	--	--	1	--	--
	N. SRA. DE NAZARÉ	--	1	--	--	--
	FELIPE CAMARÃO	1	--	1	--	--
	CIDADE DA ESPERANÇA	1	--	--	--	--
	CIDADE NOVA	--	--	--	--	--
	GUARAPES	--	--	1	--	--
PLANALTO	--	--	1	--	--	
	SUBTOTAL	3	1	5	0	0
	PARQUE DAS DUNAS	--	--	--	1	--
	TOTAL	14	19	22	3	6

Fonte: Tabela elaborada pela SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo, com base nos dados da SSP - Secretaria de Segurança Pública - 2007.



Mapa 21 - Entidades de Segurança Pública



Fonte: Mapa elaborado pela SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo, com base nos dados da SSP - Secretaria de Segurança Pública - 2007.



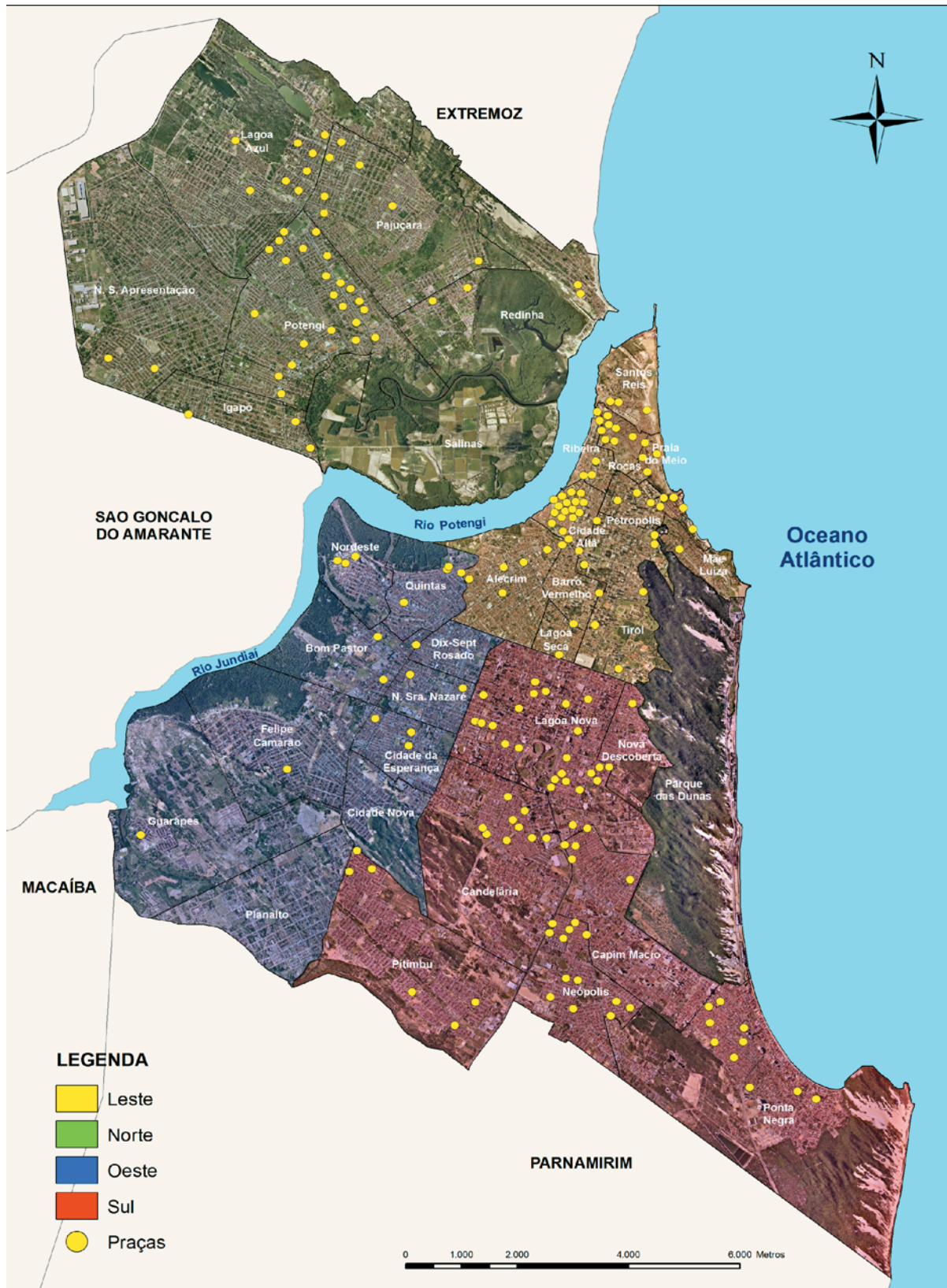
16.6 EQUIPAMENTOS URBANOS

REGIÃO ADMIN.	BAIRRO	PRAÇAS	LAVANDERIAS	MERCADOS	FEIRAS LIVRES	CEMITÉRIOS	HORTOS
NORTE	LAGOA AZUL	8	–	–	3	–	–
	PAJUÇARA	7	–	–	2	1	–
	POTENGI	23	–	–	3	–	1
	N. S. APRESENTAÇÃO	2	–	–	3	–	–
	REDINHA	4	–	1	–	1	–
	IGAPÓ	3	–	–	1	1	–
	SALINAS	–	–	–	–	–	–
SUBTOTAL		47	0	1	12	3	1
SUL	LAGOA NOVA	24	–	–	1	–	–
	NOVA DESCOBERTA	1	–	–	–	1	–
	CANDELÁRIA	9	–	–	–	–	–
	CAPIM MACIO	5	–	–	–	–	–
	PITIMBU	6	–	–	1	–	1
	NEÓPOLIS	13	–	–	1	–	–
	PONTA NEGRA	10	–	–	–	1	–
SUBTOTAL		68	0	0	3	2	1
LESTE	SANTOS REIS	3	–	–	–	–	–
	ROCAS	7	–	2	1	–	–
	RIBEIRA	5	–	–	–	–	–
	PRAIA DO MEIO	5	–	–	–	–	–
	CIDADE ALTA	18	–	–	–	–	–
	PETRÓPOLIS	3	–	1	–	–	–
	AREIA PRETA	4	–	–	–	–	–
	MÃE LUÍZA	1	–	–	1	–	–
	ALECRIM	6	–	1	3	1	–
	BARRO VERMELHO	2	–	–	–	–	–
	TIROL	7	–	–	–	–	–
LAGOA SECA	1	–	–	–	–	–	
SUBTOTAL		62	0	4	5	1	0
OESTE	QUINTAS	4	1	1	2	–	–
	NORDESTE	3	–	–	–	–	–
	DIX-SEPT ROSADO	–	–	–	–	–	–
	BOM PASTOR	3	–	–	–	2	–
	N. S. DE NAZARÉ	2	–	–	–	–	–
	FELIPE CAMARÃO	1	–	–	1	–	–
	G.DA ESPERANÇA	3	–	–	1	–	–
	CIDADE NOVA	–	–	–	–	–	–
	GUARAPES	1	–	–	–	1	–
	PLANALTO	–	–	–	–	–	–
SUBTOTAL		17	1	1	4	3	0
TOTAL		194	1	6	24	9	2

Fonte: Tabela elaborada pela SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo, com base nos dados da SEMSUR - Secretaria Municipal de Serviços Urbanos - 2007.



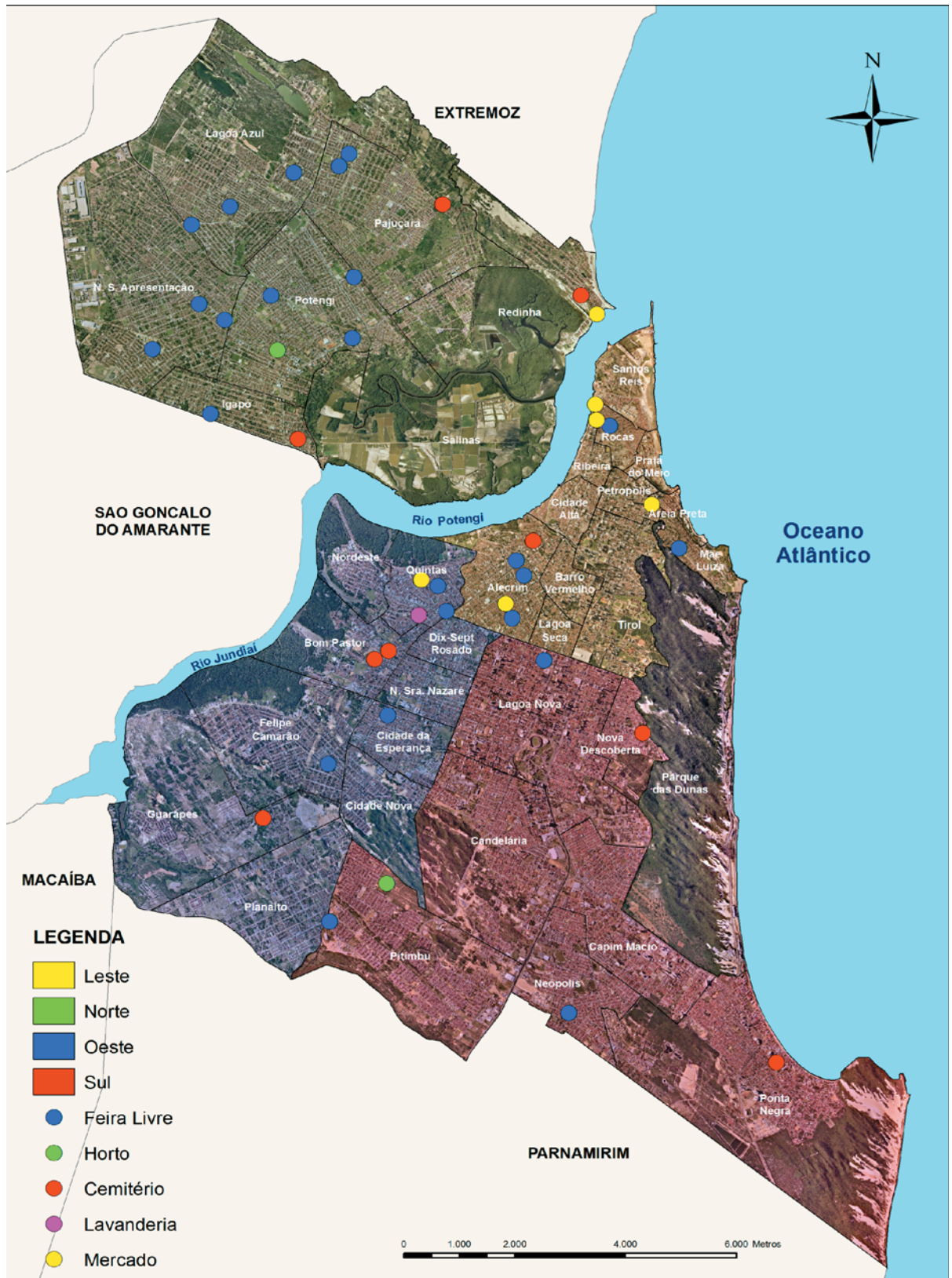
Mapa 22 - Praças por área geográfica



Fonte: Mapa elaborado pela SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo, com base nos dados da SEMSUR - Secretaria Municipal de Serviços Urbanos - 2007



Mapa 23 - Equipamentos Urbanos por área geográfica



Fonte: Mapa elaborado pela SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo, com base nos dados da SEMSUR - Secretaria Municipal de Serviços Urbanos - 2007





17. ORGANIZAÇÕES COMUNITÁRIAS



17.1 ENTIDADES COMUNITÁRIAS

REGIÃO ADMINISTRATIVA	BAIRRO	ENTIDADES COMUNITÁRIAS				TOTAL
		ASSOCIAÇÕES E CENTROS	CLUBES DE MÃES	CONSELHOS COMUNITÁRIOS	GRUPOS DE IDOSOS	
NORTE	LAGOA AZUL	5	3	9	1	18
	PAJUÇARA	13	5	17	1	36
	POTENGI	11	4	8	0	23
	N. SRª. DA APRESENTAÇÃO	16	8	8	0	32
	REDINHA	5	1	7	0	13
	IGAPÓ	2	1	2	1	6
	SALINAS	0	--	--	0	0
SUBTOTAL		52	22	51	3	128
SUL	LAGOA NOVA	4	3	2	0	9
	NOVA DESCOBERTA	7	2	6	4	19
	CANDELÁRIA	4	1	2	1	8
	CAPIM MACIO	0	0	2	0	2
	PITIMBU	4	1	4	1	10
	NEÓPOLIS	5	8	3	3	19
	PONTA NEGRA	11	1	1	2	15
SUBTOTAL		35	16	20	11	82
LESTE	SANTOS REIS	7	2	1	1	11
	ROCAS	7	4	2	3	16
	RIBEIRA	0	--	1	--	1
	PRAIA DO MEIO	4	0	--	--	4
	CIDADE ALTA	8	0	1	4	13
	PETRÓPOLIS	1	--	--	1	2
	AREIA PRETA	1	0	--	0	1
	MÃE LUÍZA	11	0	1	2	14
	ALECRIM	1	0	4	--	5
	BÁRRO VERMELHO	1	0	--	--	1
	TIROL	3	1	0	--	4
LAGOA SECA	1	0	1	--	2	
SUBTOTAL		45	7	11	11	74
OESTE	QUINTAS	4	4	2	4	14
	NORDESTE	12	1	1	0	14
	DIX-SEPT ROSADO	2	1	2	1	6
	BOM PASTOR	11	0	1	0	12
	N. SRª. DE NAZARÉ	5	0	1	--	6
	FELIPE CAMARÃO	17	3	4	1	25
	CIDADE DA ESPERANÇA	10	6	2	1	19
	CIDADE NOVA	7	1	1	0	9
	GUARAPES	3	1	1	--	5
	PLANALTO	5	0	1	0	6
	Subtotal		76	17	16	7
PARQUE DAS DUNAS	--	--	--	--	--	
TOTAL		208	62	98	32	400

Fonte: Tabela elaborada pela SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo, com base nos dados da SMDC - Secretaria Municipal de Desenvolvimento Comunitário - 2007



Mapa 24 - Organizações comunitárias por bairro



Fonte: Mapa elaborado pela SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo, com base nos dados da SMDC - Secretaria Municipal de Desenvolvimento Comunitário - 2006.





18. HABITAÇÃO E SITUAÇÃO FUNDIÁRIA



18.1 TIPOS DE IMÓVEIS*

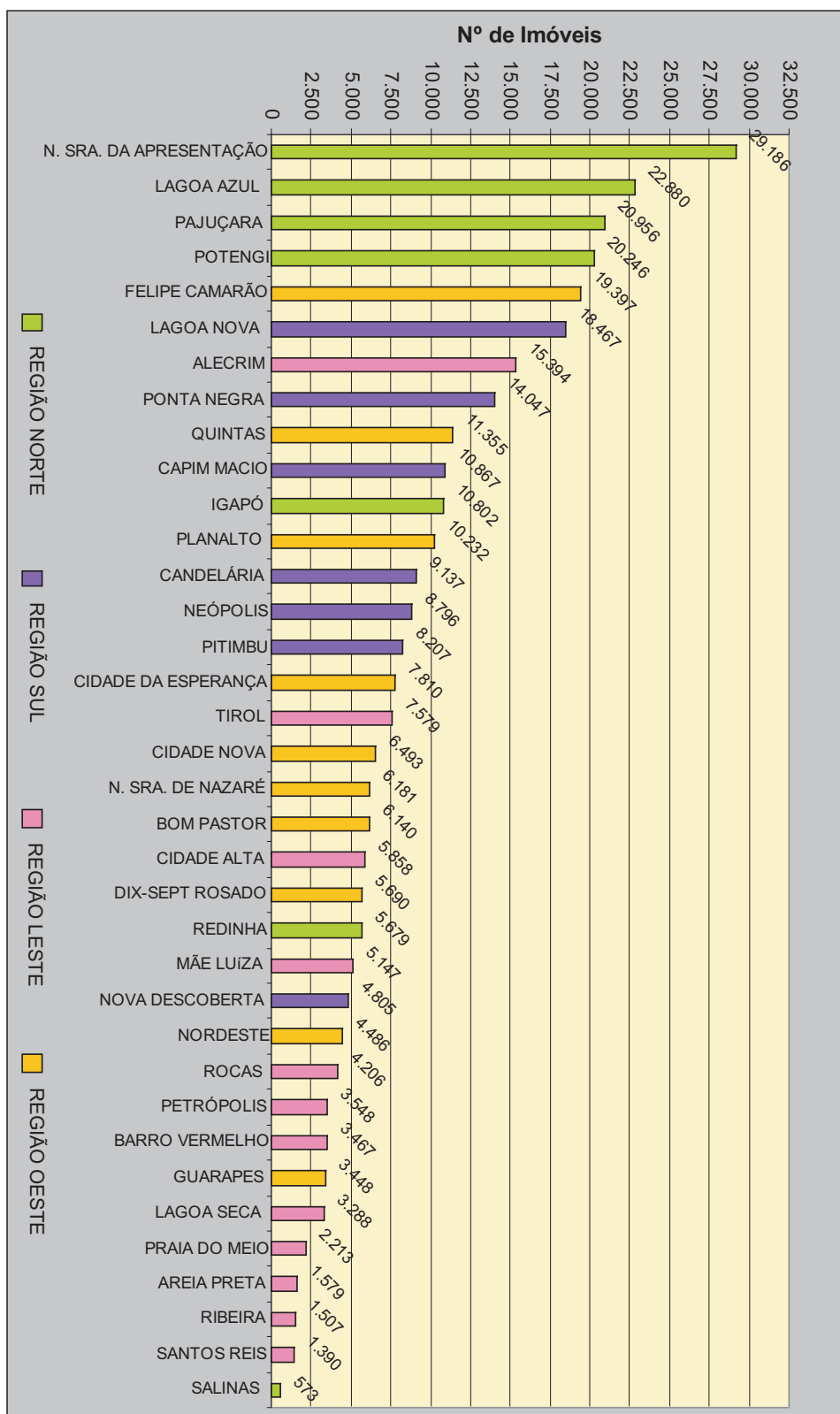
REGIÃO ADMN.	BAIRRO	NÚMEROS DE IMÓVEIS DOS BAIRROS DE NATAL							
		RESIDENCIAIS	PERCENTUAL (%)	NÃO RESIDENCIAIS	PERCENTUAL (%)	TERRENOS BALDIOS	PERCENTUAL (%)	TOTAL	
NORTE	LAGOA AZUL	18.320	80,07	1.684	7,36	2.876	12,57	22.880	
	PAUÇARA	16.409	78,31	1.694	8,08	2.853	13,61	20.966	
	POTENGI	17.232	85,11	2.337	11,55	677	3,34	20.246	
	N. SRA. DA APRESENTAÇÃO	22.709	77,81	2.200	7,54	4.277	14,65	29.186	
	REDINHA	4.469	78,69	449	7,91	761	13,40	5.679	
	IGARÓ	9.307	86,16	1.083	10,03	412	3,81	10.802	
	SALINAS	428	74,69	72	12,57	73	12,74	573	
	SUBTOTAL	88.874	80,56	9.579	8,63	11.929	10,81	110.322	
	LAGOA NOVA	13.523	73,23	4.678	25,33	266	1,44	18.467	
	NOVA DESCOBERTA	4.138	86,12	628	13,03	41	0,85	4.805	
CANDELARIA	7.194	78,73	1.491	16,32	452	4,95	9.137		
CAPIM MACIO	8.746	80,48	1.822	16,77	299	2,75	10.867		
PITIMBU	6.895	84,01	1.065	12,98	247	3,01	8.207		
NEÓPOLIS	7.560	85,95	1.128	12,80	110	1,25	8.796		
PONTANEGRA	11.824	84,17	1.684	11,99	539	3,84	14.047		
SUBTOTAL	59.880	80,56	12.492	16,81	1.954	2,63	74.326		
LESTE	SANTOS REIS	1.304	93,81	80	5,76	6	0,43	1.390	
	ROÇAS	3.705	88,09	457	10,87	44	1,04	4.206	
	RIBEIRA	760	50,44	718	47,64	29	1,92	1.507	
	PRAI DO MEIO	1.989	89,88	191	8,63	33	1,49	2.213	
	CIDADE ALTA	2.726	46,53	3.060	52,24	72	1,23	5.858	
	PETROPOLIS	2.422	68,26	1.104	31,12	22	0,62	3.548	
	ÁREA PRETA	1.449	91,77	98	6,21	32	2,02	1.579	
	MÃE LUÍZA	4.860	94,42	224	4,35	63	1,23	5.147	
	ALEGRIIM	11.215	72,85	4.058	26,36	121	0,79	15.394	
	BARRO VERMELHO	2.865	82,64	562	16,21	40	1,15	3.467	
	TIROL	5.482	72,33	2.005	26,46	92	1,21	7.579	
	LAGOA SECA	2.330	70,86	923	28,07	35	1,07	3.288	
	SUBTOTAL	41.107	74,50	13.480	24,43	589	1,07	55.176	
	OESTE	QUINTAS	9.763	85,98	1.464	12,89	128	1,13	11.355
		NORDESTE	3.841	85,62	534	11,90	111	2,48	4.486
DIX-SEPT ROSADO		4.834	84,96	787	13,83	69	1,21	5.690	
BOMPASTOR		5.157	83,99	875	14,25	108	1,76	6.140	
N. SRA. DE NAZARÉ		5.219	84,44	919	14,86	43	0,70	6.181	
FEIPE CAMARÃO		17.002	87,96	1.544	7,66	791	4,08	19.397	
CIDADE DA ESPERANÇA		6.355	81,37	1.391	17,81	64	0,82	7.810	
CIDADE NOVA		5.873	90,45	480	7,39	140	2,16	6.493	
GUARAPES		2.798	81,15	74	5,05	476	13,80	3.448	
PLANALTO		8.059	78,76	580	5,67	1.593	15,57	10.232	
SUBTOTAL	68.961	84,89	8.748	10,77	3.523	4,34	81.232		
PARQUE DAS DUNAS	--	--	--	--	--	--	--		
TOTAL	268.822	80,62	44.239	13,78	17.995	5,60	321.066		

Fonte: Tabela elaborada pela SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo, com base nos dados da SMS - Secretaria Municipal de Saúde - 2006

Média de imóveis residenciais fechados ou vagos: 9,45 - 24.458,67 * Existem diferenças metodológicas entre os levantamentos realizados pelo IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, e a SMS - Secretaria Municipal de Saúde, de Natal-RN. Na pesquisa realizada pelo IBGE sobre os domicílios particulares permanentes, não são contabilizados os imóveis residenciais vagos de uso ocasional e fechados em que, apesar de reiteradas vezes visitados pelos recenseadores, não foram encontrados seus moradores. Por sua vez, a SMS contabiliza tais imóveis.



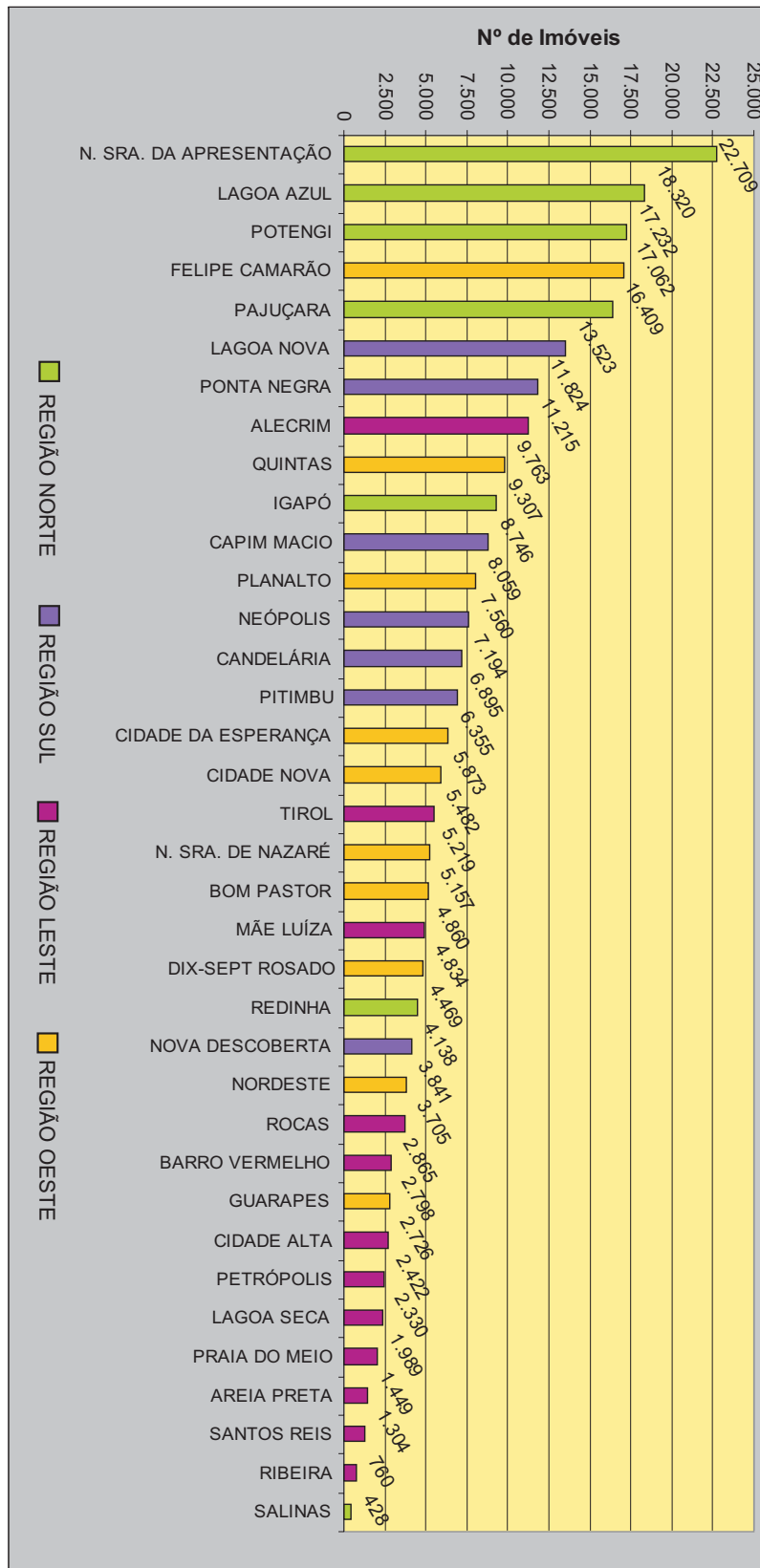
Gráfico 27- Total de imóveis de Natal (por bairros e Regiões Administrativas)



Fonte: Gráfico elaborado pela SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo, com base nos dados da SMS - Secretaria Municipal de Saúde - 2006



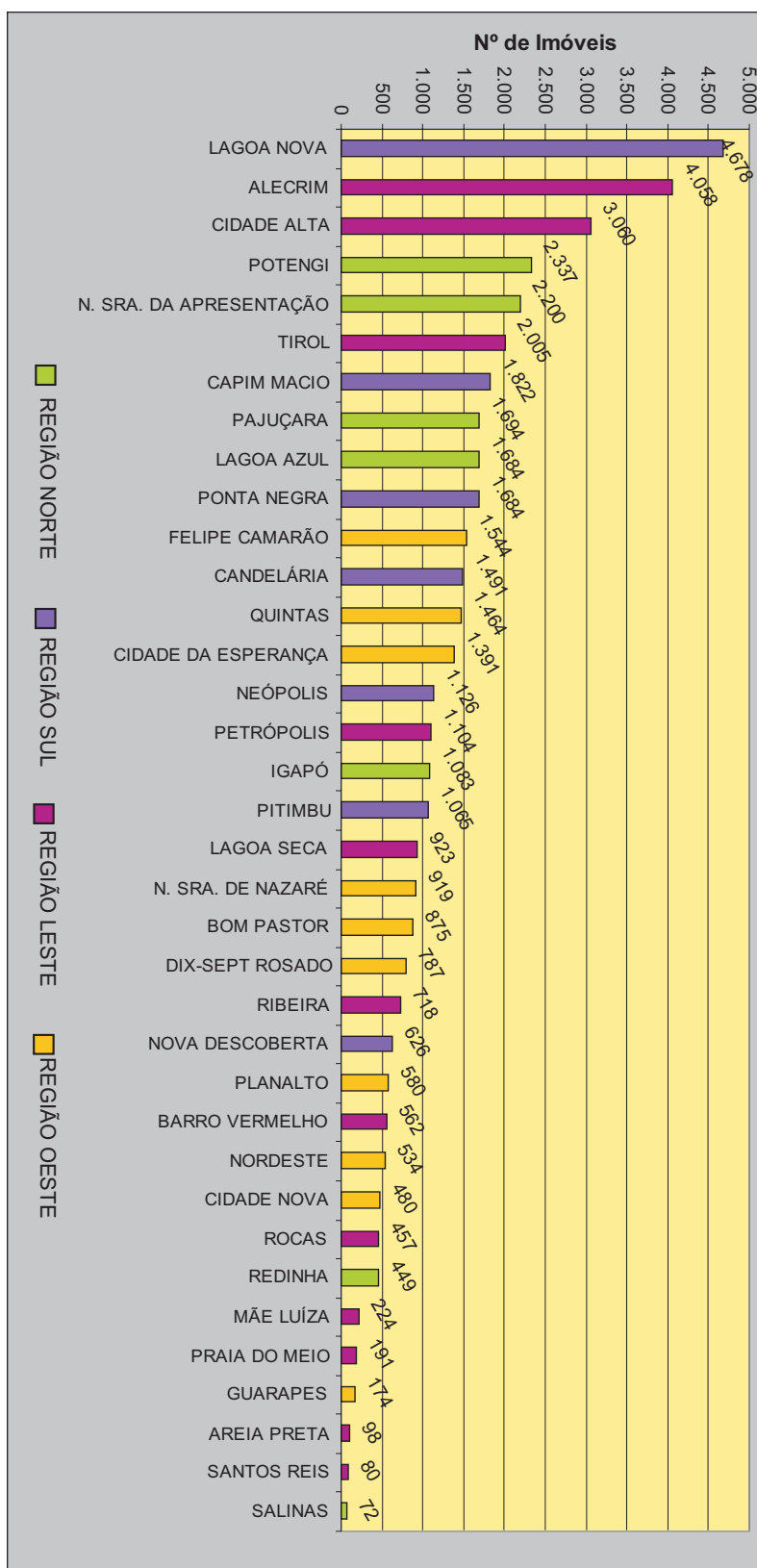
Gráfico 28 - Imóveis residenciais (por bairros e Regiões Administrativas)



Fonte: Gráfico elaborado pela SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo, com base nos dados da SMS - Secretaria Municipal de Saúde - 2006



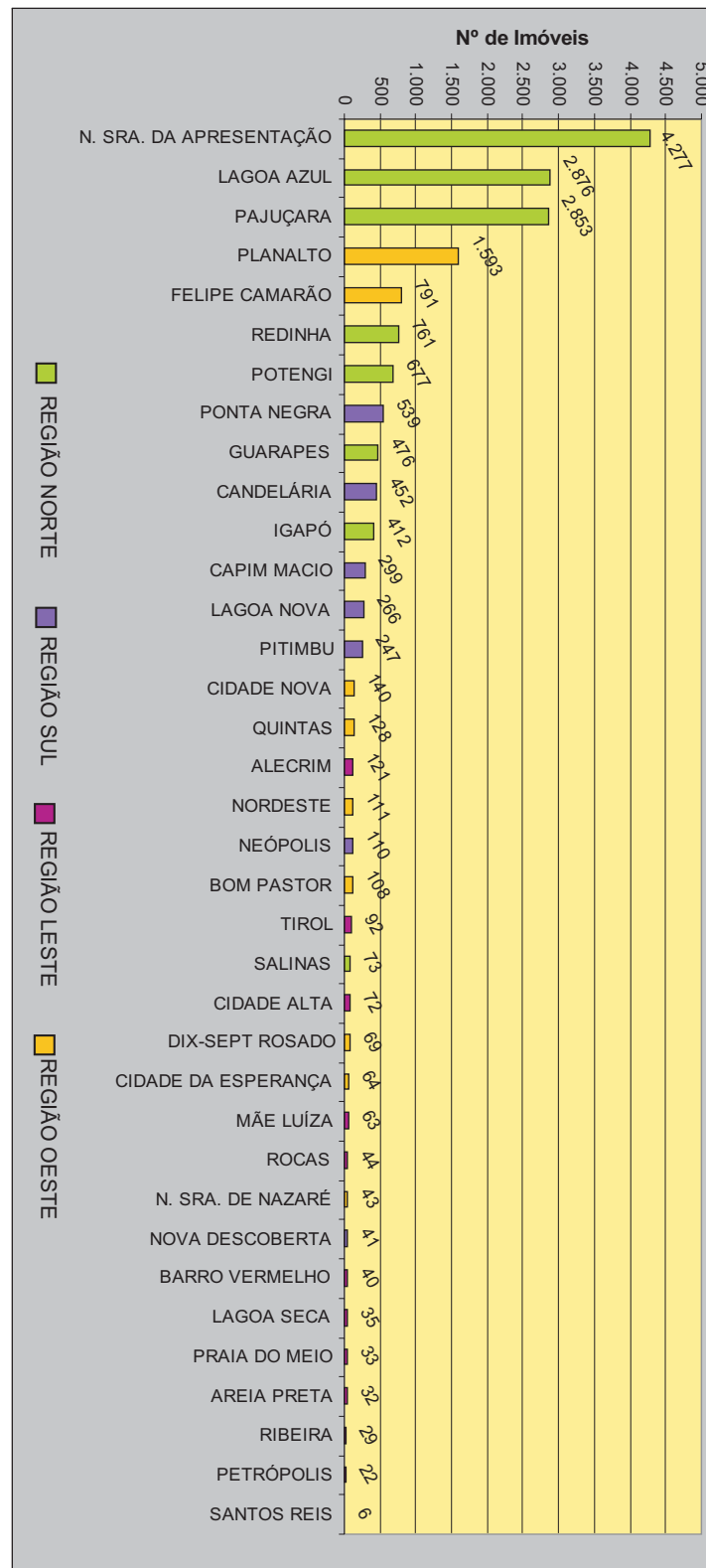
Gráfico 29 - Imóveis não-residenciais (por bairros e Regiões Administrativas)



Fonte: Gráfico elaborado pela SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo, com base nos dados SMS - Secretaria Municipal de Saúde - 2006



Gráfico 30 - Imóveis terrenos baldios (por bairros e Regiões Administrativas)



Fonte: Gráfico elaborado pela SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo, com base nos dados SMS - Secretaria Municipal de Saúde - 2006



18.2 CONJUNTOS HABITACIONAIS E LOCALIDADES

R. A.	BAIRRO	LOCALIDADES	CONJUNTOS
	LAGOAZUL	-	NOVA NATAL, ELDORADO, GRAMORÉ, CIDADE PRAIA.
	PAUÇARA	PAUÇARA, GRAMORÉ	NOVO HORIZONTE, VISTA VERDE, VILA VERDE I / II, PARQUE DAS DUNAS I / II / III / IV / V / VI, BRASIL NOVO, PAUÇARA I / II, MORADA ALVORADA, ALEM POTENGI, JOÃO PAULO II.
	POTENGI	-	POTENGI, SOLEDADE I / II, PANORAMA I / II, PANATIS I / II / III, PROMORAR, SANTA CATARINA, SANTARÉM, MORADA - CNB I / II, APERN, PLANICIE DAS MANGUEIRAS.
	N. SR.ª DA APRESENTAÇÃO	PARAISO	ALAMEDA DAS FROTEIRAS, PARQUE DOS COQUEIROS, ALVORADA V / ICAPULIP E PLANICIE DAS MANGUEIRAS.
	REDINHA	ÁFRICA	JARDINS DAS FLORES, NITEROI, RAO DE SOL, CASA NOVA, JARDINS DAS FLORES, CONJUNTO HABITACIONAL DO EMPERON.
	IGAPÓ	GANCHO	IGAPÓ NOVA, IGAPÓ, MANOEL LEOPOLDO, CIDADE DO SOL.
	SALINAS	-	-
	LAGOA NOVA	MORRO BRANCO	LAGOA NOVA I / II, POTIGUAR II, ROSELÂNDIA, NOVA DIMENSÃO, BANDERANTES, INTERLAGOS, SÃO JOSÉ, SÃO MARCOS, MONZA, JARDIM RIVERA, CASTELO BRANCO, SANTO ANDRÉ, SANTA MONICA, OURO BRANCO, REBELO FLOR, CONJ. DO SESC, XAVIER DA SILVEIRA, PARQUES DAS SERRAS, POTILÂNDIA, JARDIM ESCANDINÁVIA, CRISTAL RESIDENCE, RESIDENCIAL CHEVERNY, HABITACIONAL DA COOPERATIVA POTIGUAR.
	NOVA DESCOBERTA	MORRO BRANCO	AMAZONAS I / II, TARUMA, POTIGUAR I, CONJUNTO GRAND PRIX DE JARAMA.
	CANDELAIRA	ALTO DA CANDELAIRA	CANDELAIRA, BAIRRO LATINO, VILA MORENA, CHACON RESIDENCE, PARQUE DAS PEDRAS.
	CAPIM MACIO	-	MIRASSOL, CONJ. UNIVERSITÁRIO, COLINAS DOS FLAMBOYANTS, SERRA DO CABUGI II / III, VILLAGE DOS MARES, PARQUE DAS ROSAS, PIRANGI SUL, CAPIM MACIO I / II, MAR DO SUL I / II / III / IV, TORRE DO MAR I / II, SERRAZUL I / II, VILLAGE DE LA TOUCHE I / II / III, PARQUE DOS RIOS.
	PITIMBU	-	PITIMBU, CIDADESATELITE I / II / III, VALE DO PITIMBU I / II, CONJ. DOS BANCÁRIOS, PARQUE ALPHINO.
	NEÓPOLIS	-	JIQUEI, PIRANGI, NEÓPOLIS, PARQUE DAS PEDRAS, JARDIM BOTÂNICO, PARQUE DO SERRAMB I / V / VI, RESIDENCIAL NEÓPOLIS, PIRANGI SUL.
	PONTA NEGRA	-	PONTA NEGRA, ALAGAMAR, SERRAMB I / II / III, NATAL SUL, MORADA SUL, LA ROCHELLE RESIDENCE, RESIDENCE SOLAR DA VILA, RESIDENCIAL NORMANDA, TORRE DO SUL.
	SANTOS REIS	BRASILIA TEIMOSA	-
	ROÇAS	CANTO DO MANGUE	-
	RIBEIRA	CANTO DO MARUM	-
	PRAIA DO MEIO	-	-
	CIDADE ALTA	PASSO DA PÁTRIA, BALDO	-
	PETRÓPOLIS	CIROLÂNDIA	-
	AREIA PRETA	ALTO DO JURUÁ	-
	MÃE LUÍZA	APARECIDA	MÃE LUÍZA (PROMORAR), ALTO DO FAROL, RESIDENCIAL SE YCHELLES.
	ALEGRIIM	BALDO, GUARITA	CONJ. DA MARINHA, CONJ. DA C.E.F.F., CONJ. DA C.E.F. SANTA MARTA.
	BARRO VERMELHO	BALDO	-
	TIROL	VILA SÃO JOSÉ, MORRO BRANCO	JOÃO MACHADO FORTES, RODRIGO DE MELO FRANCO, ESMERALDA, JARDIM TIROL, ERMITA GANSAÇÃO, IAPC, VILA SÃO JOSÉ, EXERCITO, TIROL, CONJ. DO INPS.
	LAGOA SECA	-	-
	QUINTAS	JAPÃO E GUARITA	-
	NORDESTE	-	BOA VISTA
	DIX SEPT ROSADO	CARRASCO	-
	BOM PASTOR	KM 06, MERETO	SANTA ESMERALDA (PROMORAR), MONTE LEBANO, VIDANOVA
	N. SR.ª DE NAZARÉ	-	SÃO CONRADO
	FELIPE CAMARÃO	PEIXE-BOI, KM 06, BAIXA DO SAGÜI, BARREIROS	FELIPE CAMARÃO (PROMORAR), FELIPE CAMARÃO II, FELIPE CAMARÃO III (PROMORAR), JARDIM AMÉRICA, VIDA NOVA II / III, LAVADERAS.
	CIDADE DA ESPERANÇA	-	CIDADE DA ESPERANÇA I / II / III, PROMORAR.
	CIDADE NOVA	NOVA CIDADE	-
	GUARAPES	BAIXA DO SAGÜI	CIDADE DA ESPERANÇA (PROMORAR).
	PLANALTO	-	GUARAPES I / II / III.
	PARQUE DAS DUNAS	-	-

Fonte: SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo - 2007.



18.3 LOTEAMENTOS

18.3.1 Situação legal

REGIÃO ADMINISTRATIVA	BAIRRO	REGISTRADO			NÃO REGISTRADO	TOTAL
		3º CARTÓRIO	6º CARTÓRIO	7º CARTÓRIO		
NORTE	LAGOA AZUL	-	-	-	05	05
	PAJUÇARA	03	-	-	11	14
	POTENGI	03	-	-	10	13
	N. SRª. DA APRESENTAÇÃO	-	-	-	17	17
	REDINHA	02	-	-	4	06
	IGAPÓ	-	01	-	13	14
	SALINAS	01	01	-	-	02
SUBTOTAL		09	02	00	60	71
SUL	LAGOA NOVA	42	10	-	28	80
	NOVA DESCOBERTA	03	-	-	01	04
	CANDELÁRIA	13	03	-	03	19
	CAPIM MACIO	05	03	01	03	12
	PITIMBU	02	01	-	-	03
	NEÓPOLIS	03	03	-	03	09
	PONTA NEGRA	07	08	01	19	35
SUBTOTAL		75	28	02	57	162
LESTE	SANTOS REIS	-	-	-	01	01
	ROCAS	-	-	-	02	02
	RIBEIRA	-	-	-	01	01
	PRAIA DO MEIO	-	-	-	02	02
	CIDADE ALTA	-	-	-	03	03
	PETRÓPOLIS	05	-	-	02	07
	AREIA PRETA	-	-	-	01	01
	MÃE LUIZA	1	-	-	-	01
	ALECRIM	19	-	-	14	33
	BARRO VERMELHO	13	-	-	02	15
	TIROL	19	01	-	14	34
LAGOA SECA	15	-	-	06	21	
SUBTOTAL		72	01	00	48	121
OESTE	QUINTAS	14	01	-	02	17
	NORDESTE	04	01	-	01	06
	DIX-SEPT ROSADO	20	05	-	11	36
	BOM PASTOR	09	-	-	03	12
	N. SRª. DE NAZARÉ	15	-	-	01	16
	FELIPE CAMARÃO	01	02	-	06	09
	CIDADE DA ESPERANÇA	06	02	-	03	11
	CIDADE NOVA	02	03	-	-	05
	GUARAPES	02	-	-	01	03
	PLANALTO	-	-	-	-	-
SUBTOTAL		73	14	-	28	115
TOTAL		229	45	2	193	469

Fonte: SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo - 2007.



Mapa 25 - Circunscrições imobiliárias do município de Natal



Fonte: Mapa elaborado pela SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo - 2007



18.4 ASSENTAMENTOS PRECÁRIOS

REGIÃO ADMINISTRATIVA	BAIRRO	ASSENTAMENTO PRECÁRIO	EDIFICAÇÕES	DOMICÍLIOS	POPULAÇÃO**
NORTE	LAGOAZUL	ELDORADO	81	81	324
		LAGOAZUL	113	**111	444
		JOSÉ SARNEY	41	39	156
		GRAMORÉ	59	59	236
		CIDADE PRAIA	88	79	316
	PAJUÇARA	DOM PEDRO I	595	563	2.252
		POMPEIA	544	454	1.816
	POTENGI	SERRARIA	45	41	164
	N. SRA. DA APRESENTAÇÃO	OLHO D'ÁGUA	118	109	436
		JARDIM PRIMAVERA	405	367	1.468
		JARDIM PROGRESSO	*3.475	**3.405	13.620
		BOA SORTE OU ALIANÇA	*1.517	**1.487	5.948
	REDINHA	ALTO DA TORRE	60	57	228
		RAIO DE SOL	63	61	244
		GÁRIS	83	78	312
		FLORESTA / SALINAS	44	43	172
	IGAPÓ	ÁFRICA	225	208	832
	SALINAS	-	-	-	-
SUBTOTAL		18	7.791	7.462	29.848
SUL	LAGOA NOVA	T. M. PROCÓPIO	88	88	352
		COQUEIROS	245	245	980
		P. J. LOURENÇO	13	13	52
		CORÉIA DO NILO	27	27	108
		ALUIZIO BEZERRA	82	82	328
	NOVA DESCOBERTA	POTIGUARANA	59	59	236
		ALMAS	37	37	148
	CANDELÁRIA	VIADUTO	115	113	452
	CAPIM MACIO	-	-	-	-
	PITIMBU	-	-	-	-
NEÓPOLIS	-	-	-	-	
PONTA NEGRA	LAGOINHA	134	127	508	
	PIÃO	36	36	144	
SUBTOTAL		10	836	827	3.308
LESTE	SANTOS REIS	BRASILIA TEIMOSA	112	112	448
		VIETNÁ	113	113	452
	ROÇAS	SÃO JOSÉ/JACÓ	99	92	368
	RIBEIRA	MARUIM	143	143	572
	PRAIA DO MEIO	ENCOSTA/ESCADARIA	176	171	684
		PASSO DA PÁTRIA	512	486	1.944
	CIDADE ALTA	PEDRA DO ROSÁRIO	59	49	196
	PETRÓPOLIS	-	-	-	-
	AREIA PRETA	-	-	-	-
	MÃE LUÍZA	SOPAPO	349	349	1.396
		BARRO DURO	149	149	596
		APARECIDA	1.904	1.795	7.180
		ALTO DA COLINA	380	366	1.464
	ALECRIM	FORMIGUEIRO	27	25	100
		OCIDENTAL DE BAIXO	497	490	1.960
	BARRO VERMELHO	-	-	-	-
	TIROL	HOSPICIO	78	78	312
	LAGOA SECA	-	-	-	-
SUBTOTAL		14	4.598	4.418	17.672
OESTE	QUINTAS	NOVO HORIZONTE / JAPÃO	***939	***939	3.756
		MOSQUITO	223	218	872
	NORDESTE	N. SRA. DAS VITÓRIAS	324	318	1.272
		CURTUME	158	155	620
	DIX-SEPT ROSADO	TREZE DE MAIO	490	464	1.856
		SALGADINHO / MARÉ	344	344	1.376
	BOM PASTOR	MERETO	335	335	1.340
		CRUZEIRO	39	39	156
		CAMBUIM	49	49	196
	N. SRA. DE NAZARÉ	-	-	-	-
		-	-	-	-
	FELIPE CAMARÃO	WILMA MAIA	126	126	504
		LAVADEIRAS	367	357	1.428
		BARREIROS	120	120	480
		TORRE OU ALTA TENSÃO	66	66	264
		FIO	284	284	1.136
	CIDADE DA ESPERANÇA	ALEMÃO	680	680	2.720
		-	-	-	-
	CIDADE NOVA	DETRAN	240	240	960
		PROMORAR	138	138	552
PALHA		114	114	456	
URUBU		37	37	148	
GUARAPES	ALTA TENSÃO	184	184	736	
	ALTO DO GUARAPES	377	377	1.508	
	SÍTIO GUARAPES	12	12	48	
	LENINGRADO	***255	***255	1.020	
PLANALTO	PLANALTO	74	74	296	
SUBTOTAL		24	5.975	5.925	23.700
PARQUE DAS DUNAS		-	-	-	-
TOTAL		66	19.200	18.632	74.528

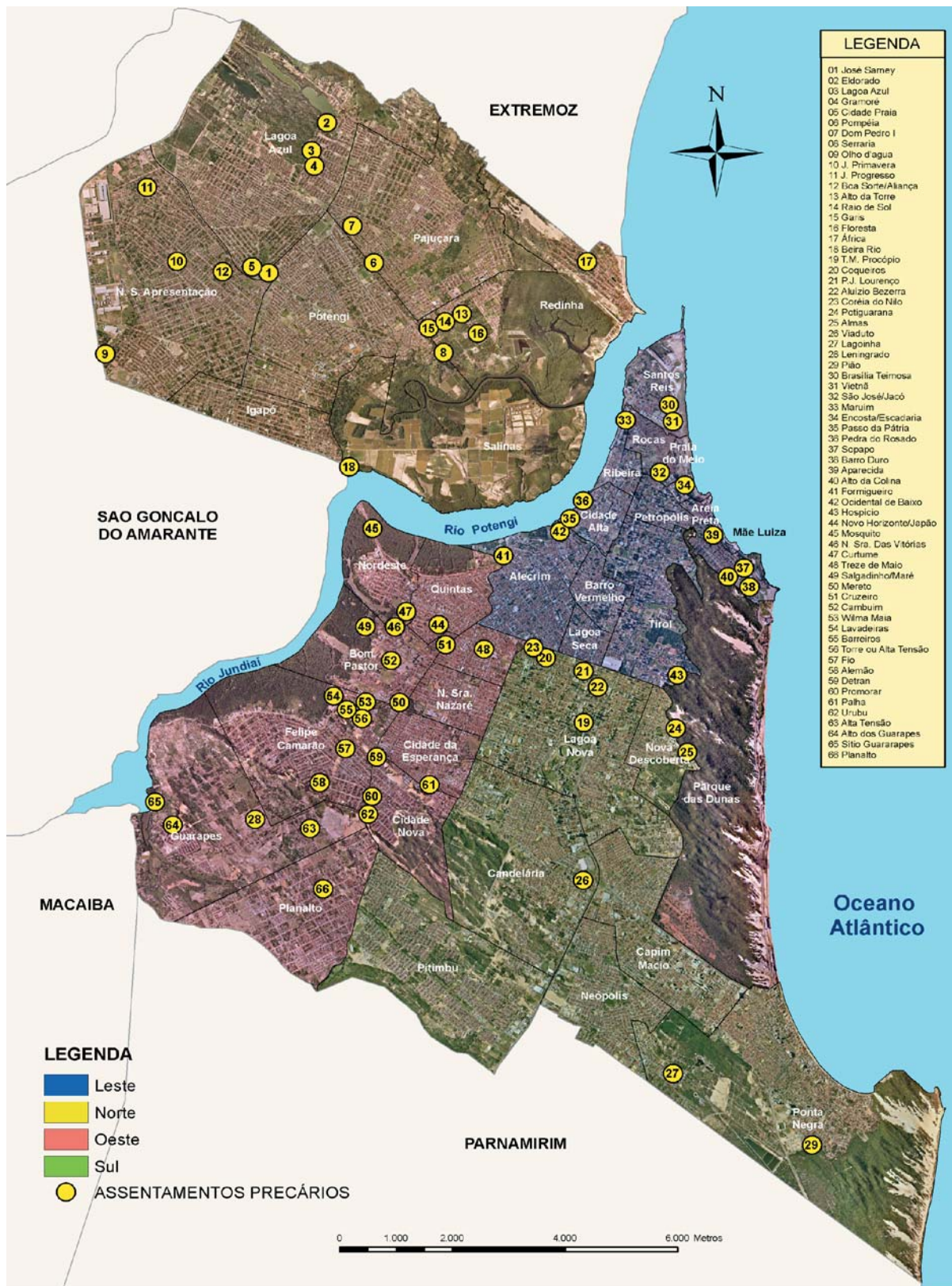
Fonte: Tabela elaborada pela SEMURB - Secretaria de Meio Ambiente e Urbanismo, com base nos dados da FADURPE - Fundação Apolônio Salles, da Universidade Rural de Pernambuco - 2005

* Estimativa elaborada pela FADURPE ** Estimativa elaborada pela SEMURB

*** Os dados sobre os assentamentos precários Novo Horizonte/Japão e Leningrado não constam na pesquisa da FADURPE; foram fornecidos pela SMS - Secretaria Municipal de Saúde



Mapa 26 - Assentamentos precários por área geográfica



Fonte: Mapa elaborado pela SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo, com base nos dados da SEMTAS - Secretaria Municipal de Trabalho e Assistência Social - 2005



19. NATAL E SUA REGIÃO METROPOLITANA



19.1 DADOS BÁSICOS

MUNICÍPIOS DA REGIÃO METROPOLITANA
CEARÁ-MIRIM
EXTREMOZ
MACAÍBA
MONTE ALEGRE
NATAL
NÍSIA FLORESTA
PARNAMIRIM
SÃO GONÇALO DO AMARANTE
SÃO JOSÉ DE MIPIBU

Fonte: SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo - 2008

19.1.1 Limites

- NORTE:** Municípios de Maxaranguape e Pureza;
- SUL:** Municípios de Senador Georgino Avelino, Arês, Espírito Santo, Jundiá, Brejinho, Lagoa de Pedras e Lagoa Salgada;
- LESTE:** Oceano Atlântico;
- OESTE:** Municípios de Taipu, Ilmo Marinho, São Pedro, Bom Jesus, e Januário Cicco.



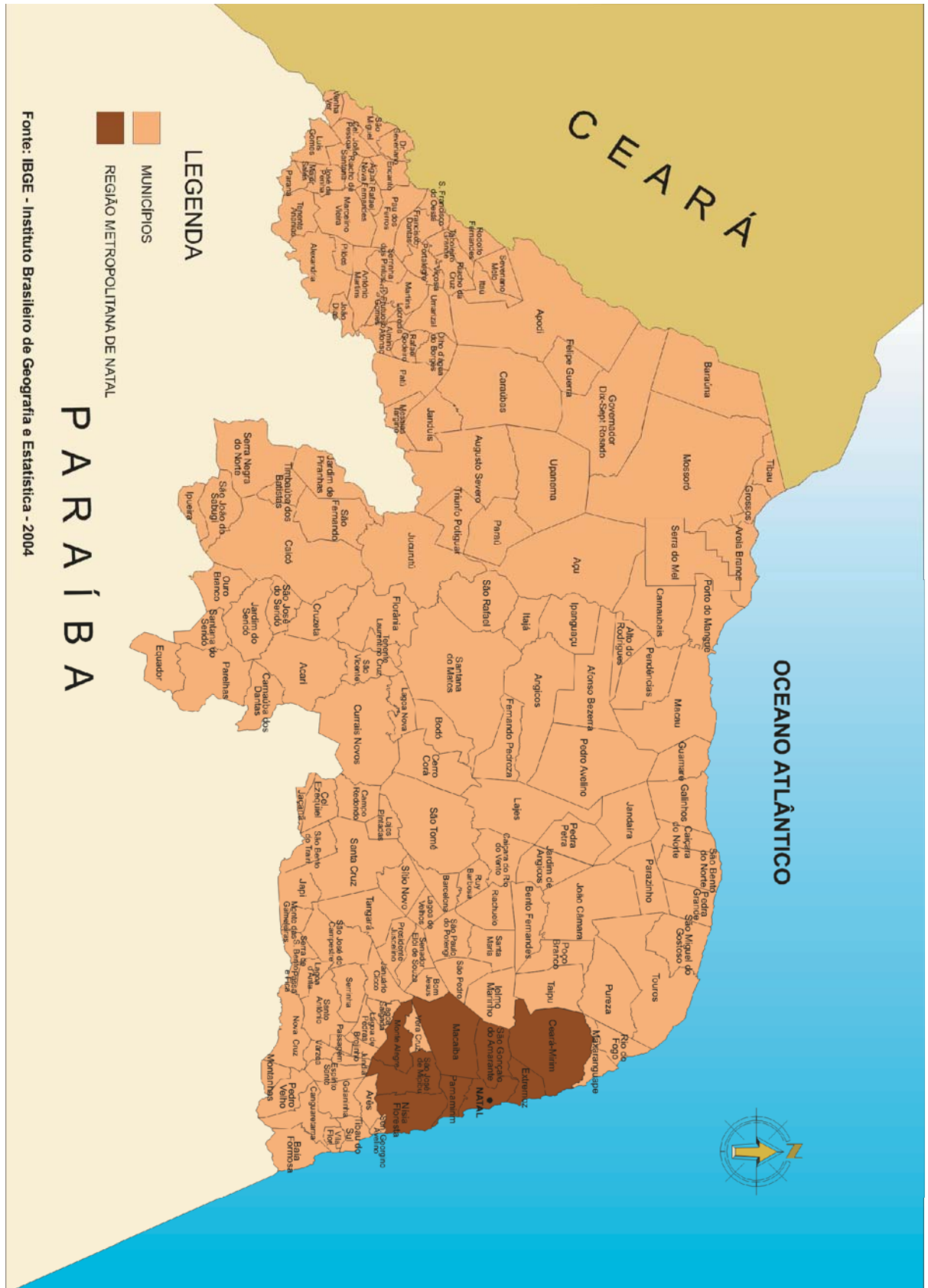
19.1.2 Localização geográfica, altitude dos municípios e distância rodoviária da capital às sedes municipais

MUNICÍPIOS	LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA		ALTITUDE DAS SEDES DOS MUNICÍPIOS (m)	DISTÂNCIA RODOVIÁRIA DA CAPITAL ÀS SEDES MUNICIPAIS (km)
	LATITUDE (S)	LONGITUDE (W)		
CEARÁ-MIRIM	5° 38' 04"	35° 25' 32"	33	28
EXTREMOZ	5° 42' 20"	35° 18' 26"	41	16
MACAÍBA	5° 51' 30"	35° 21' 14"	11	14
MONTE ALEGRE	6° 04' 04"	35° 19' 56"	52	34
NATAL	5° 47' 42"	35° 12' 34"	30	-
NÍSIA FLORESTA	6° 05' 28"	35° 12' 31"	20	35
PARNAMIRIM	5° 54' 56"	35° 15' 46"	53	12
SÃO GONÇALO DO AMARANTE	5° 47' 36"	35° 19' 46"	15	11
SÃO JOSÉ DE MIPIBU	6° 04' 29"	35° 14' 16"	58	31

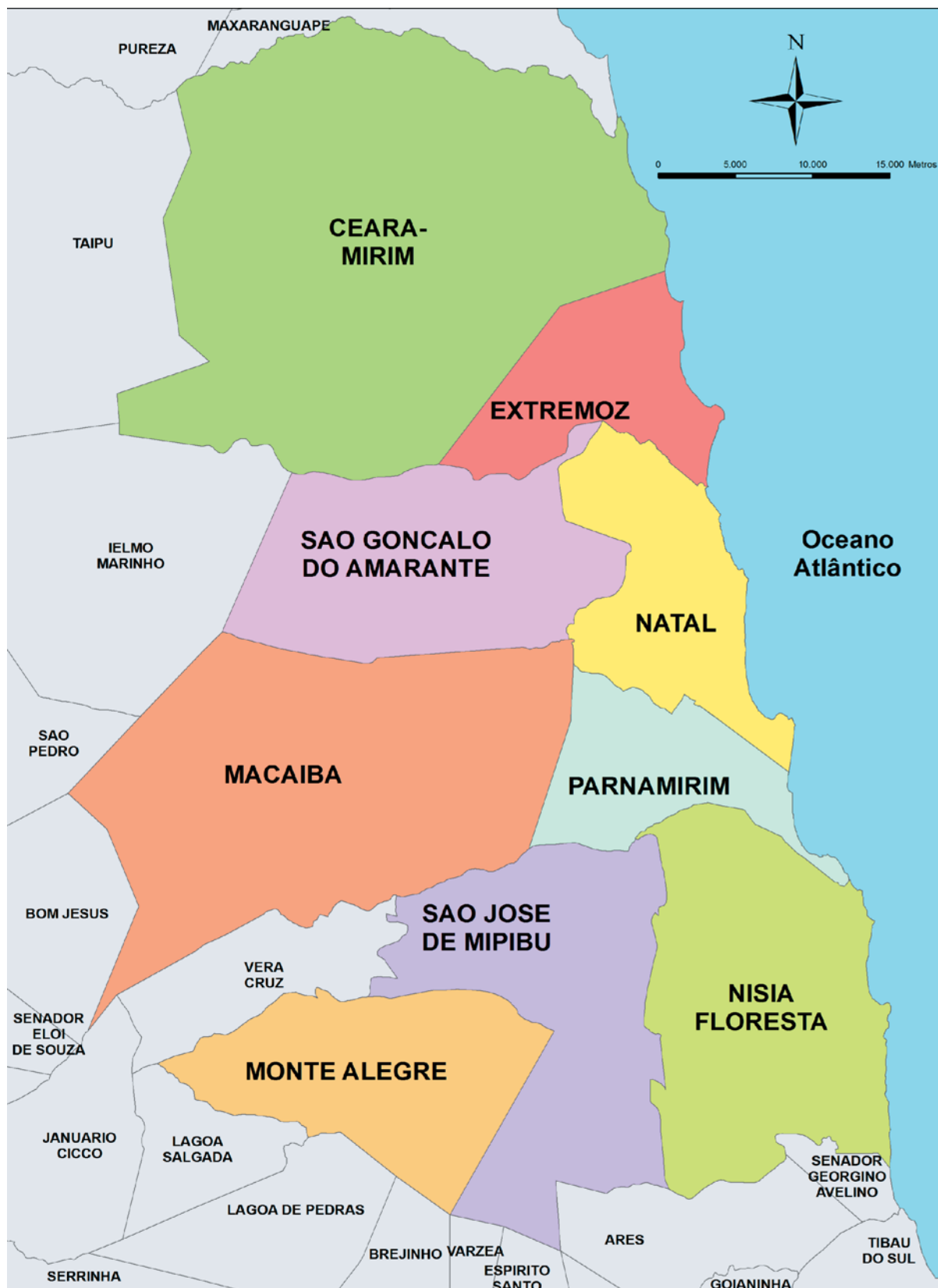
Fonte: Tabela elaborada pela SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo, com base nos dados do IDEMA - Instituto de Desenvolvimento Econômico e Meio Ambiente do Rio Grande do Norte: Anuário Estatístico do Rio Grande do Norte - 2006



Mapa 27 - Rio Grande do Norte - Região Metropolitana de Natal



Mapa 28 - Municípios da Região Metropolitana de Natal



270

Fonte: SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo - 2008



19.2 EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO (1991-2007)

MUNICÍPIOS	1991	1996	2000	2007
CEARÁ-MIRIM	52.157	57.983	62.424	65.450
EXTREMOZ	14.941	17.814	19.572	21.792
MACAÍBA	43.450	46.655	54.883	63.337
MONTE ALEGRE	15.871	16.303	18.874	20.590
NATAL	606.887	656.037	712.317	774.230
NÍSIA FLORESTA	13.934	15.817	19.040	22.906
PARNAMIRIM	63.312	86.177	124.690	172.751
SÃO GONÇALO DO AMARANTE	45.461	56.825	69.435	77.363
SÃO JOSÉ DE MIPIBU	28.151	31.917	34.912	36.990
TOTAL	884.164	985.528	1.116.147	1.255.409

Fonte: Tabela elaborada pela SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo - Natal e sua Região Metropolitana, com base nos dados do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - 1991; 1996; 2000; 2007.

19.3 MUNICÍPIOS INSTALADOS, POR LEI DE CRIAÇÃO E DESMEMBRAMENTO

MUNICÍPIOS	LEI DE CRIAÇÃO		DESMEMBRADO DE
	NÚMERO	DATA	
CEARÁ-MIRIM	837	09/06/1882	NATAL
EXTREMOZ	2.876	04/04/1963	CEARÁ-MIRIM
MACAÍBA	801	27/10/1877	SÃO GONÇALO (EXTINTO)
MONTE ALEGRE	929	25/11/1953	SÃO JOSÉ DE MIPIBU
NATAL	-	25/12/1599	-
NÍSIA FLORESTA	242	18/02/1852	SÃO JOSÉ DE MIPIBU
PARNAMIRIM	2.325	17/12/1958	NATAL
SÃO GONÇALO DO AMARANTE	2.323	11/12/1958	MACAÍBA
SÃO JOSÉ DE MIPIBU	ALVARÁ	03/05/1758	-

Fonte: Tabela elaborada pela SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo, com base nos dados do IDEMA - Instituto do Desenvolvimento Econômico e Meio Ambiente do Rio Grande do Norte - Anuário Estatístico do Rio Grande do Norte - 2006

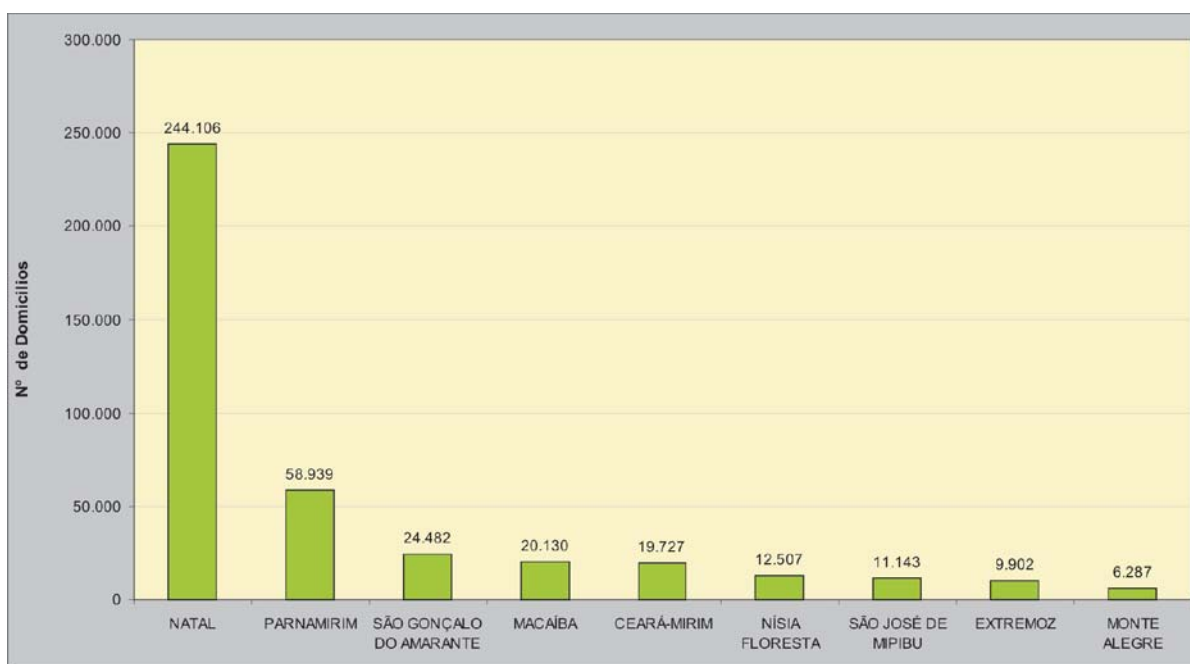


19.4 ÁREA, DOMICÍLIOS OCUPADOS, POPULAÇÃO RESIDENTE E DENSIDADE DEMOGRÁFICA

MUNICÍPIOS	ÁREA (km ²)	DOMICÍLIOS PARTICULARES PERMANENTES	POPULAÇÃO RESIDENTE	DENSIDADE DEMOGRÁFICA (HAB/km ²)	TAXA DE CRESCIMENTO ANUAL - 2000 A 2007 (%)
CEARÁ-MIRIM	739,68	19.727	65.450	88,48	0,68
EXTREMOZ	125,67	9.902	21.792	173,41	1,55
MACAÍBA	512,48	20.130	63.337	123,59	2,07
MONTE ALEGRE	199,52	6.287	20.590	103,20	1,25
NATAL	170,30	244.106	774.230	4546,27	1,20
NÍSIA FLORESTA	306,05	12.507	22.908	74,84	2,68
PARNAMIRIM	120,20	58.939	172.751	1437,20	4,77
SÃO GONÇALO DO AMARANTE	251,31	24.482	77.363	307,84	1,56
SÃO JOSÉ DE MIPIBU	293,88	11.143	36.990	125,87	0,83
TOTAL DA RMN	2.719,11	407.223	1.255.409	461,70	1,69

Fonte: Tabela elaborada pela SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo, com base nos dados do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - Contagem populacional 2007.

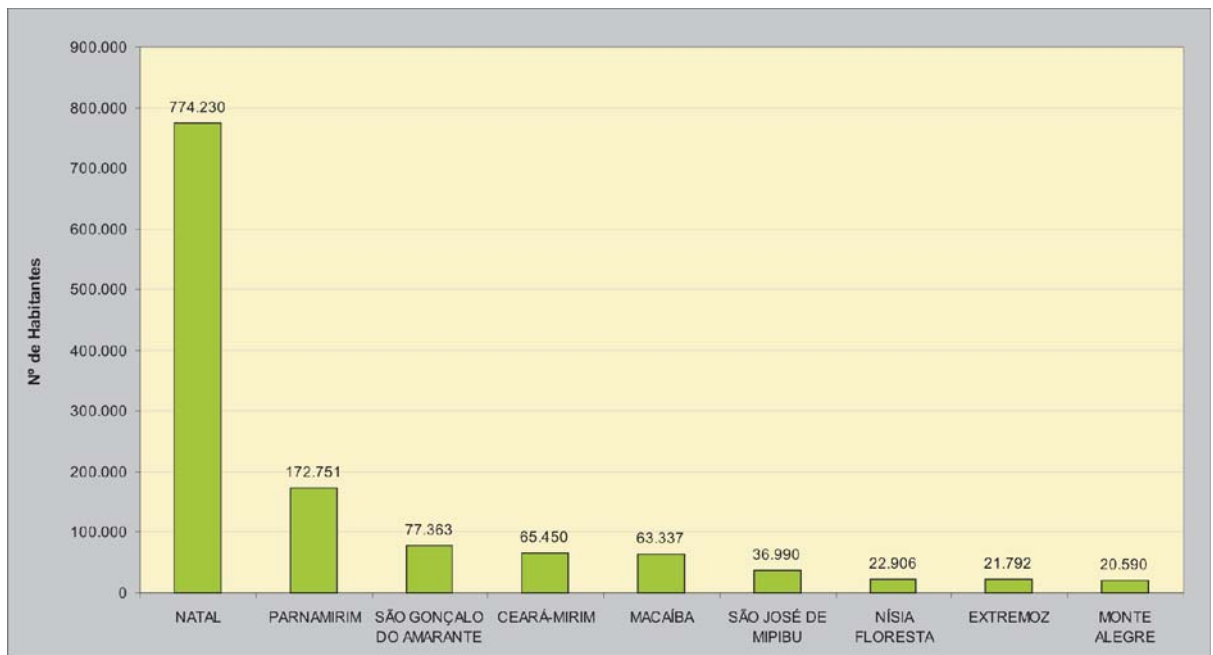
Gráfico 31 - Domicílios particulares permanentes dos municípios da Região Metropolitana de Natal



Fonte: IBGE - Instituto de Geografia e Estatístico - Contagem populacional 2007.

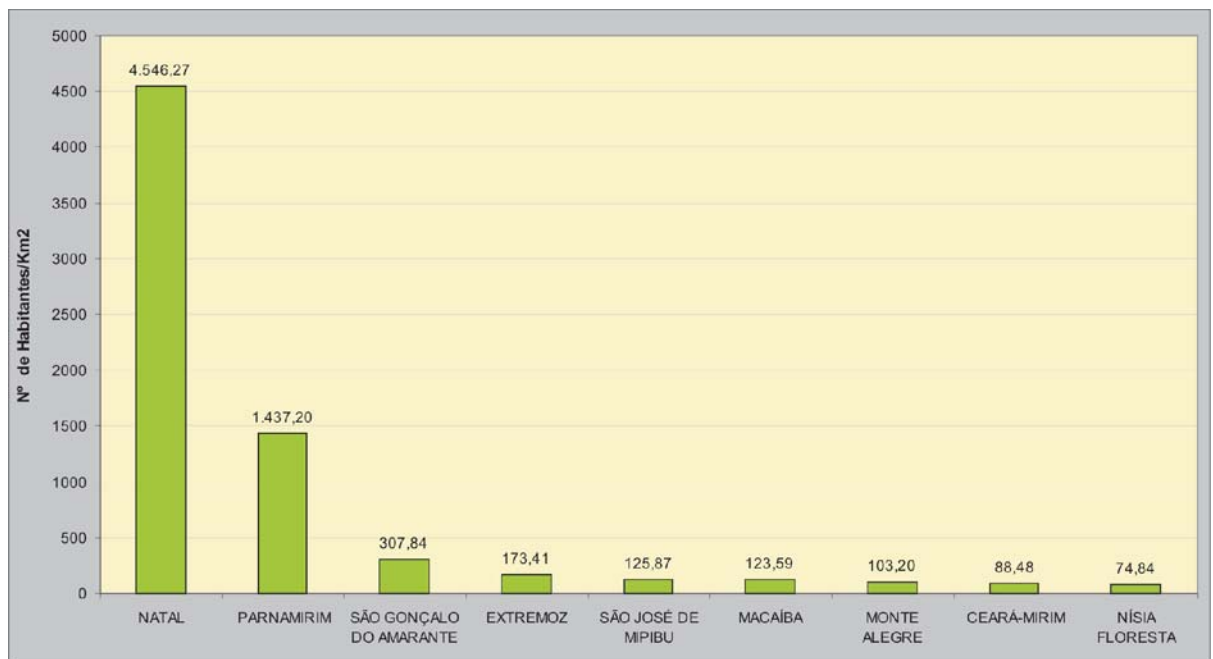


Gráfico 32 - População residente nos municípios da Região Metropolitana de Natal



Fonte: IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - Contagem populacional 2007.

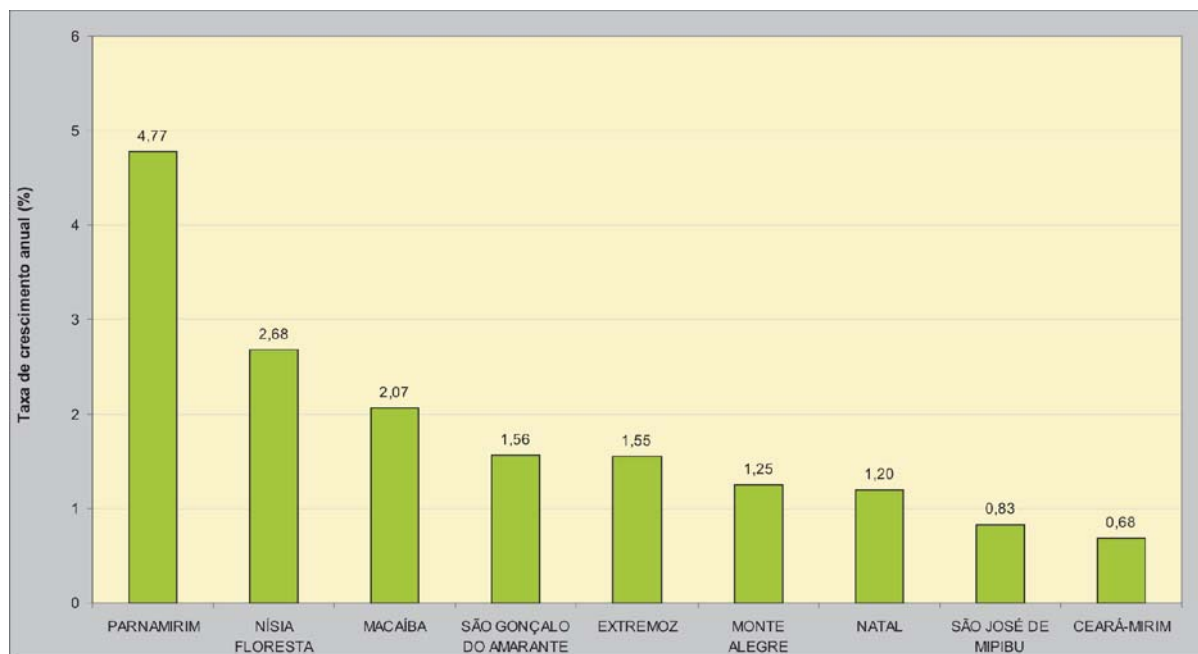
Gráfico 33 - Densidade demográfica dos municípios da Região Metropolitana de Natal



Fonte: IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - Contagem populacional 2007.



Gráfico 34 - Taxa de crescimento anual da Região Metropolitana de Natal (1991 - 2000)



Fonte: IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - Contagem populacional 2007.

19.5 Produto interno bruto

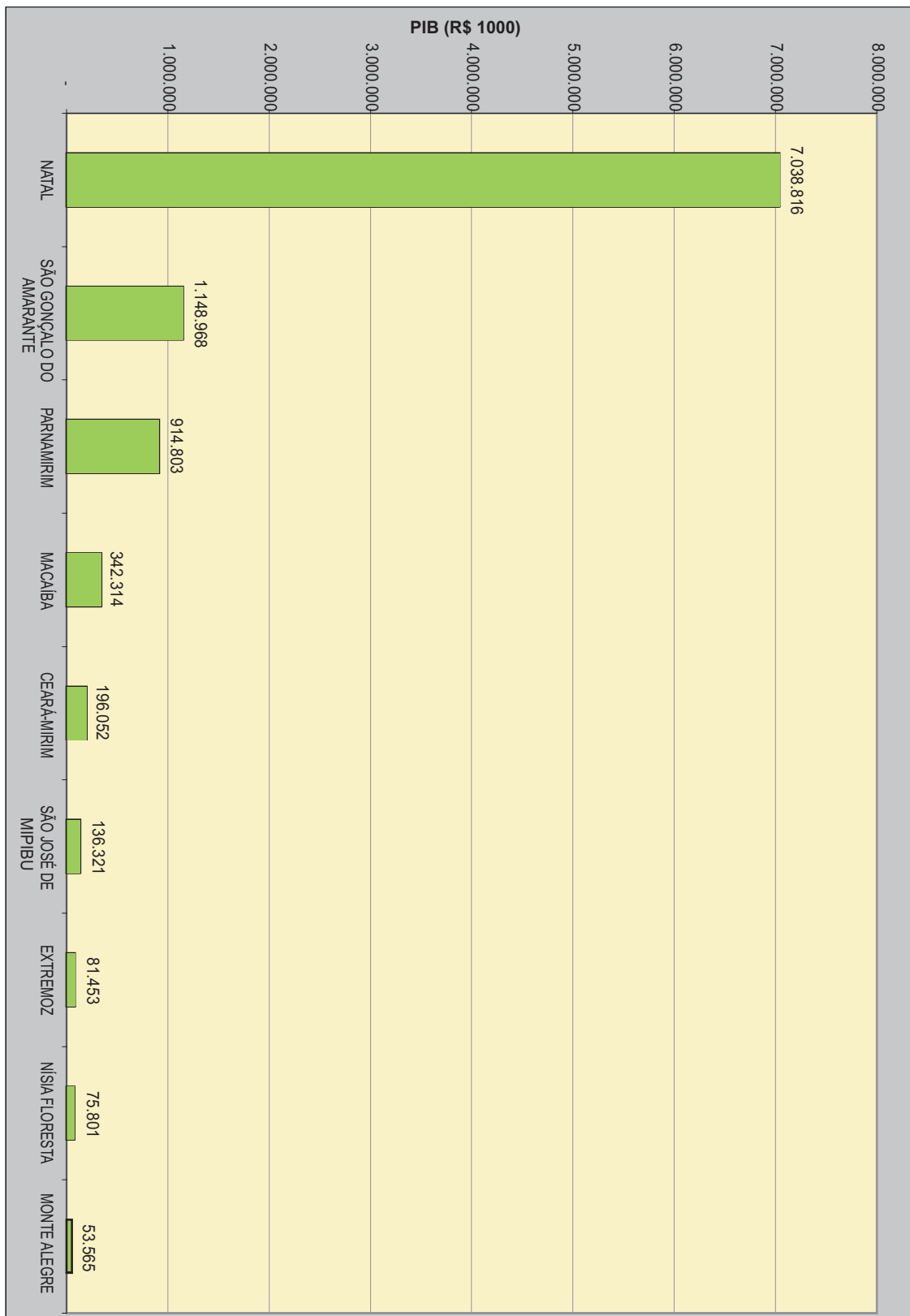
PIB DOS MUNICÍPIOS DA RMN – 2005			
MUNICÍPIOS	PIB A preços correntes (1000 R\$)	POSIÇÃO EM RELAÇÃO	
		À REGIÃO METROPOLITANA	À UNIDADE DA FEDERAÇÃO
CEARÁ-MIRIM	198.052	5º	12º
EXTREMOZ	81.453	7º	26º
MACAÍBA	342.314	4º	6º
MONTE ALEGRE	53.505	9º	37º
NATAL	7.038.816	1º	1º
NÍSIA FLORESTA	75.801	8º	30º
PARNAMIRIM	914.803	3º	4º
SÃO GONÇALO DO AMARANTE	1.148.988	2º	3º
SÃO JOSÉ DE MIPIBU	136.321	6º	15º

Fonte: Tabela elaborada pela SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo, com base nos dados do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - 2007

NOTA: Dados sujeitos a revisão.



Gráfico 35 - PIB dos municípios da Região Metropolitana de Natal - 2005



Fonte: IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - 2007

NOTA: Dados sujeitos a revisão.



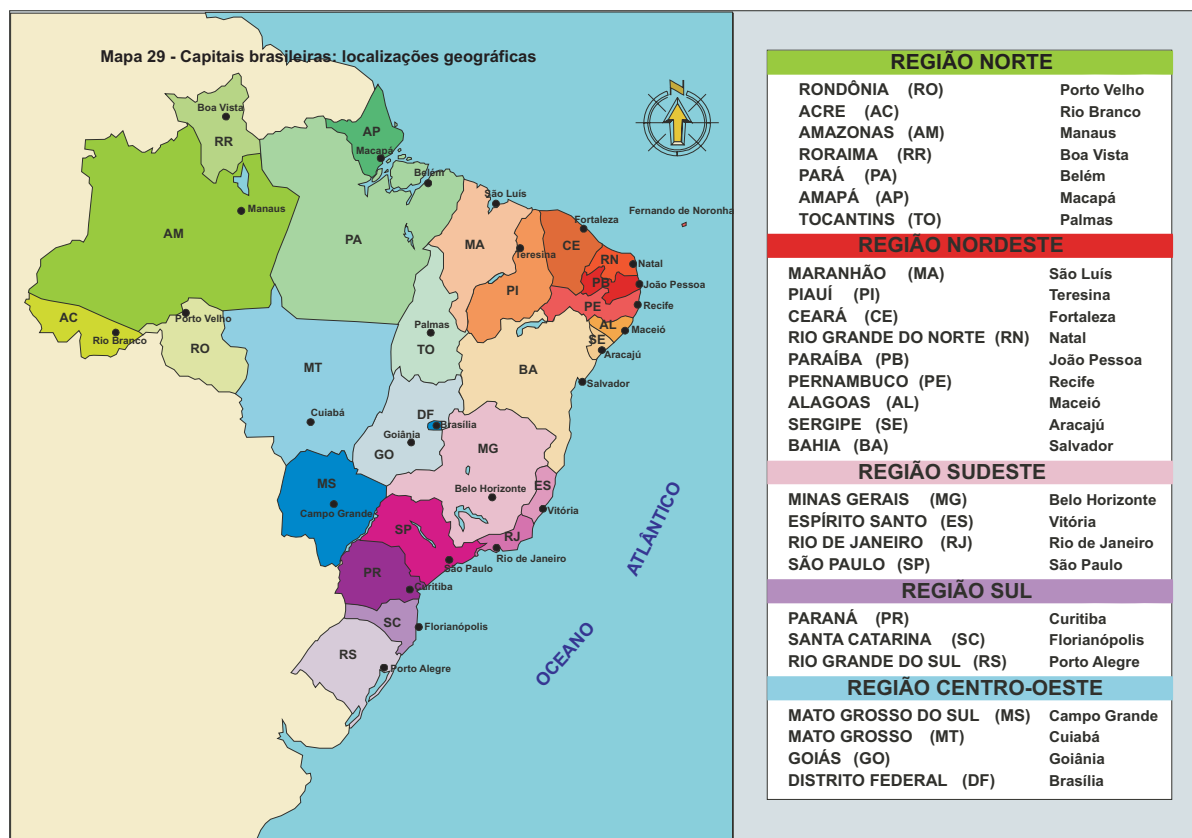
20. NATAL E AS CAPITAIS BRASILEIRAS: INDICADORES SOCIOECONÔMICOS



20.1 CARACTERIZAÇÃO DAS CAPITAIS BRASILEIRAS

REGIÃO	CAPITAIS	ANO DE INSTALAÇÃO	ÁREA (km²)*	ALTITUDE DA SEDE (METROS)	DOMICÍLIOS PARTICULARES PERMANENTES*	POPULAÇÃO RESIDENTE	DENSIDADE DEMOGRÁFICA (HAB/Km²)	POPULAÇÃO EM 2007
NORTE	PORTO VELHO	1943	34.082,37	85	83.682	334.661	9,82	380.974
	RIO BRANCO	1904	9.222,58	153	64.078	253.059	27,44	314.127
	MANAUS	1833	11.401,06	92	326.852	1.405.835	123,31	1.688.524
	BOA VISTA	1943	5.687,06	85	48.753	200.568	35,27	249.655
	BELÉM	1616	1.064,92	10	296.352	1.280.614	1202,54	1.428.368
	MACAPÁ	1943	6.407,12	16	60.400	283.308	44,22	368.367
NORDESTE	PALMAS	1989	2.218,93	230	35.047	137.355	61,90	220.889
	SÃO LUÍS	1612	827,14	24	202.231	870.028	1051,85	998.385
	TERESINA	1832	1.755,70	72	169.771	715.360	407,45	801.971
	FORTALEZA	1725	313,14	21	526.079	2.141.402	6838,48	2.416.920
	NATAL	1599	170,3	30	177.783	712.317	4182,72	789.896
	JOÃO PESSOA	1585	210,55	47	151.865	597.934	2839,87	672.081
	RECIFE	1709	217,49	4	376.022	1.422.905	6542,39	1.515.052
	MACEIÓ	1815	510,66	16	199.734	797.759	1562,21	922.458
	ARACAJU	1855	174,05	4	116.689	461.534	2651,73	505.286
SUDESTE	SALVADOR	1549	706,8	8	651.293	2.443.107	3456,57	2.714.018
	BELO HORIZONTE	1893	330,95	858	628.447	2.238.526	6763,94	2.399.920
	VITÓRIA	1823	93,38	3	85.558	292.304	3130,26	317.085
	RIO DE JANEIRO	1975	1.182,30	2	1.802.347	5.857.904	4954,67	6.136.652
SUL	SÃO PAULO	1554	1.522,99	760	2.985.977	10.434.252	6851,16	11.016.703
	CURITIBA	1693	434,97	934	471.163	1.587.315	3649,25	1.788.559
	FLORIANÓPOLIS	1726	433,32	3	103.820	342.315	789,98	406.564
CENTRO-OESTE	PORTO ALEGRE	1809	496,83	3	440.557	1.360.590	2738,54	1.440.939
	CAMPO GRANDE	1899	8.096,05	532	185.575	663.621	81,97	765.247
CENTRO-OESTE	GOIÂNIA	1935	739,49	749	313.708	1.093.007	1478,06	1.220.412
	BRASÍLIA	1960	5.801,94	1.171	547.656	2.051.146	353,53	2.383.784
	GOIÂNIA	1935	739,49	749	313.708	1.093.007	1478,06	1.220.412
	BRASÍLIA	1960	5.801,94	1.171	547.656	2.051.146	353,53	2.383.784

Fonte: Tabela elaborada pela SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo, com base nos dados do IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil - 2000 * IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - Contagem populacional 2007.



20.2 PRODUTO INTERNO BRUTO DOS MUNICÍPIOS DAS CAPITALIS - POSIÇÃO EM RELAÇÃO ÀS DEMAIS CAPITALIS, À UNIDADE DA FEDERAÇÃO E AO PAÍS - 2005

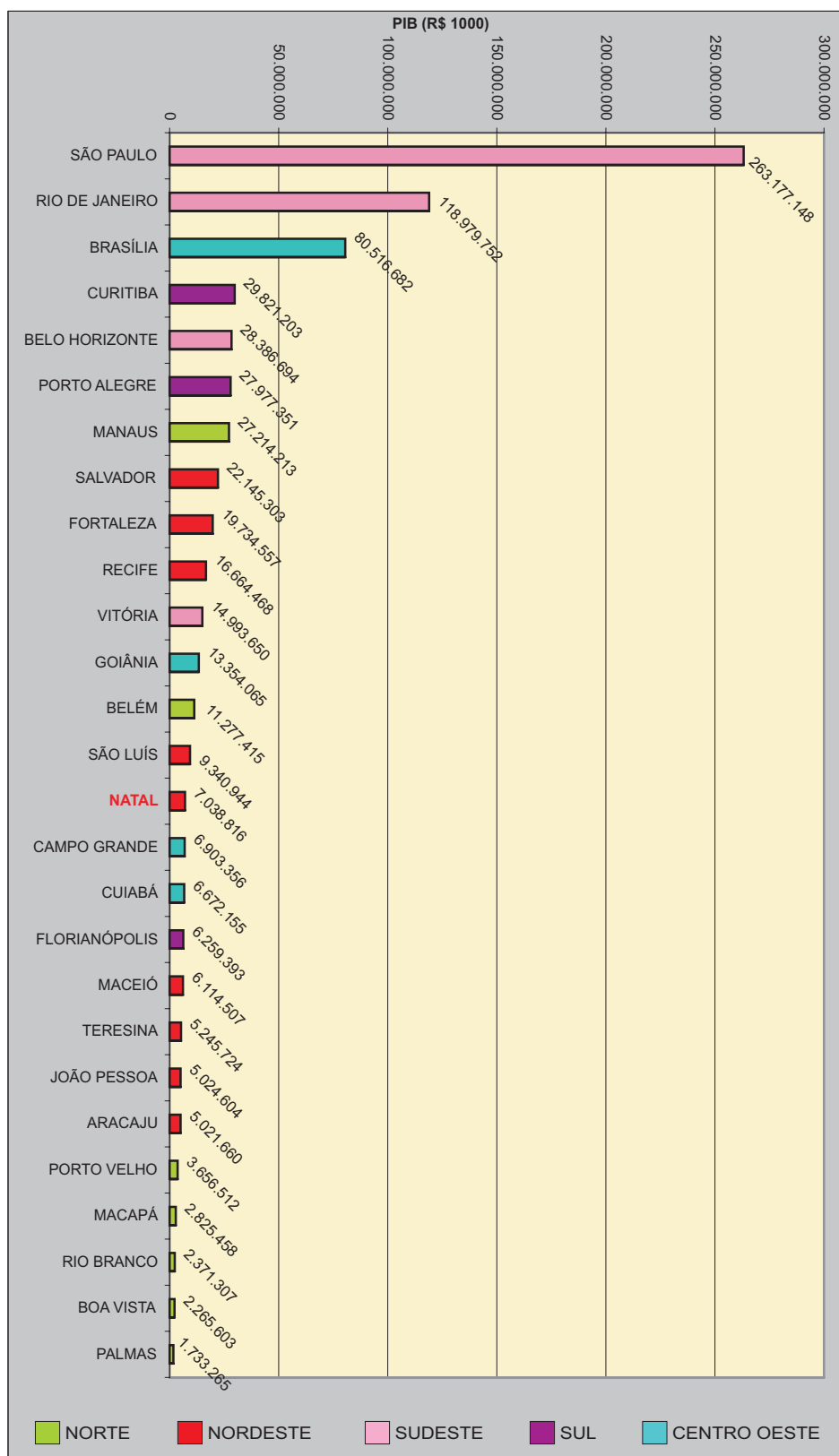
REGIÃO	PIB DOS MUNICÍPIOS DAS CAPITALIS - POSIÇÃO EM RELAÇÃO ÀS CAPITALIS, À UNIDADE DA FEDERAÇÃO E AO PAÍS - 2005				
	MUNICÍPIOS DAS CAPITALIS	PIB (R\$ 1000)	POSIÇÃO EM RELAÇÃO		
			ÀS DEMAIS CAPITALIS	À UNIDADE DA FEDERAÇÃO	AO PAÍS
NORTE	PORTO VELHO	3.656.512	23º	1º	84º
	RIO BRANCO	2.371.307	25º	1º	131º
	MANAUS	27.214.213	7º	1º	7º
	BOA VISTA	2.265.603	26º	1º	137º
	BELÉM	11.277.415	13º	1º	23º
	MACAPÁ	2.825.458	24º	1º	104º
	PALMAS	1.733.265	27º	1º	178º
NORDESTE	SÃO LUÍS	9.340.944	14º	1º	29º
	TERESINA	5.245.724	20º	1º	58º
	FORTALEZA	19.734.557	9º	1º	12º
	NATAL	7.038.816	15º	1º	39º
	JOÃO PESSOA	5.024.604	21º	1º	60º
	RECIFE	16.664.468	10º	1º	17º
	MACEIÓ	6.114.507	19º	1º	50º
	ARACAJU	5.021.660	22º	1º	61º
SALVADOR	22.145.303	8º	2º	9º	
SUDESTE	BELO HORIZONTE	28.386.694	5º	1º	5º
	VITÓRIA	14.993.650	11º	1º	19º
	RIO DE JANEIRO	118.979.752	2º	1º	2º
	SÃO PAULO	263.177.148	1º	1º	1º
SUL	CURITIBA	29.821.203	4º	1º	4º
	FLORIANÓPOLIS	6.259.393	18º	2º	48º
	PORTO ALEGRE	27.977.351	6º	1º	6º
CENTRO-OESTE	CAMPO GRANDE	6.903.356	16º	1º	41º
	CUIABÁ	6.672.155	17º	1º	44º
	GOIÂNIA	13.354.065	12º	1º	21º
	BRASÍLIA	80.516.682	3º	1º	3º

Fonte: Tabela elaborada pela SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo, com base nos dados do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - 2007.

NOTA: Dados sujeitos a revisão.



Gráfico 36 - PIB dos municípios das capitais brasileiras - 2005



Fonte: Gráfico elaborado pela SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo, com base nos dados do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - 2007



REFERÊNCIAS

ACQUA-PLAN - **Estudos Projetos e Consultoria**. Plano diretor de drenagem de Natal. Recife: AQUA-PLAN, 1982.

AYOADE, J. O. **Introdução à climatologia para os trópicos**. São Paulo: Diefel, 1986.

BARROS, Maria Lúcia Cavalcante Moreira de. **Estudo da vulnerabilidade e riscos de contaminação dos aquíferos de Natal-RN pelos sistemas de esgotamento sanitário e drenagem pluvial**. 2003. 263 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Sanitária) - Curso de Pós-graduação em Engenharia Sanitária, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2003.

BRASIL. Ministério da Agricultura e Interior. **Levantamento exploratório do Estado do Rio Grande do Norte**. Recife: SUDENE, 1971. 531p. (Boletim 21).

BRASIL. Senado Federal. **Constituição de 1988**. Brasília: Senado Federal, 2000.

BUENO, Almir de Carvalho. **Visões de República**: idéias e práticas políticas no Rio Grande do Norte (1880-1895). Natal: EDUFRN, 2002.

CASCUDO, Luís da Câmara. **História da Cidade do Natal**. Natal: RN Econômico, 1999.

_____. O novo plano da cidade: a cidade. In: ARRAIS, Raimundo (Org.). **Crônicas de Origem**: a cidade de Natal nas crônicas cascudianas dos anos 20. Natal: EDUFRN, 2005, p. 139-143.

_____. **Olhos da cidade...** . Disponível em: <<http://www.memoriaviva.com.br/cascudo/blog/acjun05.htm>> . Acesso em: 14 abr. 2008.

COMISSÃO DE SANEAMENTO DE NATAL. **A República**, Natal, p.1, 17 de maio de 1924.

CURITIBA. Prefeitura Municipal. **Plano Diretor 2004**: O planejamento urbano de Curitiba. Curitiba, [s.n], 2004.

DANTAS, George Alexandre Ferreira. Crise urbana em Natal na virada para os anos 1920: impasses da modernização e saberes técnicos. **Revista de pesquisa em arquitetura e urbanismo da USP**, São Paulo, nº 03, p. 66-85, fevereiro/2006.

DANTAS, Manoel. **Natal daqui a cinquenta anos**. Natal: Fundação José Augusto, 1996.

ECOPLAN. **Estudo de Impacto Ambiental (EIA) da Estrada Referente ao Prolongamento da Avenida Prudente de Moraes, Natal, RN**. Natal: Ecoplan, 1994.



FERNANDES, Anchieta. Introdução. In: DANTAS, Manoel. **Natal daqui a cinquenta anos**. Natal: Fundação José Augusto, 1970. p. 3.

FERNANDES, Jorge. **Livro de Poemas**. Natal: Fundação José Augusto, 1970.

FERREIRA, Ângela Lúcia; DANTAS, Ana Caroline; EDUARDO, Anna Rachel. De “bairro jardim” a “favela”. In: FERREIRA, Ângela Lúcia; DANTAS, George. **Surge et ambula**: a construção de uma cidade moderna (Natal, 1890-1940). Natal: EDUFRN, 2006, p. 169-198.

FERREIRA, Ângela Lúcia; DANTAS, George. Os “indesejáveis” na cidade. In: _____. (Orgs.). **Surge et ambula**: a construção de uma cidade moderna (Natal, 1890-1940). Natal: EDUFRN, 2006. p. 45-68.

FUNDAÇÃO APOLÔNIO SALES. **Relatório da pesquisa de campo**. Recife: [s.n.], 2005.

GALVÃO, Mailde Pinto. **1964**: aconteceu em abril. Natal: Ed. Clima, 1994.

GUIMARÃES, João Amorim. **Natal do meu tempo**: crônica da cidade do Natal. Natal: FIERN-SESI, 1999.

GURGEL, Deífilo. **Espaço e tempo do folclore Potiguar**. Natal: Prefeitura de Natal, 1999.

GURGEL, Deífilo. **Os bens aventurados**. Natal: RN Econômico, 2005.

HIDROSERVICE - ENGENHARIA LTDA. **Plano estadual de recursos hídricos**. São Paulo: Secretaria de Estado dos Recursos Hídricos, 1999. 263 p.

IDEMA - INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E MEIO AMBIENTE. **Perfil do seu município**: Natal. Natal: IDEMA, 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2000**: características da população e dos domicílios. Rio de Janeiro, 2001.

_____. **Produto interno bruto dos municípios**: 2002-2005. Rio de Janeiro, 2007. (Contas Nacionais nº 22)

INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS APLICADAS. **Novo Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil**. Disponível em: <<http://www.undp.org.br>>. Acesso em ago. 2005.

IPT - INSTITUTO DE PESQUISA TECNOLÓGICA DO ESTADO DE SÃO PAULO S/A. **Reconhecimento hidrogeológico e estudo sobre a qualidade atual das águas subterrâneas da grande Natal**. São Paulo: IPT, 1981. v. 1. 104 p. (Relatório nº 14.813).

JOHNSON, Eduard E. **Água subterrânea e poços tubulares**. 3ª ed. São Paulo: CETESB, 1978. 482p.



LIMA, Pedro de. **Luís da Câmara Cascudo e a questão urbana em Natal**. Natal: EDUFRN, 2006.

_____. **Natal século XX: do urbanismo ao planejamento urbano**. Natal: EDUFRN, 2001.

_____. **Saneamento e modernização em Natal**: Januário Cicco, 1920. Natal: Sebo Vermelho, 2003.

MARIZ, Marlene da Silva; SUASSUNA, Luiz Eduardo Brandão. **História do Rio Grande do Norte**. Natal: Sebo Vermelho, 2000.

MELLO, Pedro de Alcântara. **Natal de Ontem**: figuras e fatos de minha geração. Natal: Sebo Vermelho, 2006. Edição fac-similar.

MELO, J. G. de. Impacto do desenvolvimento urbano nas águas subterrâneas de Natal. 1995. 196 f. Tese (Doutorado em Recursos Minerais e Hidrogeologia) - Curso de Pós-graduação em Geociências, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

MELO, Veríssimo de. Natal 100 anos passados. In: EMERICIANO, João Gotardo (Org.). **Natal não-há-tal**: Aspectos da história da cidade do Natal. Natal: Secretária Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo; Departamento de Informação, Pesquisa e Estatística, 2007. p. 44-52.

MELO, Veríssimo de. Xarias e canguleiros. In: SOUZA, Carlos de; ARAÚJO, Carlos Magno; VASCONCELOS, Osair (Orgs.). **Crônicas natalenses**. Natal: EDUFRN, 1999. p. 199-201.

MIRANDA, João Maurício Fernandes de. Evolução urbana de Natal em 400 anos: 1599 - 1999. Natal: Iarte, 1999. (Coleção Natal 400 anos).

MONTEIRO, Denise Mattos. **Introdução à história do Rio Grande do Norte**. Natal: EDUFRN, 2000.

NATAL, Prefeitura Municipal do. **Lei nº 04** de 02 de setembro de 1929. Dispõe sobre construções [...] e dá outras providências. Rio de Janeiro: Alba, s/d.

_____. **Plano Diretor da Cidade do Natal**. Natal: [s.n.], 1974.

_____. Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo. **Natal ontem e hoje**. Natal: Departamento de Informação, Pesquisa e Estatística, 2006.

_____. **(Re) desenhando a rede de saúde na cidade do Natal**. Natal: Secretaria Municipal de Saúde, 2007.

_____. **Circuito histórico, turístico e cultural de Natal**. Natal: Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo, 2003.

NATAL. Câmara Municipal. **Vereadores**. Disponível em: <<http://www.cmnat.rn.gov.br/vereadores.asp>>. Acesso em: 29 fev. 2008.



NESI, Jeanne Fonseca Leite. **Natal Monumental**. Natal: Fundação José Augusto; APEC, 1994.

OLIVEIRA, Giovana Paiva de. A conferência de Manoel Dantas. In: FERREIRA, Ângela Lúcia; DANTAS, George (Orgs.). **Surge et ambula**: a construção de uma cidade moderna (Natal, 1890-1940). Natal: EDUFRN, 2006, p. 107-119.

ONOFRE JR, Manoel. **Guia da cidade do Natal**. Natal: EDUFRN, 2002.

RIO GRANDE DO NORTE. Governo do Estado. Instituto de Desenvolvimento Econômico e Meio Ambiente do Rio Grande do Norte. **Anuário Estatístico do Rio Grande do Norte - 2006**. Disponível em: <<http://www.rn.gov.br/secretarias/idema/anuario.asp>>. Acesso em: 27 abril 2008.

_____. Lei complementar nº 7, de 05 de agosto de 1994. Dispõe sobre o Plano Diretor de Natal e dá outras providências. **Diário Oficial [do] Estado do Rio Grande do Norte**, Poder Executivo, Natal, RN, 07 de setembro de 1994 (Edição especial).

SILVA, A. Campos e. **O Grupo Barreiras na região de Natal**. Natal: UFRN, 1969.

SILVA, Alexsandro Ferreira C. **Planos urbanos em Natal**. Natal, 5p. (trabalho não publicado)

_____. Uma cidade para o futuro. In: FERREIRA, Ângela Lúcia; DANTAS, George (Orgs.). **Surge et ambula**: a construção de uma cidade moderna (Natal, 1890-1940). Natal: EDUFRN, 2006, p. 283-301.

SILVA, José Afonso da. **Direito urbanístico brasileiro**. São Paulo: Malheiros Editores, 1995.

SOUZA, Eloy Castriciano de. **Costumes locais**. 2 ed. Natal: Sebo Vermelho; Verbo, 1999.

SUDENE. **Dados pluviométricos do Rio Grande do Norte**. Recife: SUDENE, 1990. (Série Pluviométrica).

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE. Fundação Norte Rio-Grandense de Pesquisa e Cultura. Departamento de Geografia. **Plano de manejo da ZPA-01**. Natal, 167p. (trabalho não publicado).

VIANELO, Rubens Leite; ALVES, A. R. **Meteorologia básica e aplicações**. Viçosa: UFV, 1991.

VILAÇA, José Gilson et al. Geologia ambiental da área costeira de Ponta de Búzios a Barra de Maxaranguape - RN. In: **ATAS DO XII SIMPÓSIO DE GEOLOGIA DO NORDESTE**, 10, 1986, João Pessoa. Boletim da sociedade brasileira de Geologia - Núcleo Nordeste. João Pessoa: [s.n.], 1986. 220-227.

VILAÇA, José Gilson. **Geologia ambiental costeira da região de Extremoz (RN)**. 1985. 265 f. Monografia (Bacharel em Geologia) - Curso de Graduação em Geologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1985.

WILHEIM, Jorge. **Urbanismo no Subdesenvolvimento**. Rio de Janeiro: Ed. Saga, 1969.





ANEXO I - MAPAS AEROFOTOGRAMÉTRICOS

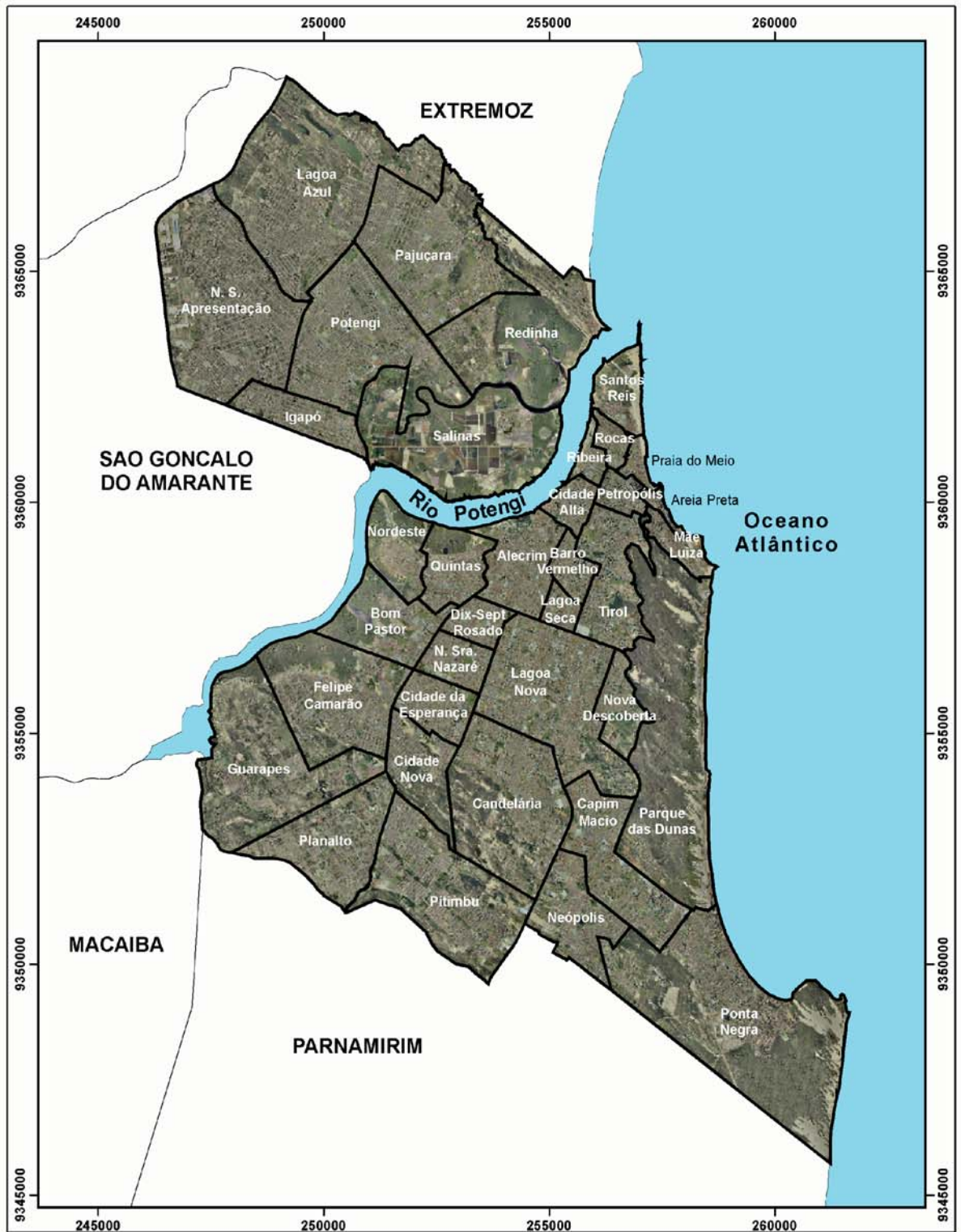
Mapas Aerofotogramétricos

NATAL – Mapa Geral	291
REGIÃO ADMINISTRATIVA NORTE	292
Lagoa Azul	293
Pajuçara	294
Potengi	295
Nossa Senhora da Apresentação	296
Redinha	297
Igapó	298
Salinas	299
REGIÃO ADMINISTRATIVA SUL	300
Lagoa Nova	301
Nova Descoberta	302
Candelária	303
Capim Macio	304
Pitimbu	305
Neópolis	306
Ponta Negra	307
REGIÃO ADMINISTRATIVA LESTE	308
Santos Reis	309
Rocas	310
Ribeira	311
Praia do Meio	312
Cidade Alta	313
Petrópolis	314
Areia Preta	315
Mãe Luíza	316
Alecrim	317
Barro Vermelho	318
Tirol	319
Lagoa Seca	320



REGIÃO ADMINISTRATIVA OESTE	321
Quintas	322
Bairro Nordeste	323
Dix-Sept Rosado	324
Bom Pastor	325
Nossa Senhora de Nazaré	326
Felipe Camarão	327
Cidade da Esperança	328
Cidade Nova	329
Guarapes	330
Planalto	331
ZPA-02 – Parque da Dunas	332





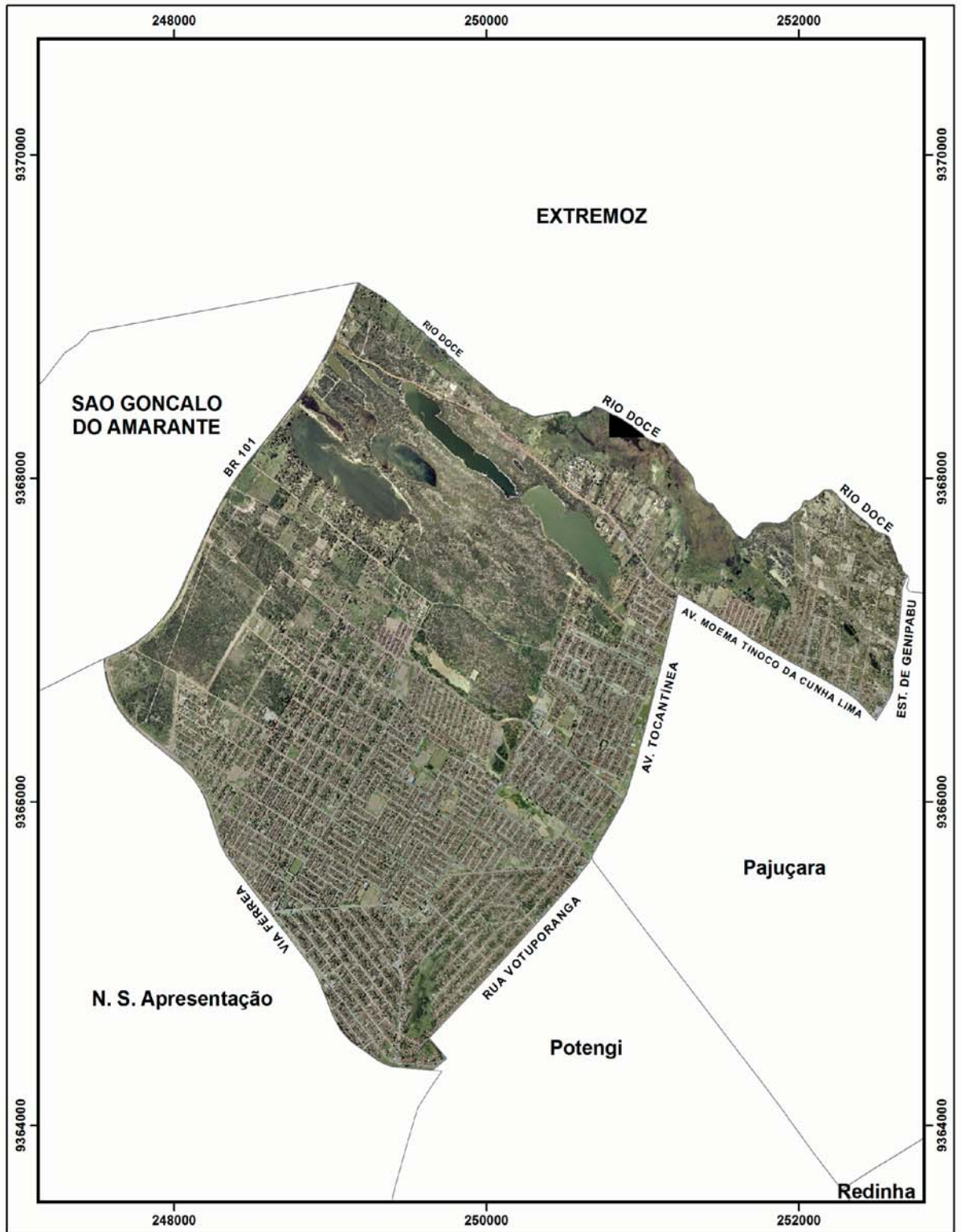
	<p>PROJEÇÃO UNIVERSAL TRANSVERSA DE MERCATOR</p> <p>DATUM - SAD69</p> <p>ZONA 25S</p>	<p>LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO</p>	<p>NATAL</p>		<p>PREFEITURA MUNICIPAL DE NATAL</p> <p>SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE E URBANISMO - SEMURB</p> <p>DEPARTAMENTO DE INFORMAÇÃO, PESQUISA E ESTATÍSTICA - DIFE</p> <p>SETOR DE PESQUISA E ESTATÍSTICA - SPE</p>
<p>MERIDIANO CENTRAL - 33°W</p>				<p>NATAL</p> <p>FOTOGRAFIA AÉREA ANO 2006</p> <p>DIGITALIZAÇÃO VETOR: HUGO DIOGENES JAELESON CARLOS B. DANTAS</p>	





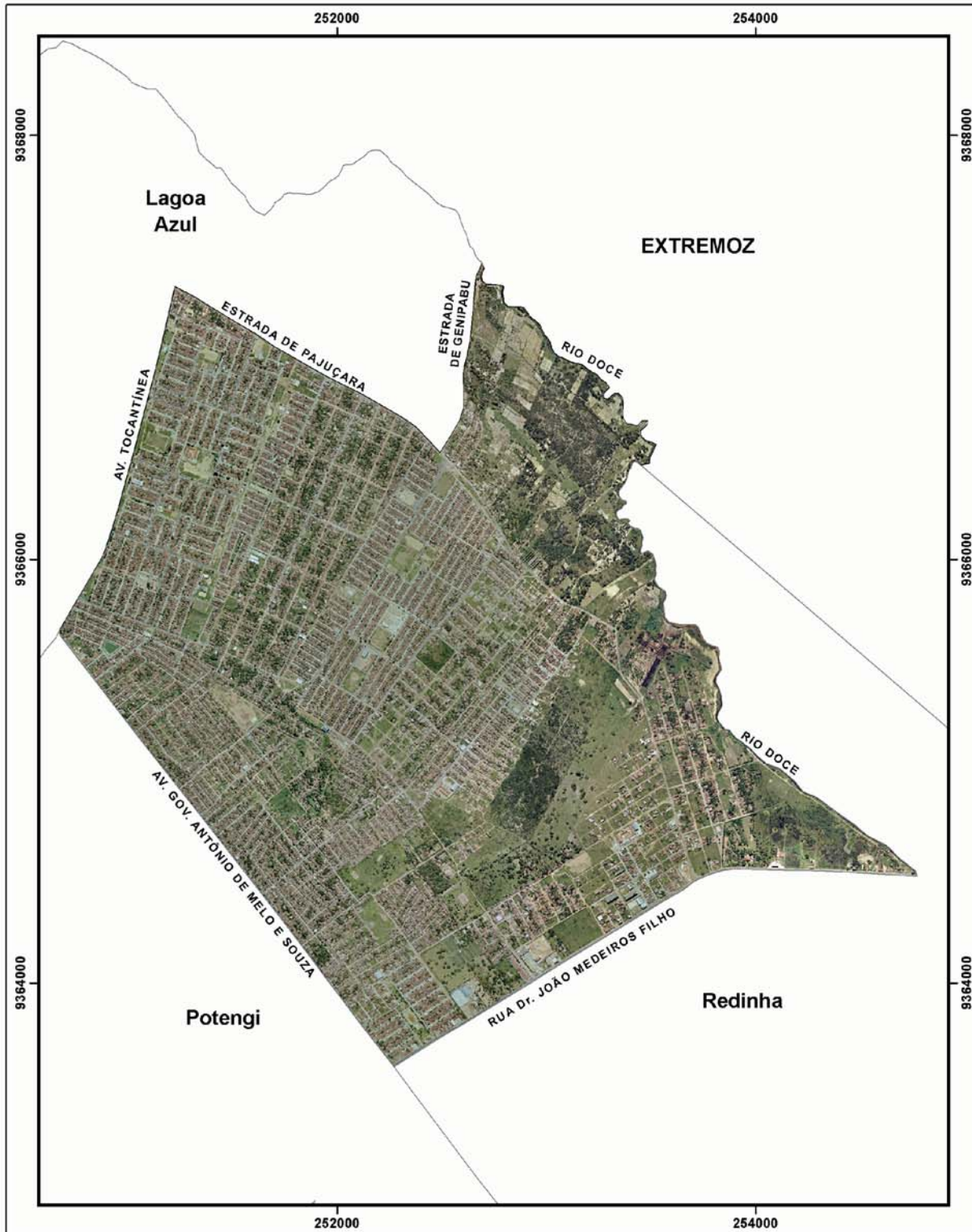
	<p>PROJEÇÃO UNIVERSAL TRANSVERSA DE MERCATOR</p> <p>DATUM - SAD69</p> <p>ZONA 25S</p> <p>MERIDIANO CENTRAL - 33°W</p> <p>0 500 1.000 1.500 2.000 Metros</p>	<p>LOCALIZAÇÃO DA ZONA</p>	<p>REG. ADM. NORTE</p>		<p>PREFEITURA MUNICIPAL DE NATAL</p> <p>SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE E URBANISMO - SEMURB</p> <p>DEPARTAMENTO DE INFORMAÇÃO, PESQUISA E ESTATÍSTICA - DIPE</p> <p>SETOR DE PESQUISA E ESTATÍSTICA - SPE</p> <p>REGIÃO ADMINISTRATIVA NORTE</p> <p>FOTOGRAFIA AÉREA ANO 2006</p> <p>DIGITALIZAÇÃO: VICTOR HUGO DIÓGENES JAELSON DANILO R. DANTAS</p>
--	---	----------------------------	------------------------	--	---





	<p>PROJEÇÃO UNIVERSAL TRANSVERSA DE MERCATOR</p> <p>DATUM - SAD69</p> <p>ZONA 25S</p>	<p>LOCALIZAÇÃO DO BAIRRO</p>	<p>BAIRRO DE LAGOA AZUL</p>		<p>PREFEITURA MUNICIPAL DE NATAL</p> <p>SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE E URBANISMO - SEMURB</p> <p>DEPARTAMENTO DE INFORMAÇÃO, PESQUISA E ESTATÍSTICA - DIPE</p> <p>SETOR DE PESQUISA E ESTATÍSTICA - SPE</p>
<p>MERIDIANO CENTRAL - 33°W</p> <p>0 400 800 1200 Metros</p>				<p>BAIRRO LAGOA AZUL</p> <p>FOTOGRAFIA AÉREA ANO 2000</p> <p>DIGITALIZAÇÃO: VICTOR HUGO DIÓGENES JAELSON DANILLO R. DANTAS</p>	



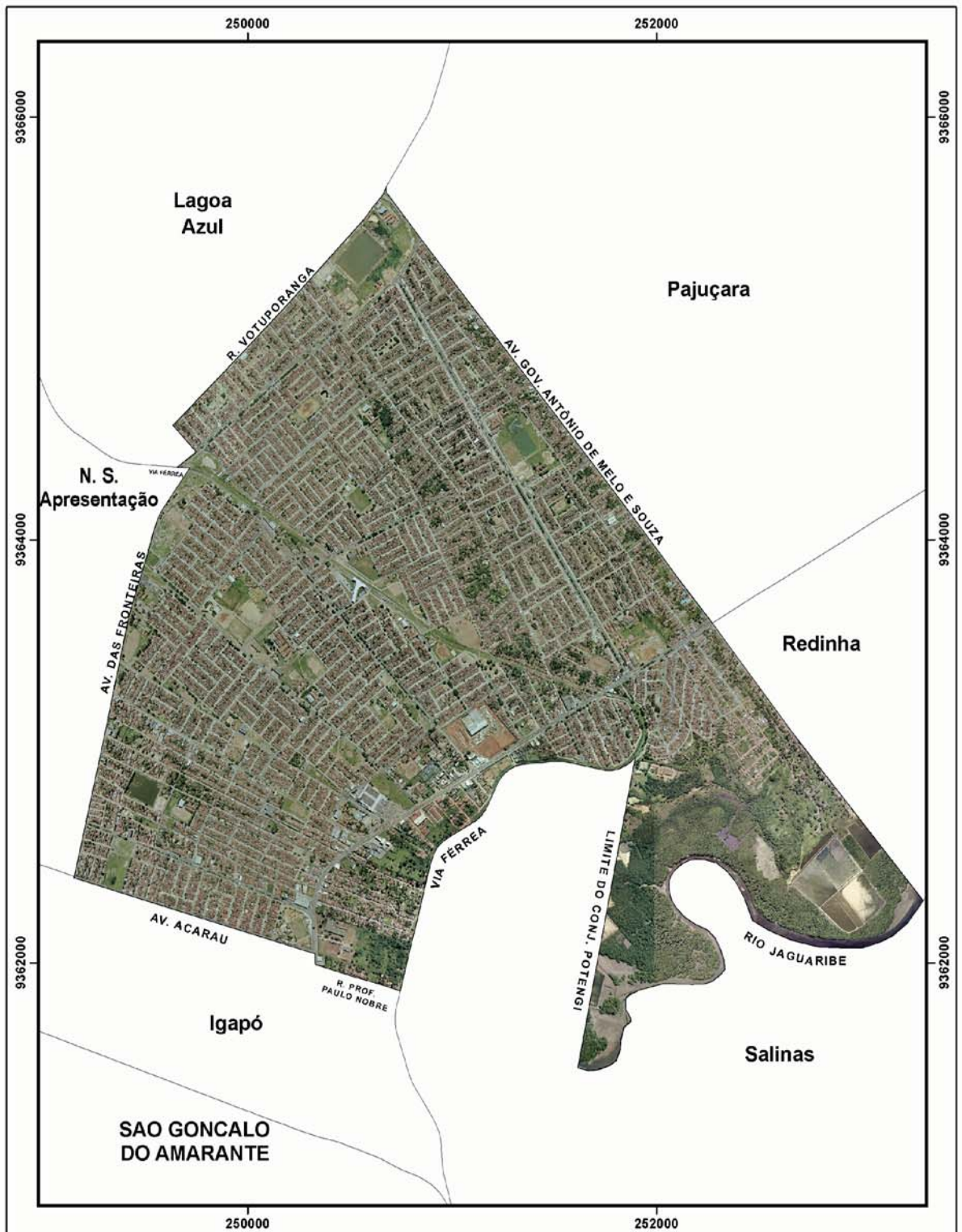


	PROJEÇÃO UNIVERSAL TRANSVERSA DE MERCATOR
	DATUM - SAD69 ZONA 25S
MERIDIANO CENTRAL - 33°W	
0 200 400 600 800 Metros	

LOCALIZAÇÃO DO BAIRRO 	BAIRRO DE PAJUÇARA
---------------------------	------------------------

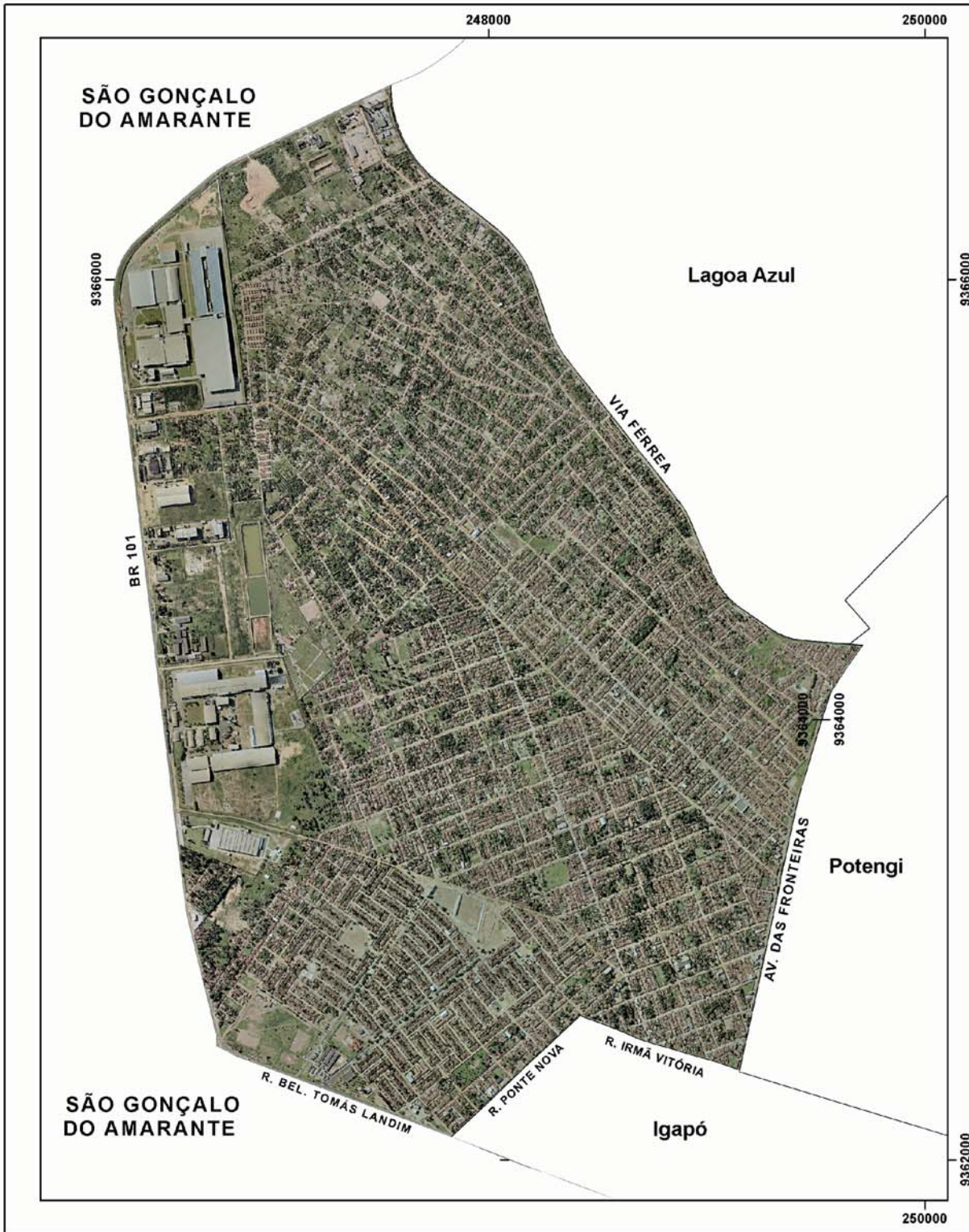
	PREFEITURA MUNICIPAL DE NATAL SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE E URBANISMO - SEMURB DEPARTAMENTO DE INFORMAÇÃO, PESQUISA E ESTATÍSTICA - DIPE SETOR DE PESQUISA E ESTATÍSTICA - SPE
	BAIRRO PAJUÇARA
FOTOGRAFIA AÉREA ANO 2006	ORIENTADOR VICTOR HUGO DIÓGENES JABLSON DANILLO R. GANTAS





	<p>PROJEÇÃO UNIVERSAL TRANSVERSA DE MERCATOR</p> <p>DATUM - SAD69</p> <p>ZONA 25S</p>	<p>LOCALIZAÇÃO DO BAIRRO</p>	<p>BAIRRO DE POTENGI</p>		<p>PREFEITURA MUNICIPAL DE NATAL</p> <p>SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE E URBANISMO - SEMURB</p> <p>DEPARTAMENTO DE INFORMAÇÃO, PESQUISA E ESTATÍSTICA - DIPE</p> <p>SETOR DE PESQUISA E ESTATÍSTICA - SPE</p>
<p>MERIDIANO CENTRAL - 33°W</p>				<p>BAIRRO POTENGI</p> <p>FOTOGRAFIA AÉREA ANO 2006</p> <p>DIGITALIZAÇÃO: VICTOR HUGO DAGIBEN JAELESON GABRIEL S. SANTAS</p>	



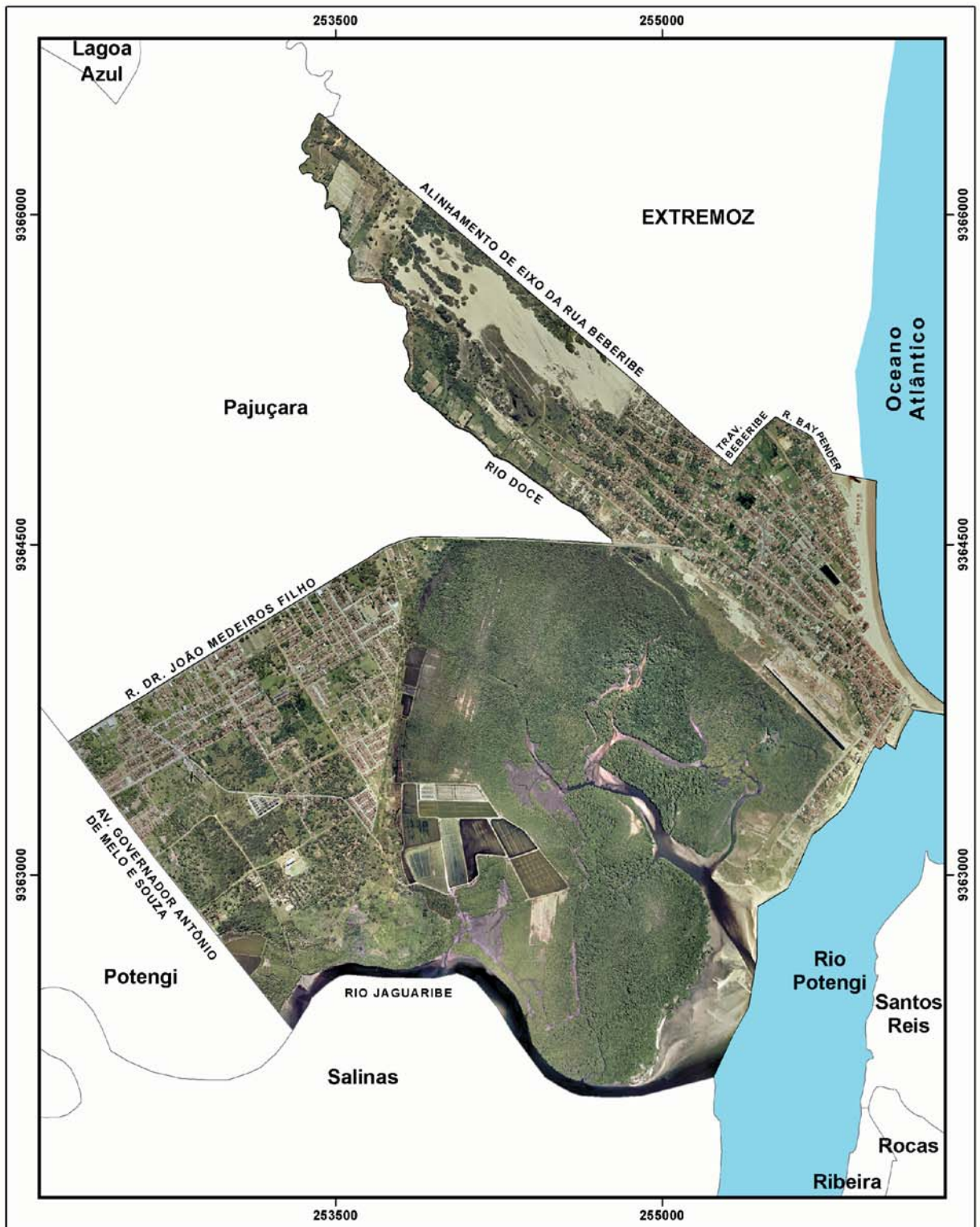


	PROJEÇÃO UNIVERSAL TRANSVERSA DE MERCATOR DATUM - SAD69 ZONA 25S
	MERIDIANO CENTRAL - 33°W
0 250 500 750 Metros	

LOCALIZAÇÃO DO BARRIO 	BARRIO DE NOSSA SRA. DA APRESENTAÇÃO
---------------------------	---

	PREFEITURA MUNICIPAL DE NATAL SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE E URBANISMO - SEMURB DEPARTAMENTO DE INFORMAÇÃO, PESQUISA E ESTATÍSTICA - DIPE SETOR DE PESQUISA E ESTATÍSTICA - SPE
	BARRIO NOSSA SRA. DA APRESENTAÇÃO FOTOGRAFIA AÉREA ANO 2006
GERÊNCIA DO: VICTOR HUGO DIÓGENES JAELEON DANILQ. P. DAMTAS	



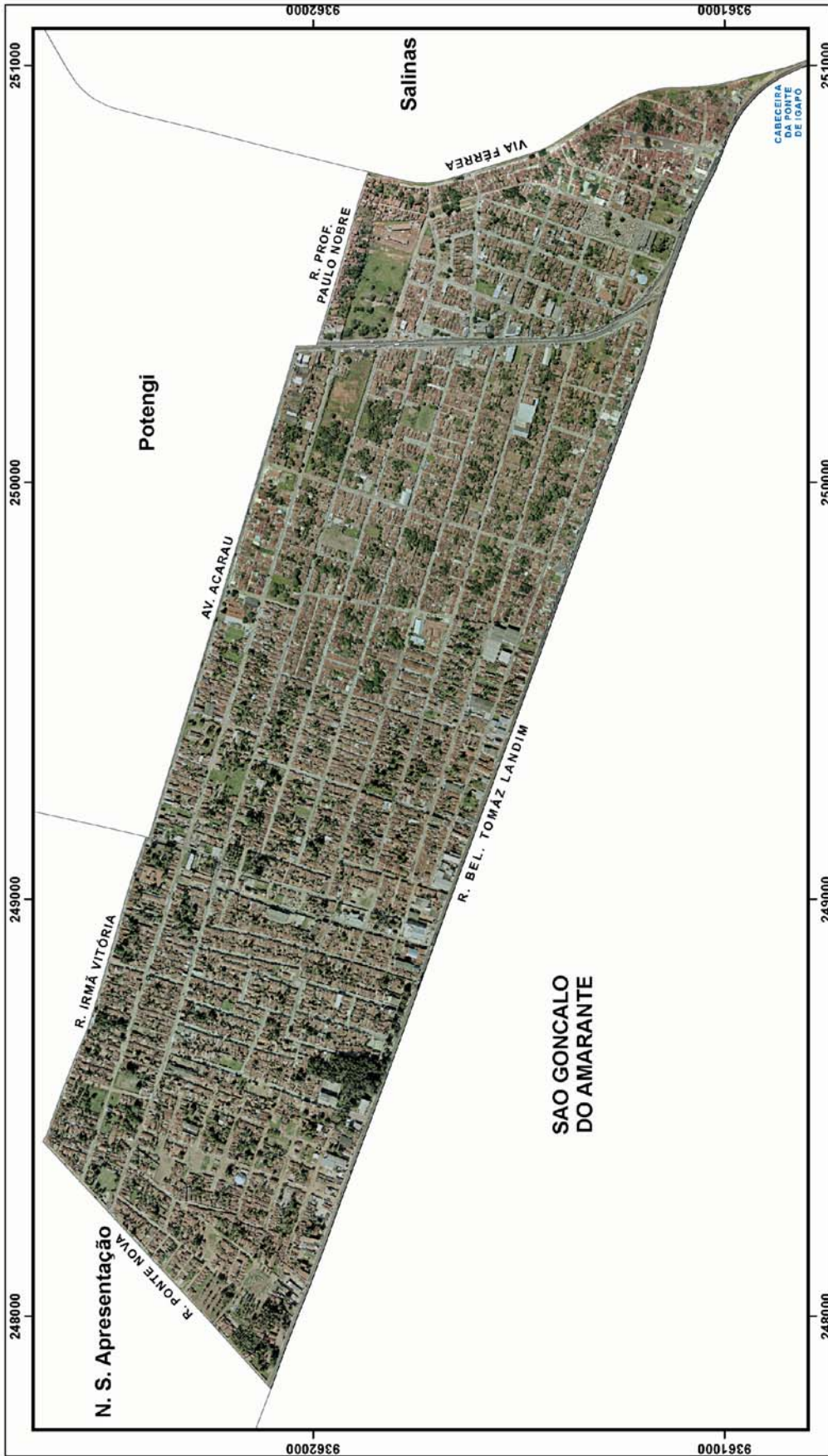


	PROJEÇÃO UNIVERSAL TRANSVERSA DE MERCATOR
	DATUM - SAD69 ZONA 25S
MERIDIANO CENTRAL - 33°W	
0 200 400 600 800 Metros	

LOCALIZAÇÃO DO BAIRRO	BAIRRO REDINHA

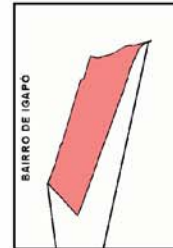
	PREFEITURA MUNICIPAL DE NATAL
	SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE E URBANISMO - SEMURB
	DEPARTAMENTO DE INFORMAÇÃO, PESQUISA E ESTATÍSTICA - DIPE
	SETOR DE PESQUISA E ESTATÍSTICA - SPE
BAIRRO REDINHA	
FOTOGRAFIA AÉREA ANO 2006	
ORTOFOTOGRAFIA VICTOR HUGO DIÓGENES JAELESON CANELO R. DANTAS	





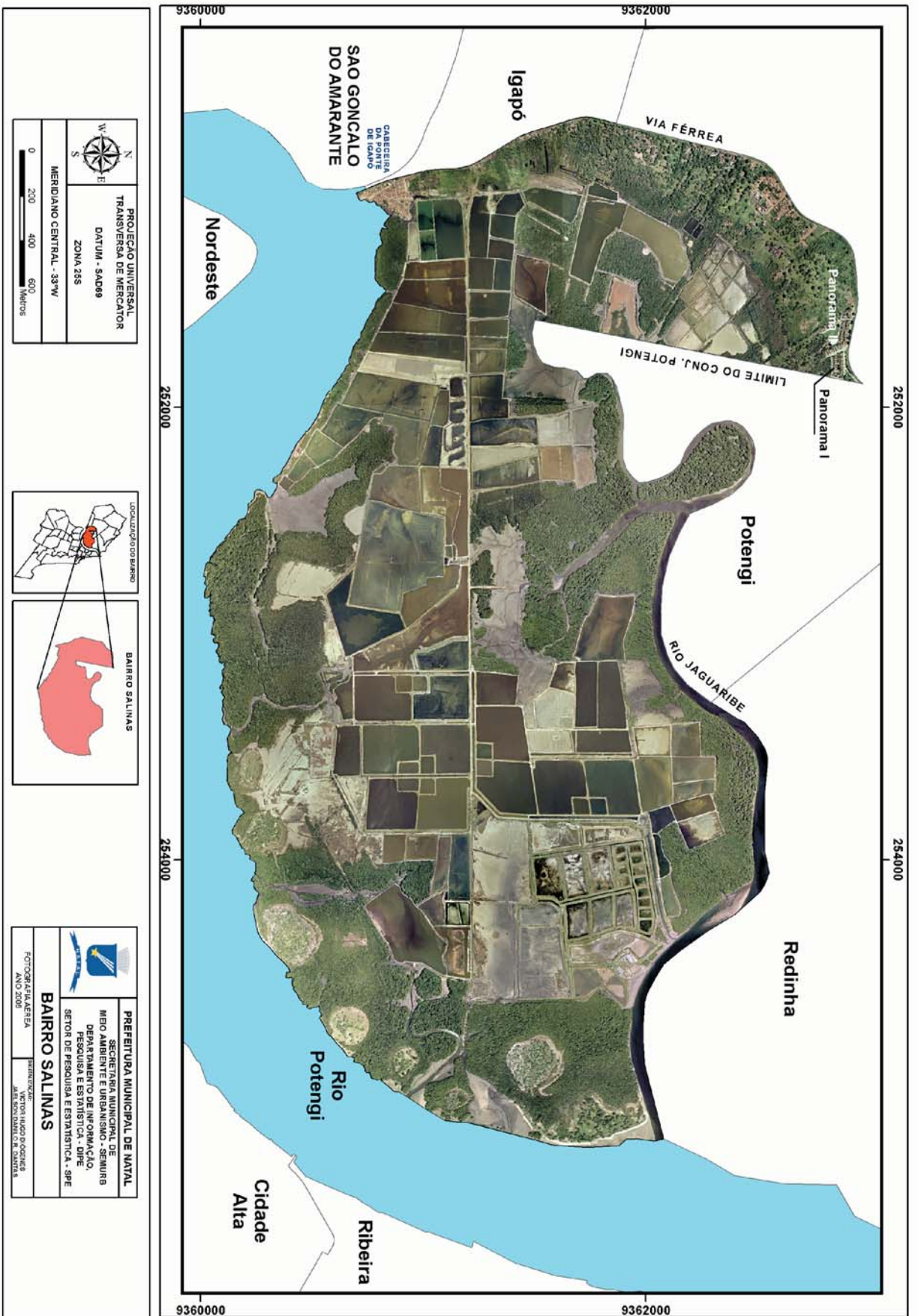
SAO GONCALO DO AMARANTE

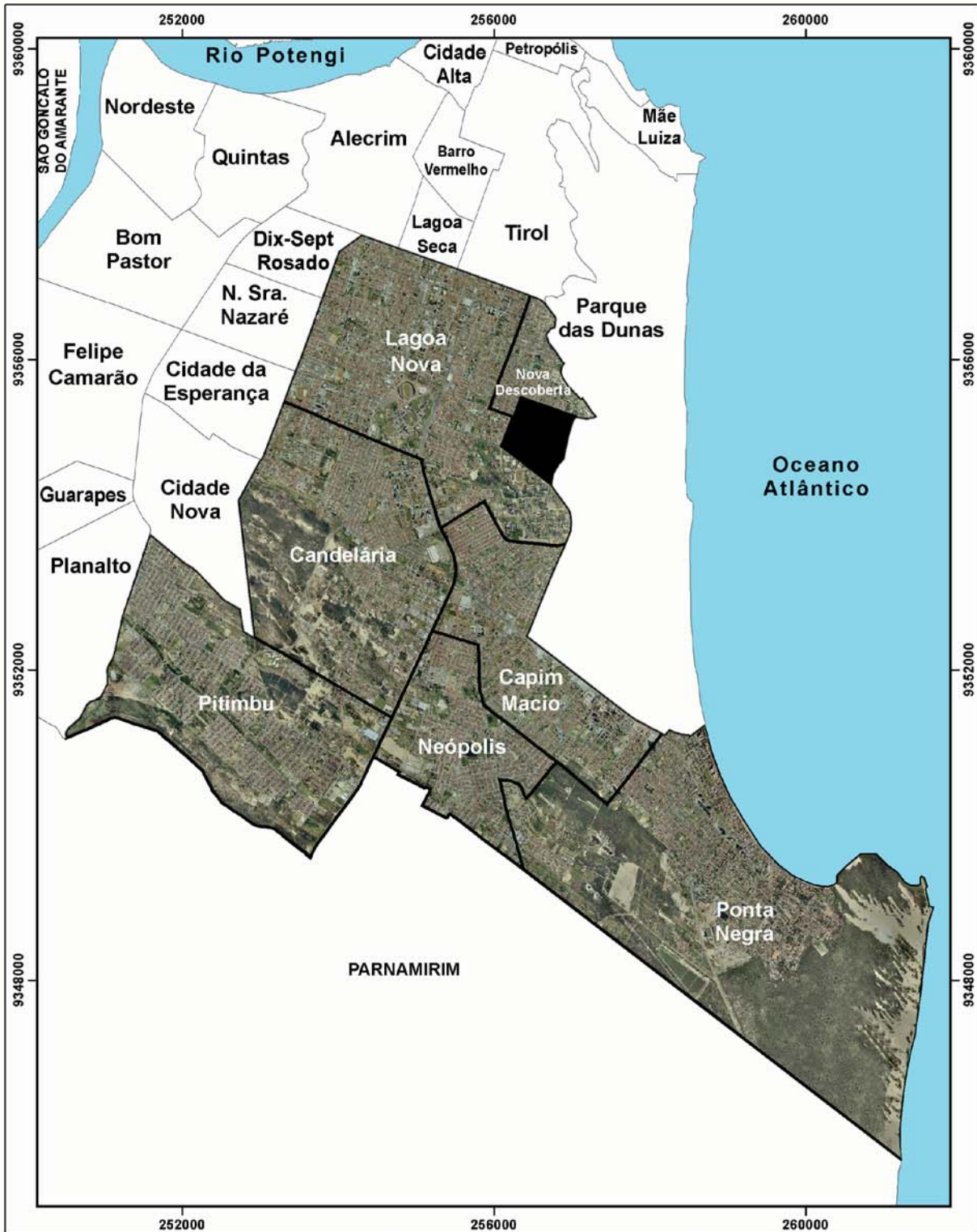
	PROJEÇÃO UNIVERSAL TRANSVERSA DE MERCATOR
	DATUM - SAD69 ZONA 25S
MERIDIANO CENTRAL - 33°W 0 100 200 300 400 metros	



	PREFEITURA MUNICIPAL DE NATAL SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE E URBANISMO - SEMURB DEPARTAMENTO DE INFORMACÃO, PESQUISA E ESTATÍSTICA - DIPE SETOR DE PESQUISA E ESTATÍSTICA - SPE
	BAIRRO IGAPO FOTOGRAFIA AEREA - ANO 2006
	INÍCIO DA AVIAÇÃO AEREA EM NATAL - 1917 PRIMEIRO VÔO JACELTON DA SILVA OLIVEIRA

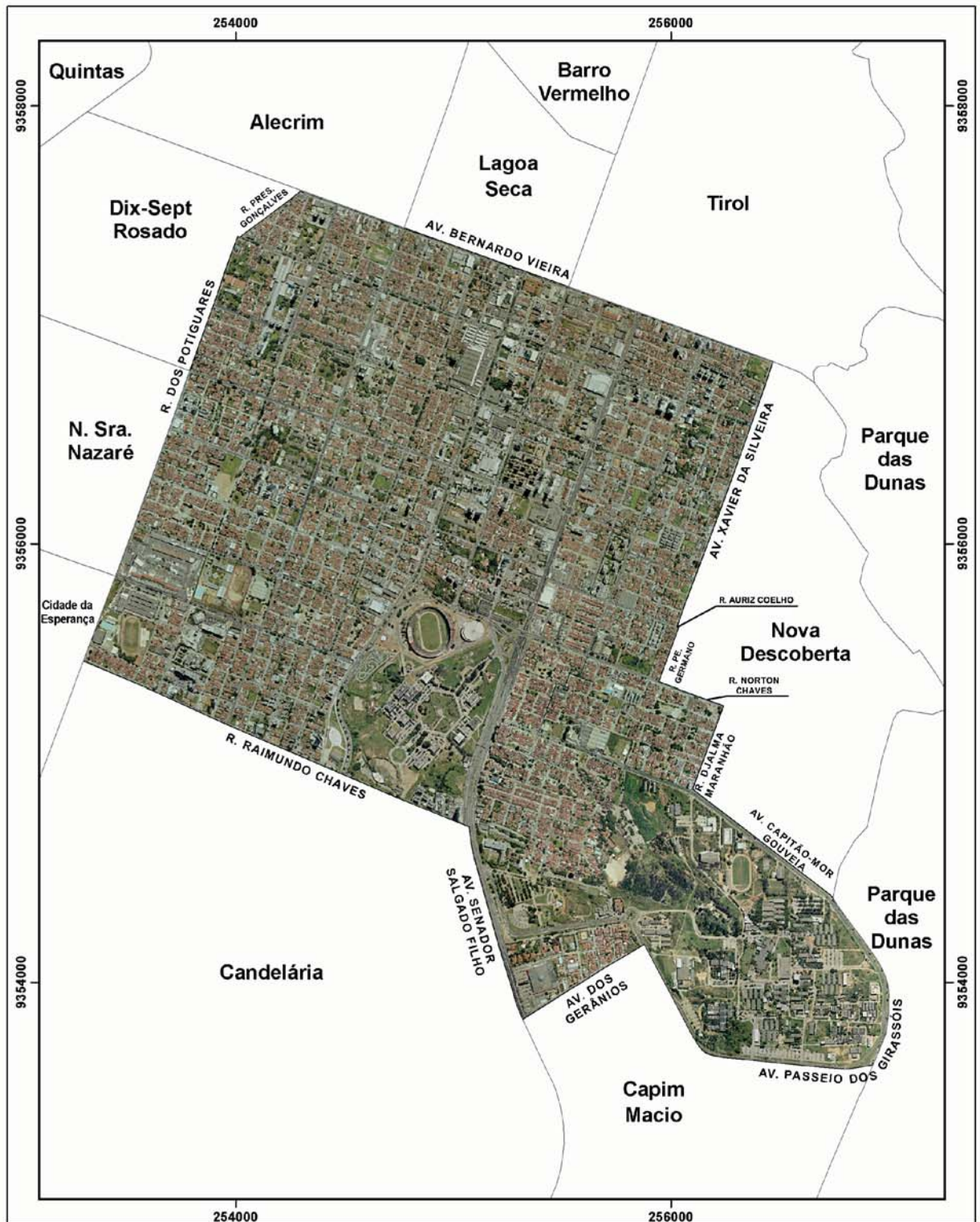






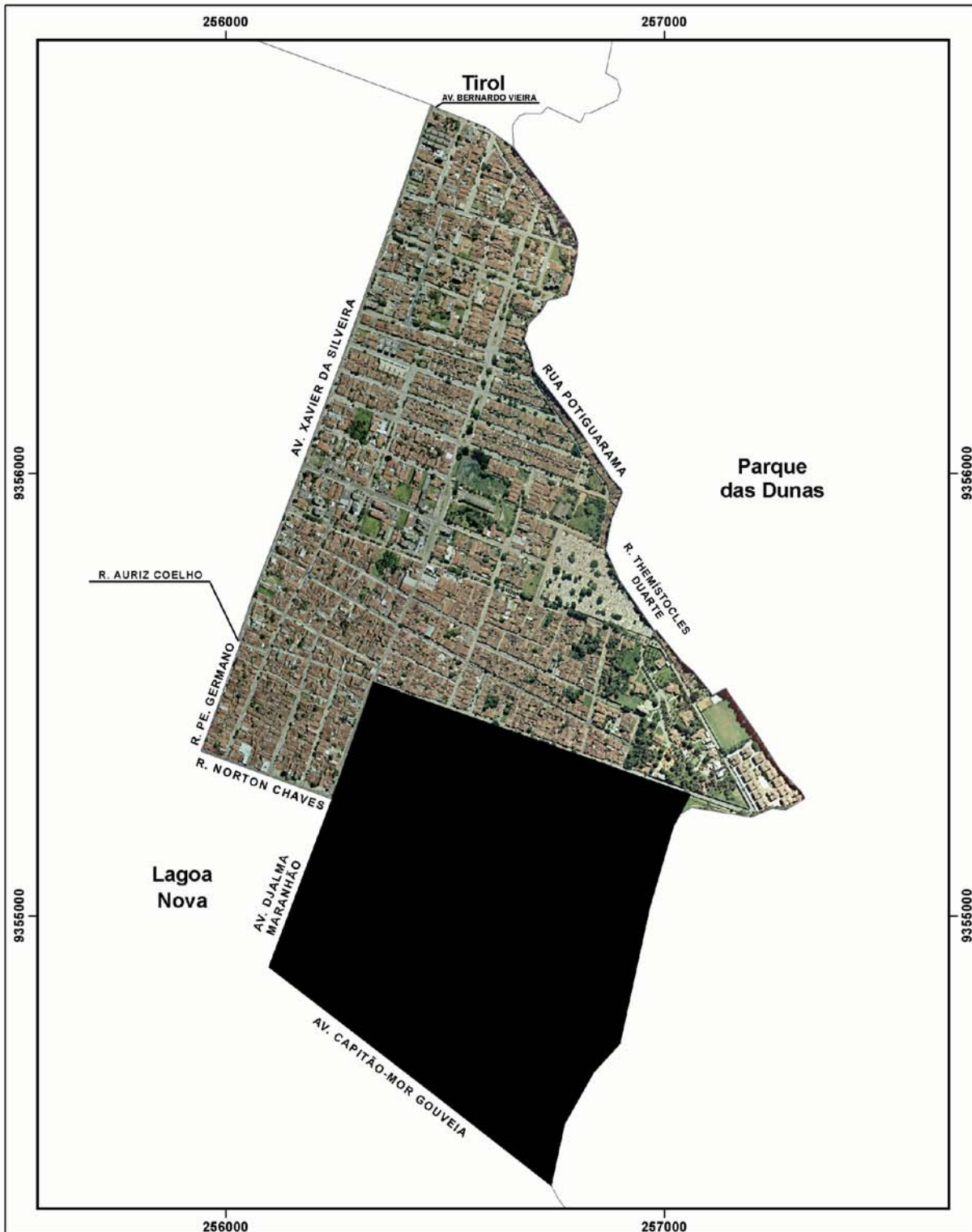
	<p>PROJEÇÃO UNIVERSAL TRANSVERSA DE MERCATOR</p> <p>DATUM - SAD69</p> <p>ZONA 25S</p> <p>MERIDIANO CENTRAL - 33°W</p> <p>0 500 1.000 1.500 2.000 Metros</p>	<p>LOCALIZAÇÃO DA ZONA</p>	<p>REG. ADM. SUL</p>		<p>PREFEITURA MUNICIPAL DE NATAL</p> <p>SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE E URBANISMO - SEMURB</p> <p>DEPARTAMENTO DE INFORMAÇÃO, PESQUISA E ESTATÍSTICA - DIPE</p> <p>SETOR DE PESQUISA E ESTATÍSTICA - SPE</p>
<p>REGIÃO ADMINISTRATIVA SUL</p>				<p>FOTOGRAFIA AÉREA ANO 2006</p>	<p>REALIZAÇÃO: VICTOR HUGO DIOGENES JAELSON DANILLO R. DANTAS</p>





<p>PROJEÇÃO UNIVERSAL TRANSVERSA DE MERCATOR DATUM - SAD69 ZONA 25S MERIDIANO CENTRAL - 33°W</p> <p>0 300 600 900 Metres</p>	<p>LOCALIZAÇÃO DO BAIRRO</p>	<p>BAIRRO LAGOA NOVA</p>	<p>PREFEITURA MUNICIPAL DE NATAL SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE E URBANISMO - SEMURB DEPARTAMENTO DE INFORMAÇÃO, PESQUISA E ESTATÍSTICA - DIPE SETOR DE PESQUISA E ESTATÍSTICA - SPE</p> <p>BAIRRO LAGOA NOVA</p> <p>FOTOGRAFIA AEREA ANO 2006</p> <p>ORIENTADOR: VICTOR HUGO DIÓGENES JAILSON DANILO R. DANTAS</p>
--	------------------------------	--------------------------	---



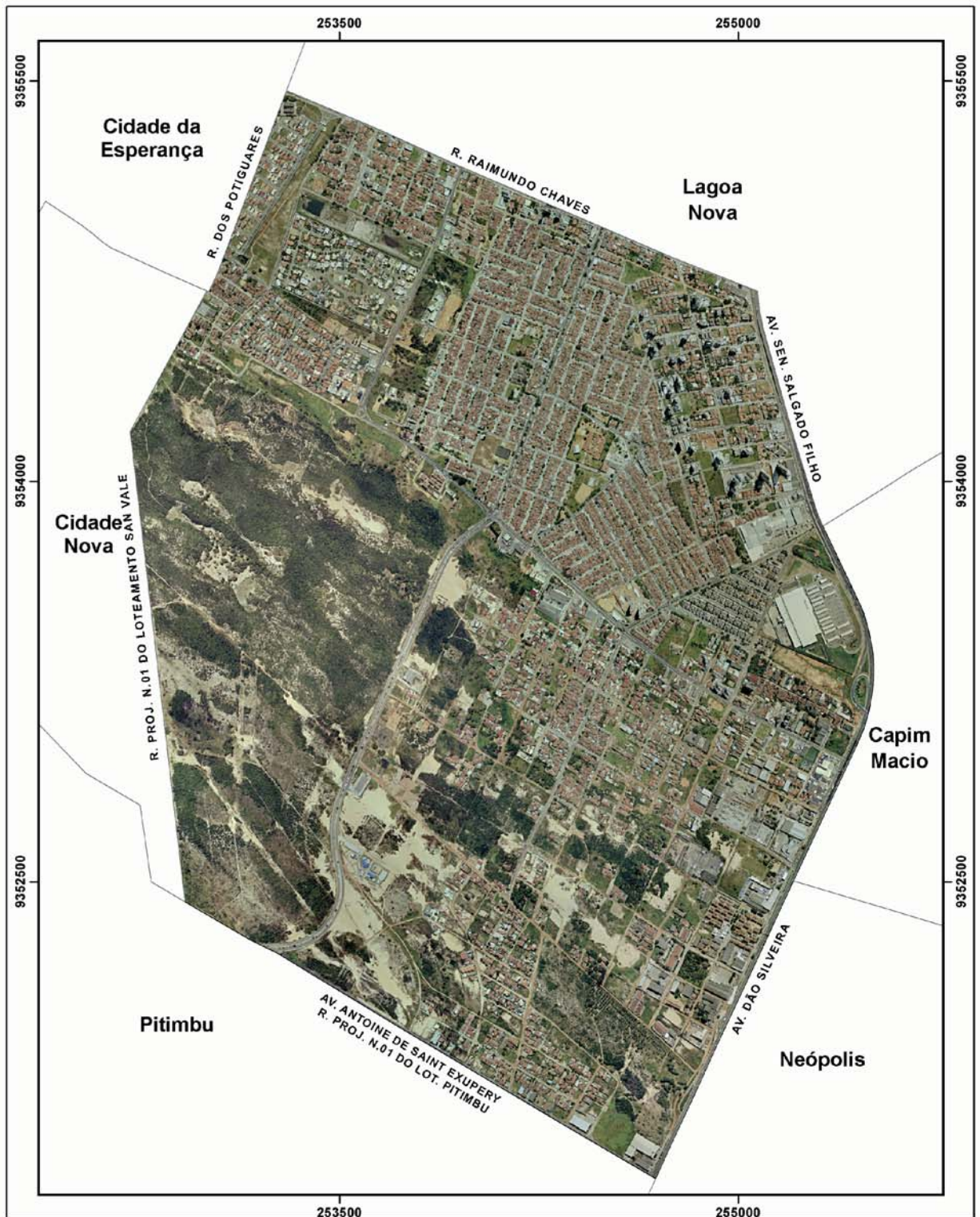


	PROJECÇÃO UNIVERSAL TRANSVERSA DE MERCATOR
	DATUM - SAD69 ZONA 25S
MERIDIANO CENTRAL - 33°W	

LOCALIZAÇÃO DO BAIRRO 	BAIRRO NOVA DESCOBERTA
---------------------------	----------------------------

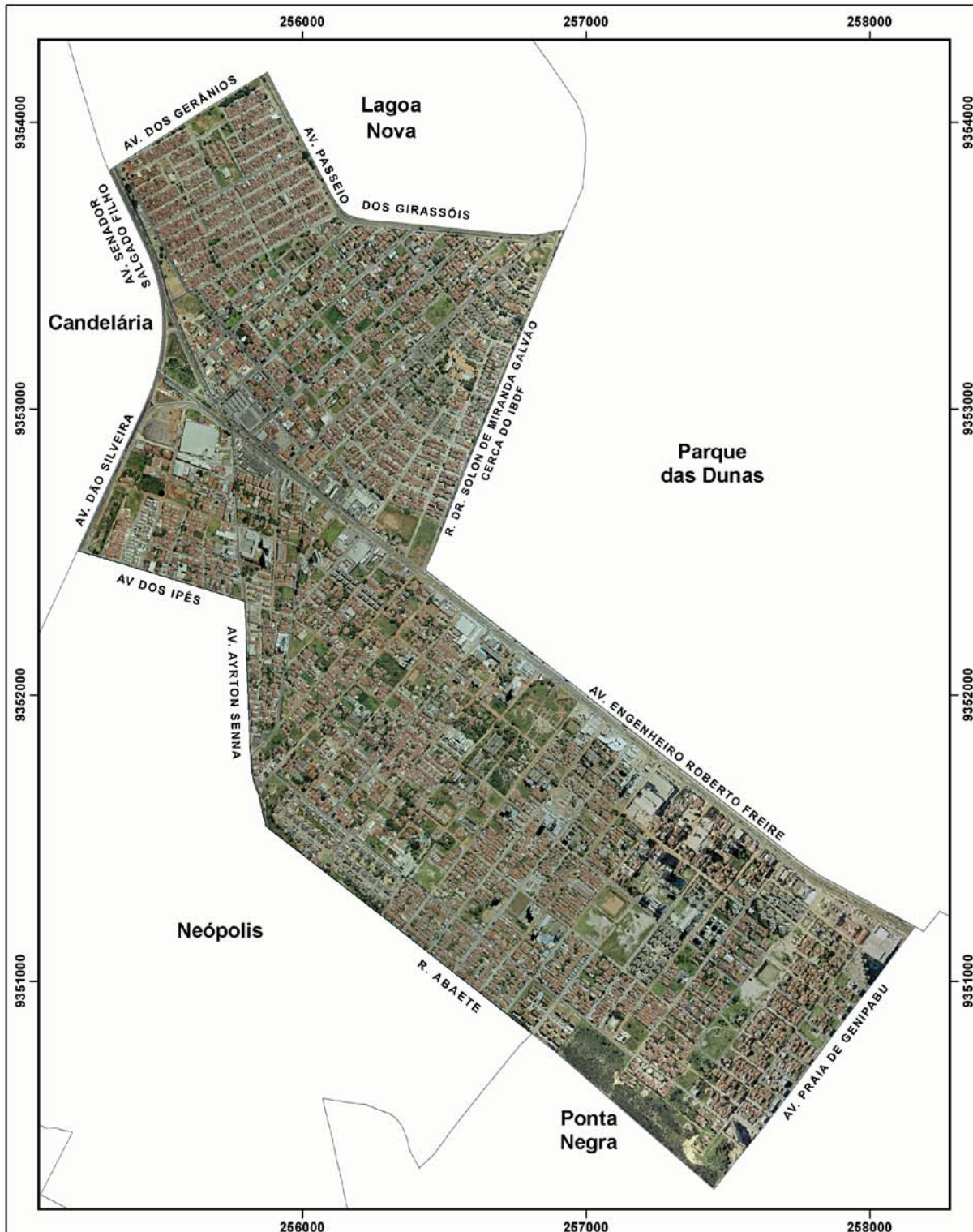
	PREFEITURA MUNICIPAL DE NATAL SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE E URBANISMO - SEMURB DEPARTAMENTO DE INFORMAÇÃO, PESQUISA E ESTATÍSTICA - DIPE SETOR DE PESQUISA E ESTATÍSTICA - SPE
	BAIRRO NOVA DESCOBERTA
FOTOGRAFIA AÉREA ANO 2006	DIGITALIZAÇÃO: VICTOR HUGO DIÓGENES JAELSON DANIL C. R. DANTE





	<p>PROJEÇÃO UNIVERSAL TRANSVERSA DE MERCATOR</p> <p>DATUM - SAD69</p> <p>ZONA 25S</p>	<p>LOCALIZAÇÃO DO BAIRRO</p>	<p>BAIRRO CANDELÁRIA</p>		<p>PREFEITURA MUNICIPAL DE NATAL</p> <p>SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE E URBANISMO - SEMURB</p> <p>DEPARTAMENTO DE INFORMAÇÃO, PESQUISA E ESTATÍSTICA - DIFE</p> <p>SETOR DE PESQUISA E ESTATÍSTICA - SPE</p>
<p>MERIDIANO CENTRAL - 33°W</p> <p>0 150 300 450 600 Metros</p>				<p>BAIRRO CANDELÁRIA</p> <p>FOTOGRAFIA AÉREA ANO 2006</p> <p>ELABORAÇÃO: VICTOR HUGO DIOGENES JAELESON DANILLO R. DANTAS</p>	



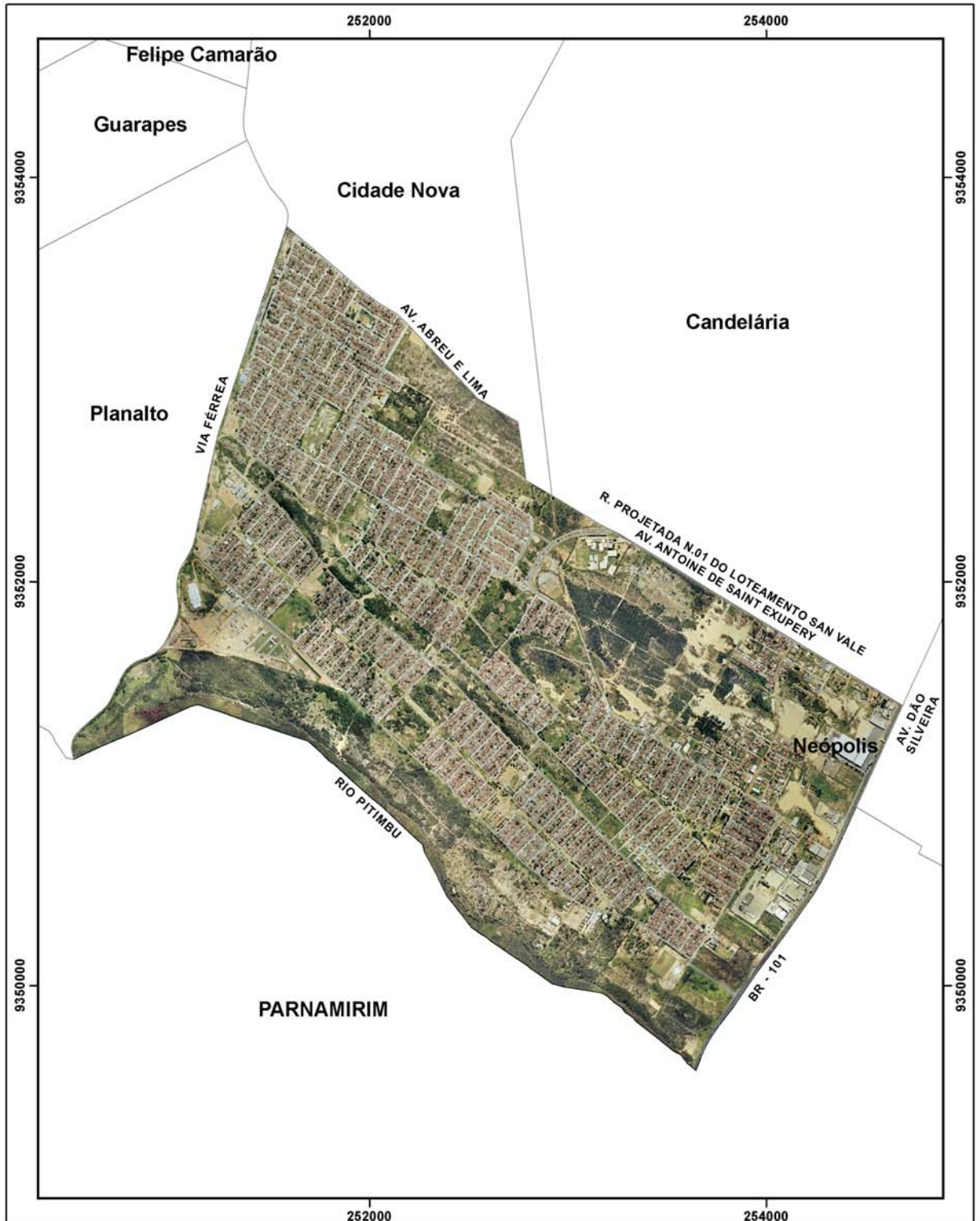


	PROJEÇÃO UNIVERSAL TRANSVERSA DE MERCATOR DATUM - SAD69 ZONA 25S
	MERIDIANO CENTRAL - 33°W 0 200 400 600 Metros

LOCALIZAÇÃO DO BAIRRO 	BAIRRO CAPIM MACIO
---------------------------	------------------------

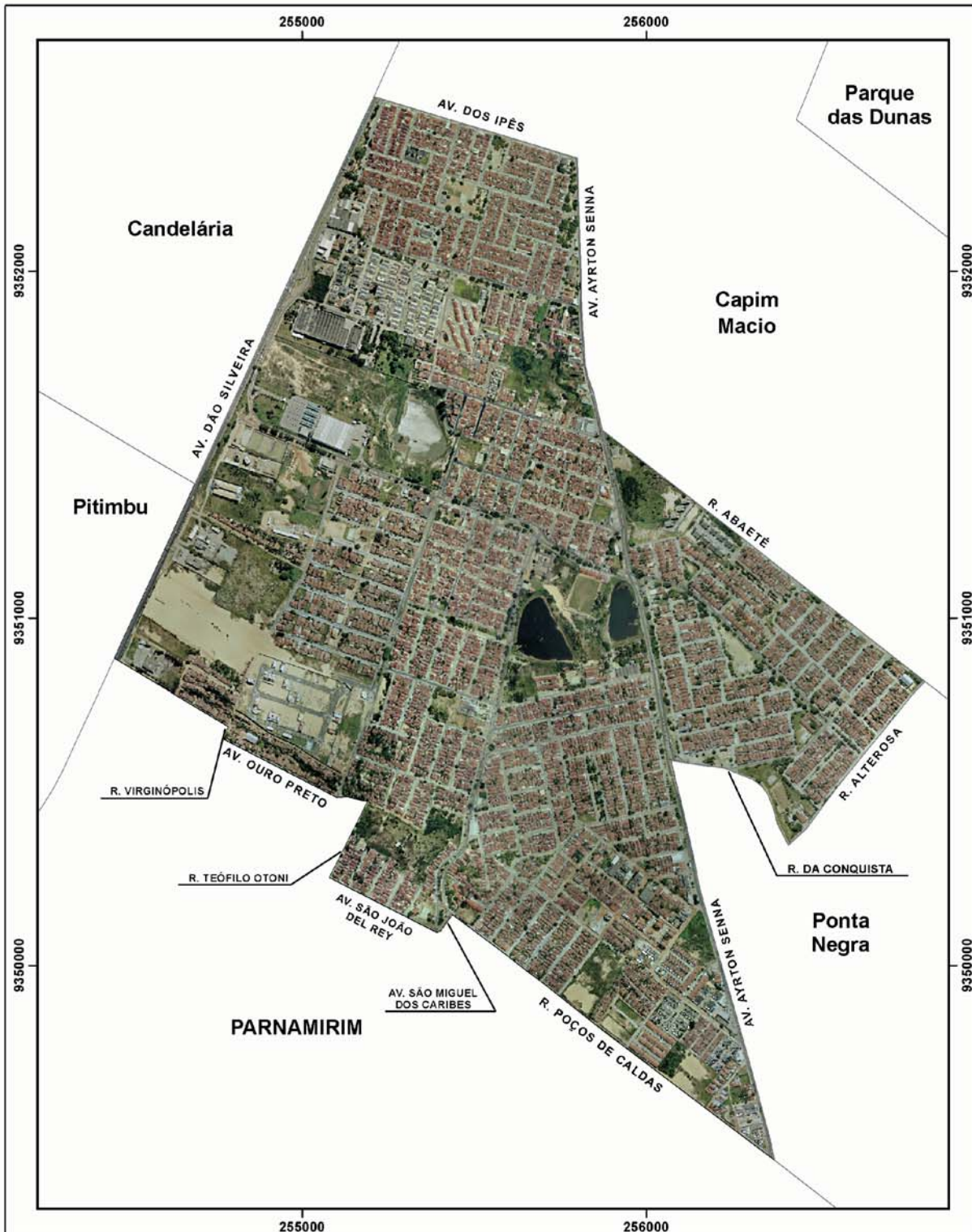
	PREFEITURA MUNICIPAL DE NATAL SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE E URBANISMO - SEMURB DEPARTAMENTO DE INFORMAÇÃO, PESQUISA E ESTATÍSTICA - DIPE SETOR DE PESQUISA E ESTATÍSTICA - SPE
	BAIRRO CAPIM MACIO FOTOGRAFIA AEREA ANO 2006





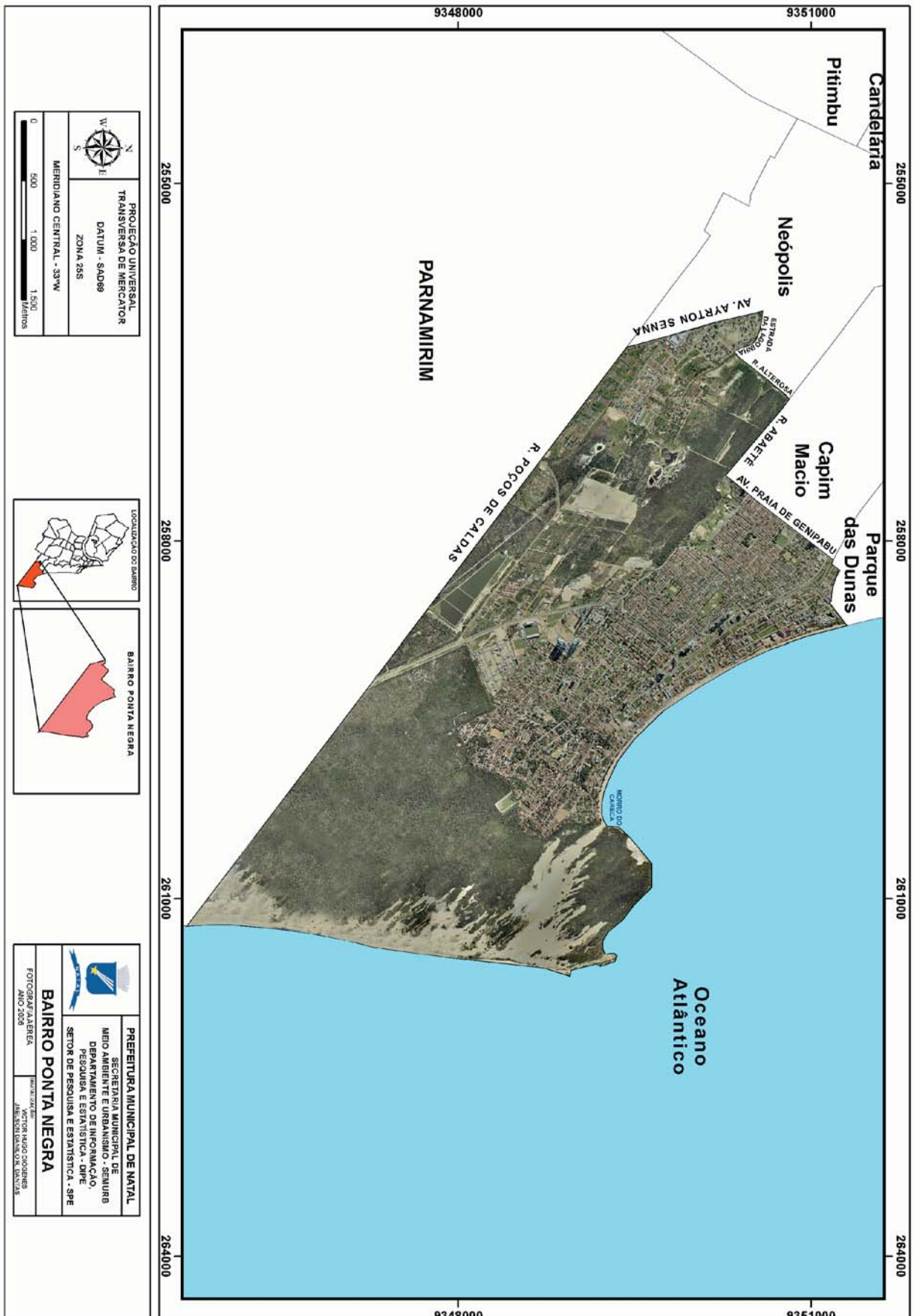
	<p>PROJEÇÃO UNIVERSAL TRANSVERSA DE MERCATOR</p> <p>DATUM - SAD69</p> <p>ZONA 25S</p>	<p>LOCALIZAÇÃO DO BAIRRO</p>	<p>BAIRRO PITIMBU</p>		<p>PREFEITURA MUNICIPAL DE NATAL</p> <p>SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE E URBANISMO - SEMURB</p> <p>DEPARTAMENTO DE INFORMAÇÃO, PESQUISA E ESTATÍSTICA - DIPE</p> <p>SETOR DE PESQUISA E ESTATÍSTICA - SPE</p>
<p>MERIDIANO CENTRAL - 33°W</p> <p>0 300 600 900 Metros</p>		<p>BAIRRO PITIMBU</p>		<p>FOTOGRAFIA AEREA ANO 2006</p>	<p>DIGITALIZAÇÃO: VICTOR HUGO DIÓGENES JAELSON DANILLO R. DANTAS</p>

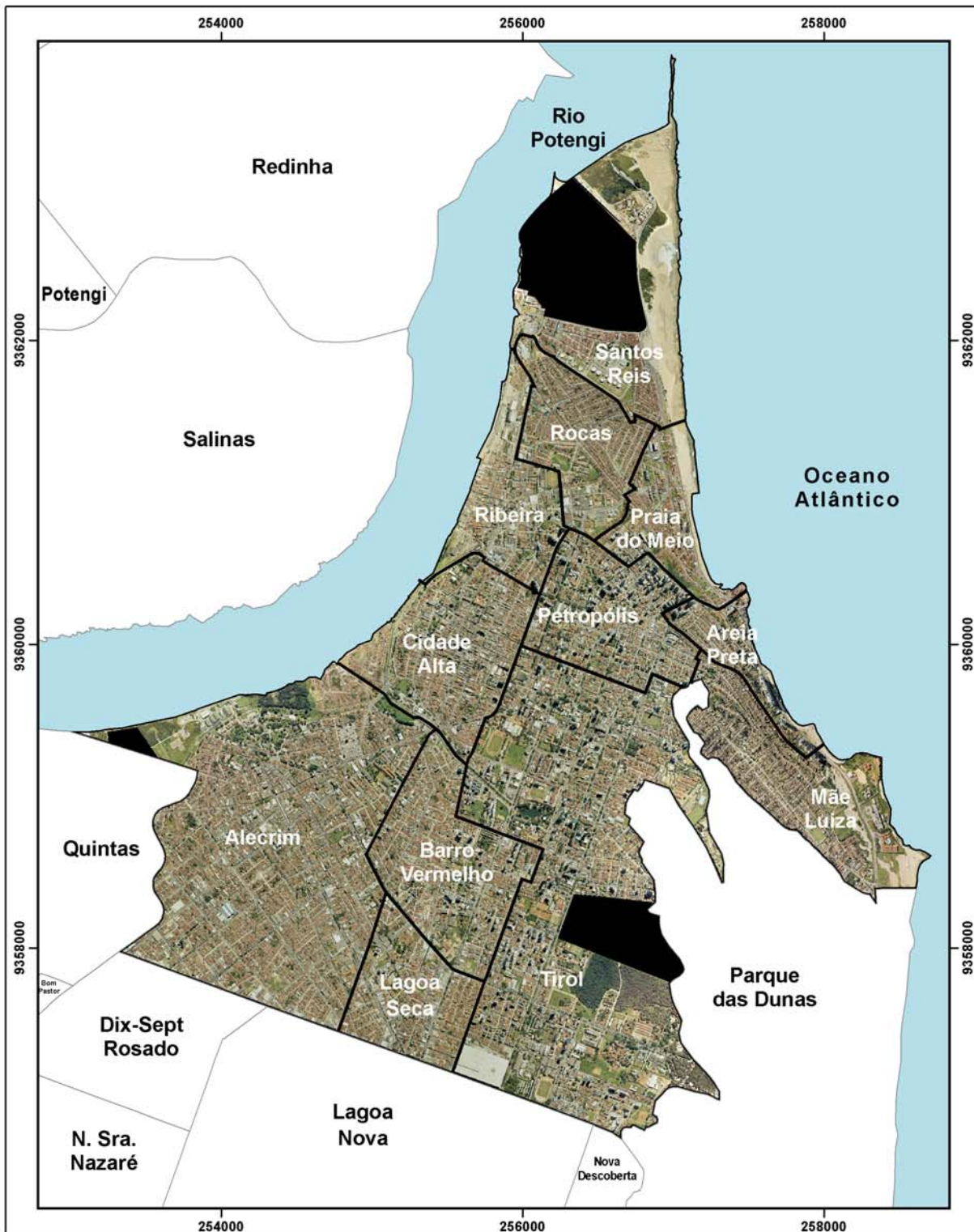




	PROJEÇÃO UNIVERSAL TRANSVERSA DE MERCATOR DATUM - SAD69 ZONA 25S	LOCALIZAÇÃO DO BAIRRO 	BAIRRO NEÓPOLIS 		PREFEITURA MUNICIPAL DE NATAL SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE E URBANISMO - SEMURB DEPARTAMENTO DE INFORMAÇÃO, PESQUISA E ESTATÍSTICA - DIPE SETOR DE PESQUISA E ESTATÍSTICA - SPE
	MERIDIANO CENTRAL - 33°W 0 100 200 300 400 500 Metros				BAIRRO NEÓPOLIS FOTOGRAFIA AÉREA ANO 2006





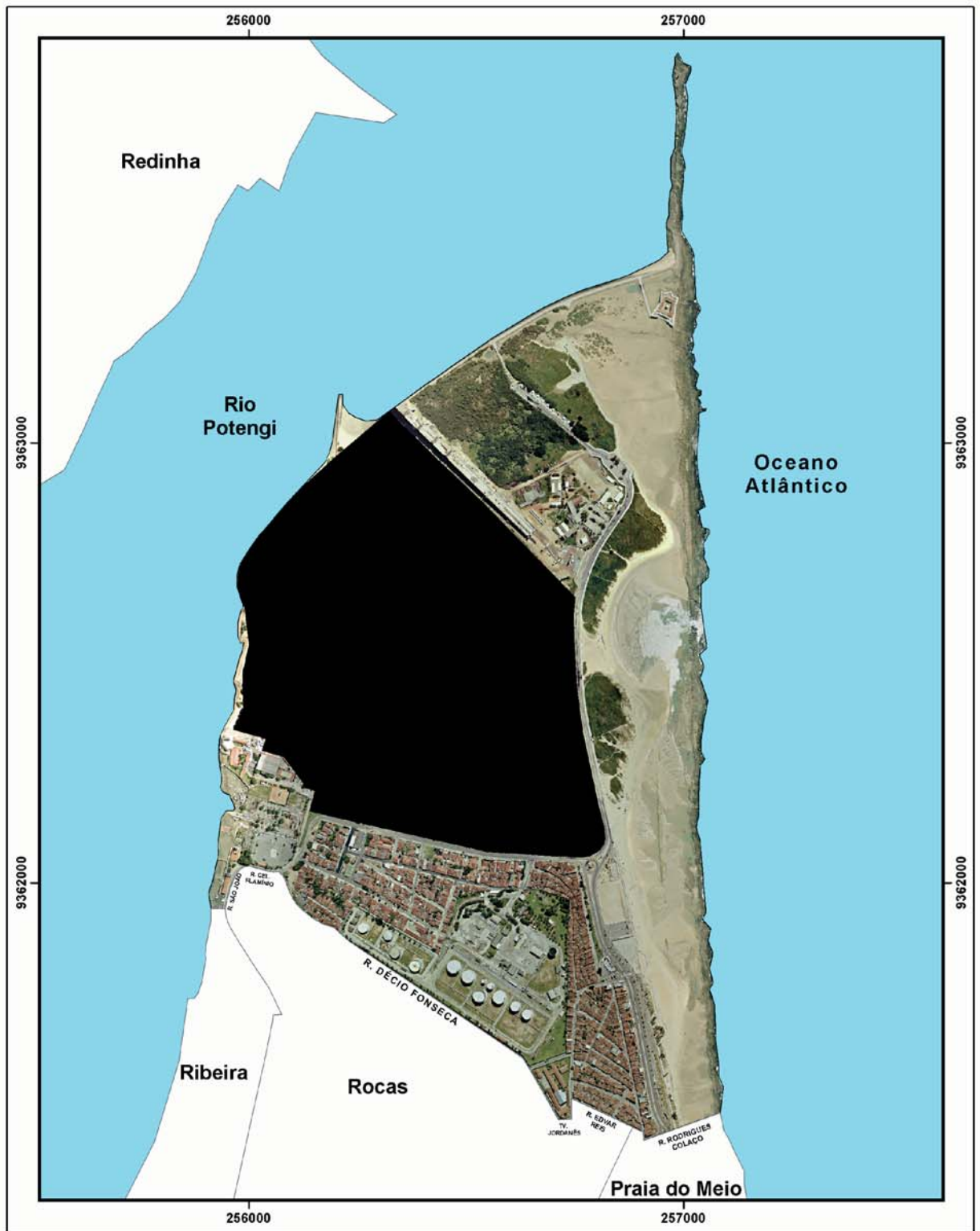


	PROJEÇÃO UNIVERSAL TRANSVERSA DE MERCATOR
	DATUM - SAD69 ZONA 25S
	MERIDIANO CENTRAL - 33°W

LOCALIZAÇÃO DA ZONA 	REG. ADM. LESTE
-------------------------	---------------------

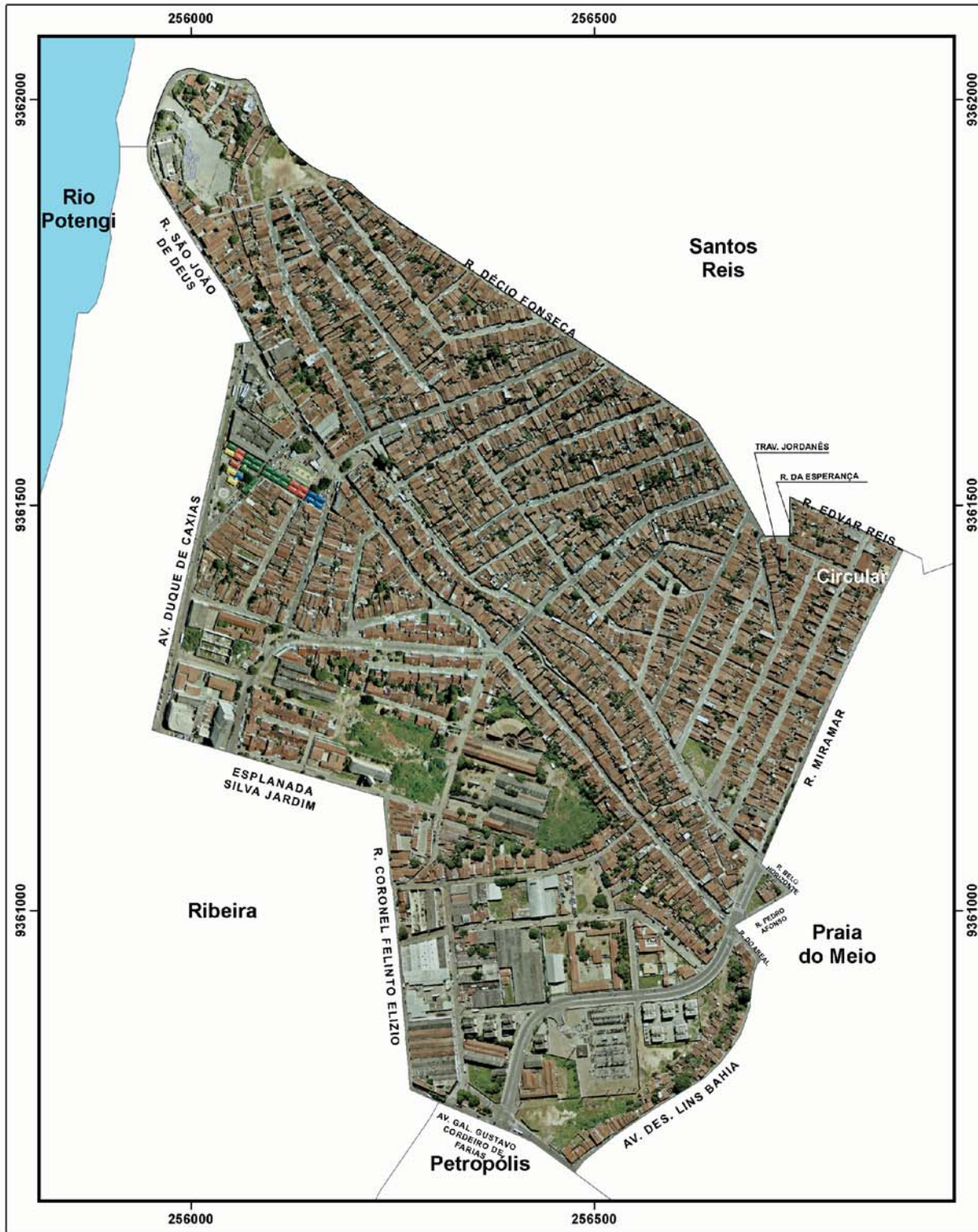
	PREFEITURA MUNICIPAL DE NATAL SECRETARIA MUNICIPAL DE MEO AMBIENTE E URBANISMO - SEMURB DEPARTAMENTO DE INFORMAÇÃO, PESQUISA E ESTATÍSTICA - DIPE SETOR DE PESQUISA E ESTATÍSTICA - SPE
	REGIÃO ADMINISTRATIVA LESTE
	FOTOGRAFIA AÉREA ANO 2006
	DIGITALIZAÇÃO: VICTOR HUGO DIÓGENES JAELSON DANLO R. DANTAS





	<p>PROJEÇÃO UNIVERSAL TRANSVERSA DE MERCATOR</p> <p>DATUM - SAD69</p> <p>ZONA 25S</p>	<p>LOCALIZAÇÃO DO BAIRRO</p>	<p>BAIRRO DE SANTOS REIS</p>		<p>PREFEITURA MUNICIPAL DE NATAL</p> <p>SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE E URBANISMO - SEMURB</p> <p>DEPARTAMENTO DE INFORMAÇÃO, PESQUISA E ESTATÍSTICA - DIPE</p> <p>SETOR DE PESQUISA E ESTATÍSTICA - SPE</p>
<p>MERIDIANO CENTRAL - 33°W</p>				<p>BAIRRO SANTOS REIS</p> <p>FOTOGRAFIA AÉREA ANO 2006</p> <p>DIGITALIZAÇÃO: VICTOR HUGO BISPO GENES JALESON DANILLO R. DANTAS</p>	



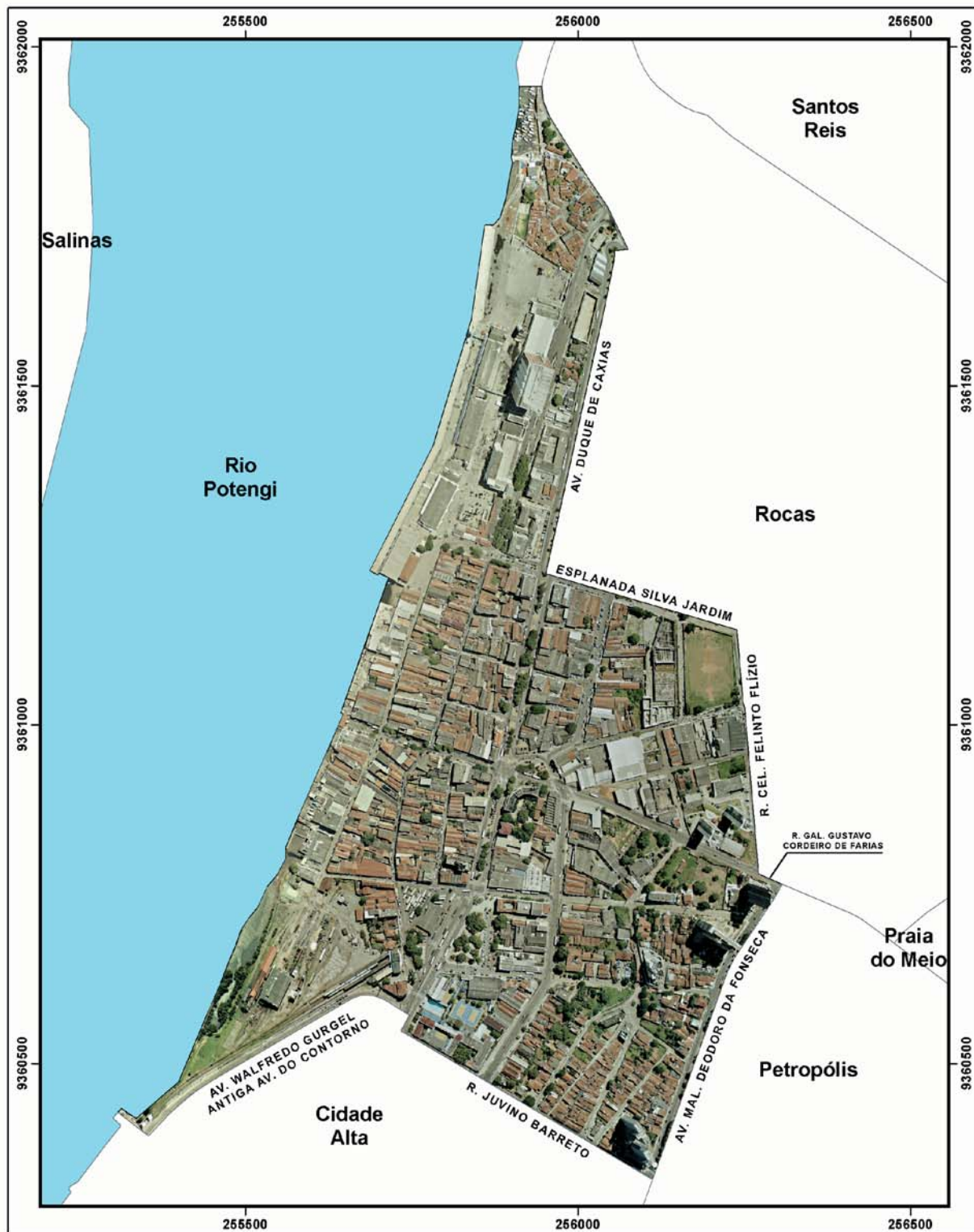


	PROJEÇÃO UNIVERSAL TRANSVERSA DE MERCATOR
	DATUM - SAD69 ZONA 25S
MERIDIANO CENTRAL - 33°W	

LOCALIZAÇÃO DO BAIRRO 	BAIRRO ROCAS
---------------------------	------------------

	PREFEITURA MUNICIPAL DE NATAL SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE E URBANISMO - SEMURB DEPARTAMENTO DE INFORMAÇÃO, PESQUISA E ESTATÍSTICA - DIPE SETOR DE PESQUISA E ESTATÍSTICA - SPE
	BAIRRO ROCAS
FOTOGRAFIA AÉREA ANO 2006	REGISTRO Nº: VÍCTOR HUGO DIOGENES JAILSON DANILLO R. DANITAS





	<p>PROJEÇÃO UNIVERSAL TRANSVERSA DE MERCATOR</p> <p>DATUM - SAD69</p> <p>ZONA 25S</p>	<p>LOCALIZAÇÃO DO BARRIO</p>	<p>BAIRRO DA RIBEIRA</p>		<p>PREFEITURA MUNICIPAL DE NATAL</p> <p>SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE E URBANISMO - SEMURB</p> <p>DEPARTAMENTO DE INFORMAÇÃO, PESQUISA E ESTATÍSTICA - DIPE</p> <p>SETOR DE PESQUISA E ESTATÍSTICA - SPE</p>
<p>MERIDIANO CENTRAL - 33°W</p>		<p>BAIRRO RIBEIRA</p>		<p>FOTOGRAFIA AÉREA ANO 2006</p>	<p>ELABORAÇÃO: VICTOR HUGO DIÓGENES JABLSON DANILQ R. DANTAS</p>



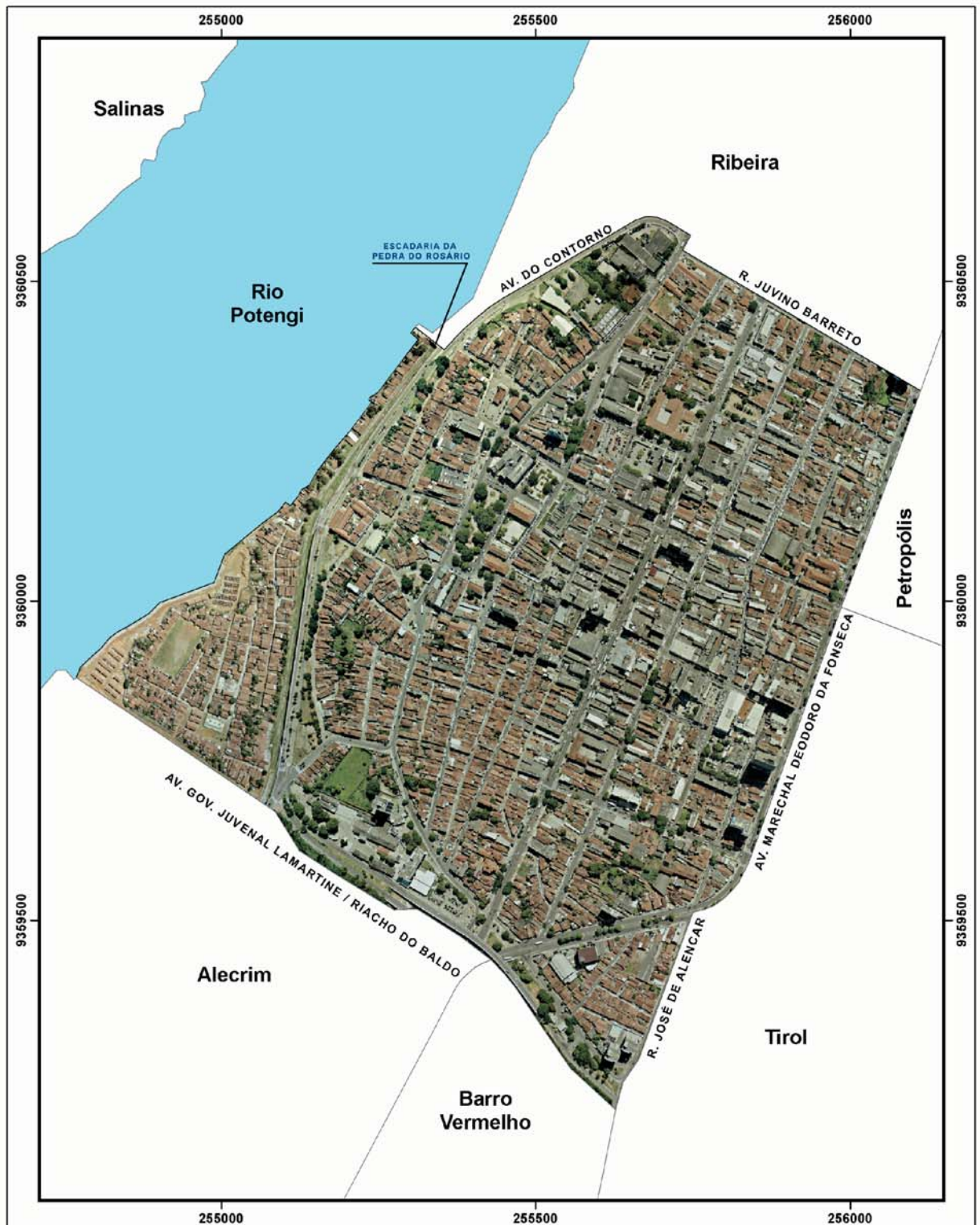


	PROJEÇÃO UNIVERSAL TRANSVERSA DE MERCATOR
	DATUM - SAD69
	ZONA 25S
MERIDIANO CENTRAL - 33°W	

LOCALIZAÇÃO DO BAIRRO	BAIRRO PRAIA DO MEIO

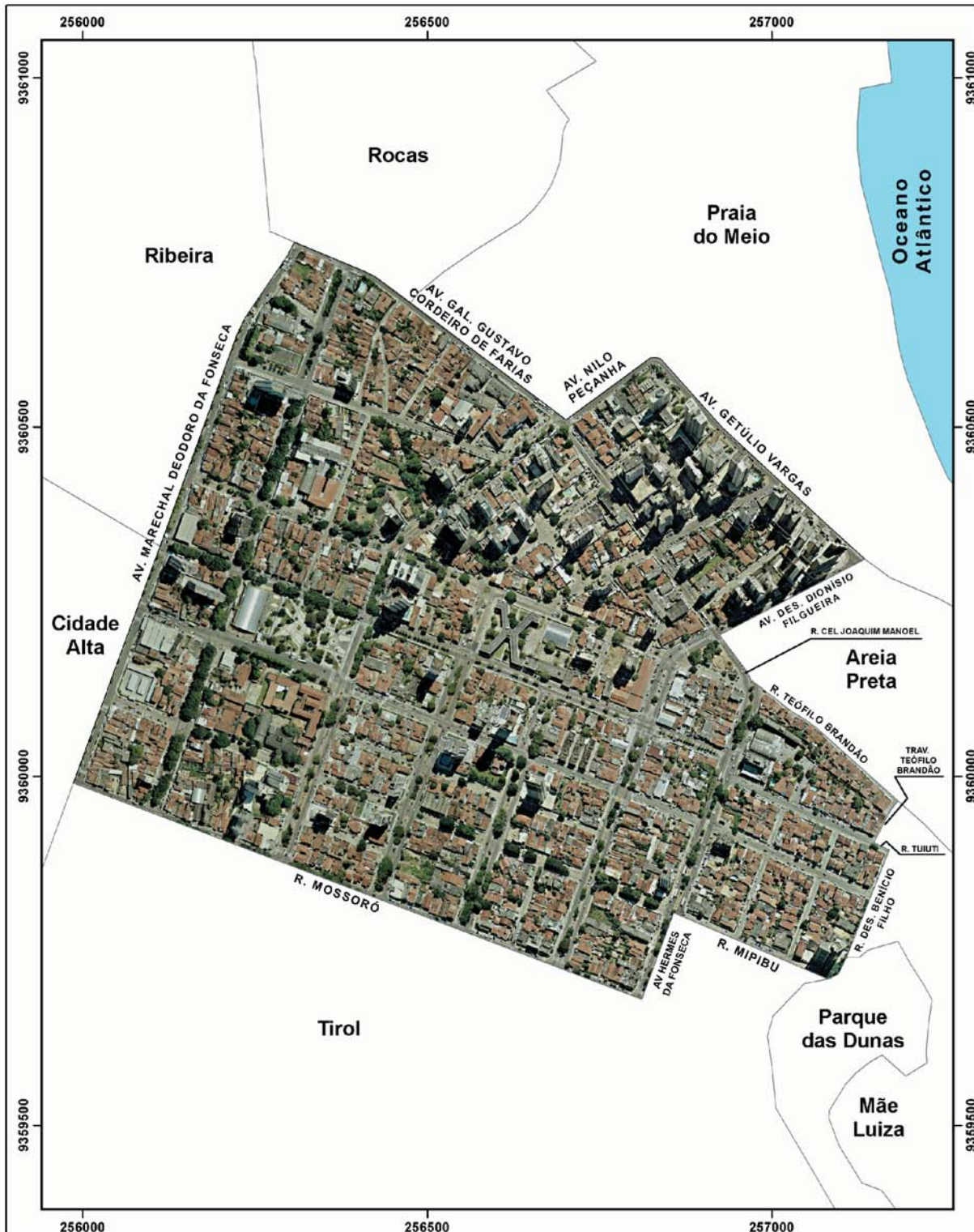
	PREFEITURA MUNICIPAL DE NATAL
	SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE E URBANISMO - SEMURB
	DEPARTAMENTO DE INFORMAÇÃO, PESQUISA E ESTATÍSTICA - DIPE
	SETOR DE PESQUISA E ESTATÍSTICA - SPE
BAIRRO PRAIA DO MEIO	
FOTOGRAFIA AÉREA ANO 2005	LOCALIZAÇÃO: VICTOR HUGO DIÓGENES JANEISON CARLO R. SANTAS





	<p>PROJEÇÃO UNIVERSAL TRANSVERSA DE MERCATOR</p> <p>DATUM - SAD69</p> <p>ZONA 25S</p>	<p>LOCALIZAÇÃO DO BAIRRO</p>	<p>BAIRRO CIDADE ALTA</p>		<p>PREFEITURA MUNICIPAL DE NATAL</p> <p>SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE E URBANISMO - SEMURB</p> <p>DEPARTAMENTO DE INFORMAÇÃO, PESQUISA E ESTATÍSTICA - DIPE</p> <p>SETOR DE PESQUISA E ESTATÍSTICA - SPE</p>
<p>MERIDIANO CENTRAL - 33°W</p> <p>0 100 200 300 Metros</p>				<p>BAIRRO CIDADE ALTA</p> <p>FOTOGRAFIA AÉREA ANO 2006</p> <p>REGISTRO: VICTOR HUGO OLIVEIRAS JAILSON DANILLO R. DANTAS</p>	





	PROJEÇÃO UNIVERSAL TRANSVERSA DE MERCATOR
	DATUM - SAD69 ZONA 25S
MERIDIANO CENTRAL - 33°W	
0 50 100 150 200 250 Metros	

LOCALIZAÇÃO DO BARRIO	BARRIO PETRÓPOLIS

	PREFEITURA MUNICIPAL DE NATAL
	SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE E URBANISMO - SEMURB DEPARTAMENTO DE INFORMAÇÃO, PESQUISA E ESTATÍSTICA - DIPE SETOR DE PESQUISA E ESTATÍSTICA - SPE
BARRIO PETRÓPOLIS	
FOTOGRAFIA AÉREA ANO 2006	ORIENTADOR: VICTOR HUGO DIÓGENES JAILSON DANILÓ S. DANTAS





	<p>PROJEÇÃO UNIVERSAL TRANSVERSA DE MERCATOR DATUM - SAD69 ZONA - 25S</p>	<p>LOCALIZAÇÃO DO BAIRO</p>	<p>BAIRRO AREIA PRETA</p>		<p>PREFEITURA MUNICIPAL DE NATAL SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE E URBANISMO - SEMURB DEPARTAMENTO DE INFORMAÇÃO, PESQUISA E ESTATÍSTICA - DIPE SETOR DE PESQUISA E ESTATÍSTICA - SPE</p>
<p>MERIDIANO CENTRAL - 33°W</p>				<p>BAIRRO AREIA PRETA</p> <p>FOTOGRAFIA AÉREA ANO 2006</p> <p>REALIZAÇÃO: VICTOR HUGO CHIOGHERIS JALSON DANILO R. CANTAS</p>	

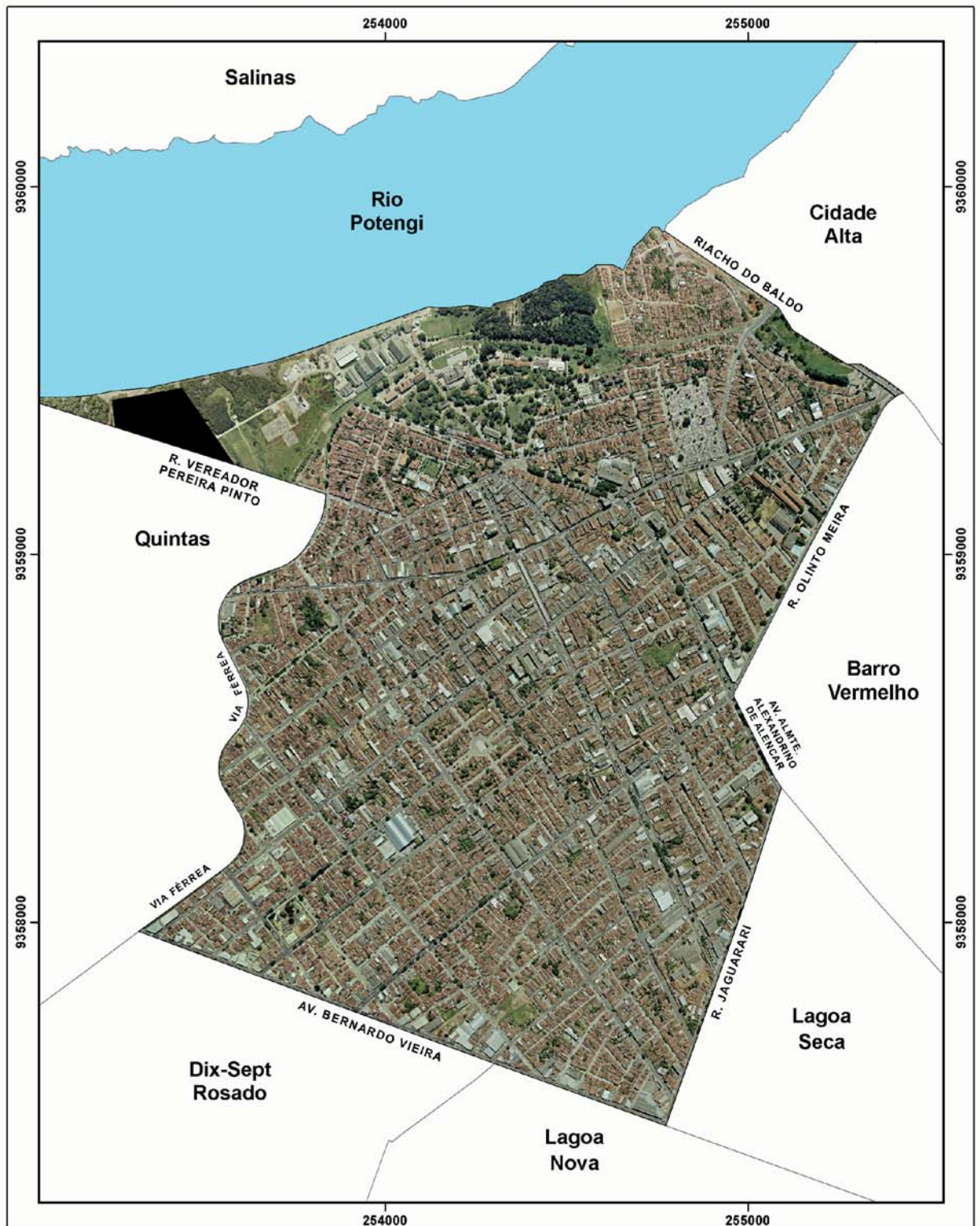




316

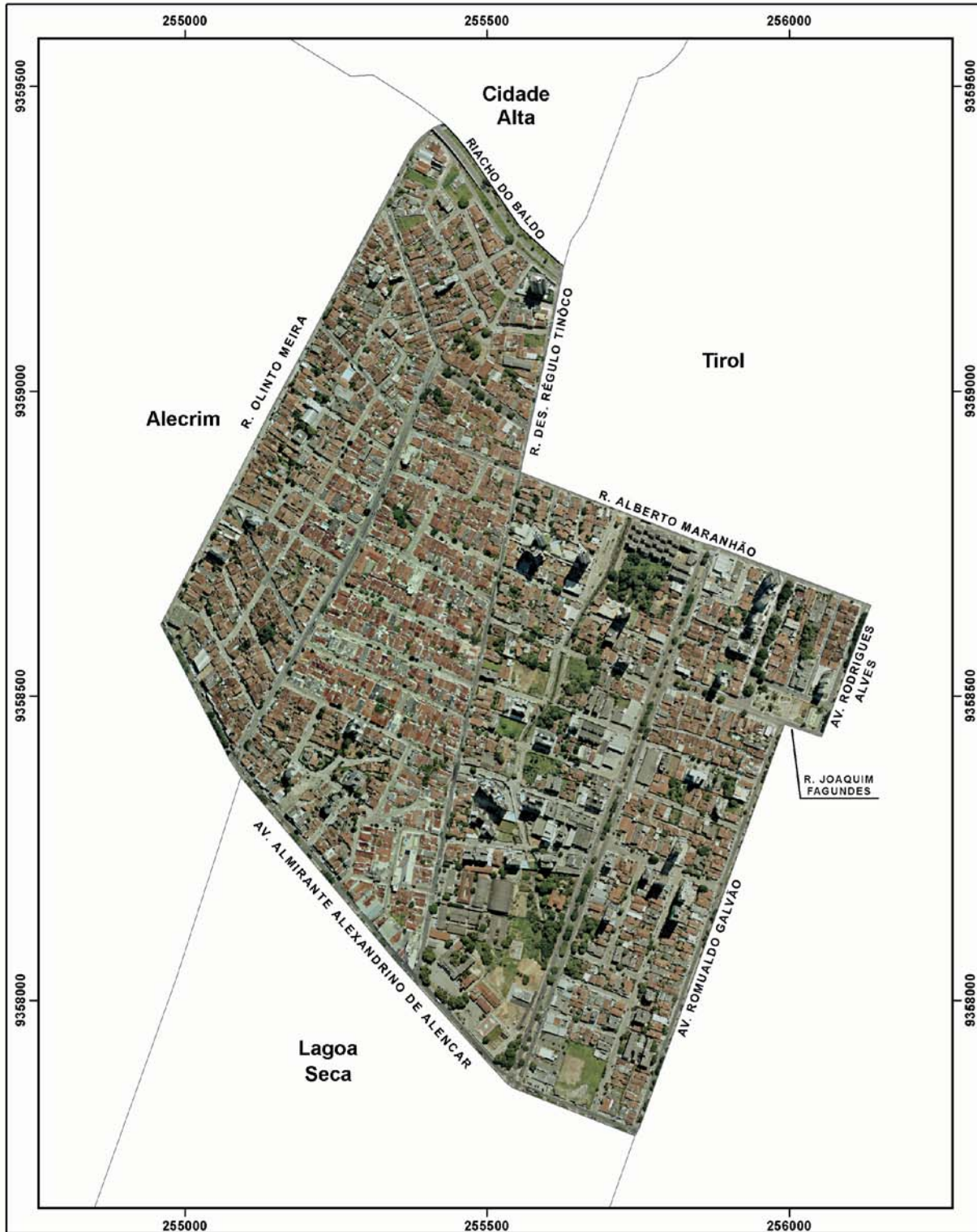
	<p>PROJEÇÃO UNIVERSAL TRANSVERSA DE MERCATOR</p> <p>DATUM - SAD69</p> <p>ZONA 25S</p> <p>MERIDIANO CENTRAL - 33°W</p> <p>0 100 200 300 Metros</p>	<p>LOCALIZAÇÃO DO BAIRRO</p>	<p>BAIRRO MÃE LUÍZA</p>		<p>PREFEITURA MUNICIPAL DE NATAL</p> <p>SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE E URBANISMO - SEMURB</p> <p>DEPARTAMENTO DE INFORMAÇÃO, PESQUISA E ESTATÍSTICA - DIPE</p> <p>SETOR DE PESQUISA E ESTATÍSTICA - SPE</p>
<p>BAIRRO MÃE LUÍZA</p>				<p>FOTOGRAFIA AÉREA ANO 2006</p>	<p>ORIENTADOR: VICTOR HUGO DIOGENES JAELESON DANLO R. DANTAS</p>





	<p>PROJEÇÃO UNIVERSAL TRANSVERSA DE MERCATOR</p> <p>DATUM - SAD69</p> <p>ZONA 25S</p> <p>MERIDIANO CENTRAL - 33°W</p> <p>0 150 300 450 Metros</p>	<p>LOCALIZAÇÃO DO BAIRRO</p>	<p>BAIRRO ALECRIM</p>		<p>PREFEITURA MUNICIPAL DE NATAL</p> <p>SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE E URBANISMO - SEMURB</p> <p>DEPARTAMENTO DE INFORMAÇÃO, PESQUISA E ESTATÍSTICA - DIPE</p> <p>SETO DE PESQUISA E ESTATÍSTICA - SPE</p> <p>BAIRRO ALECRIM</p> <p>FOTOGRAFIA AÉREA ANO 2006</p> <p>ORIENTADOR: VICTOR HUGO DIOGENES JAE: SON DANILLO R. DANTAS</p>
--	---	------------------------------	-----------------------	--	--



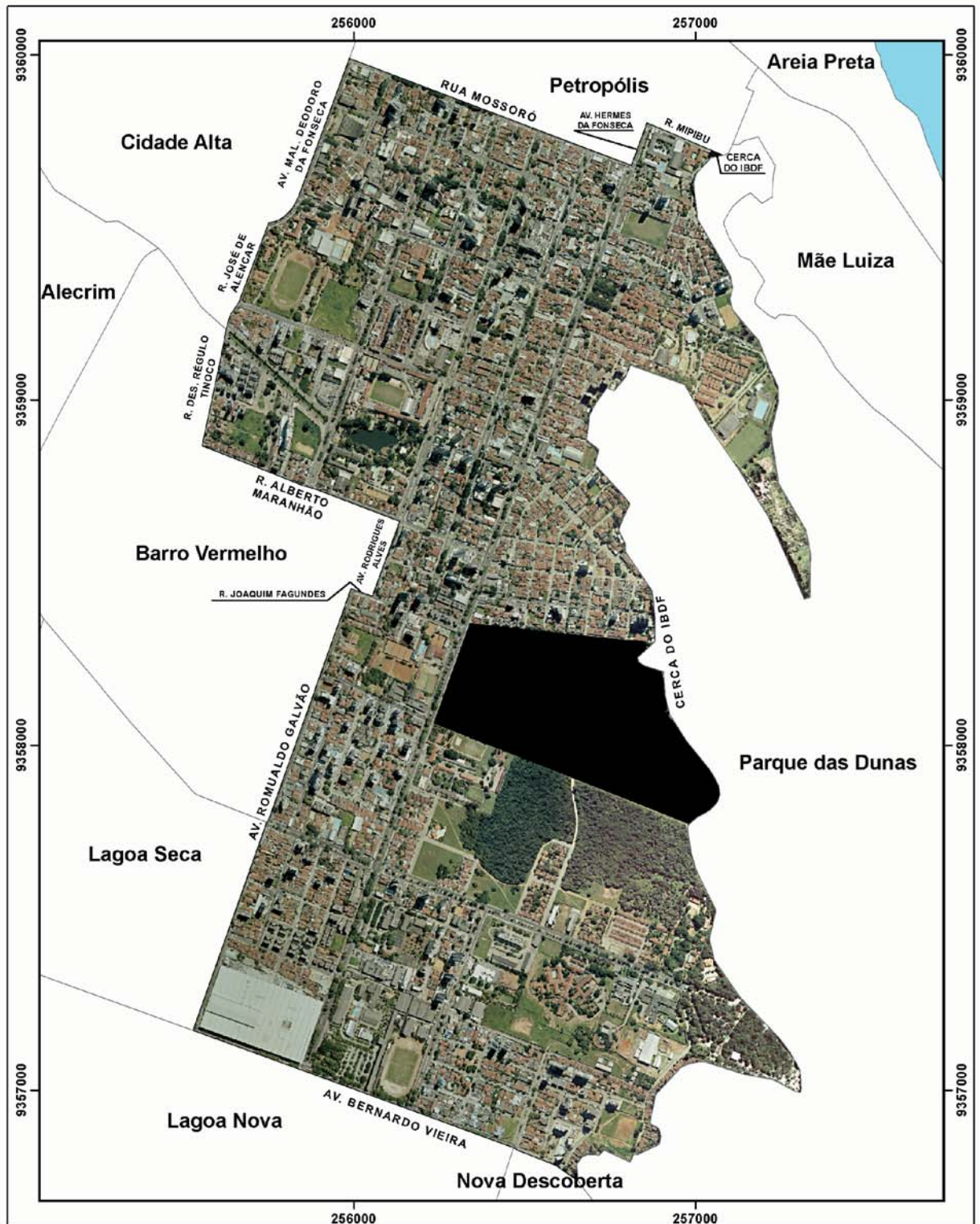


	PROJEÇÃO UNIVERSAL TRANSVERSA DE MERCATOR
	DATUM - SAD69 ZONA 25S
	MERIDIANO CENTRAL - 33°W

LOCALIZAÇÃO DO BAIRRO 	BAIRRO BARRO VERMELHO
---------------------------	---------------------------

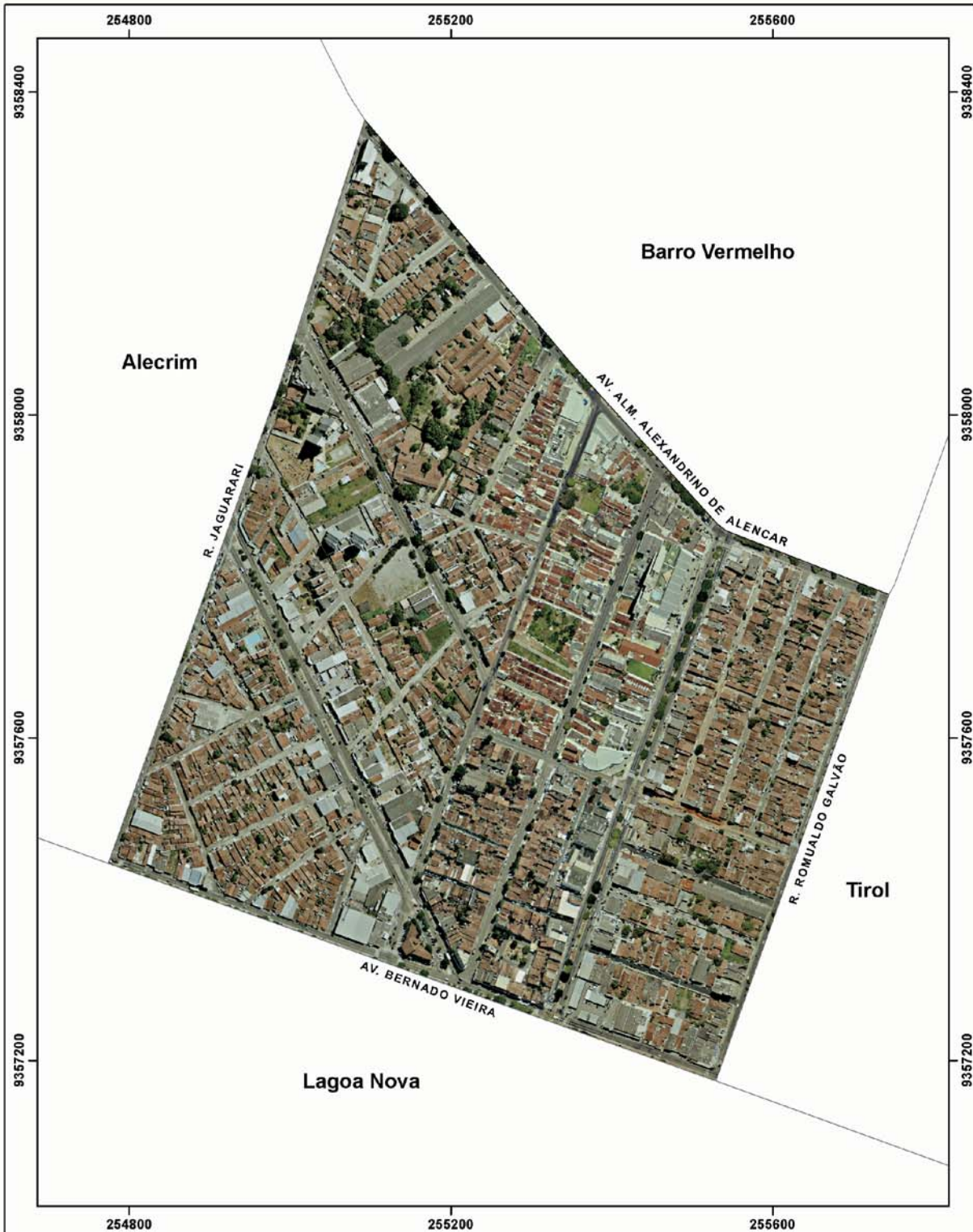
	PREFEITURA MUNICIPAL DE NATAL SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE E URBANISMO - SEMURB DEPARTAMENTO DE INFORMAÇÃO, PESQUISA E ESTATÍSTICA - DIPE SETOR DE PESQUISA E ESTATÍSTICA - SPE
	BAIRRO BARRO VERMELHO
	FOTOGRAFIA AÉREA ANO 2006
ELABORAÇÃO: VICTOR HUGO DIOGENES JALESON DANILLO R. DANTAS	





	<p>PROJEÇÃO UNIVERSAL TRANSVERSA DE MERCATOR</p> <p>DATUM - SAD69</p> <p>ZONA 25S</p> <p>MERIDIANO CENTRAL - 33°W</p>	<p>LOCALIZAÇÃO DO BAIRRO</p>	<p>BAIRRO TIROL</p>		<p>PREFEITURA MUNICIPAL DE NATAL</p> <p>SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE E URBANISMO - SEMURB</p> <p>DEPARTAMENTO DE INFORMAÇÃO, PESQUISA E ESTATÍSTICA - DIPE</p> <p>SETOR DE PESQUISA E ESTATÍSTICA - SPE</p>
		<p>BAIRRO TIROL</p>		<p>FOTOGRAFIA AÉREA ANO 2009</p>	<p>ORIENTADOR: VICTOR HUGO DIÓGENES JAELOSON DANILLO R. DANTAS</p>



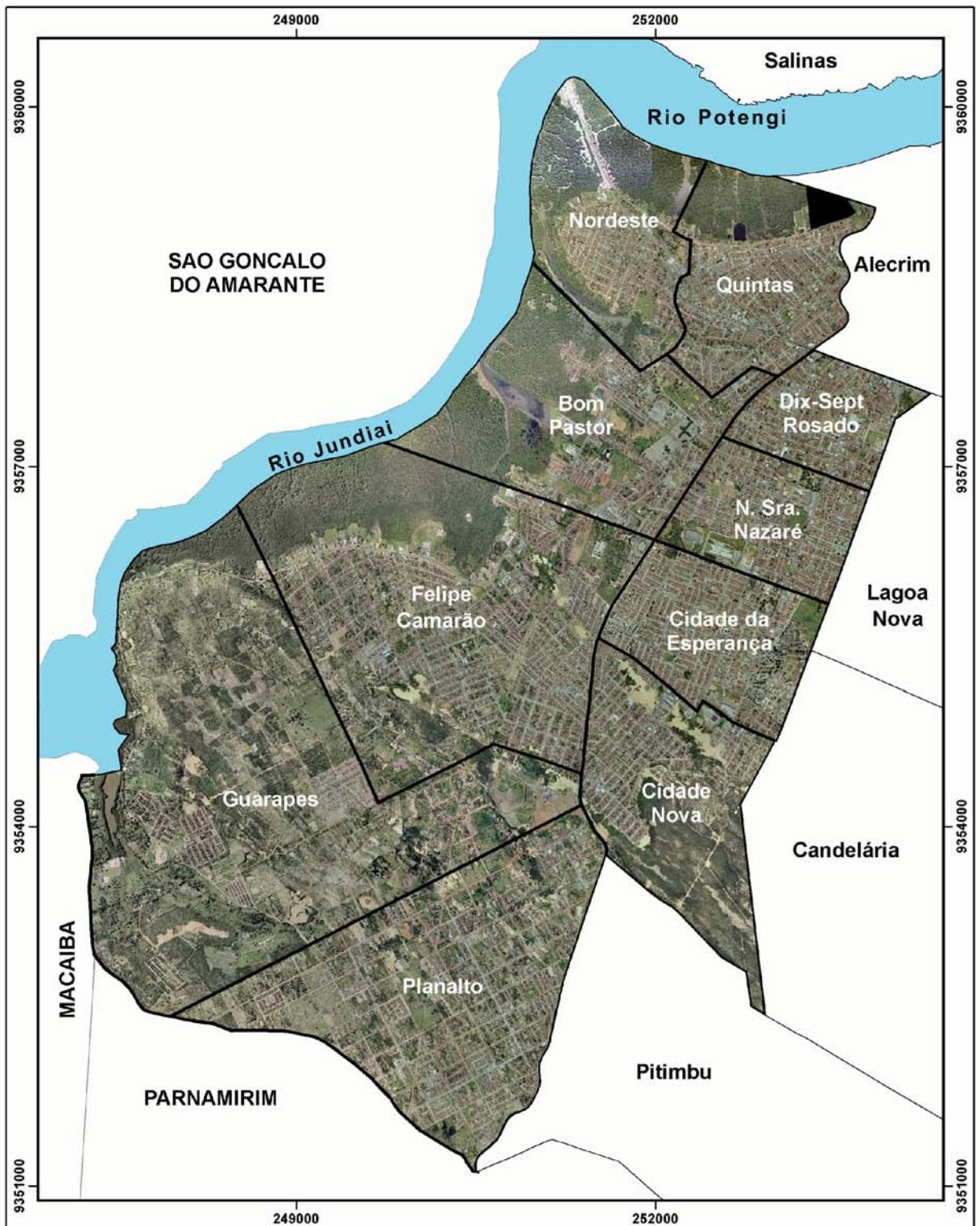


	PROJEÇÃO UNIVERSAL TRANSVERSA DE MERCATOR
	DATUM - SAD69
	ZONA 25S
MERIDIANO CENTRAL - 33°W	

LOCALIZAÇÃO DO BAIRRO	BAIRRO DE LAGOA SECA

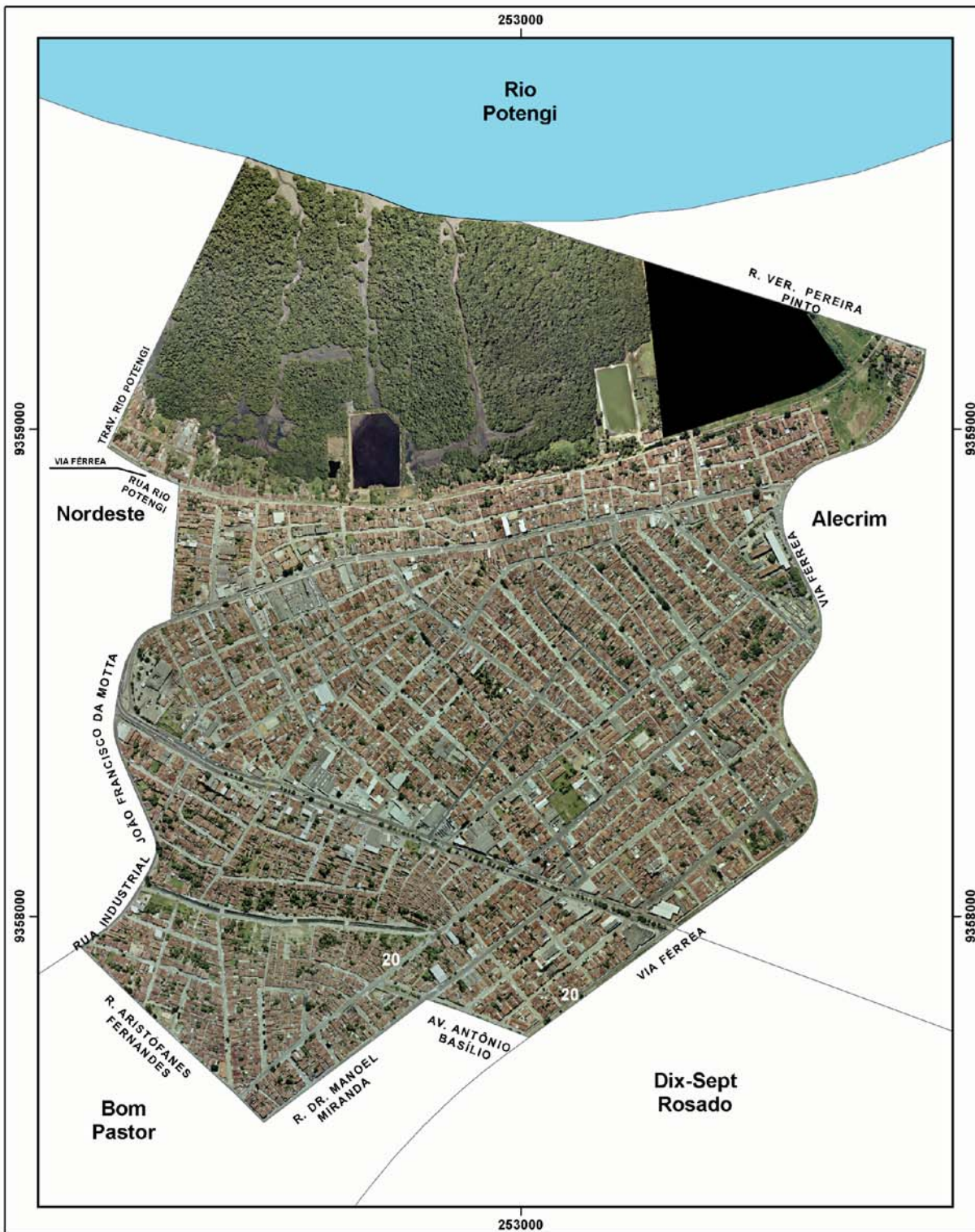
	PREFEITURA MUNICIPAL DE NATAL
	SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE E URBANISMO - SEMURB
	DEPARTAMENTO DE INFORMAÇÃO, PESQUISA E ESTATÍSTICA - DIPE SETOR DE PESQUISA E ESTATÍSTICA - SPE
BAIRRO LAGOA SECA	
FOTOGRAFIA AÉREA ANO 2006	DIGITALIZAÇÃO VICTOR HUGO DIÓGENES JAILSON DANILOR DANTAS





	<p>PROJEÇÃO UNIVERSAL TRANSVERSA DE MERCATOR</p> <p>DATUM - SAD69</p> <p>ZONA 26S</p>	<p>LOCALIZAÇÃO DA ZONA</p>	<p>REG. ADM. OESTE</p>		<p>PREFEITURA MUNICIPAL DE NATAL</p> <p>SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE E URBANISMO - SEMURB</p> <p>DEPARTAMENTO DE INFORMAÇÃO, PESQUISA E ESTATÍSTICA - DIPE</p> <p>SETOR DE PESQUISA E ESTATÍSTICA - SPE</p>
<p>MERIDIANO CENTRAL - 33°W</p>				<p>REGIÃO ADMINISTRATIVA OESTE</p> <p>FOTOGRAFIA AÉREA ANO 2006</p> <p>ELABORAÇÃO: VICTOR HUGO DIÓGENES JAILSON DANILLO R. DANTAS</p>	



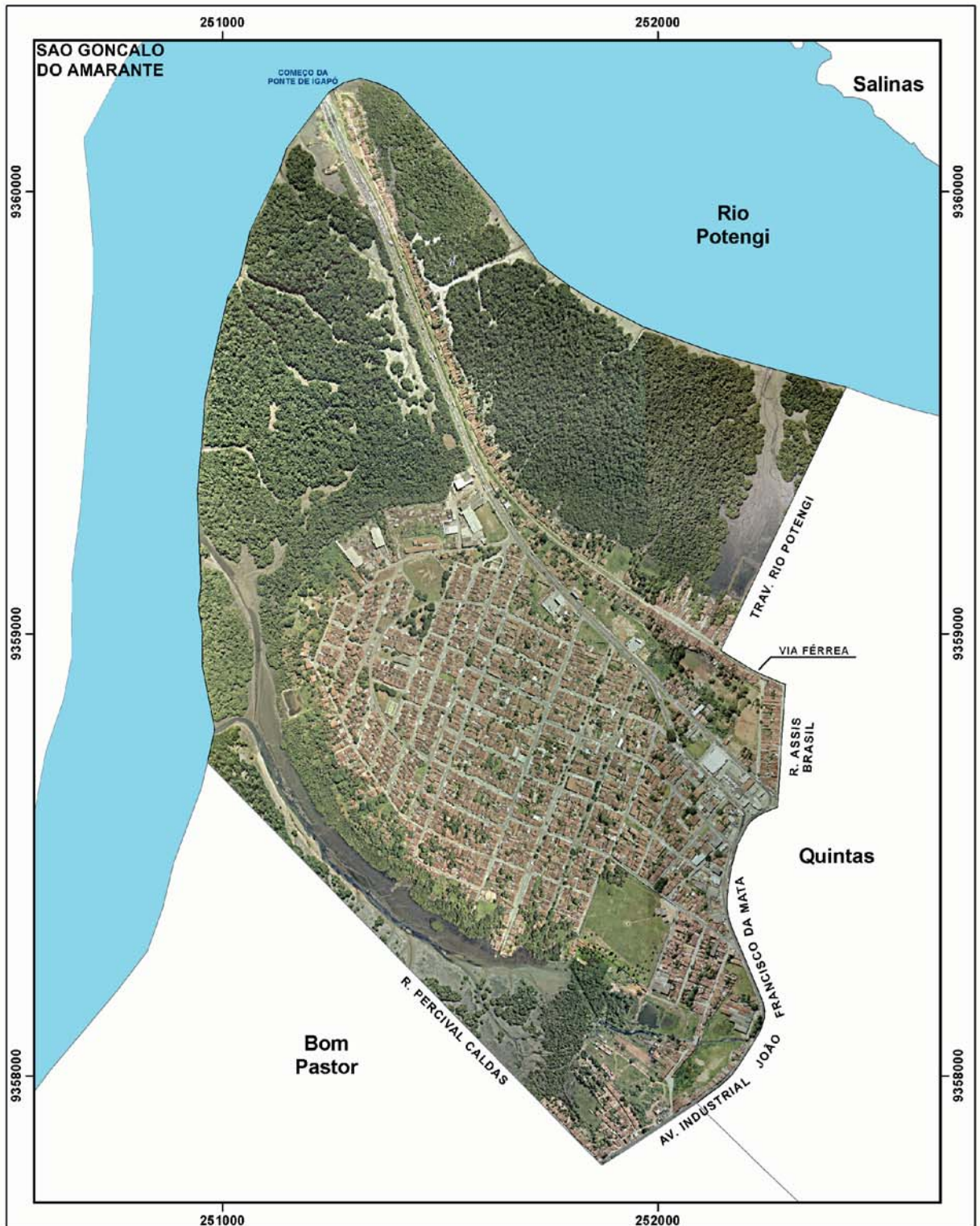


	PROJEÇÃO UNIVERSAL TRANSVERSA DE MERCATOR
	DATUM - SAD69 ZONA 25S
MERIDIANO CENTRAL - 33°W	
0 100 200 300 400 Metros	

LOCALIZAÇÃO DO BAIRRO	BAIRRO QUINTAS

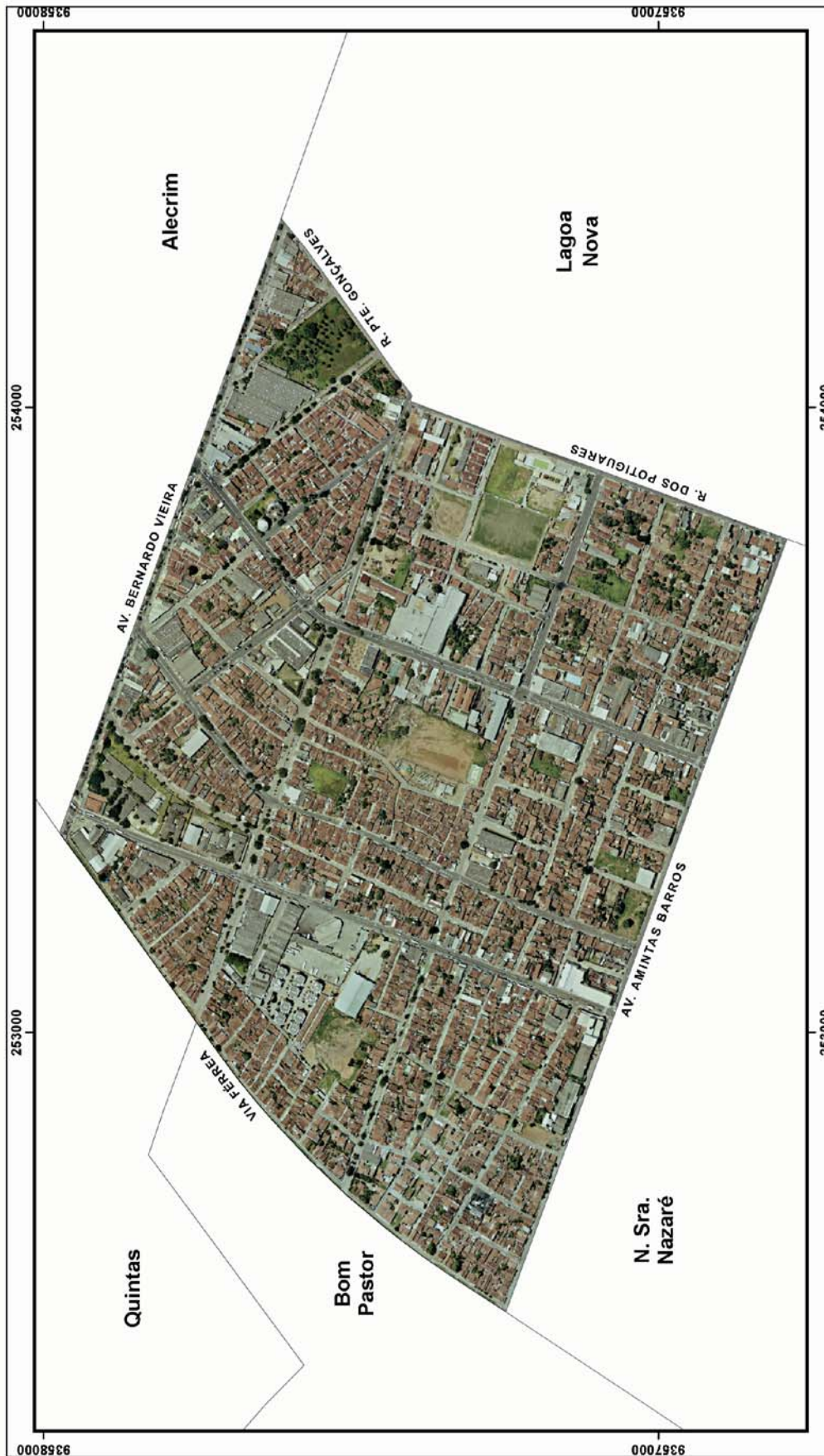
	PREFEITURA MUNICIPAL DE NATAL SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE E URBANISMO - SEMURB DEPARTAMENTO DE INFORMAÇÃO, PESQUISA E ESTATÍSTICA - DIPE SETOR DE PESQUISA E ESTATÍSTICA - SPE
	BAIRRO QUINTAS
FOTOGRAFIA AÉREA ANO 2006	DIGITALIZAÇÃO: VICTOR HUGO DIÓGENES JAILSON DANILO R. DANTAS





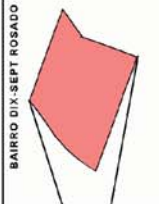




	<p>PROJEÇÃO UNIVERSAL TRANSVERSA DE MERCATOR</p> <p>DATUM - SAD69</p> <p>ZONA 25S</p>	<p>LOCALIZAÇÃO DO BAIRRO</p>	<p>BAIRRO NORDESTE</p>		<p>PREFEITURA MUNICIPAL DE NATAL</p> <p>SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE E URBANISMO - SEMURB</p> <p>DEPARTAMENTO DE INFORMAÇÃO, PESQUISA E ESTATÍSTICA - DIPE</p> <p>SETOR DE PESQUISA E ESTATÍSTICA - SPE</p>
<p>MERIDIANO CENTRAL - 33°W</p> <p>0 150 300 450 Metros</p>				<p>BAIRRO NORDESTE</p> <p>FOTOGRAFIA AÉREA ANO 2008</p> <p>REALIZAÇÃO: VICTOR HUGO DRÓGENES JAELESON DANILO R. DANTAS</p>	



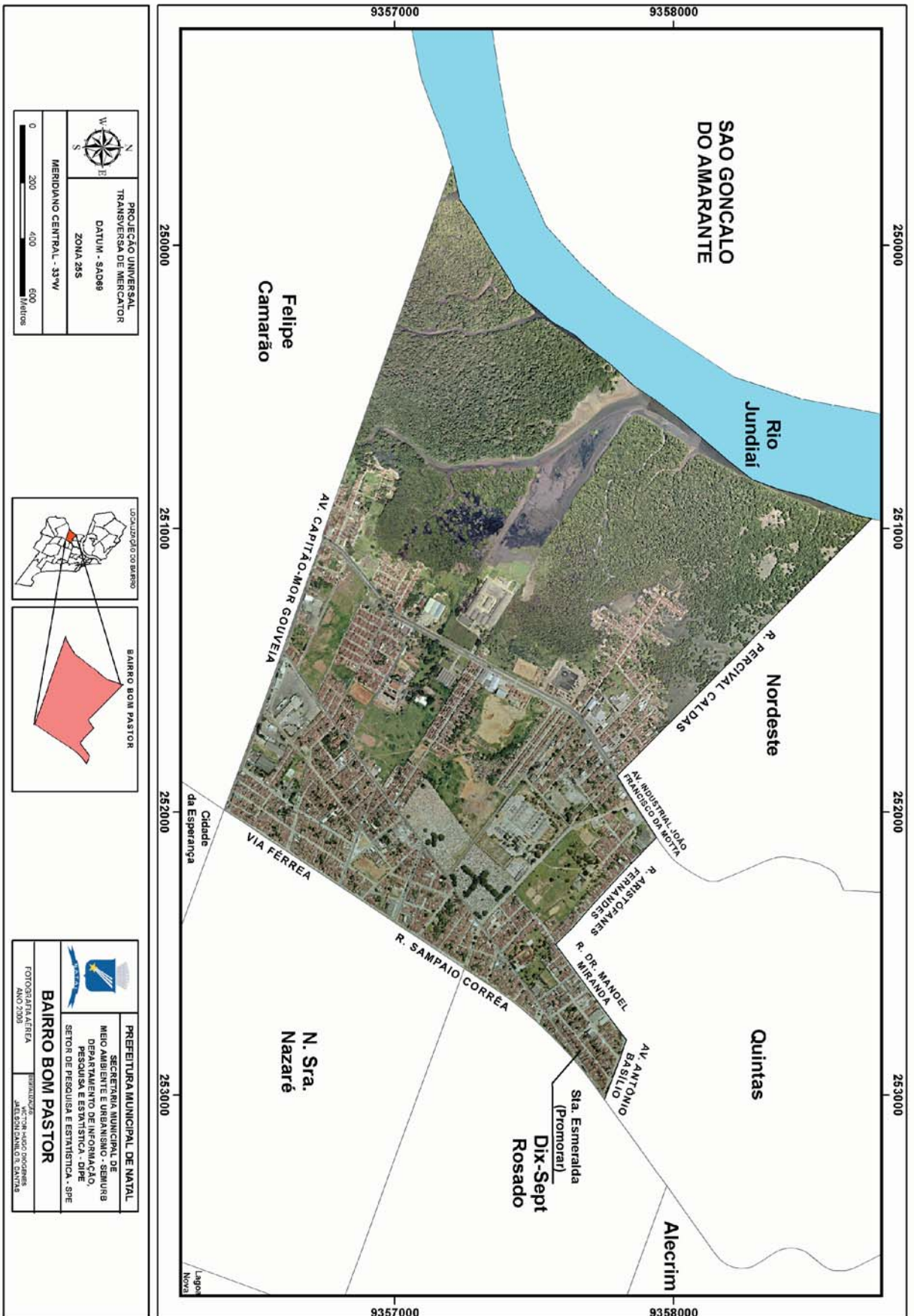


	PREFEITURA MUNICIPAL DE NATAL SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE E URBANISMO - SEMURB DEPARTAMENTO DE INFORMACÃO, PESQUISA E ESTATÍSTICA - DIPE SETOR DE PESQUISA E ESTATÍSTICA - SPE
	BAIRRO DIX-SEPT ROSADO FOTOGRAFIA AÉREA ANO 2008 REALIZADO POR: JACQUES FERREIRA JANEIRO/2009/05 UNITS

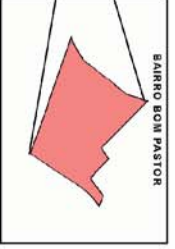
LOCALIZAÇÃO DO BAIRRO 	BAIRRO DIX-SEPT ROSADO 
--	---

	PROJEÇÃO UNIVERSAL TRANSVERSA DE MERCATOR DATUM - SAD89 ZONA 25S MERIDIANO CENTRAL - 33°W
	



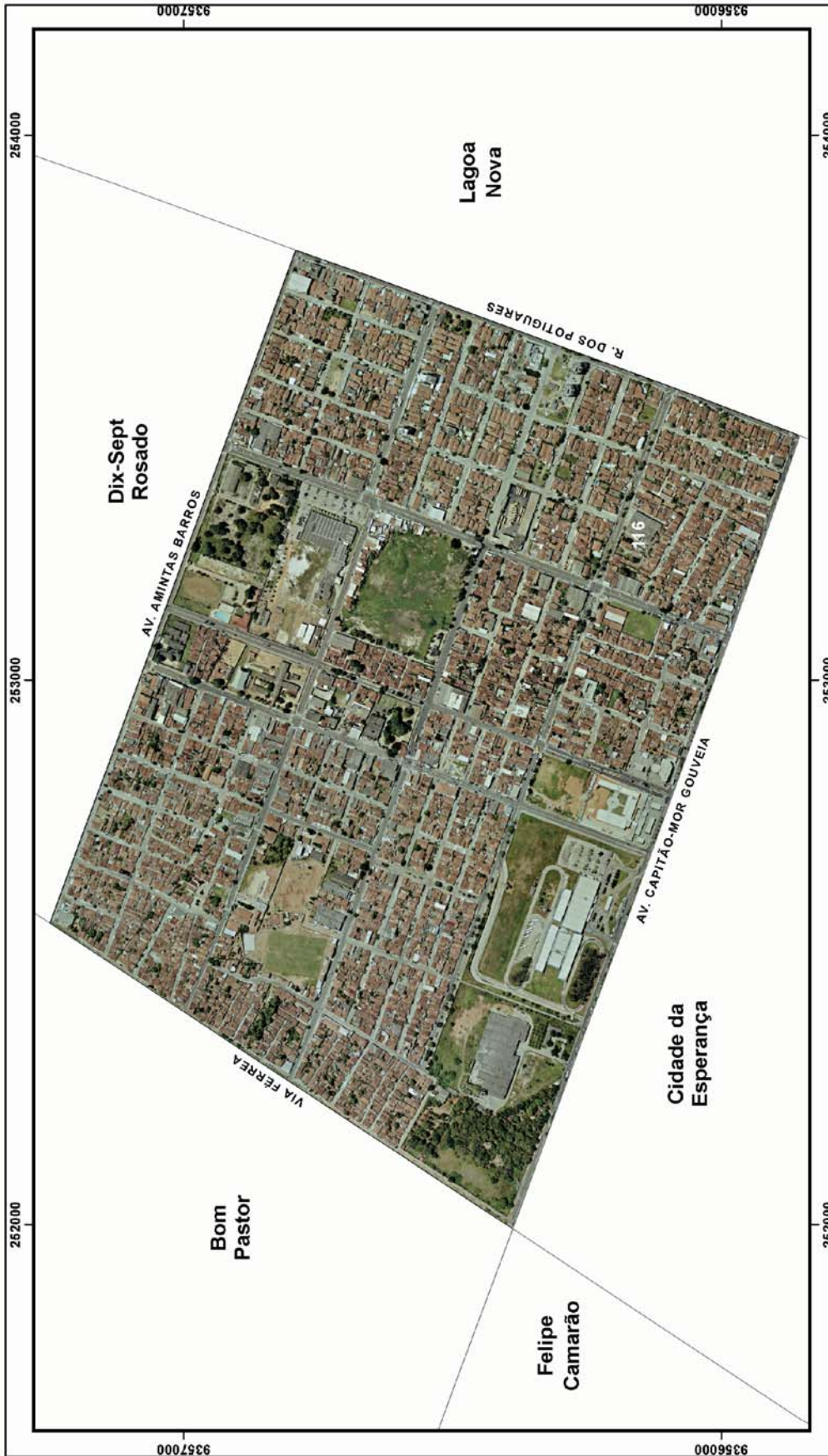


PROJEÇÃO UNIVERSAL TRANSVERSA DE MERCATOR DATUM - SADO89 ZONA 23S MERIDIANO CENTRAL - 33°W	

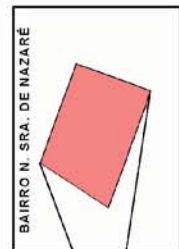
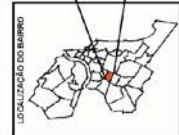


PREFEITURA MUNICIPAL DE NATAL SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE E URBANISMO - SEMURB DEPARTAMENTO DE INFORMACÃO, PESQUISA E ESTATÍSTICA - DIFE SETOR DE PESQUISA E ESTATÍSTICA - SPE	
BAIXO BOM PASTOR	
FOTOGRAFIA ANO 2005	PREPARADO POR VICTOR HENRIQUE DE SOUZA ALESSANDRO DE SAUS



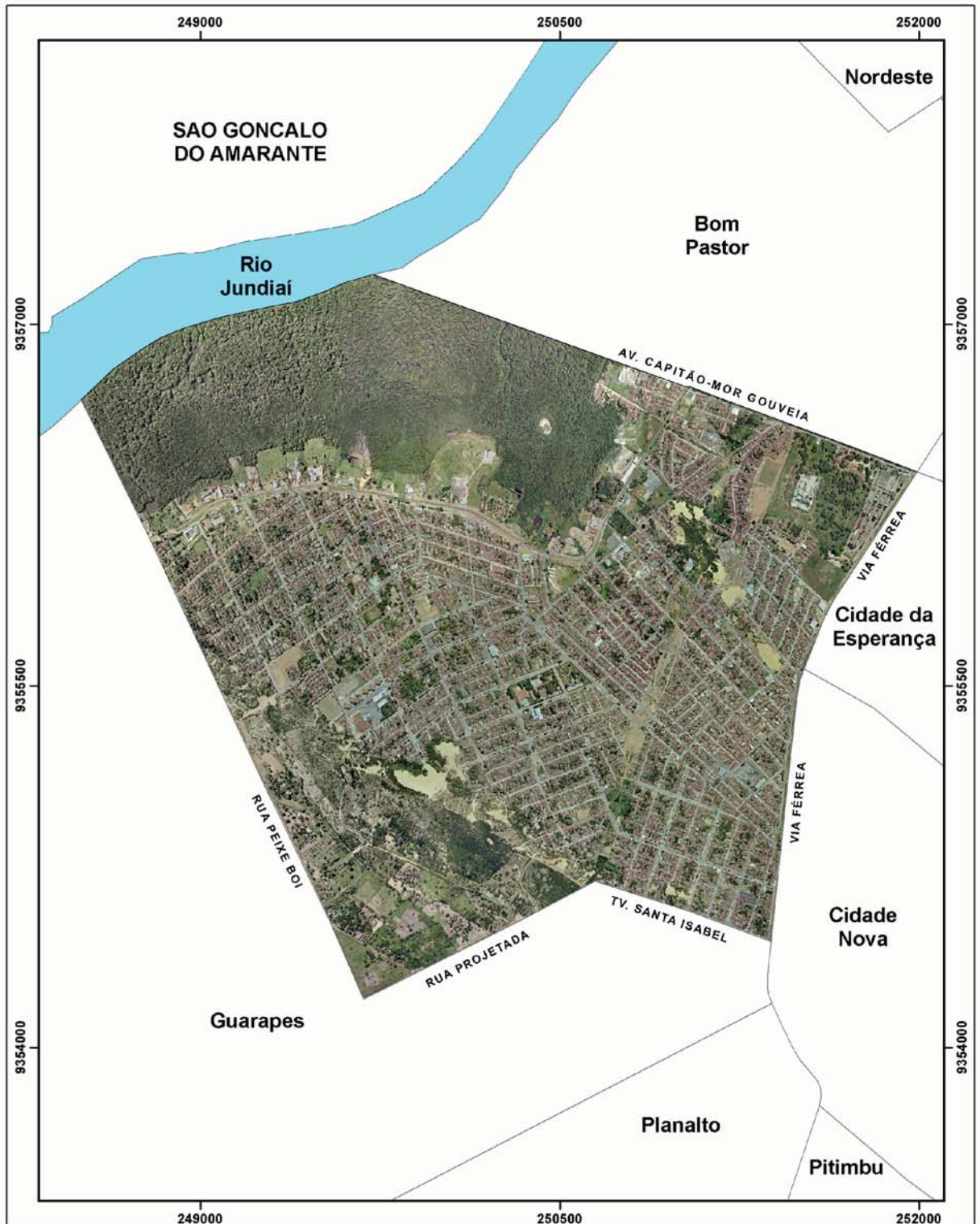


	PROJEÇÃO UNIVERSAL TRANSVERSA DE MERICATOR
	DATUM - SAD89 ZONA 25S
MERIDIANO CENTRAL - 33°W	



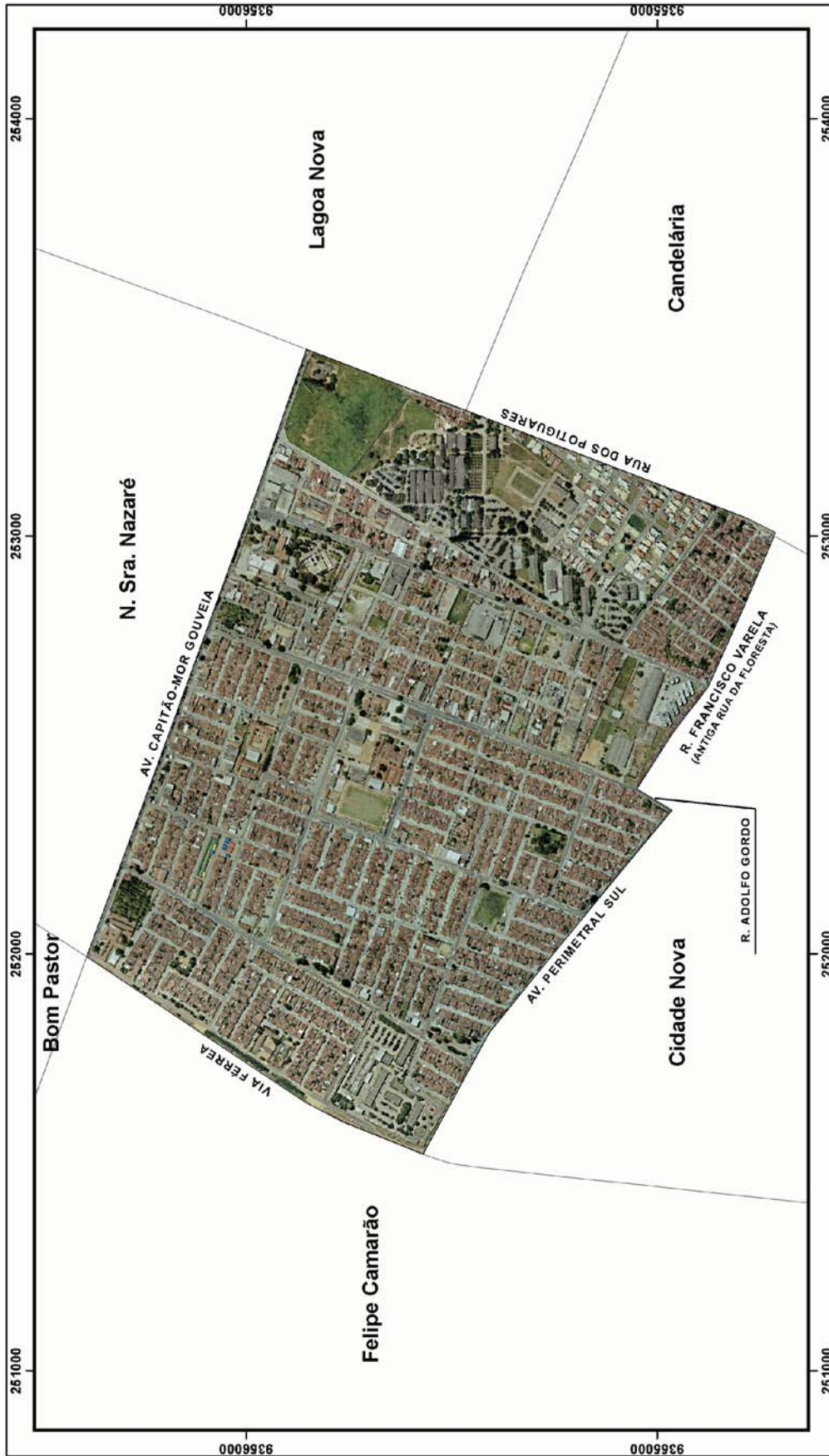
	PREFEITURA MUNICIPAL DE NATAL
	SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE E URBANISMO - SEMIURB DEPARTAMENTO DE INFORMAÇÃO, PESQUISA E ESTATÍSTICA - DIPE
	SETOR DE PESQUISA E ESTATÍSTICA - SPE
BAIRRO NOSSA SRA. DE NAZARÉ FOTOGRAFIA AÉREA ANO 2006 <small>COORDENADOR: JAMES EDUARDO DE OLIVEIRA</small>	



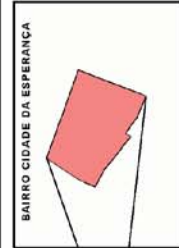


	<p>PROJEÇÃO UNIVERSAL TRANSVERSA DE MERCATOR</p> <p>DATUM - SAD69</p> <p>ZONA 25S</p> <p>MERIDIANO CENTRAL - 33°W</p>	<p>LOCALIZAÇÃO DO BARRIO</p>	<p>BARRIO FELIPE CAMARÃO</p>		<p>PREFEITURA MUNICIPAL DE NATAL</p> <p>SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE E URBANISMO - SEMURB</p> <p>DEPARTAMENTO DE INFORMAÇÃO, PESQUISA E ESTATÍSTICA - DIPE</p> <p>SETOR DE PESQUISA E ESTATÍSTICA - SPE</p> <p>BARRIO FELIPE CAMARÃO</p> <p>FOTOGRAFIA AÉREA ANO 2006</p> <p>ORIENTAÇÃO: VICTOR HUGO DIOGENES JABELSON DANLO R. DANTAS</p>
--	---	------------------------------	------------------------------	--	--



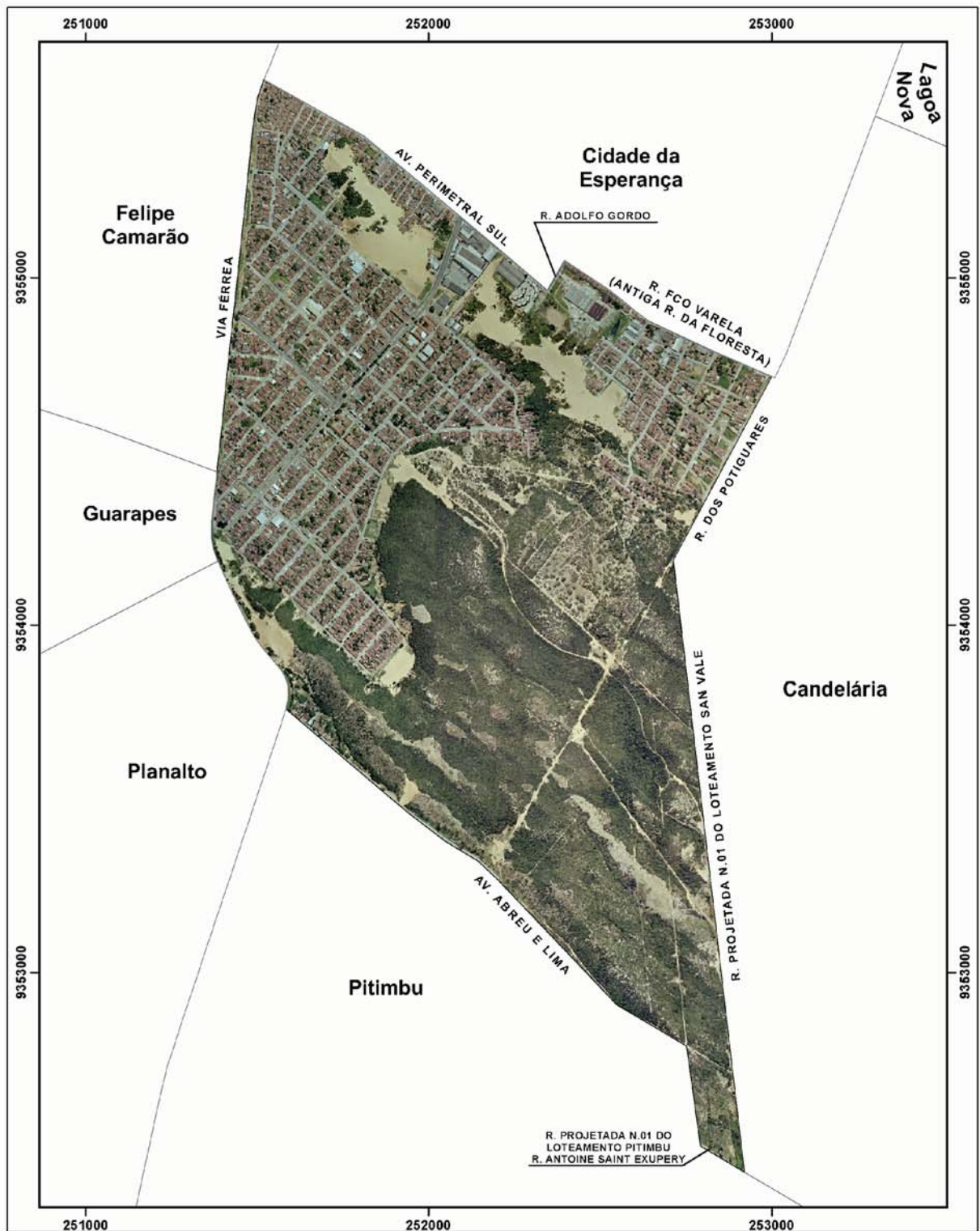


	PROJEÇÃO UNIVERSAL TRANSVERSA DE MERCATOR
	DATUM - SAD69 ZONA 25S
MERIDIANO CENTRAL - 33°W	



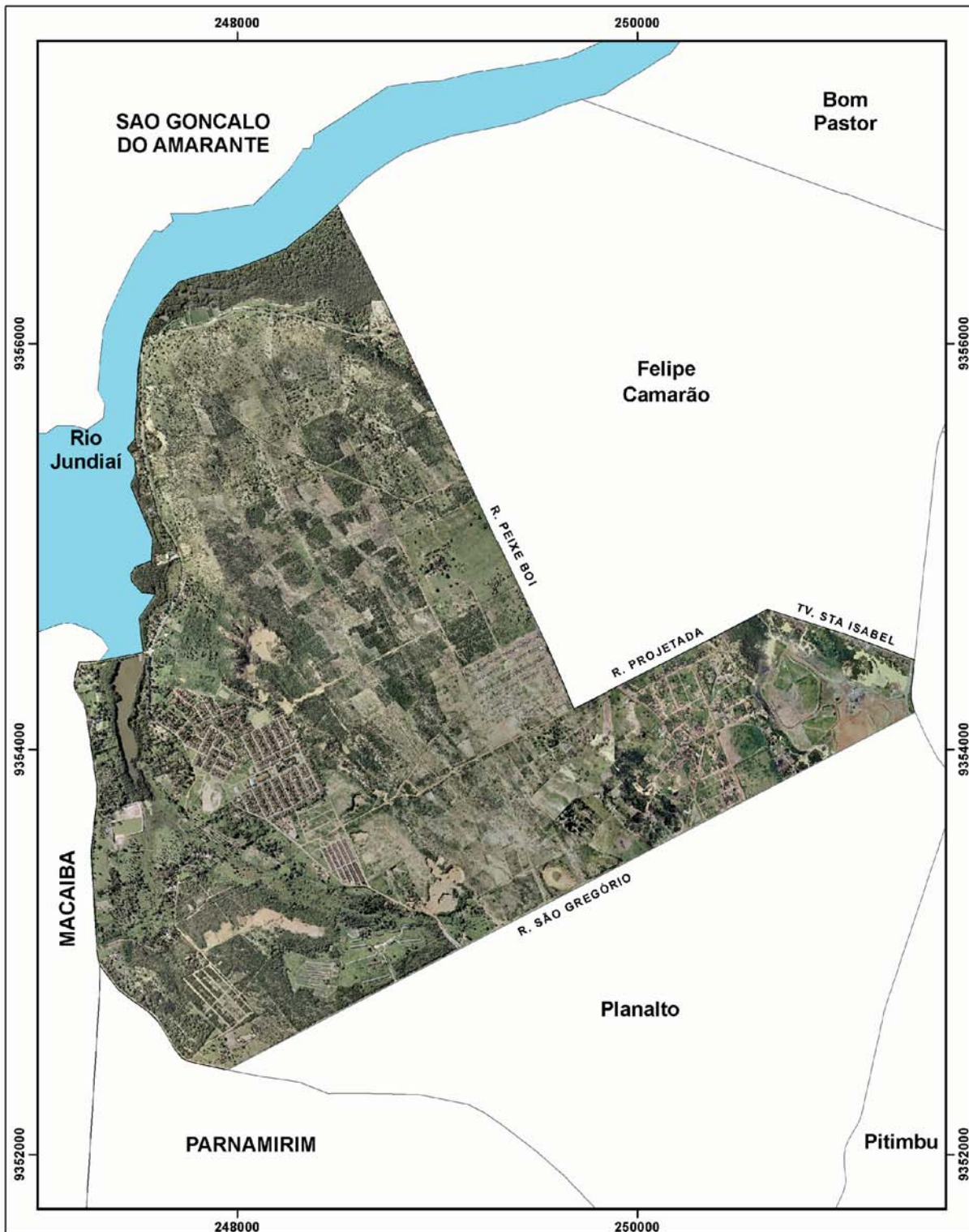
	PREFEITURA MUNICIPAL DE NATAL
	SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE E URBANISMO - SEMURB DEPARTAMENTO DE INFORMACÃO, PESQUISA E ESTATÍSTICA - DIPE
	SETOR DE PESQUISA E ESTATÍSTICA - SPE
BAIRRO CIDADE DA ESPERANÇA	
FOTOGRAFIA AÉREA	IDENTIFICAÇÃO DOS IMÓVEIS JANELSON DA SILVA DANTAS ANO 2006





	<p>PROJEÇÃO UNIVERSAL TRANSVERSA DE MERCATOR</p> <p>DATUM - SAD69</p> <p>ZONA 25S</p> <p>MERIDIANO CENTRAL - 33°W</p> <p>0 150 300 450 Metros</p>	<p>LOCALIZAÇÃO DO BARRIO</p>	<p>BARRIO CIDADE NOVA</p>		<p>PREFEITURA MUNICIPAL DE NATAL</p> <p>SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE E URBANISMO - SEMURB</p> <p>DEPARTAMENTO DE INFORMAÇÃO, PESQUISA E ESTATÍSTICA - DIPE</p> <p>SETOR DE PESQUISA E ESTATÍSTICA - SPE</p> <p>BARRIO CIDADE NOVA</p> <p>FOTOGRAFIA AÉREA ANO 2006</p> <p>DESENHO: VICTOR HUGO DIÓGENES JAEI SON DA NILO R. DANTAS</p>
--	---	------------------------------	---------------------------	--	--



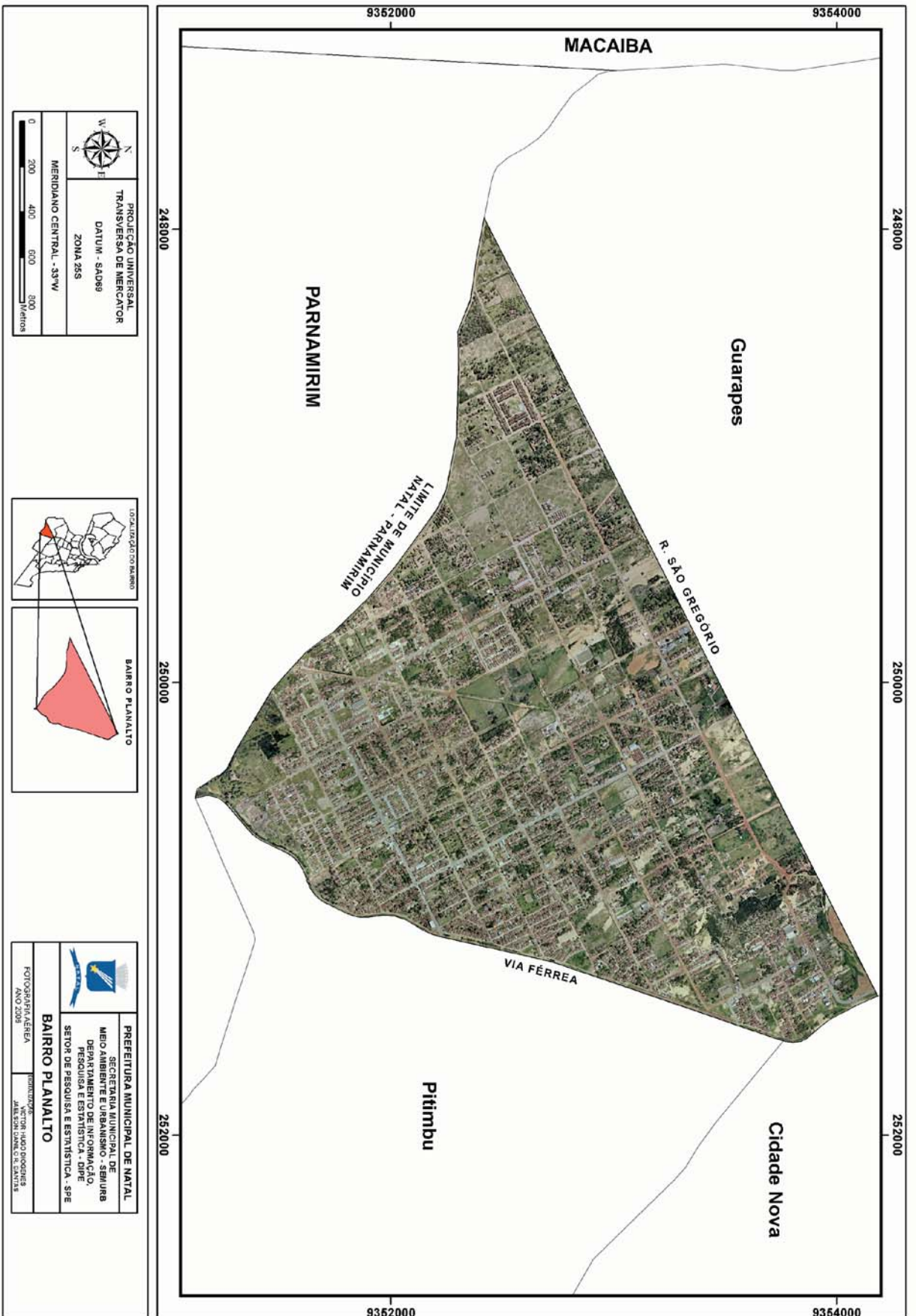


	PROJEÇÃO UNIVERSAL TRANSVERSA DE MERCATOR
	DATUM - SAD69
	ZONA 25S
MERIDIANO CENTRAL - 33°W	
0 300 600 900 Metros	

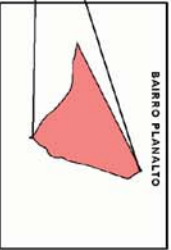
LOCALIZAÇÃO DO BAIRRO	BAIRRO GUARAPES

	PREFEITURA MUNICIPAL DE NATAL
	SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE E URBANISMO - SEMURB
	DEPARTAMENTO DE INFORMAÇÃO, PESQUISA E ESTATÍSTICA - DIPE
	SETOR DE PESQUISA E ESTATÍSTICA - SPE
BAIRRO GUARAPES	
FOTOGRAFIA AÉREA ANO 2005	DIGITALIZAÇÃO VICTOR HUGO DIÓGENES JAELESON CARLOS R. DANTAS



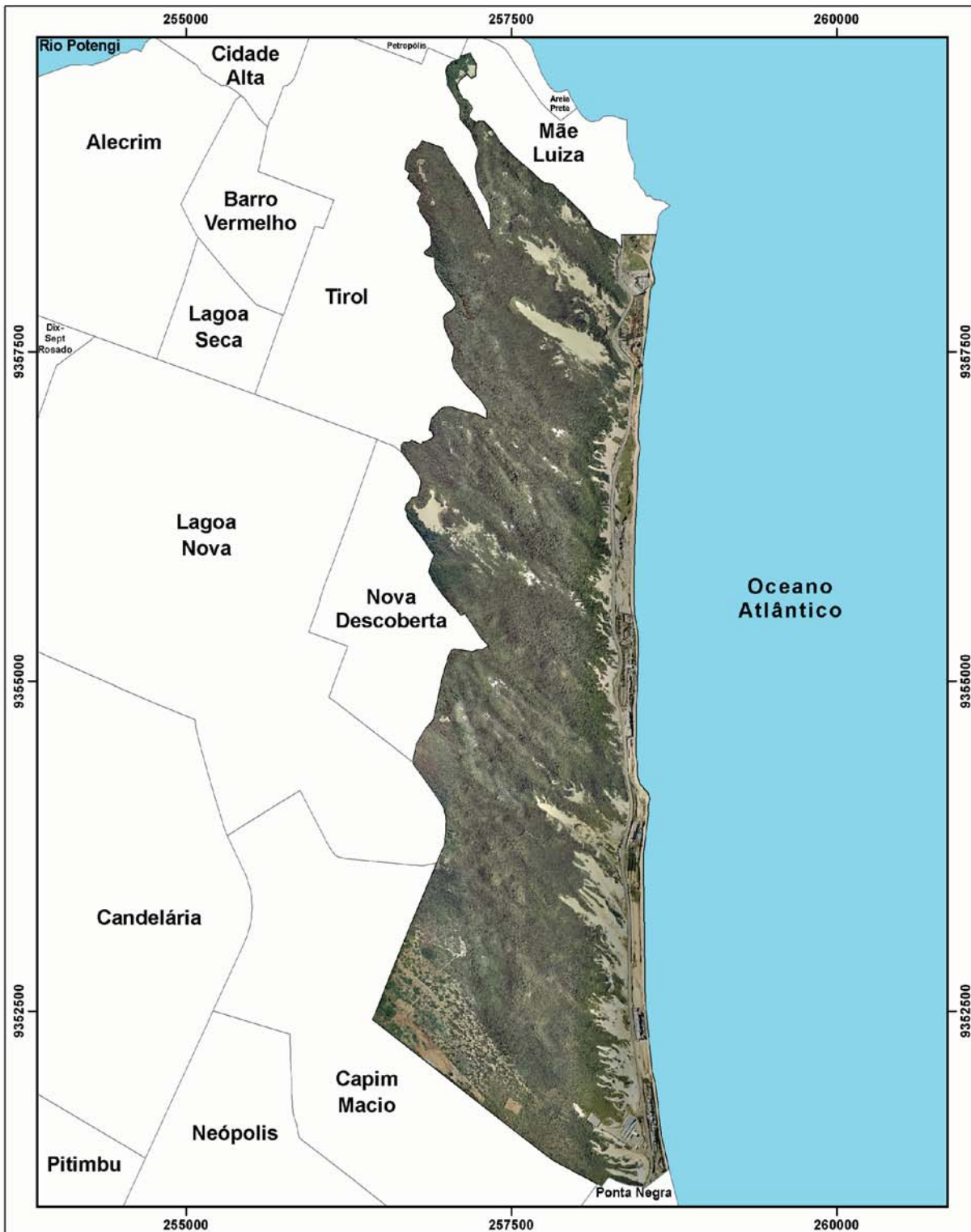


PROJEÇÃO UNIVERSAL TRANSVERSA DE MERCATOR	
DATUM - SAD89	
ZONA 28S	
MERIDIANO CENTRAL - 39°W	



PREFEITURA MUNICIPAL DE NATAL	
MEO ABRIL 2008	
DEPARTAMENTO DE INFORMACÃO, PESQUISA E ESTATÍSTICA - D.I.P.E.	
SETOR DE PESQUISA E ESTATÍSTICA - SPE	
BAIRRO PLANALTO	
FOTOGRAFIA AEREA ANO 2008	INTERPRETE VICTOR HAGO DIODORUS ALEXSON DANIEL SANTOS





	PROJEÇÃO UNIVERSAL TRANSVERSA DE MERCATOR DATUM - SAD69 ZONA 25S
	MERIDIANO CENTRAL - 33°W
0 500 1.000 1.500 Metros	

LOCALIZAÇÃO DA ÁREA 	PARQUE DAS DUNAS
-------------------------	----------------------

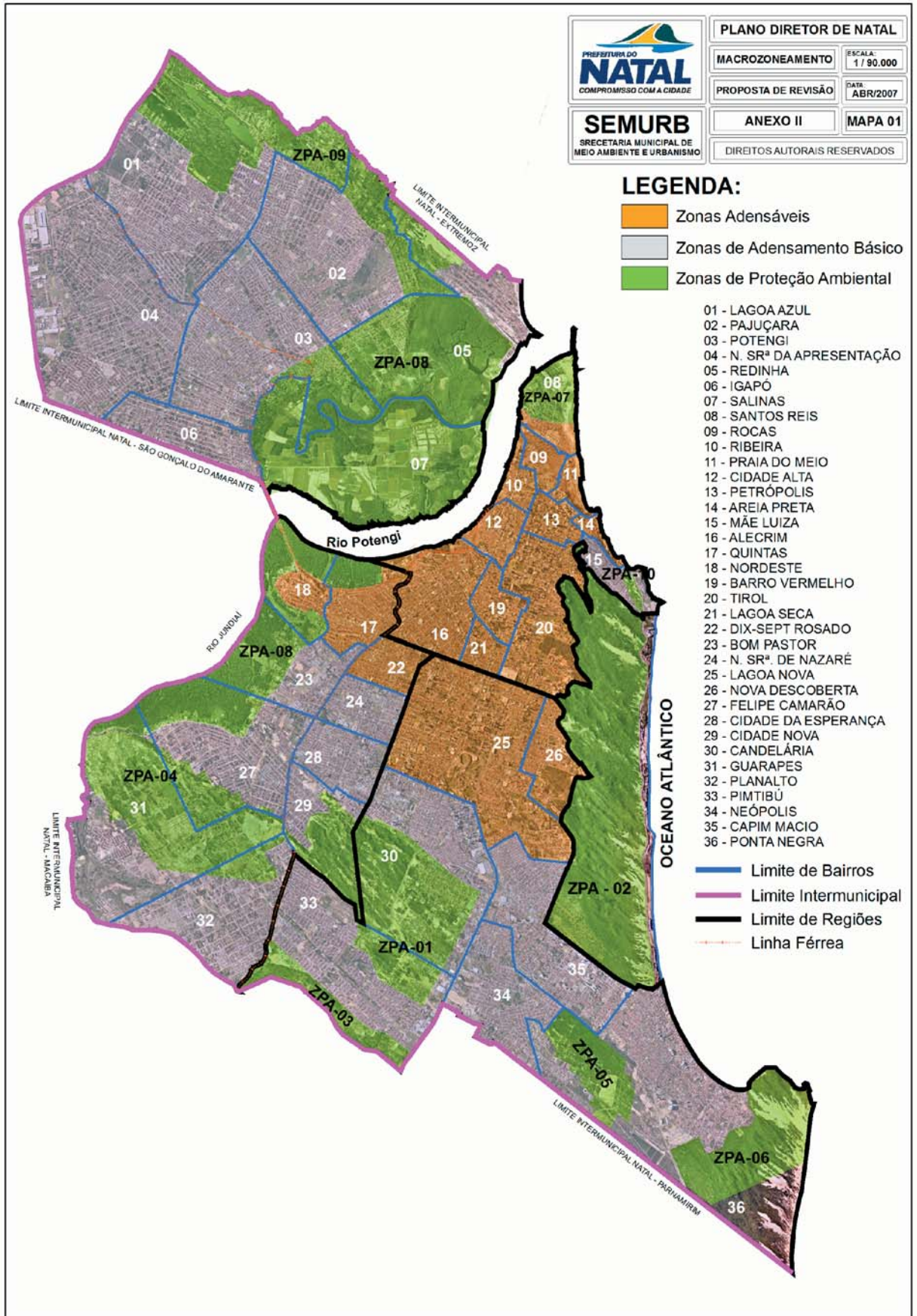
	PREFEITURA MUNICIPAL DE NATAL SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE E URBANISMO - SEMURB DEPARTAMENTO DE INFORMAÇÃO, PESQUISA E ESTATÍSTICA - DIPE SETOR DE PESQUISA E ESTATÍSTICA - SPE
	PARQUE DAS DUNAS
FOTOGRAFIA AÉREA ANO 2006	ORIENTADOR VICTOR NUNO DIÓGENES JAMILSON DANILLO R. DANTAS

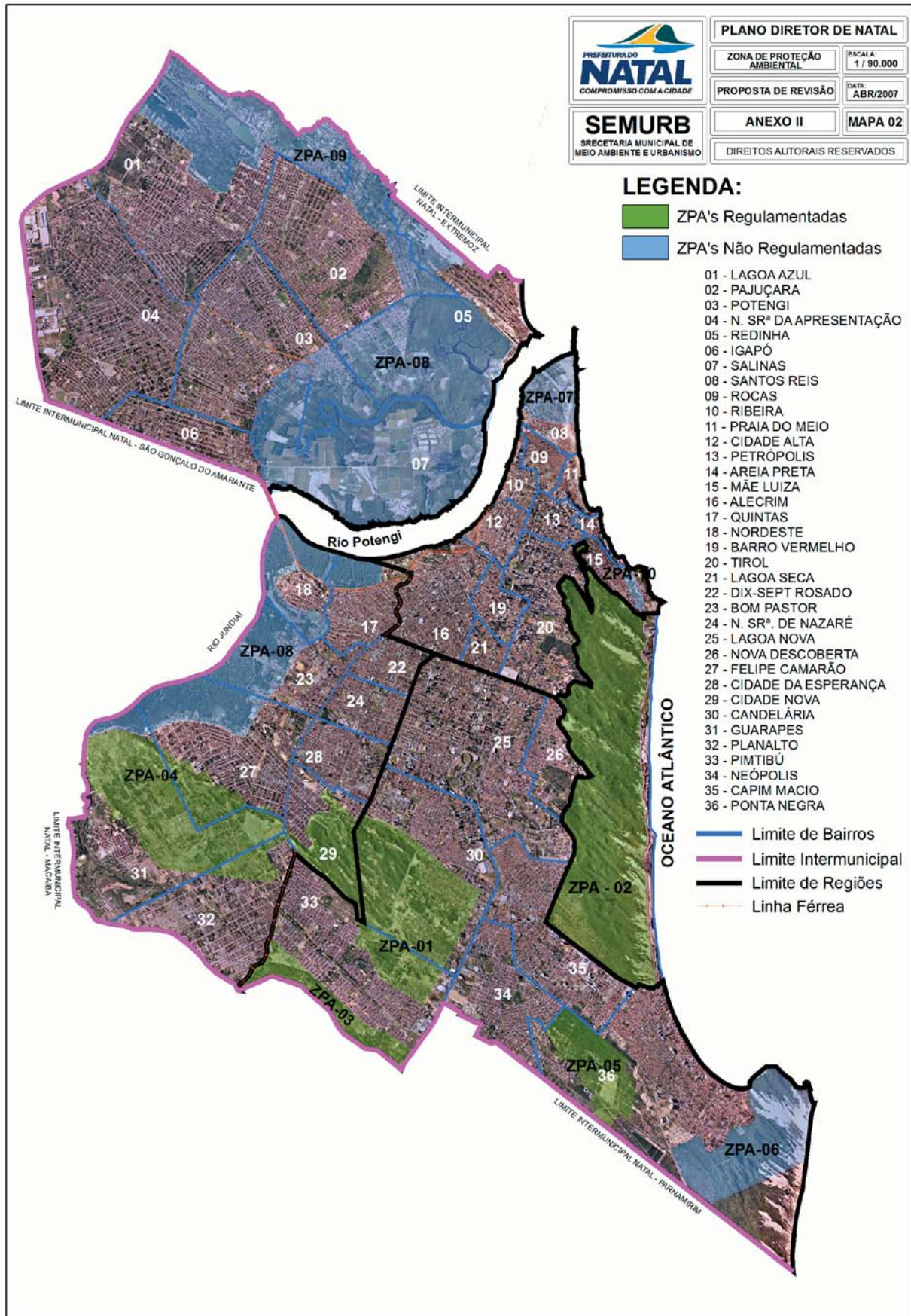


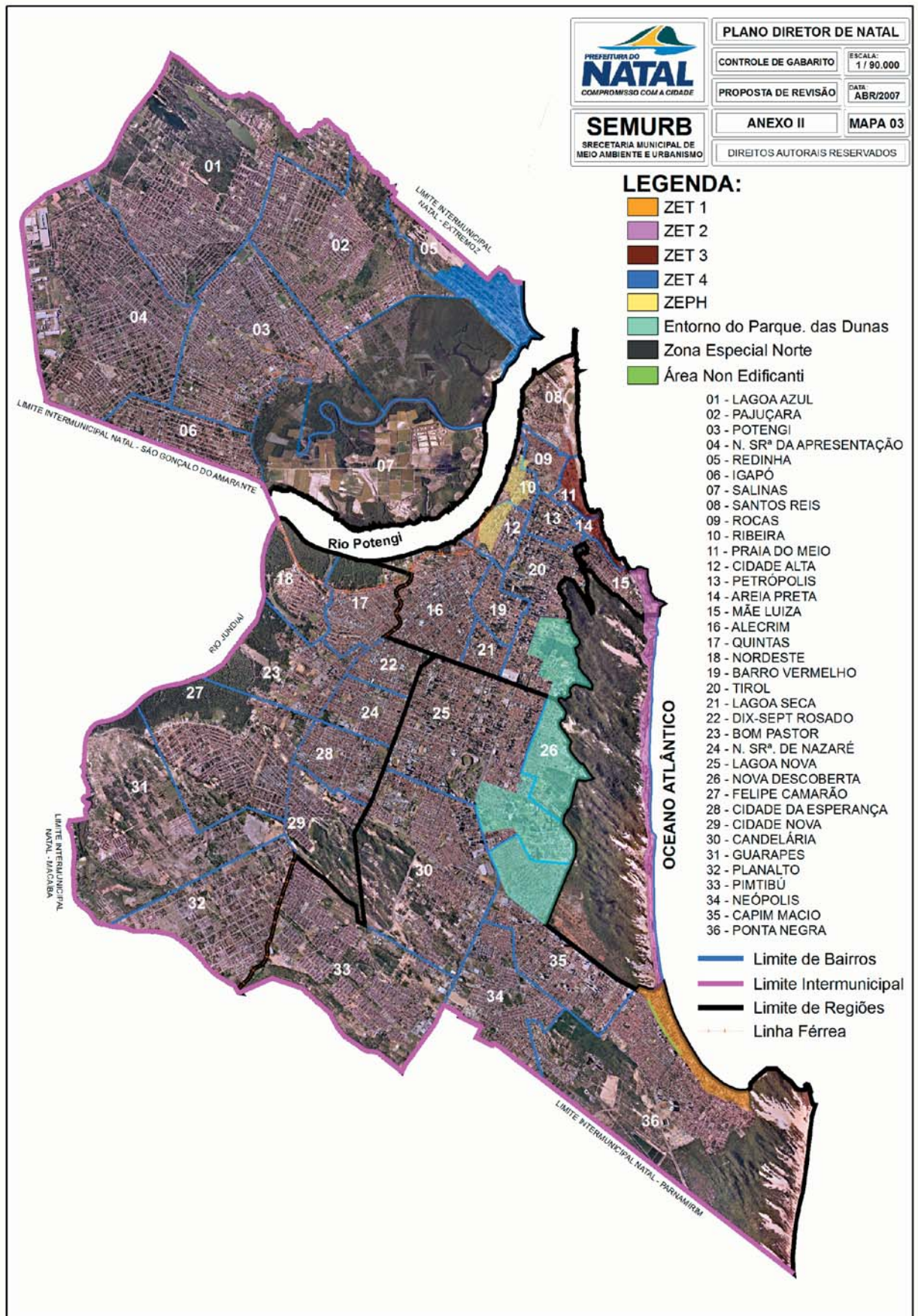


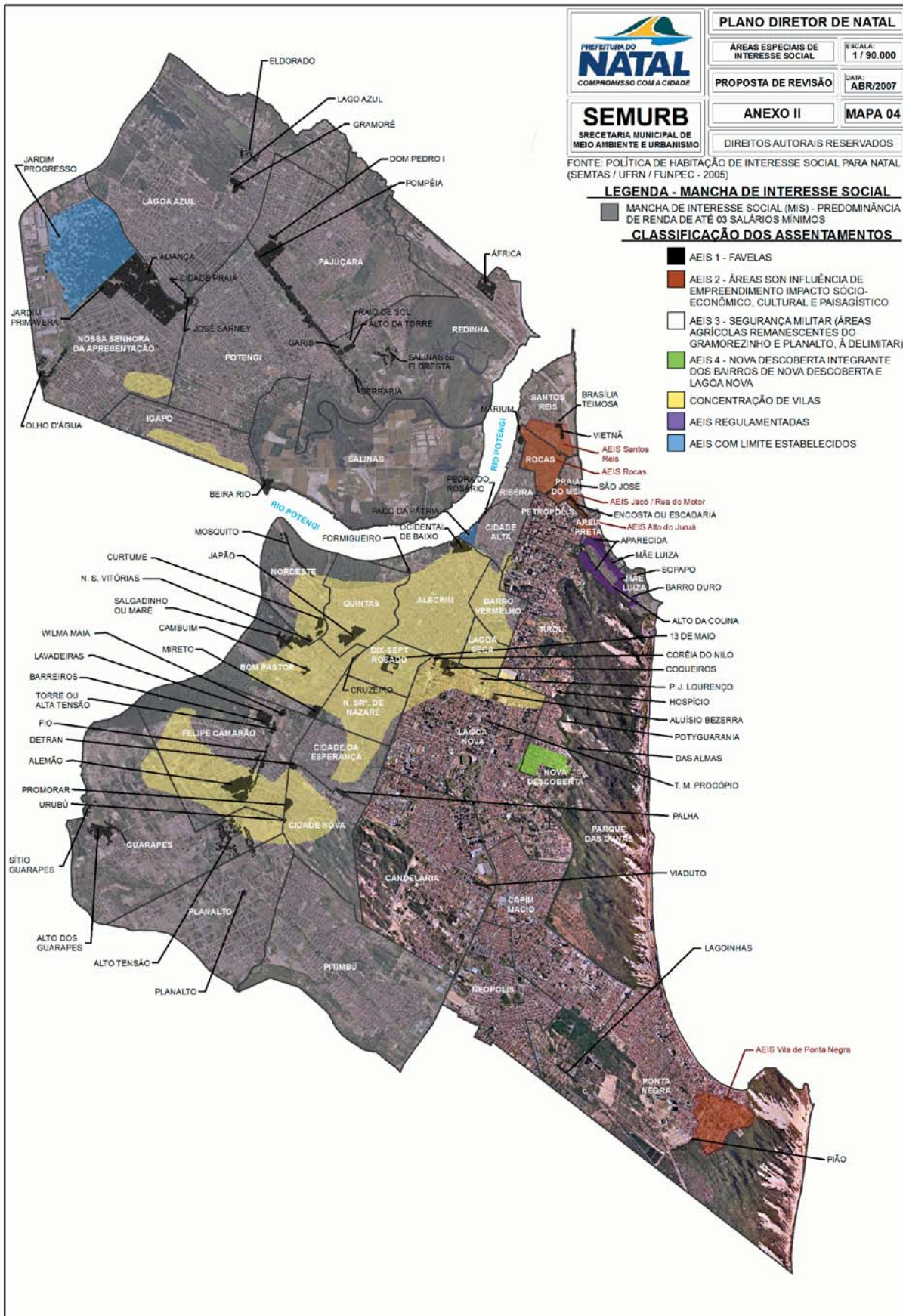
ANEXO II - MAPAS DO PLANO DIRETOR DE NATAL

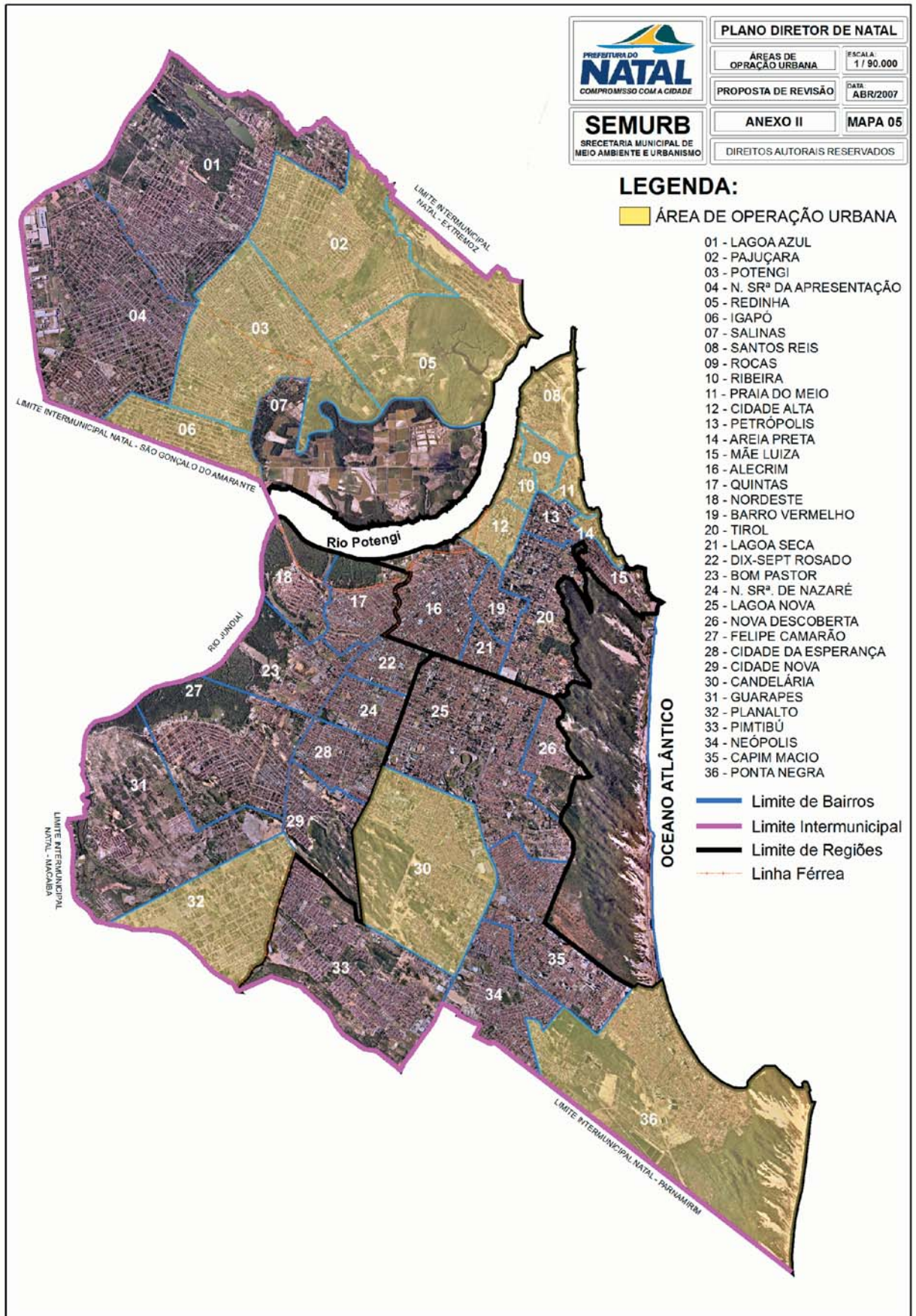
(Lei complementar Nº 082 de 21 de junho de 2007)













PLANO DIRETOR DE NATAL

ZONA ESPECIAL DE INTERESSE HISTÓRICO

ESCALA: 1 / 90.000

PROPOSTA DE REVISÃO

DATA: ABR/2007

SEMURB
SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE E URBANISMO

ANEXO II

MAPA 06

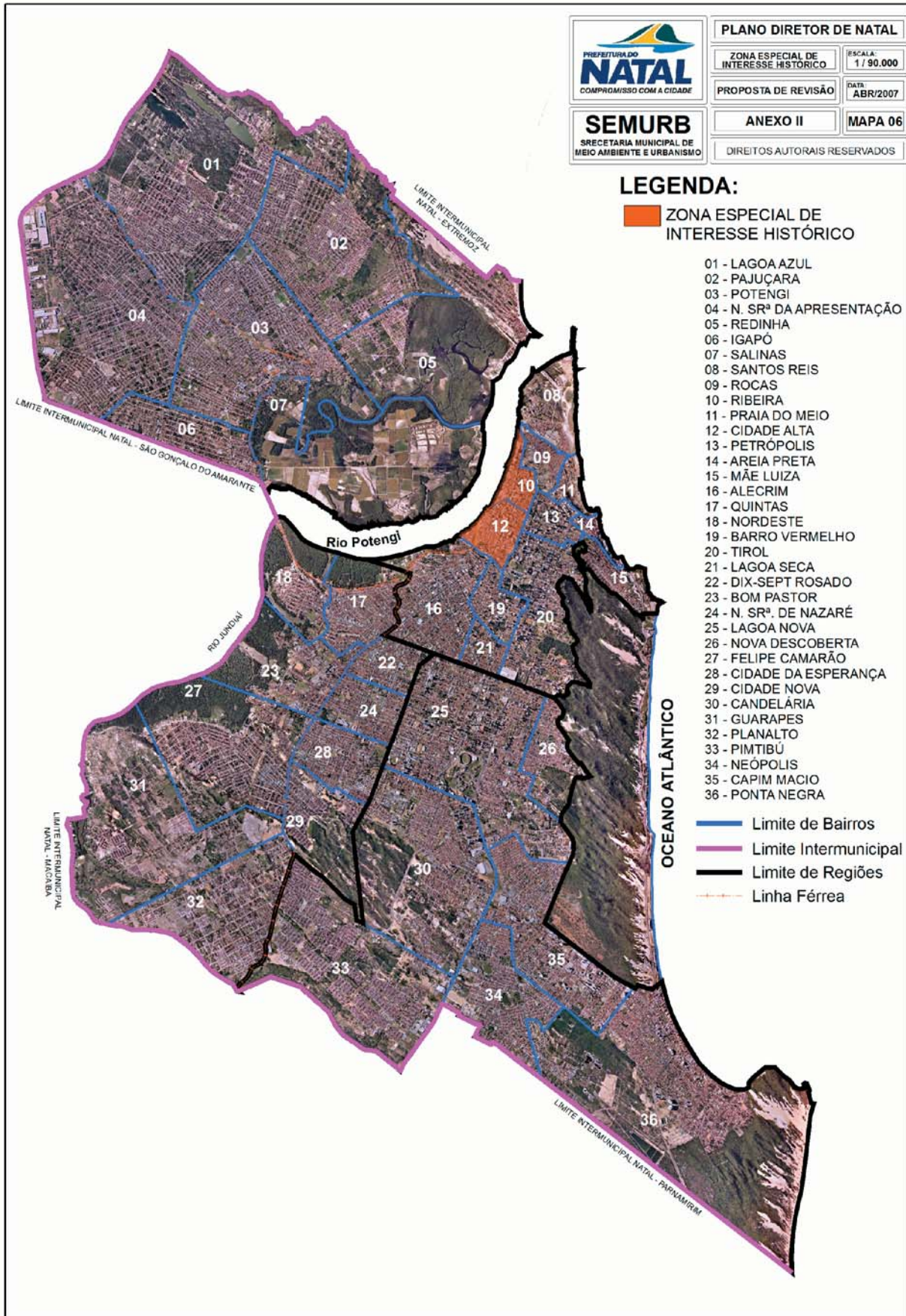
DIREITOS AUTORAIS RESERVADOS

LEGENDA:

 ZONA ESPECIAL DE INTERESSE HISTÓRICO

- 01 - LAGOA AZUL
- 02 - PAJUÇARA
- 03 - POTENGI
- 04 - N. SRª DA APRESENTAÇÃO
- 05 - REDINHA
- 06 - IGAPO
- 07 - SALINAS
- 08 - SANTOS REIS
- 09 - ROCAS
- 10 - RIBEIRA
- 11 - PRAIA DO MEIO
- 12 - CIDADE ALTA
- 13 - PETRÓPOLIS
- 14 - AREIA PRETA
- 15 - MÃE LUIZA
- 16 - ALECRIM
- 17 - QUINTAS
- 18 - NORDESTE
- 19 - BARRO VERMELHO
- 20 - TIROL
- 21 - LAGOA SECA
- 22 - DIX-SEPT ROSADO
- 23 - BOM PASTOR
- 24 - N. SRª. DE NAZARÉ
- 25 - LAGOA NOVA
- 26 - NOVA DESCOBERTA
- 27 - FELIPE CAMARÃO
- 28 - CIDADE DA ESPERANÇA
- 29 - CIDADE NOVA
- 30 - CANDELÁRIA
- 31 - GUARAPES
- 32 - PLANALTO
- 33 - PIMTIBÚ
- 34 - NEÓPOLIS
- 35 - CAPIM MACIO
- 36 - PONTA NEGRA

-  Limite de Bairros
-  Limite Intermunicipal
-  Limite de Regiões
-  Linha Férrea






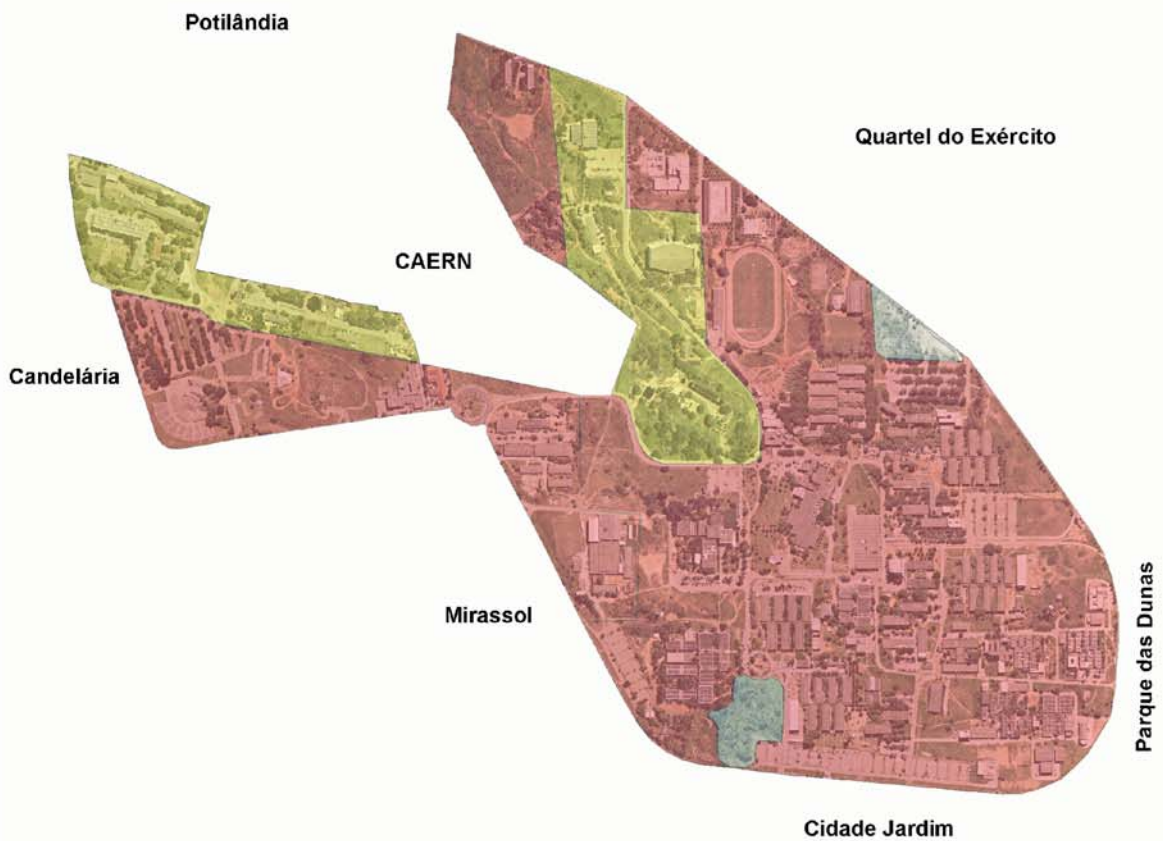


SEMURB
SECRETARIA MUNICIPAL DE
MEIO AMBIENTE E URBANISMO

PLANO DIRETOR DE NATAL	
PLANTA DO CAMPOS CENTAL GABARITO	ESCALA: 1 / 11.000
PROPOSTA DE REVISÃO	DATA: ABR/2007
ANEXO II	MAPA 07
DIREITOS AUTORAIS RESERVADOS	

LEGENDA:

-  Áreas Não Edificantes
-  Gabarito de 1 Pavimento
-  Gabarito de 4 Pavimentos





Serviços de impressão e acabamento executados, a partir
de filmes fornecidos, nas oficinas gráficas da
KMP GRÁFICA E EDITORA LTDA
Fone/Fax: (84) 3234.3939 | www.kmpgrafica.com.br



PESQUISA E ELABORAÇÃO

Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo - SEMURB
Departamento de Informação, Pesquisa e Estatística - DIPE
Setor de Pesquisa e Estatística - SPE
R. Gal. Glicério, 246 - Ribeira - 59012-100 Natal, RN
Tel.: 3232 8717 - Fax: 3232 8737
Linha Verde: 3611 1523/3232 9177
www.natal.rn.gov.br/semurb
semurb@natal.rn.gov.br

